

4

TRAÇOS BIOGRAPHICOS E POLITICOS

DOS

Tres Grandes Oradores

DA

ANTIGUIDADE

PERICLES. DEMOSTHENES
E
CICERO

PELO

Dr. Cezar Lima

DEPUTADO FEDERAL

BAHIA

LITHO-TYP. E ENC. WILCKE, PICARD & C.

3 — PRAÇA DO OURO — 3

1896

920: 82-5
ZAM



PROLOGO

Consumir um homem politico seu tempo em escrever um livro, quando outros só cuidam de colher proventos do cahos official, em que vivemos, é realmente loucura.

Loucos sempre existiram e existirão: como tal sou qualificado pelos adversarios, que mais benevolentes para commigo querem mostrar-se; os loucos de minha especie entre nós são todavia muito menos numerosos, do que esses, que de certo tempo para cá exploram por todos os meios e modos este malfadado pai:.

Este livro não tem por fim « MOSTRAR COMO CERTAS COUSAS SE TEM FEITO PARA QUE SE SAIBA COMO ELAS HOJE SE PODEM FAZER ».

Meus intuitos foram outros.

Procurando tracejar a vida dos tres grandes oradores da antiguidade não pretendo mais do que relembrar factos do passado para que possam servir de ensinamento ao presente.

Como desapareceram as floccentes e poderosas republicas de Athenas e de Roma, desaparecerá a nossa, si não surgirem homens de coração para salvar-a do abysmo, que ameaça tragal-a.

A corrupção da sociedade antiga foi grande, menor todavia do que a que larra entre nós.

A paciencia excessiva com que o povo brasileiro tem soffrido e soffre os abusos e violencias praticadas pelos depositarios do poder publico, muito tem concorrido para augmentar a audacia d'estes e aggravar os males que nos affligem.

Podíamos ter sido o primeiro dos povos; preferimos ser o
ultimo d'elles. So de nós mesmos nos devemos queixar. Cada
povo tem o governo, que merece.

Felizmente já estou cello e não tardará que encobre no
tumulo o esquecimento dos vros: não contemplarei proavelmente
as humilhações, que ainda nos estão reservadas. Com os olhos
do corpo, espero em Deus, não rever a minha patria represen-
tando no mundo o papel de Egiptho.

Si la chegarmos, quando os que estuam as nossas cousas
publicas, quizerem determinar o papel, que, tanto sob o antigo
regimen, como sob o actual, representavam os nossos homens
policos, ha de haver quem reconheca que fui sempre um prolesto
viro contra todos os abusos, partissim elles d'onde partissim.

Este mesmo livro é um prolesto contra o nosso descalabro
politico e administrativo.

Grandes desposos emti por causa da publicação d'este tra-
balho. Ao publico não importa saber de que natureza foram
esses desposos.

Uma lei estadual authorizou a sua impressão official. A leitura
dessa lei dá a medida do que vale o direito de propriedade
entre os doxos da Bahia.

Fazendo entrante ao Sr. Dr. Joaquim Manuel Rodrigues
Uma a dívida justa, agradeço-lhe o interessa, que nos ven
pela publicação d'esta obra.

Tive impetos de entregal-a ao publico sem uma palavra sequer ao leitor; o uso porem ordena que cada livro tenha o seu prologo. Si infringisse essa lei universalmente adoptada, imitaria apenas o exemplo dos nossos governantes, para os quaes **LEI** é palavra van e sem significação; não quero porem incorrer na mesma censura, que lhes faço.

Siram pois, de prologo aos — Traços biographicos e politicos dos TRES GRANDES oradores da antiguidade — estas palavras que ali ficam escriptas.

Aguardo respeitoso a critica dos competentes.

Sci que este livro desagradará principalmente aos que n'elle encontrarem allusões ás suas individualidades; estes porem que tenham paciencia, e tranquilisem-se para o futuro. Estou no proposito de não mais escrever cousa alguma.

Bahia, 13 de Maio de 1896.

Cezar Zama.





A T H E N A S

I

Athenas, a cidade, que outr'ora causou admiração ao mundo, e cujas ruínas ainda hoje attestam o que foi ella no seculo de Pericles, era edificada no centro da planicie da Attica, ao norte do rochedo da Acropole, ao pé do monte Lycabetto, occupando ao sul as margens do Illisso, e uma serie de collinas, a saber: a do Areopago, a do Pnyx, a das Nymphas, e a do Musêu, terrenos hoje cobertos de ruínas, sem cultura e quasi deshabitados.

Thucydides, na sua historia da guerra do Peloponezo, Liv. 2.º, Cap. 15, diz: «Sob a dominação de Cecrops, até Theseu, os habitantes de Attica viviam disseminados por povoados, tendo cada um o seu prytanêo (*Casa da Camara*) e os seus magistrados. Só no caso de guerra, se reuniam ao rei para as deliberações: governavam-se por si, e celebravam separadamente os seus concelhos. Alguns chegaram a fazer guerra ao rei, como succedeu aos

Eleusinos e Eumolpos contra Erecthêu; Theseu, porém que reunia o genio á força, tornando-se rei, introduzio na organização do paiz varias modificações: abolio os concelhos e os magistrados dos povoados, e reuniu todos os cidadãos na cidade actual, onde instituiu um só prytanêo e um só concelho. Os athenienses continuaram, como dantes, a lavrar a terra; mas elle os obrigou a não terem outra cidade além desta. Graças á esta centralisação, Athenas cresceu rapidamente, e era já consideravel, quando Theseu a transmittio aos seus successores.

• Para commemorar este acontecimento, os athenienses ainda hoje celebram uma festa nacional, denominada *Xynacia*, e consagrada á Minerva.

Anteriormente, a cidade consistia apenas na Acropole, e no quarteirão situado em baixo, do lado meridional; e a prova está em se encontrar na Acropole, ou nessa parte da cidade baixa, os templos da maioria das divindades: por exemplo, o de Jupiter Olympico, o de Apollo Pythio, o da Terra, o de Baccho Limneano, em cuja honra se celebram ás antigas Dionysias, a 12 do mez Anthesterion, uso, que se conserva entre os Jonios, originarios de Athenas.

• Ainda existe alli a fonte, hoje chamada das — *Nove Boccas* — em consequencia da disposição, que lhe deram os tyrannos; mas que, outr'ora, quando as nascentes estavam ainda descobertas, tinham o nome de *Callirrhoi*. Como ella era proxima, serviam-se de suas aguas para os usos principaes: ainda agora subsiste o costume de empregal-as

nas cerimoniaes nupciaes. Emfim, o que acaba de provar que, n'outro tempo, sómente a Acropole era habitada é que os athenienses conservaram-lhe o nome de cidade.»

A *Xynacia* é designada por Plutarcho, na vlda de Theseu, pelo nome de *Metacia*.

A origem e fundação de Athenas perdem-se na noite dos tempos; os marmores de Paros porém, representam Cecrops, cujo reinado, segundo os calculos, deve ter começado 1582 annos antes de Nosso Senhor Jesus Christo, como seu fundador e primeiro rei. Eram doze os povoados, que formavam a antiga Attica. Erethêu foi o mais antigo rei conhecido dessa região e antecessor de Cecrops.

Abolida a realeza, o governo foi confiado a archontes perpetuos depois a archontes decennaes e finalmente a archontes annuaes, isto até 684 annos antes de nossa era, epoca, mais ou menos, em que appareceram Dracon e Solon, que reformaram a legislação atheniense. Pisistrato, parente e contemporaneo de Solon, astuto e doloso, apoderou-se da autoridade suprema, e transmittio-a a seus filhos, depois de varias peripecias.

Este periodo é conhecido na historia pelo nome de tyrannia dos Pisistratidos e durou pouco mais ou menos 52 annos. Pisistrato e seus successores concorreram tambem para o augmento e embellesamento da cidade. Depois delles, Chlistenes deu ao Estado uma organização mais democratica.

A Attica foi assolada pelas guerras medicas, e Athenas

quasi reduzida á ruinas pelos exercitos persas de Xerxes.

Pelos seus feitos gloriosos, durante esse periodo doloroso, os athenienses adquiriram importancia em toda a Grecia e conquistaram o respeito e a consideração de todos os seus alliados. Depois da victoria de Salamina, Themistocles reedificou a cidade, e tornou-a mais bella e poderosa do que dantes. Aos dous portos, que ella já possuia—Phalera e Munychia—reuniu o Pirêo, que mais tarde foi ligado á cidade pela longa muralha, que Themistocles começou, Cimon continuou e Pericles terminou, epocha, em que Athenas attingiu o apogeu da preponderancia politica, da gloria militar, artistica e litteraria. Nesse tempo, a sua população elevava-se talvez a 100,000 almas.

Depois da morte de Pericles, pode-se dizer, começou a decadencia politica de Athenas: 404 annos antes de Christo, Lysandro tomou-a de assalto, e ella teve de sujeitar-se á ominosa dominação dos—30 tyrannos—Sua influencia sobre os negocios da Grecia diminuiu consideravelmente; mas ainda assim, graças aos seus homens notaveis, Thucydides, Xenophonte, Platão, Aristhophanes, Menandro, Isocrates, Eschines, Demosthenes e outros, fazia-se sentir sobre os seus alliados e até sobre os seus vencedores. Apesar dos esforços dos patriotas, d'entre os quaes se destacava Phocion pela sua probidade inquebrantavel, Athenas teve de ceder ao genio politico e militar de Philippe da Macedonia. Batidos os athenienses em Cheronéa, 338 antes de nossa era, perdeu de todo a preponderancia poli-

tica e viu-se na necessidade de soffrer o jugo de Cassandro, de Demetrio Poliorceto, de Philippo III e dos Romanos. Scylla por sua vez assaltou-a e saqueiou-a, mandando para Roma as columnas de marmore do templo de Jupiter Olympico, para com ellas ornar o Capitolio; taes eram porém as maravilhas reunidas na cidade que, ainda no tempo de Plinio, contavam-se ali cerca de tres mil estatuas! Depois de Scylla, ficou-lhe apenas a gloria de suas escolas de eloquencia, onde a mocidade do mundo civilisado vinha tomar lecções.

Os Godos, em attenção á sua antiga reputação, respeitaram-n'a: e com effeito era ella tão grande, que Cicero, em seu discurso em defesa de Flacco, assim se exprime: « A consideração, que ella inspira, é tal, que a reputação da Grecia, hoje tão decahida e quasi nulla, só subsiste pela estima universal, que se tem por Athenas. »

Os imperadores do Oriente, porém, fizeram-lhe maior mal, do que os Barbaros. Justiniano mandou fechar as suas escolas, e destruir todos os monumentos, que não pudessem ser transformados em igrejas, transportando para Constantinopla muitas columnas de marmore para decorar o templo de Santa Sophia. Desde então Athenas tornou-se cidade de 2.^a ou 3.^a ordem, de que pouco se occuparam os historiadores.

Durante a quarta crusada e o imperio latino, foi a capital de um grão-ducado, que pertenceu a Othon de la Roche, e depois a Gauthier de Brienne. 6

Esse grão-ducado, sob a administração dos Acciajuoli, familia florentina, desenvolveu-se e prosperou por algum tempo; em 1460, Mahomet II apoderou-se delle, e mandou estrangular o ultimo grão-duque. Desde então a Grecia foi incorporada ao imperio Ottomano a que pertenceu até 1827, epocha, em que pela intervenção das potencias européas, conseguiu ser declarada Estado livre e independente, do qual é capital a moderna Athenas.

Cecropia, a cidade primitiva, edificada por Cecrops, era situada a 40 estadios do mar e no cume de uma collina elevada: esta parte, que posteriormente recebeu o nome de Acropole (cidade alta) ao principio, era cercada por simples palisadas, que mais tarde foram substituidas por muros de construcção pelasgica. Depois que a cidade cresceu e alargou-se, foi cercada de espessas muralhas, construidas em epochas differentes.

As portas principaes da cidade eram: a porta Thriasiana, chamada tambem Dipylon (dupla porta) porque excedia as outras em grandeza, e porta do Ceramico, porque servia de entrada ao quarteirão d'este nome: a porta Pireica, que ia ter ao Pyreo, a porta Hippada, ou dos cavalleiros, perto da qual se achavam os monumentos funerarios do orador Hyperide e dos membros de sua familia: a porta Eriana, pela qual sahiam os comboios funebres: a porta sagrada que levava a Eleusis: a porta Egeana, que se abria do lado do Delphinion, logar consagrado por Egeu á Apollo: a porta de Diochares: as Acharnica e Diomedia:

a da Thracia, a de Itone: a Sceana, ou da esquerda: a de Adriano, por onde se entrava para a parte da cidade, que esse príncipe reedificou e a que deu o nome de Adrianopole.

Athenas era dividida em bairros, e desses os principaes eram: o Ceramico, o Pytonêo, o Lydêo, o Theatro, o Acropole, o Areopago, a Academia e os Jardins.

As ruas em geral eram estreitas e tortuosas. Conhece-se ainda o nome de algumas, como por exemplo: a rua Eleusiniana, a de Thesêo, que se chamava tambem rua do Pirêo: a dos Inimigos, a dos Arqueiros, a dos Hermes, a do Fogão, a das Formigas, a dos Estrangeiros, a Terceira, a das Tripodes, assim chamada, porque havia n'essa rua muitas Tripodes de bronze consagradas pelos choregas (directores de theatro.)

No bairro do Acropole, unico, cuja posição é perfeitamente conhecida, encontravam-se: os Propylêos, o Parthenon, o Ereccion, (templo de Erechthêo) o templo da *Victoria Aptera* (sem azas) o recinto consagrado á Minerna Ergané (artista, operaria) o de Diana Brauronia, (nome proveniente da pequena cidade de Brauron) a gruta de Agraulo, por onde os Persas penetraram na cidadella: tres estatuas antigas de madeira, representando Minerva, em que se descobriam ainda os vestigios do incendio ateiado por Xerxes: uma estatua collossal de bronze da mesma deusa, obra de Phidias: a estatua de Persêo, obra de Myron: um carro, puchado por dous cavallos, todo de bronze, obra

feita com o decimo dos despojos, arrecadados sobre os Beocios e Chalcidios na Eubéa, etc., etc.

O bairro Ceramico tirava o seu nome do Ceramo, filho de Baccho e de Ariana, ou ainda porque nelle havia fabricas de louça de barrô (*ceramis*) e era um dos mais bellos da cidade baixa: nelle estava a Agora, grande praça, que servia ao mesmo tempo de praça de mercado e de ponto de reunião das Assembléas populares: o portico real, onde o archonte-rei reunia o seu Tribunal, ornado de muitas estatuas de terra-cota, entre as quaes destacavam-se: a de Theseu precipitando Syros no mar e a da Aurora raptando Cephalo: o portico dos doze deuses, em que se via entre outros, um grande quadro representando os Athenienses soccorrendo os Lacedemonios em Matinéa: o portico Pœcilo, o mais celebre da cidade, onde se encontravam as obras primas de Polygnoto, de Micon, de Panceno e de muitos outros pintores celebres, que representavam nas télas ou feitos Athenienses: o templo de Ceres (Metroon) com uma estatua da deusa por Phidias: o Bouleuterion, edificio, em que se reunia o Conselho dos Quinhentos, ornado dos retratos dos legisladores da Republica por Protegenes. Nas proximidades d'este monumento era situado o Tholo, ou capella do Prytanêo, construido em forma de rotunda: ahí os cincoenta prytanos celebravam as suas sessões: entre as estatuas, que ornavam esse edificio, notavam-se as dos heróes, que deram o seu nome ás dez tribus de Athenas.

Perto desta rotunda havia um templo, dedicado a Marte, no qual se viam a estatua do deus, obra de Alcameno, uma estatua de Minerva, de Locro, uma de Bellona, obra do filho de Praxiteles.

No bairro Ceramico estava situado o Odeon, notavel edificio, construido por ordem de Pericles, para o concurso das peças de musica. No tempo de Pausanias, (*) ali existiam as estatuas de Philippe e de Alexandre da Macedonia, e da maioria dos reis do Egypto, da dynastia Ptolomeu. Desse monumento já não resta vestigio algum: sua posição era ao sueste da Acropole, perto da fonte das *Nove Boccas*.

Outro Odeon, construido por Herodes Attico, sobre a descida meridional da Acropole, do lado do Oeste, excedia em tamanho todos os monumentos do mesmo genero existentes na Grecia.

O mais notavel dos theatros de Athenas era o de Baccho, o qual se elevava no caminho que ia do Odeon de Pericles á cidadella. No Ceramico tambem estava o Stado panathenico, proximo á fonte, acima referida, logo depois de se ter passado o Illisso.

Athenas tinha tres gymnasios principaes: o Lycêo, a Academia e o Cynosargo.

O Lycêo, edificado sobre a margem do Illisso, assim chamado, segundo uns, de Lyco, filho de Pandion, ou

(*) Historiador, que descreveu no 2.º seculo da nossa era a antiga Athenas.

segundo outros, de Apollo Lycio (matador de lobos) a quem era dedicado. Alguns escriptores attribuem a Pisistrato a construcção do edificio: outros a Pericles: até ha quem a attribua a Lycurgo.

O Lycêo era cercado de formosos jardins, á cuja sombra Aristoteles dava suas lecções de philosophia, passeiando: (*peripaton*) dahi a denominação de peripateticos, que tomaram os seus discipulos.

A Academia, situada fóra das muralhas, era um vasto cercado, ornado de alamedas de arvores, de fontes crystallinas, de estatuas e altares, consagrado aos deuses. O muro fóra construido por Hipparco.

Alli leccionou Platão.

O Cynosargo, situado tambem nos arrabaldes, e proximo ao Lycêo, primitivamente era destinado aos filhos illegitimos: entre o arvoredado que o rodeiava, elevavam-se os templos dedicados a Hercules, á Alcmena, á Hebé, e a Iolau.

A seita dos philosophos cynicos foi alli fundada por Anthisthene. Ao norte da Acropole, e na visinhança do Areopago, estava o gymnasio de Ptolomeu, em que se via a estatua de bronze deste principe, a do rei Juba, e muitas outras de marmore.

O Areopago era uma collina escarpada, em cujo cimo funcionava o primeiro tribunal de Athenas. Na sala da audiencia, havia dous degraus de prata, um denominado

—banco da injuria—destinado ao accusador: o outro—banco da innocencia—para o accusado.

Nesse logar estava o tumulo de Euripides, cujos ossos foram transportados de Thebas. Perto do tribunal se elevava o sanctuario—das deusas severas—ás quaes todos os que eram absolvidos pelo Areopago tinham o dever de fazer sacrificios.

Alem deste havia outros tribunaes em Athenas: o Parabisto e o Trigono, onde se julgavam as causas de menor importancia: a Camara vermelha, e a Camara verde, assim denominadas em consequencia das cores, que as distinguiam, quando foram instituidas: a Camara do sol, o maior e o mais frequentado de todos os tribunaes: a Camara do Palladio, assim chamada, porque Demophon foi perante ella citado por ter atacado Diomedes, na sua volta do cerco de Troya roubando-lhe o *Palladium*: a camara Delphiniana, que julgava os que confessando-se homicidas, se abrigavam sob o direito.

Sobre o Pnyx, collina, em seguimento ao Areopago, se reunia tambem a assembléa popular dos Athenienses. Os bancos e até a tribuna, onde echoaram tantas vozes eloquentes, eram talhados no marmore da collina.

A pequena distancia do Pnyx estava a collina do Muséo, assim chamada, porque ali se achava sepultado o poeta discipulo de Orpheu. Nessa collina Demetrio Poliorcetes, construiu uma fortaleza.

Mais tarde, os Athenienses erigiram no mesmo logar o

tumulo de Philopappos, neto de Antiocho 13.º, que Pompeu apeiara do throno da Syria.

Além dos templos já mencionados havia ainda o templo de Thesêo, ao norte da Acropole, proximo ao Gymnasio: o de Ptolomeo, o qual servia de asylo aos escravos e aos cidadãos das classes inferiores, perseguidos por inimigos: o magestoso templo, em cujo vasto recinto havia grande numero de sanctuarios dedicados a divindades diversas e uma multidão de estatuas, consagrado por Adriano a Jupiter Olympico: o de Venus Urania, situado no bairro dos Jardins, onde se via ainda no tempo de Pausanias, uma figura symbolica da deusa, de forma quadrangular, e uma estatua da mesma divindade, reputada uma das melhores obras de Alcameno: o templo de Serapis, cujo culto foi introduzido em Athenas por Ptolomeu: o templo de Castor e Pollux (Anacrion), onde se vendiam os escravos: o de Diana Agrotera, (*caçadora*) edificado sobre a margem esquerda do Illisso, no lugar denominado—Agres—: o de Esculapio, em que se achava uma fonte, junto a qual, dizia-se, Marte matara Alirrothio: o templo de Themis, em cuja entrada estava o tumulo de Hippolyto, filho de Thesêo: estes dous ultimos eram situados no caminho, que do theatro de Baccho ia ter a Acropole: o templo de Proserpina, decorado com as estatuas de Triptolemo, e de Epimenides, sentado: o templo da Gloria, (*Enclia*) á cuja construcção applicou-se o producto dos despojos, feitos sobre os Persas em Marathon: o templo de

Vulcano, onde se via a Minerva, de olhos garços: o templo de Minerva Archegetis—erecto por Julio Cesar e Augusto: o templo de Apollo Delphio, além de muitos outros edificios notaveis, como o Pompeion, onde se guardavam todos os objectos necessarios á pompa das Panatheneas: o Prytanêo, onde se conservavam as leis de Solon: a torre dos Ventos, que servia aos athenienses de vedêta, de quadrante solar e de relógio hydraulico.

As ruas e praças da cidade eram ornadas de estatuas, de trophéus, de monumentos commemorativos de diversos acontecimentos. Por toda parte e até nos arrabaldes os mais distantes, viam-se templos consagrados ás divindades, e edificios levantados em honra dos heróes e dos grandes homens da Attica.

« As ruinas da Acropole, escreveu Lamartine, formam um chaos, coberto de marmores de todas as formas e de todas as côres, arremessados aqui e ali, empilhados na desordem a mais bizarra e magestosa: de longe, crer-se-hia ver a espuma de vagalhões enormes, que viessem se despeçar e branqueiar sobre um cabo batido pelos mares. A vista não se pode desviar d'ali. Contempla-se, admira-se e lamenta-se tudo aquillo com esse sentimento, que se experimenta por seres, que tivessem tido, ou conservassem ainda os sentimentos da vida. E' o mais sublime effeito de ruinas, que homens jamais produziram, porque é a ruina de tudo, que de mais bello elles fizeram ! »

A moderna capital da Grecia não é situada na mesma

posição, que a Athenas antiga. As ruínas foram respeitadas pela civilização, e o effeito pittoresco dellas não diminuiu pelas construcções modernas.

A Athenas actual é uma cidade pequena, de vinte mil habitantes, apenas notavel pela sua universidade, pelas faculdades de sciencias, lettras, direito e medicina, por uma bibliotheca de oitenta mil volumes, pelo seu musêo de antiguidades, lycêo e escola normal.

As casas, em geral, são pintadas de azul claro, de côr de rosa, ou escura: algumas com grandes sacadas á moda das casas italianas dos arrabaldes de Napoies. A cidade consta de duas ruas extensas e estreitas, que se cortam em cruz. Os edificios principaes, que ali se vê são: o palacio real, grande, quadrangular, de construção pesada, aspecto monotono, começado em 36 e concluido em 43. Acha-se situado sobre uma pequena eminencia, proxima ao Lycabetto.

A universidade, com a sua elegante fachada, é o melhor edificio da cidade. O observatorio, construido sobre a collina das Nymphas: a antiga cathedral, que hoje já não serve para o culto, templo bysantino, construido no seculo VI, com as ruínas dos templos pagãos, cuja cupola tem apenas doze metros de altura e a fachada sete sobre onze de profundidade: a nova cathedral, que ainda não está de todo concluida, è uma mistura de todos os estylos, preponderando porém o bysantino: a igreja de S. Theodoro, que, das antigas, é a mais interessante: a escola franceza,

que funciona em uma casa de boa apparencia, situada sobre a esplanada do palacio.

II

As gerações passadas não eram melhores do que as modernas ; mas os homens publicos da antiguidade tinham o que os nossos não teem—ambição de nomeada, de fama e de gloria. Entre nós, salvas algumas raras excepções, a politica, sciencia, cujo objectivo devia ser o engrandecimento moral, intellectual e material da nação, vae se tornando uma arte, que facilita aos que a exercem, meios de viver folgadoamente e sem trabalhos. A maxima — *chacun chez soi, chacun pour soi*— attribuida a Dopin ainé vae sendo geralmente adoptada, quer se trate da União, quer dos Estados.

Outr'ora os que se incumbiam de dirigir a associação politica como que conservavam sempre na memoria o conselho dado a Alexandre por Aristoteles : « Deveis engrandecer e ornar vossa cidade, como si fosseis, não o senhor, mas o administrador della. » Esta foi no passado a politica, geralmente praticada por quantos tornaram-se chefes de Estados, quaesquer que fossem os meios empregados para conquistarem tão elevada posição. O estudo da historia de Athenas e Roma justifica a nossa asserção.

Pisistrato, no intuito de tornar toleravel aos athenienses o governo tyrannico, que fundara, começou a

construcção da maior parte dos monumentos destruidos pelos Persas e talvez esse antigo Parthenon, cujos restos são apenas conhecidos. Seus filhos seguiram-lhe as pegadas protegendo as letras e artes. Aristoteles nos diz que para fazerem face a taes despezas elles chegaram a recorrer aos expedientes. O que elles fizeram por amor aos seus interesses dynasticos, fizeram igualmente Themistocles, Cimon e Thucydides por politica, por necessidade e em attenção ao gosto pronunciado dos athenienses pelo bello. Era mister cuidar das fortificações da cidade, dos edificios publicos e dos templos das divindades.

A tarefa de Themistocles, talvez a mais difficil, não foi levada ao cabo, porque elle foi exilado. Não obstante a rivalidade dos outros Gregos e attitude hostile de Esparta, era preciso garantir a segurança de Athenas cercandoa de muralhas. Thucydides — o historiador narra o meio sagaz, pelo qual o chefe atheniense conseguiu illudir a má vontade dos Lacedemonios. « Emquanto elle protelava a sua embaixada áquella cidade, todos os athenienses, homens, mulheres e crianças, não poupando edificio algum, publico ou particular, que pudesse fornecer materiaes, trabalharam na construcção das muralhas. A edificação fazia-se com pedras de todas as qualidades, as quaes eram dispostas sem regularidade e á medida que cada um as trazia. As columnatas dos tumulos e pedras trabalhadas figuravam em grande numero. Ainda

hoje as muralhas provam a pressa, com que foram feitas. »

Ou porque Themistocles não tivesse terminado as obras de parte do recinto, ou porque entendesse que devia fazel-as de novo, Cimon, por sua vez, construiu a muralha do sul, com descanso e cuidado em regulares e graciosas fiadas, graças aos ricos despojos arrecadados nas costas da Thracia e da Asia, os quaes tambem serviram para costear as despezas feitas com os demais monumentos construidos nesse tempo. Esgotados estes recursos, o chefe dos aristocratas, possuidor de consideravel fortuna, alma grande e generosa, apesar de alguns defeitos privados, continuou as obras a sua custa. Nas democracias, ao contrario do que praticamente se vê entre nós, o poder é sempre delegação da vontade popular, cujas susceptibilidades ainda exageradas, na phrase de Washington, deve respeitar. A influencia politica do filho de Milciades dependia da benevolencia e do favor das multidões: para mantel-a, não hesitou lançar mãos dos seus bens particulares. Todo o oiro, que conquistara sobre os Persas, empregou-o elle no embelesamento da cidade, dotando-a de edificios de toda a ordem.

As longas muralhas, o Pœcilo, o Theseon, o Gymnasio, os jardins da Academia, foram obras de sua administração. A Acropole não só foi fortificada, como ainda magnificamente decorada. Ha até quem affirme que o templo da — Victoria sem azas — deve ser-lhe attribuido. Na repu-

blica, que temos, infelizmente não ha um só facto destes a registrar.

Sabe-se apenas que mais de um dos que entraram pauperrimos para o governo sahiram ricos em pouco tempo. E até os ha que das funcções legislativas e judi- ciaras sabem colher rendosos proveitos.

A Bahia fornece exemplos. Mas para que rasgar o sudario de nossas miserias politicas?.....

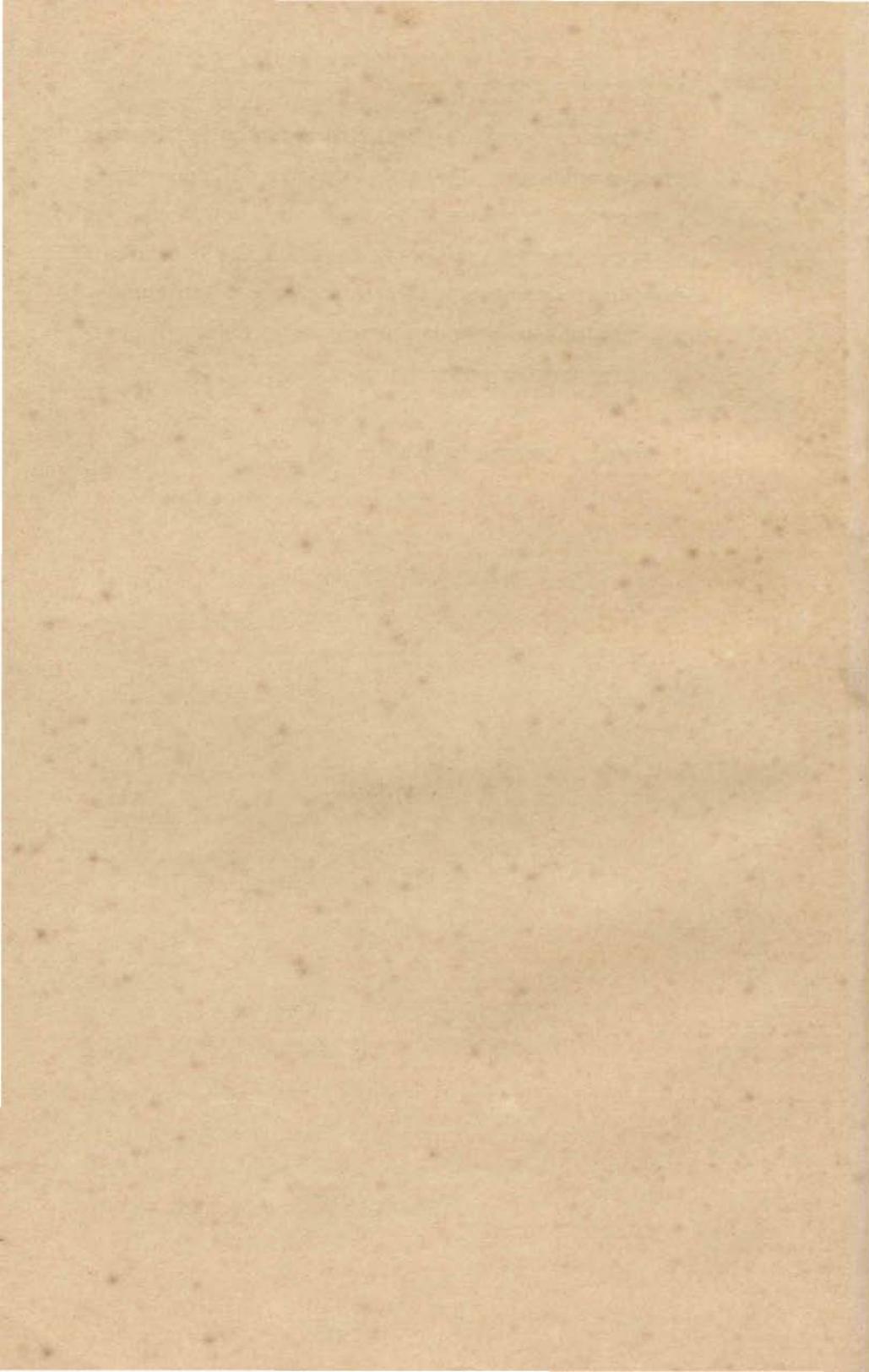
Cimon não foi simplesmente um general feliz, como o qualificam alguns historiadores; mas ainda politico de primeira ordem, e notavel administrador, que deu ás sciencias, letras e artes o mais vigoroso impulso. No seu tempo, pode-se dizer sem receio de errar, que entre os athenienses o gosto pelo bello estava inteiramente desen- volvido. Tudo contribuiu para que as obras-primas tivessem a mais brilhante manifestação: de um lado, numerosos artistas de talento, e alguns geniaes: do outro, a illustração, a capacidade e a magnificencia dos chefes politicos e homens de Estado: a paz no interior: no exterior, a gloria militar com seus deslumbramentos e esplendores.

Juntem-se a isto os abundantes recursos, de que dispu- nha o thesouro publico, e far-se-ha approximada idéa do estado social, em que surgiu, desenvolveu-se e cresceu o homem, cuja vida publica e privada tentamos esboçar para exemplo de nossos politicos de vistas estreitas e acanhadas, e as vezes bem pouco escrupulosos.

Graças ao concurso das circumstancias e ás suas grandes qualidades, Pericles, — dictador — n'um regimen democratico, mereceu a honra de dar o seu nome a um seculo, e sua vida publica e privada ainda hoje inspira respeito e acatamento á posteridade, que lê, attribuindo-lhe tudo quanto já tinham preparado e começado a executar as gerações anteriores.

Bahia, 2 de Janeiro de 1894.







PERICLES

I

Pericles pertencia a uma das mais nobres, ricas e importantes familias de Athenas. Seu pae, Xantippo, foi um dos chefes athenienses, que mais se distinguiram nas guerras medicas, e como successor de Themistocles no commando da esquadra, muito contribuiu para a derrota dos persas, na batalha de Mycale, ferida na Jonia no mesmo dia, em que se dava a batalha de Platéa, tão gloriosa e decisiva, como aquella. Depois desta victoria, Xantippo percorreu triumphante as costas do Chersonozo e forçou a capitular a cidade de Sestos, defendida pelos persas, mandando immediatamente crucificar Artaryctes, que a governava. Os athenienses erigiram-lhe uma estatua ao lado das de Anacreonte e de Pericles.

Pelo lado materno descendia este dos reis de Sicyone, pois que Agarista, esposa de Xantippo, era bisneta

daquelle monarcha. Seu avô materno foi o celebre Clis-thenes, chefe do partido democratico de Athenas, reformador das leis de Solon, e a quem se attribue a instituição do ostracismo. Pericles era da tribu — Acamantida — e do burgo de Cholargo : nasceu em Athenas 494 annos antes de Nosso Senhor Jesus Christo.

Bem conformado aliás em todas as partes do corpo, tinha entretanto um craneo tão desproporcionado, que lhe valeu mais tarde o appellido *Sehinocephalo* (cabeça de cebola). Todas as suas estatuas representavam-no com o capacete na cabeça, provavelmente para encobrir esse defeito natural, tão satyrisado pelos poetas da epocha. A educação do joven Pericles foi aprimorada: em todas as materias teve os melhores mestres, distinguindo-se entre todos Anaxagoras, da escholajonia, e o primeiro, que em Athenas professou a philosophia, e com o qual, durante toda a sua vida, entreteve as mais intimas relações.

Na opinião de Plutarcho, foi esse philosopho, que « mais contribuiu para lhe dar essa elevação, essa altivez de sentimentos, pouco appropriados, é verdade, a um governo popular; que lhe inspirou essa grandeza d'alma, que o distinguia, essa dignidade, que elle fazia brilhar em todo o seu procedimento. » Graças ás lecções e conselhos desse philosopho, denominado pelos contemporaneos — A Intelligencia—Pericles aperfeiçoou-se na eloquencia, tornando-se o mais afamado orador de Athenas pela correcção da phrase e elevação das idéas.

Em sua mocidade, foi elle pouco affeiçãoado ao partido popular, em cujos braços depois atirou-se. Possuidor de grande fortuna, cercado de amigos poderosos, durante os seus primeiros annos evitou envolver-se na politica, tomando entretanto parte nos combates e batalhas, que se davam, em que demonstrava sempre o seu valor e aptidão militares.

Pericles era um homem grave e serio, que raramente se ria, modesto no trajar, lhano no seu trato, e que ainda nas emergencias as mais graves, ou nas discussões as mais encandecentes, jamais perdia a calma e a serenidade de espirito.

Contra os costumes do tempo, nada tinha de super ticioso ; alguns de seus adversarios accusavam-n'õ de arrogante e soberbo, mas sem rasão. Sabia ser paciente até o extremo. Plutarcho refere o seguinte episodio, que prova quanto elle sabia conter-se.

« Em certa occasião, um insolente injuriou-o e insultou-o durante um dia inteiro, sem que elle respondesse uma só palavra, mantendo-se no seu logar a expedir os negocios urgentes. Ao cahir da tarde retirou-se tranquillamente para a sua casa, acompanhado do mesmo individuo, que continuava a insultar-o. Ao chegar á porta, era já noute : chamando então um de seus escravos, ordenou-lhe que tomasse uma lanterna e conduzisse com todo o cuidado até a sua residencia aquelle homem. »

II Morto Aristides, banido Themistocles, Pericles, que

via Cimon sempre fora da Grecia, occupado em expedições militares, apesar de sua origem aristocratica, e de sua pouca inclinação pelo povo, preferiu o partido democratico ao partido dos nobres e ricos, dirigido por Cimon. Abraçando-se com a populaça, calculava elle, e bem, que não só encontraria segurança e garantias para a sua pessoa, como tambem meios de neutralisar a influencia e o prestigio politico, de que gosava Cimon.

Desde então modificou profundamente o seu modo de vida, afastando-a dos festins e divertimentos aos quaes estava habituado.

Ninguem o vio mais nas ruas, sinão nos dias, em que devia comparecer na Agora, ou no conselho, habito, que manteve sempre em todo o longo periodo de sua dominação, a ponto tal que, durante quarenta annos, apenas compareceu ao casamento de Euryptolemo, seu parente proximo, e ainda assim retirando-se da festa pouco depois.

Pericles receiava, e com razão, que o contacto frequente com as massas populares podesse prejudicar a força moral, de que elle precisava dispor. Nem sempre apparecia nas assembléas populares: reservava-se para as grandes occasiões, em que contava sempre com os effeitos magicos de sua palavra, ungida de patriotismo e desinteresse. Nos negocios secundarios, servia-se dos amigos, e de alguns oradores, que lhe eram dedicados, entre os quaes Ephialtis, que muito o coadjuvou a diminuir, senão a nullificar a auctoridade do Areopago, restringindo-lhe as attribuições,

e despojando-o das mais importantes: o julgamento de certos delictos, a revisão das leis, a suprema direcção dos jogos e espectaculos, a inspecção dos costumes e a fiscalisação do thesouro, que dantes lhe pertenciam, passaram para o povo.

III Pericles, naturalmente eloquente, fez-se orador consumado pelo estudo e pelo trabalho. Segundo alguns escriptores, foi o primeiro atheniense que preparou e escreveu os discursos, antes de proferil-os: falava com a maior circumspecção, e sempre que tinha de occupar a tribuna lembrava a si mesmo que ia falar a homens livres, a Gregos e Athenienses, e supplicava aos deuses que não lhe deixassem escapar uma só phrase, que não conviesse ao assumpto, que ia discutir. Com a grande instrucção, que possuía, muito superior á de todos os oradores de seu tempo, desde que appareceu no scenario politico, eclipsou-os todos, dominando, fascinando as assembléas pelo brilho de suas orações. « Ainda a technica da palavra, dil-o Latino Coelho, não estava redusida a preceito e formulario, e comtudo a sciencia e o talento davam talvez ao verbo de Pericles a força e o enlevo, que nas orações de Burke produzia a immensa erudição. »

Nobre, rico, intelligente, estudioso, de presença agradável e maneiras insinuantes, tinha todos os requisitos para ser um grande politico e chefe de partido. A força e a vehemencia da expressão, alliadas á sobriedade e a belleza da forma, o cerrado de sua argumentação, a concisão e

clareza juntas á elevação das idéas e pensamentos, a correcção e nobreza do estylo a par da solidez dos raciocinios, — *a sua altiva gravidade e magestosa compostura* — valeram-lhe o titulo de *Olympico*.

Aristophanes costumava dizer que quando elle orava nas assembléas populares, de seus labios partiam trovões e relampagos e sua lingua despedia raios. Archidamo, rei de Esparta, conversando, um dia, com Thucydides, filho de Milesio, notavel orador, adversario politico de Pericles e um dos mais considerados cidadãos de Athenas, perguntou-lhe qual dos dous era mais forte na tribuna. « Quando me bato com elle, respondeu Thucydides, algumas vezes, tenho conseguido prostal-o ; mas elle protestando sempre que não foi vencido : e o que é mais curioso, é que elle acaba por persuadir disto as multidões. »

IV Não foram, porem, somente os seus talentos oratorios, ou posições officiaes, que lhe deram tamanha e tão duradoura preponderancia na politica atheniense : nunca passou de *Stratego* (commandante de infantaria) : a sorte jamais designou-o para *Archonte*, *Thermotheta*, *Rei* dos sacrificios, ou *Polemarcha*, funções, que davam áquelles, que bem as exerciam, o direito de fazerem parte do *Areopago* : foram principalmente a simplicidade e frugalidade de sua vida, o seu desinteresse e abnegação, a sua probidade pessoal, politica e administrativa, sua capacidade militar, seu valor nos combates e batalhas, sua alta intelligencia dos negocios, sua extrema firmeza de estadista, sua leal-

dade e sincera dedicação ao partido democratico, cuja direcção assumiu com geral assentimento.

Sua força e prestigio eram taes que, alem de outras modificações, que introduziu na constituição politica do Estado, passou para o povo o poder judiciario até então exercido pelos nobres.

Cimon, general bravo e feliz, notavel administrador, era altamente considerado em Athenas pelos relevantes serviços prestados a patria na paz e na guerra; mas era o chefe ostensivo do partido aristocratico, que Pericles procurava enfraquecer.

Apesar de seus instinctos generosos, o chefe democratico julgou necessario propor o seu banimento sob o pretexto de que elle entretinha relações secretas com Esparta, e não obstante todos os esforços do partido contrario, conseguiu que a sua proposta passasse por grande maioria.

Com esta medida ficou o partido popular senhor do campo, mais tarde, porem, Pericles, que reconhecia as grandes qualidades do seu adversario propoz elle mesmo a revogação de tão injusta pênna.

Escriptores antigos affirmam que Pericles foi o primeiro que forneceu dinheiro aos cidadãos para assistirem aos espectaculos, e estabeleceu vencimentos para todas as funções publicas e accusam-n'o de ter assim concorrido para que elles contrahissem maus habitos, perdessem o amor ao trabalho, e se entregassem aos praseres e diverti-

mentos. Entretanto comprehende-se o alcance politico de taes medidas.

Cimon, cujo credito Pericles queria desfazer, era riquissimo, e despendia de seu bolsinho sommas consideraveis quer para embellesar a cidade quer para soccorrer a populaça pobre e desamparada, chegando até a mandar abater os muros e cercas de suas chacaras para que o povo pudesse colher, sem o menor embaraço, as fructas, que ellas continham.

Pericles dispunha de menos fortuna e não podendo supportar as mesmas despezas, era-lhe todavia preciso angariar todo o favor popular.

Aconselhado por Demonides de Ios, segundo diz Aristoteles, lançou mão das rendas publicas.

O embellesamento da cidade foi tambem uma de suas maiores preoccupações, e com effeito Athenas tornou-se sob sua administração a mais formosa cidade do mundo; tal era a magnificencia dos edificios publicos, construidos por ordem do chefe democratico.

Para fazer face a taes despezas, elle fazia transportar de Delos para Athenas o dinheiro, com que a Grecia inteira concorria para os gastos da guerra.

Os seus adversarios não poupavam meio algum de atacal-o, e todos os seus actos serviam de themas ás suas accusações.

V. Enfeixando-os, diziam elles abertamente: «O povo atheniense deshonorra-se, e merece as mais justas censuras,

consentindo que se recolha á Athenas o dinheiro de toda a Grecia. Esse reprovado procedimento só teria uma atenuante, si fosse dictado pelo receio de vel-o exposto á rapacidade dos barbaros ; mas até d'este meio de justificação perante os nossos alliados, Pericles nos priva.

A Grecia reconhece com estranheza, que pela mais injusta e tyrannica depredação, as sommas por ella consignadas para o custeio da guerra, são desviadas de seu destino, e applicadas a aformosear a nossa cidade, e que com ellas se levantam magnificas estatuas e templos soberbos, alguns dos quaes tem custado até mil talentos! » (*)

A taes accusações respondia o grande orador : » O povo atheniense não tem que prestar aos seus alliados contas do dinheiro, que recebe para o custeio da guerra. Nós combatemos em defeza de todos com o fim de afastar os barbaros de nossas fronteiras : os alliados não nos fornecem nem galéras, nem soldados, nem cavallos, e contribuem apenas com quantias, que uma vez pagas, deixam de pertencer aquelles, que os fornecem, passando a ser propriedade dos que as recebem, e cuja obrigação se limita a preencher as clausulas do contracto feito antes.

A cidade abundantemente provida de todos os meios de defeza e ataque, que a guerra exige, pode empregar essas

(*) No 2.º volume da Historia Universal de Cesar Cantu (2.ª edição) Cap. XIV, pag. 177, encontramos a seguinte nota : » Nós lembramos aqui que o obolo, 6.ª parte do drachma vale 15 centimos : o drachma 90 centimos : a mina vale 92 francos, e o talento 5500 francos.

quantias em obras, que depois de terminadas, assegurar-lhe-hão uma gloria immortal.

Officinas de toda a especie funcionando activamente, uma quantidade immensa de materiaes alimentando a industria e as artes, um movimento geral utilizando todos os braços validos, taes são os recursos incalculaveis, que estas construcções proporcionam já aos cidadãos, que, assim quasi todos recebem do thesouro publico o salario, que é devido ao trabalho honrado. D'este modo tira a cidade, de si mesma, a sua subsistencia e ao mesmo tempo o seu aformoseamento.

« Aquelles, cuja idade e robustez permitem-lhes a profissão das armas, recebem um soldo, com que possam sustentar-se. Pretendo apenas que a classe popular, que não faz o serviço militar, mas que não pode viver sem trabalho, tenha tambem parte na distribuição das rendas publicas, para as quaes egualmente concorre: eu não quero, porem, que ellas alimentem a ociosidade e a preguiça, e pois, emprego esses cidadãos na construcção de grandes edificios, em que artistas de todo o genero por muito tempo acharão em que se occupar. Des'arte aquelles que permanecem em suas casas, terão meios de tirar das rendas da republica o mesmo proveito, que os marinheiros, os soldados, e os que guarnecem as praças de guerra.

« Compramos pedra, bronze, marfim, ferro, ouro, ebano e cypreste: uma multidão innumeravel de obreiros, carpinteiros, pedreiros, ourives, ferreiros, canteiros, marcei-

ros, tintureiros, pintores, torneiros, e bordadores estão occupados em manipular-os. Os commerciantes maritimos, pilotos e marinheiros transportam por mar uma quantidade enorme de materiaes: cocheiros e carreteiros conduzem outros por terra. Os fabricantes de carros, os cordoeiros, os cavouqueiros, calceteiros e mineiros exercem á profia a sua actividade. E cada profissão, como um exercito, tem os seus chefes, que dirigem os trabalhadores sem officio determinado, que constituem uma especie de corpo de reserva, empregado segundo as necessidades do momento. Eu não faço mais do que concorrer para que todas as edades e condições compartilhem a abundancia, que trabalhos taes espalham por toda a parte.» Em um Estado democratico, em que o elemento popular era tudo, não se podia responder melhor, e com mais certeza do resultado.

IV A Athenas daquelles tempos causava verdadeira admiração aos contemporaneos, como causou a todas as edades que se seguiram, e ainda hoje falla-se com enthusiasmo daquelle fóco, donde as artes e as letras jorravam a luz, que illuminou o mundo.

O que foram as construcções de Pericles, dil-o Plutarcho nos termos seguintes:

«Esses edificios eram de uma grandeza espantosa, de uma belleza e de uma elegancia inimitaveis.

Os artistas porfiavam em exceder a magnificencia do desenho pela perfeição do trabalho.

O que surprehende, mais que tudo, foi a presteza com

que foram elles construidos. Não ha um só que não pareça ter exigido muitas edades e muitas gerações para ser terminado ; entretanto, todos elles foram acabados sôb a florescente admnistração de um só homem. . . Cada uma das obras, apenas rematada, tinha já por sua belleza o character do antigo ; entretanto, ainda hoje, ellas ostentam toda a frescura, todo o brilho da mocidade: tanto nellas, se salientam essa flor de novidade, que as garante das impressões do tempo ! Dir-se-hia que todas ellas possuem um espirito e uma alma, que as rejuvenescem sem cessar impedindo-as de envelhecer.»

Pericles, cuja politica era oppor o povo aos nobres, sabia egualmente refreiar as exigencias e excessos das multidões, empregando os valentes em guerras continuas, fornecendo trabalho á gente pacifica, e protegendo os grandes talentos que nessa epocha surgiram mais do que em qualquer outra.

Phidias era o director supremo das obras d'arte. Callicrates e Ietino construíram o Parthenon, denominado Hecatompodon. Corebo começou a capella destinada aos mysterios de Eleusis e Metagenes a concluiu.

O zimborio e a cupola foram obra de Xenocles. Os *Propyléas* da Acropole foram dirigidos pelo architecto Monosicles e terminados em cinco annos. O Pyrêo foi melhorado de modo a contar quatrocentos navios, alem dos ancoradouros de Munychia e Phalera, e esta como aquelle ligadas á cidade por uma dupla e extensa muralha, cuja

construcção, assegura Socrates, fôra proposta pelo proprio Pericles, e confiada a Callicrates.

Essa dupla muralha, da extensão de sessenta estadios, era toda plantada de oliveiras, no meio das quaes serpentejavam o Illisso e o Cephiro.

V. Nas praças e ruas da cidade, e nos seus arrabaldes, viam-se porticos, pinturas, esculpturas, inscrições, pequenas columnas cobertas de conceitos, trophéos obtidos sobre os Persas e os Lacedemonios, tripeças ganhas pelos vencedores dos jogos.

O theatro de Baccho podia conter trinta mil espectadores. Os *Propyléos*, de que acima falamos soberbo vestibulo dorico de cidadella, custaram sommas enormes, e foram ornados com as obras de Phidias, Myrão e Alcamente.

A sua custa e em honra á Minerva mandou Pericles construir o Parthenon, destinado as representações musicaes.

Athenas transformou-se de tal forma, que o poeta Lysippo dizia: «Insensato, quem não deseja ver Athenas: insensato, quem a vê sem admira-la: mais insensato ainda quem a vê, a admira, e abandona-a!»

VI. Com o exilio de Cimon, apesar de haver Thucydides, (não o historiador) homem de talento, quasi igual ao de Pericles, assumido a direcção do partido aristocratico, tornou-se grande a preponderancia do partido popular. A administração economica de Aristides foi substituida por um governo esplendido e liberal. Os costumes iam pouco a

pouco se corrompendo, e a libertinagem introduzia-se sorrateiramente por toda a parte.

Aspasia, a elegante e formosa, e que não era uma cor-tezan, como geralmente se pensa, recebia em sua casa tudo quanto a Grecia tinha de notavel na politica, na guerra, na sciencia, nas lettras e nas artes. Os paes de familia aconselhavam aos filhos e esposas que ali fossem aprender as regras do bom tom e da elegancia: as donzellas consultavam-n'a sobre os meios de tirar melhor partido dos seus encantos naturaes.

Aspasia, alem da peregrina belleza, tinha uma instrucção rara na mulher, mesmo nos dias de hoje, e era naturalmente dotada de um espirito finissimo e verdadeiramente attico. O proprio Pericles, apesar da austeridade de seus costumes e de sua gravidade habitual, não poude resistir aos encantos da sereia, a quem os poetas do tempo appellidavam—Nova Omphale, Dejanira e Juno.

Como todos os homens publicos de merito real, Pericles não escapou aos botes da injuria e da calumnia.

Os seus inimigos procuravam todos os meios de desacredital-o. Grande era a distincção, com que o chefe democrata tratava a Phidias, que realmente a merecia, não só pelo seu genio artistico, como ainda pelo zelo e sollicitude com que desempenhava as funcções, de que fôra investido.

Uma verdadeira intimidade estabeleceu-se entre ambos: os seus inimigos inventaram e espalharam que a ami-

sade, que elle votava a Phidias era devida as circumstancias de attrahir o grande artista ao seu gabinete de trabalho, sob o pretexto de mostrar-lhe as suas obras-primas as mais formosas mulheres para entregal-as á concupiscencia de Pericles! Os poetas que lhe eram desaffectedos aproveitaram-se d'essa calumnia para em seus versos qualificarem-n'o de incontinente.

Accusaram-n'o ainda de viver amasiado com a mulher de Menippo, seu particular amigo e seu logar-tenente no exercito: foram alem, porque até disseram que com a esposa de seu proprio filho elle entretinha relações adulteras! Outro amigo seu, Pysilanpes, criava aves raras e especialmente pavões, que eram muito apreciados em Athenas: dizia-se que todo aquelle trabalho só tinha por fim presentear as amantes de Pericles para por meio d'ellas obter favores officias!

Attribuiram-lhe até o assassinato de Ephialtes, o orador seu amigo, a quem elle encarregava dos negocios em que não queria directamente intervir; Aristoteles porem destroe essa accusação infamante, affirmando que Ephialtes, que se tinha tornado terrivel aos aristocratas, foi assassinado por Aristodico de Tanagro, assalariado por seus inimigos para commetter esse crime.

O homem é sempre o mesmo, e o que se passava então em Athenas, ainda hoje se reproduz por toda a parte.

Os seus adversarios accusavam-n'o frequentemente de delapidar as rendas publicas e de arruinar as finanças da republica. Pericles, que conhecia bem até que ponto ia a

vaidade atheniense, em uma das assembleas populares, perguntou ao povo reunido se elle tambem achava que eram excessivas as despezas.

Um clamor immenso respondeu-lhe pela affirmativa: «Tendes despendido e muito» bradaram innumeras vozes.

«Se d'isto estaes convencido, se entendeis que tenho andado mal, declaro-vos que d'ora em diante todas as despezas correrão por minha conta, ainda que eu fique reduzido a miseria; mas com esta unica condição — só o meu nome será gravado nas inscrições dos edificios.»

O effeito de taes palavras foi o que elle desejava e prompto. Ou fosse admiração pela grandeza do sacrificio proposto, ou fosse inveja de que tamanha gloria coubesse a um homem só, o povo em massa bradou-lhe: «Isso nunca! Tirae do thesouro publico quanto for preciso, continuae a gastar como vos parecer, que daremos por bem feito quanto fizerdes.»

VII A rivalidade entre Athenas e Esparta crescia de dia em dia. Para que o incendio se ateasse qualquer pretexto bastava.

Os Espartanos tomaram a defeza dos Dorios contra os Phoceanos: a guerra explodio entre Athenas, Esparta e a Beocia. Cimon, o exilado, com uma centena de amigos, armados, veio apresentar-se ao exercito atheniense; mas foi intimado a retirar-se, allegando-se que a republica não podia acceitar os serviços de um condemnado.

Seus amigos porém, justificaram-no e justificaram-se

da pecha de traidores á patria, morrendo todos com as armas na mão na batalha de Tanagro, em que os Lacedemonios obtiveram vantagens.

No anno seguinte e no mesmo lugar, Myromides derrotou os Beocios, ao passo que Pericles, auxiliado por Tolmidas assinalava-se pelos seus triumphos, e apertava de perto e de veras Esparta atemorizada pelos revezes.

Ao primeiro desastre, que soffreram as armas athenienses, Pericles, que conhecia os talentos militares de Cimon promoveu, como dissemos, a sua volta, que infundio uma vida nova ao partido aristocrata. A Grecia inteira se tinha armado.

Esparta acabava de apossar-se de Ithome, fortaleza da Messenia, (hoje monte Vulcano) e afogara em sangue os Messenios, que destroçados vieram abrigar-se em Athenas.

Argos destruiu Mycenae: os de Eléa demoliam Pisa; Athenas atacava o Peloponeso, ameaçado pelo lado maritimo por Pericles e Tolmidas.

Cimon propoz um armisticio, que tacitamente acceito, trouxe treguas por cinco annos, e para imprimir outra direcção ao ardor bellico de seus concidadãos, encarregou-se de agir contra a Persia, de cujo dominio se emancipara o Egypto expellindo as guarnições e exactores persas.

Inaro, de Lybia, chefe d'essa revolta, procurou a protecção dos Athenienses. Os duseentos navios, preparados contra Chypre, foram enviados em soccorro dos revoltosos.

Os Persas, vencidos, refugiaram-se em Memphis. O

satrapa Megabyso porem conseguiu desviar o curso de um dos braços do Nilo, ficando em secco a frota dos Athenienses, que preferiram incendial-a a deixal-a em poder do inimigo, e estavam dispostos a abrir com as armas na mão uma passagem, quando esta lhes foi permittida por um tratado.

O pequeno numero que escapou dos combates, e molestias, pereceu na retirada.

Sessenta navios mais, que tinham sido mandados de reforço, foram pelos Phenicios mettidos a pique.

Reparados por Cimon todos esses desastres, empreheu elle a conquista de Chypre, sitiando desde logo Salamina. Artaxerxes, cançado de tantos annos de lucta, pediu e obteve a paz.

As colonias gregas na Asia foram declaradas livres: as frotas persas manter-se-hiam distantes da costa occidental, pelo menos tres dias de viagem: nenhum de seus navios poderia navegar no mar Egêo, ou no Mediterraneo.

Os Athenienses comprometteram-se a evacuar Chypre e a não inquietar mais os Estados do grande monarcha. Uma cidade grega impunha condições ao imperio mais poderoso d'aquelles tempos!

Cimon, porem, não teve a fortuna de saborear os fructos de seus esforços: ferido em um dos combates travados, morrera d'essa ferida.

Em seu lugar, assumio a direcção suprema do partido aristocrata Thucydides, que já era o sub-chefe.

A lucta recrudescceu incandescente. Pericles entendeu que era mister agir com toda a energia, e Thucydides, a seu turno, foi exilado.

Este golpe dissolveu o partido dos nobres. Pericles ficou senhor absoluto do campo, e desde então governou des-cricionariamente os destinos da republica.

VIII. O poder de Pericles não se limitava somente a Athenas: estendia-se pela Grecia toda, abrangia os Barbaros, as nações alliadas, e era apreciado por principes e reis, com os quaes elle se alliou.

No fundo, o governo de Athenas concentrou-se nas mãos d'esse homem superior, que n'ellas enfeichava todas as attribuições: era na realidade uma monarchia absoluta; mas as formas republicanas foram sempre respeitadas.

As assembleas populares continuavam a funcionar, e por boas maneiras, pela persuasão, pela habilidade e por sua dominadora eloquencia, o dictador obtinha d'ellas tudo quanto queria.

Durante mais de quinze annos, depois do banimento de Thucydides, isto é, até á sua morte, Pericles dispoz, a seu talante, das rendas publicas, do exercito, da esquadra, das ilhas, da terra e do mar; sua fortuna particular porem não se augmentou de um ceutil sequer.

Seo modo de viver continuou sempre correcto, e tão escrupuloso era em certos assumptos, que, um dia, embarcando-se com Sophocles para uma expedição militar, este fazendo-lhe notar a belleza extraordinoria de um mancebo

grego, que se achava á pequena distancia de ambos, Pericles respondeu-lhe: «Sophocles, um general deve ter os olhos tão puros, como as mãos».

Durante o longo periodo de sua dominação, a liberdade de falar e de escrever, não soffreu em Athenas a mais ligeira restricção.

Os poetas, nas comedias, que escreviam e faziam representar nos theatros, feriam e castigavam o dictador com as mais mordazes zombarias; mas elle não desviou nunca o olhar dos grandes interesses nacionaes, que lhe vigoravam a fé em sua obra para as pequenas paixões, que redomoinhavam na terra: é que nas alturas, em que pairam os genios, e os espiritos superiores, não chegam os gritos descompassados dos que pretendem dirigir e edificar, corrompendo os costumes e amesquinhando os caracteres.

Homem de saber e estadista, Pericles conhecia o genio do povo atheniense, e por isso não lhe impedia os vôos, ainda quando se desmandava.

Só explodem as caldeiras, quando lhes deixam fechadas as valvulas de segurança. Até na sua omnipotencia, o dictador comprehendia o que devia á liberdade. A licença até para a injuria não desvairava a acção do poder.

Pericles não se impoz ao povo atheniense pelo terror e pela crueldade: illuminava-lhe o caminho com os fulgores de seu genio, elevando-lhe o nome pelo deslumbramento e lustre das victorias, engrandecendo-lhe os destinos, tornando-o sem rival pelos primores artisticos, que ostentava.

Pericles converteu Athenas em luminoso fóco: no poder do dictador, ella via e reconhecia o seu proprio poder. O grande homem constituiu-se a alma, o coração e o braço d'aquelle grande povo, e por isso conseguiu dirigi-lo por tanto tempo.

Esse governo, cujo poderio, posto que largo, se amparava da cordura em seus actos, e da propria liberdade em seu viver de todo o instante, passou no tempo, eternidade visivel, ha mais de dois mil annos, isto é, antes que o brando e divino Jesus descesse á terra para levantar o espirito humano pela liberdade, dulcificá-lo pelo amor e sublimá-lo pela caridade. Como é doloroso á alma nacional o estudo comparativo d'aquelles com os acontecimentos, que estão se desdobrando no Brazil!?

Em nome da liberdade, creou-se aqui um mundo novo; mas a *virtude politica*, condição essencial ao jogo e á vida das democracias, não concorreu a prestigiar a instituição, que surgia.

Em Athenas, a opinião publica podia manifestar-se sem peias pela palavra, escripta e fallada, e por tudo que eleva o cidadão aos proprios olhos: no Brazil o governo impoz á nação o decreto de 23 de Março, o dos boatos alarmantes, e o que nullificou a soberania nacional convertendo a eleição em repugnante orgia; e por leis de occasião, puramente dictatoriaes, despejou os cidadãos das honras e regalias, que tinham, considerou-os traidores á patria, segundo os calculos da suspeita e os caprichos

da desafeição: sujeitou grande parte do territorio da Republica á lei marcial, e transformou a capital e alguns Estados em vasto acampamento espalhando n'elles o terror e a morte!

Aos estadistas, que vão passando pelas regiões do poder, embriaga-os o aroma das flores interesseiras, que espargem sobre o carro de seus triumphos, a lisonja, o servilismo, a inconsciencia e a cubiça mal contidas.

Triste destino humano! Quem jamais conseguiu na terra escrever a historia da felicidade? Em quanto não chega a justiça divina, vem de molde lembrar que os povos habituados á liberdade, não supportam por muito tempo as dictaduras enfesadas e incapazes.

Apezar de seu genio, Cesar não conseguiu dominar a revolução, que pairava nos espiritos.

Respeitavel pela influencia prodigiosa, que exercera no mundo antigo, grande e sagrado pelas provações, que soffreu, amado pelas lecções nobilissimas, com que preparou as gerações de então para o trabalho, para a sciencia, para as artes e para a liberdade, o genio helleno, longe de desaparecer no abysmo insondavel do tempo, ferido, asphixiado pelas civilisações e escolas, que se têm succedido, continúa a derramar e a infundir, n'alma das novas gerações, alento constante de vida, que se renovar á sem cessar, porque desceu do céu, predestinado a inspirar a palavra e as obras dos grandes pensadores e artistas, predecessores do Christo.

Da Republica brazileira que thesouros de sabedoria, que vestigios de sciencia, que ensinamentos de moral politica, que maravilhas d'arte, que feitos gloriosos, que rasgos de patriotismo recolherá a histcria para transmittil-os e offerecel-os, como reliquias ás gerações futuras?

Nem do embellesamento somente de Athenas se occupava o eloquente orador. As fronteiras da republica dilataram-se: colonias foram estabelecidas na Thracia, em Naxos, Andros e outros logares.

A marinha teve um grande desenvolvimento, o exercito melhor organização: o poder externo da republica e a sua preponderancia politica sobre toda a Grecia, e quiçá sobre o mundo civilizado, então conhecido, consolidou-se.

Floresceram as sciencias e as artes, e obras-primas em todos os ramos da actividade humana se realisaram, justificando-se assim o nome de *seculo de Pericles* dado a essa epocha, sem constestação a mais brilhante da historia de Athenas e d'aquelles tempos.

IX Não menos notavel na guerra, do que na administração e na politica, Pericles impunha-se á consideração publica pelos seus feitos militares. Não arriscava batalhas, em que não tivesse grandes probabilidades de victoria.

A temeridade no commando era, em sua opinião, um defeito. «Eu tornaria immortal, se para isto tivesse poder, costumava ell. dizer, os generaes temerarios e felizes; mas não quero imital-os.»

A' circumspecção, que prepara, reuniu o genio, que concebe, o valor e a energia que executa.

Todos os escriptores fazem grandes elogios á sua expedição ao Chersonezo, que tão proveitosa foi aos Gregos d'aquellas regiões: não somente estabeleceu ali uma colonia de mil athenienses, que tornaram-se uma garantia para as povoações, como fechou o isthmo por uma muralha, que ia de um ao outro mar, com fortes pouco distanciados uns dos outros, o que garantiu os Gregos contra as incursões dos Thracios, espalhados n'aquelle territorio, e contra as correrias dos povos limitrophes e dos naturaes, além de allivial-os do pezo da guerra continua, que elles viam-se forçados a manter com os Barbaros visinhos.

«O percurso maritimo que elle fez em torno do Peloponeso, segundo Plutarcho, conquistou-lhe a estima e a admiração até dos estrangeiros.»

Partindo de Pages situada sobre a costa de Megara, depois de devastar as cidades maritimas, desembarcou as tropas, penetrou pelo paiz e obrigou os habitantes a se abrigarem dentro das muralhas das cidades.

Em Neméa, os Sicyões ousaram oferecer-lhe batalha: elle os derrotou em campo raso, e mandou erigir um tropheu, commemorativo de sua victoria.

Obtendo da Achaia, alliada dos Athenienses, novos reforços, passou ao continente opposto, entrou pelo rio Achelous, (Aspro Potamo) arrolou a Acarnania, encerrou os Eneadas em suas muralhas, sem jamais soffrer o menor

vez, entrando afinal em Athenas, coberto de gloria e aos applausos de seus concidadãos.

Na guerra sagrada contra os Lacedemonios (porque o motivo d'ella foi a intendencia do templo de Delphos) não foi menos feliz, pois que não só restabeleceu os Phoceanos na intendencia do templo, da qual tinham sido privados por aquelles, como ainda obteve para Athenas o direito de consultar em 1.º lugar o oraculo; — direito concedido, até então, á Esparta somente.

Quando a Eubéa se revoltou, sem perder tempo, marchou contra ella; ao chegar porem soube que os Megarianos haviam declarado guerra á Athenas e que os Lacedemonios, com um formidavel exercito, tendo a sua frente o seu joven rei Plitonax, se achavam nas fronteiras da Attica.

Desde logo abandonou a Eubéa para por termo a essa nova guerra: não lhe parecia de bom aviso bater-se com tropas tão numerosas e disciplinadas: empregou outros meios.

Segundo uns, comprou Cleandridas, mentor de Plitonax, para conseguir a retirada dos Lacedemonios: segundo Thucydides (o historiador) foi o proprio rei, que se deixou corromper, pelo que foi banido de Esparta.

Nas contas, que elle prestou d'essa expedição havia uma verba com a seguinte inscripção — *para emprego necessario 10 talentos*—O povo approvou-as todas sem indagar siquer o que queria dizer a inscripção.

Affirmam alguns escriptores, entre os quaes o philosopho

Theophrasto que Pericles despendia annualmente dez talentos para corromper os magistrados de Esparta e retardar a guerra: elle tinha com effeito necessidade de tempo para terminar os seus preparativos, afim de poder entrar em campanha com vantagem.

Postos em ordem todos os negocios, voltou de novo a Eubéa com cincoenta navios e cinco mil homens escolhidos; submetteu todas as cidades, das quaes expellio os Chalcidios, conhecidos por Hippobotes, (creadores de cavallos) que eram os mais ricos e poderosos do paiz.

Igualmente foram expellidos de sua cidade os Histianos, e substituidos por Athenienses.

Aquelles foram tratados com tal rigor, porque tendo aprisionado um navio d'estes, haviam passado á espada toda a tripolação.

X Os Samienses tinham sido intimados pelos Athenienses para porem termo as questões, que entre elles e os Milesianos se haviam suscitado.

Não fizeram caso da intimação.

Havendo Athenas concluido tregoas por trinta annos com Esparta, Pericles declarou-lhes guerra, allegando essa desobediencia.

Seus adversarios porem o accusaram de ter empreendido essa expedição só para satisfazer um capricho de Aspasia, por quem elle estava de veras apaixonado, e que era filha de Milêto.

Os poetas comicos, que se faziam echo dos boatos, que

surgiam entre as massas, diziam que o motivo d'essa guerra eram apenas os resentimentos de Aspasia, que fora injuriada por alguns rapazes de Megara.

Alguns escriptores explicam-na pelas difficuldades, em que se achava Pericles em prestar contas ao povo dos dinheiros despendidos, o qual, por conselho de Alcibiades, seu sobrinho, a emprehendera para distrahir a attenção publica n'aquelle assumpto.

Esta segunda versão não se coaduna com o character e com o procedimento, sempre correcto, do chefe popular em materia de dinheiro.

Verdade é que os Milesios enviaram a Athenas uma deputação para expor suas queixas contra Samos, e a essa deputação reuniram-se alguns Milesios mal intencionados.

Na opinião de Thucydides, o historiador, bastava isso para empenhar a republica na mudança do governo de Samos, que, alem de adverso, era partidario dos Persas. (Liv. 1.º Cap. 115.)

No livro 2.º, cap. 65, elle desmente tambem a anedocta, espalhada sobre o conselho de Alcibiades ao tio.

Pericles, partindo a frente da esquadra, chegou a Samos, cujo governo olygarchico abolio, e remetteu para Lemnos cincoenta dos principaes cidadãos, que com igual numero de creanças, exigira e recebera como refens.

Espalhou-se o boato que cada um d'esses refens offereceu-lhe um talento para obter a liberdade, assim como

que os olygarchistas, que muito temiam o novo governo installado, offereceram-lhe tambem muitos talentos, e até que Pissouthnes, delegado do monarcha persa em Sardes e protector dos Samienses, que eram partidarios da Persia, igualmente lhe enviara dez mil peças doricas de ouro, afim de que elle os puzesse em liberdade, e que elle tudo recusara.

Estabelecido ali o governo democratico, e depois de lhe haver dado a orientação que melhor lhe pareceu, retirou-se.

Logo depois desu a retirada, Pissouthnes conseguiu artificialmente subtrahir os refens, que se achavam em Lemnos.

Os Samienses revoltaram-se de novo e prepararam-se para a guerra.

Pericles, ao ter essa noticia, tornou a embarcar e marchou contra elles, seriamente resolvido a disputar-lhes o imperio dos mares.

Nas visinhanças da ilha deTragia, uma das Sporadas, defronte de Samos encontraram-se as duas esquadras: a atheniense, de quarenta e quatro vellas, e a de Samos, de setenta. Travada batalha, foi completa a victoria dos Athenienses: em seguida, Pericles apoderou-se do porto de Samos, e sitiou a cidade.

Os Samienses defenderam-se vigorosamente, e ousaram até algumas sortidas, combatendo fora dos muros.

Chegando porem de Athenas nova frota, viram-se os sitiados apertados por todos os lados.

Pericles com sessenta navios dirigiu-se para o Mediterraneo; segundo uns, para encontrar-se com a esquadra phenicia, que vinha soccorrer Samos: segundo outros, para ir a Chypré.

XI Na opinião de Plutarcho (cap. 40) a retirada de Pericles foi uma grande falta militar.

Com effeito, apenas elle se ausentou, Melisso, chefe dos Samienses, levando em pouco os navios que deixara o tribuno atheniense, e a inexperiencia dos que os commandavam, concitou os seus concidadãos a atacal-os.

No combate travado, a victoria pertenceu aos de Samos, que metteram a pique a maior parte dos barcos e fizeram grande numero de prisioneiros.

Senhores do mar, prepararam-se para a resistencia. Os Athenienses haviam marcado na testa os prisioneiros Samienses ou Samnitas com o signal de uma *samina*.

A *samina* era uma barca de proa baixa, de flancos largos, propria para o alto mar, facil de remar, e muito veloz á vela.

Deram essa denominação a esses navios, porque o primeiro d'elles foi construido em Samos por ordem de Poly-crates.

A' essa marca que elles tinham na frente, attribue-se o ter alludido Aristophanes, dizendo que «*o povo samnita era um povo letrado.*»

Os Samnitas retribuiram aos Athenienses a *fineza* rece-

bida marcando-os tambem na frente com a figura de uma coruja.

Logo que lhe chegou a noticia d'essa derrota, Pericles voôu em auxilio dos seus: Melisso sahio ao seu encontro, mas foi batido.

Os Samnitas encerraram-se na sua cidade, que foi bloqueada: era mister poupar o sangue atheniense ainda que se gastasse mais tempo e mais dinheiro.

Segundo o dizer do historiador Ephoro n'essa occasião, pela primeira vez, empregou Pericles machinas de guerra, que produziram excellentes resultados.

Não se sabe ao certo quem inventou-as e ensinou aos Athenienses o uso d'ellas.

Plutarcho fala de um certo Artemão, engenheiro, que Pericles tinha comsigo, e que era conhecido pelo appellido de—*Periphoreta*, porque fazia-se transportar para as batterias em liteira; mas elle proprio diz (cap. 41) que essa versão é refutada por Heraclito do Ponto, que se refere aos versos de Anacreonte, em que esse Artemão—*Periphoreta*—é descripto, seculos antes da guerra samnita, como um homem timido e cobarde, que vivia sempre encerrado em casa, tendo comsigo dous escravos, occupados em segurarem sobre sua cabeça um escudo de bronze com receio de que qualquer coisa lhe cahisse sobre ella, e que nas raras vezes, que sahia a rua, fazia conduzir-se em uma liteira muito baixa, quasi rente com o chão, temendo cahir, e d'ahi o appellido, que teve.

Depois de nove mezes de bloqueio e sitio rendeu-se afinal Samos.

As muralhas da cidade foram arrasadas até os alicerces. Os Samnitas foram despojados de todos os seus navios e tiveram de pagar sommas consideraveis, parte á vista, parte á praso, entregando refens, para garantia dos pagamentos.

Redusido aquelle povo á obediencia, voltou Pericles a Athenas onde entrou triumphalmente.

Pomposas exequias celebraram-se em honra á memoria dos cidadãos, que haviam perecido no decurso d'essa guerra, e elle proprio foi encarregado de pronunciar o elogio funebre dos mortos em combate.

Esse discurso, segundo Plutarcho foi geralmente admirado.

Ouvido com profunda attenção, apenas o orador terminou, foi aclamado enthusiasicamente pela multidão. Os homens o abraçaram; as mulheres cobriram-n'-o de flores, ornaram-n'-o de fitinhas e corôas, como se costumava fazer com os athletas, que voltavam vencedores dos jogos.

Elpinice, irman de Cimon, foi a unica que lhe disse: «Eis sem duvida, Pericles, proêsas admiraveis e dignas de nossas corôas! Fazer morrer tantos bravos, não guerreando os Phenícios e os Medos, como meu irmão, mas arruinando uma cidade alliada, da mesma origem que a nossa!»

O grande orador sorriu-se e limitou-se a responder por

um verso de Archilocho, que mais ou menos significa: «Não vos arrebiqueis tanto com esses cabellos brancos.»

XII. Pericles, orgulhoso de seu triumpho, dizia aos amigos: «Agammenon gastou dez annos para levar de assalto uma cidade barbara, e eu, em nove mezes, apoderei-me da mais poderosa e rica cidade de Jonia». Segundo Thucydides, a lucta com os Samnitas foi realmente perigosa e renhida, e os Athenienses viram-se no risco de perderem a preponderancia maritima, de que dispunham; a victoria porem deu-lhes novos recursos, e Athenas tornou-se mais poderosa do que d'antes, e de facto, a capital da Grecia, o centro director de todos os negocios politicos d'aquelles tempos.

Pericles, que desejava fosse essa supremacia tambem de direito, tentou reunir, em Athenas, uma especie de congresso, ou assembléa constituinte, que legalisasse as suas largas vistas, convidando todos os Gregos a enviarem a Athenas deputados sob o pretexto de cumprirem-se os votos ou promessas feitas aos deuses pela expulsão dos estrangeiros. Os Estados mais distantes acudiram ao seu appello: os da Europa, porem, percebendo que isto equivalia a reconhecer Athenas como capital e centro de suas deliberações, recusaram-se abertamente. Os germens de futuras discordias fermentavam por toda a parte.

Os Corinthios romperam com os da Corcyra, (Corfu). Estes armaram quarenta barcos, bateram aquelles em Accio, retomaram Epidamno, assolaram o territorio coryn-

thio e o dos seus alliados e atacaram ainda a Elida, a terra santa da Grecia; temendo porem pelo futuro, pediram soccorros a Athenas, que, por conselho de Pericles, promptamente os prestou, visto como assim contavam os Athenienses humilhar as provincias septentrionaes, e fazer alliada uma ilha que podia favorecer os projectos já formados sobre a Sicilia e a Italia, e impedir a passagem dos navios, que viessem em soccorro de Peloponeso, com o qual Pericles previa que inevitavel seria a guerra.

Uma esquadra de dez vélas foi enviada para proteger os Corcyros.

Si, em tal emergencia, receberam elles tão fraco contingente, não foi, como affirma Plutarcho, porque Pericles desejasse desacreditar e perder Lacedemonio, filho de Cimon, que nem era o chefe unico d'essa expedição, porque tinha por collegas Distimos e Prstéas.

Segundo as instrucções de Pericles esses chefes só deveriam atacar os Corynthios, no caso de tentarem elles alguma irrupção em Corcyra, ou nos territorios de sua dependencia.

Seu fim era deixal-os combater sobre o mar, sem se envolver directamente nas questões, que os dividiam, afim de que elles reciprocamente se arruinassem, o que sem duvida aproveitaria aos Athenienses nas guerras futuras, que elle previa.

Que não se preocupava Pericles de inutilisar o filho de seu antigo adversario, prova-o a circumstancia de ter elle

feito seguir, pouco depois, mais vinte navios para reforçarem a primeira esquadra.

Alem de que os sentimentos elevados do chefe atheniense não se conformavam com esses meios tortuosos e pouco dignos de seu character e de sua posição.

Si esses vinte navios só chegaram depois do combate, a culpa não lhe pode ser attribuida. O que é certo é que elles contiveram as duas esquadras, prestes a recommencarem a lucta, e obrigaram-n'as a separarem-se, como se deprehen- de da leitura dos Caps. 45 e 50 do Liv. 1.º de Thucydides.

Os germens de discordia entre Athenas e o Peloponeso accumulavam-se diariamente. Pouco depois Potidea, que, não obstante ser colonia de Coryntho, obedecia a Athenas, revoltou-se. Os Athenienses a sitiaram, e este facto concorreu ainda para apressar o rompimento. Archidamo, rei de Esparta, para onde convergiam, publica ou secretamente, todas as queixas dos Gregos, desgostosos com Athenas, procurou resolver pacificamente as questões suscitadas, e accommodar os alliados; a obstinação de Pericles, não consentindo na revogação do decreto severo, expedido contra os Megarianos,—decreto que provocara-lhes vivos queixumes, e a sua repugnancia em concluir com elles um tratado de paz, foram, por alguns escriptores, considerados como causa unica d'essa famosa guerra, que durou mais de vinte annos, e que reunio em torno dos Megarianos outros povos da Grecia, igualmente impacientes do predomínio atheniense.

Entretanto, estudadas as cousas menos superficialmente, reconhece-se que as causas reaes d'essa porfiada e longa lucta foram: o orgulho, de que se achavam possuidos os Athenienses pelos seus grandes feitos nas guerras medicas, o abuso da preponderancia, que por suas victorias tinham alcançado sobre todos os povos gregos, e principalmente a inveja de Esparta, que, vendo com olhos vesgos passar á outras mãos o predomínio, que por tão longo tempo exercera sem concurrentes, procurava suscitar inimigos a Athenas, cujo governo já provocava serios descontentamentos entre os seus proprios alliados.

Carece pois de fundamento a opinião dos que attribuiram a Pericles só a autoria d'essa guerra.

XIII. Os Lacedemonios enviaram a Athenas uma deputação para obter a revogação do decreto, e como Pericles allegasse a lei, que prohibia tirar a lamina, sobre a qual estava gravado o decreto, Polyarces, um dos deputados, disse-lhe: « não é necessario que tireis a lamina: basta que lhe volteis a face. » Esta proposta, sem duvida espirituosa, não o impressionou, e elle manteve-se firme no seu proposito, e accusando-os ainda de haverem lavrado as terras sagradas, fez com que o povo sancionasse a enviatura de um arauto a Megara para se queixar d'esse attentado, e de outro a Esparta para accusar os Megarianos.

Anthemocrito foi encarregado de ser o organ das queixas athenienses contra os Megarianos.

O decreto, de que elle foi portador, redigido por Pericles,

era concebido nos termos os mais comedidos e moderados; o arauto, porem, morreu antes do desempenho de sua missão e segundo se espalhou, por manejos dos Megarianos.

Charino, encarregado de redigir um novo decreto, fel-o nos termos os mais violentos, declarando ao povo de Megara odio implacavel, pronunciando a pena de morte contra todo o megaro, que entrasse no territorio da Attica, e ordenando que ao juramento dos generaes se ajuntasse a clausula de devastarem duas vezes por anno o territorio megariano.

Esse decreto ordenava ainda que os restos mortaes de Anthemocrito seriam enterrados perto das portas Thrasias (o Depylo.)

Os Megarianos resistiram indignados á auctoria da morte do arauto, e atiraram sobre Pericles e Aspasia a responsabilidade da guerra.

Ainda ha uma versão, inteiramente inaceitavel : é a dos que affirmam que Pericles emprehendera essa guerra só para fazer ostentação de seu poderio.

Outra e a peor de todas é que Pericles, receioso de ser julgado e condemnado pelo povo, quiz assim distrair a attenção publica e mostrar-se homem necessario deante das questões internacionaes.

Os auctores d'esta ultima justificam-n'a com os factos seguintes : em Athenas ninguem gosava de maior influencia junto a Pericles, do que Phidias, o grande esculptor, que

fora auctor da celebre estatua de Minerva, e superintendente das obras d'arte, realisadas por ordem d'aquelle.

Esta circumstancia, reunida ao grande merito do artista, creou-lhe inimigos e invejosos, que incitaram Menão, um dos officiaes que com elle trabalhara, a denuncial-o de haver subtrahido parte do ouro destinado ao fabrico da estatua.

Menão, em trajos de supplicante, appareceu na assembléa popular pedindo garantias para apresentar a denuncia e sustentar a accusação.

O seu requerimento foi deferido, e elle produziu a accusação perante o povo reunido.

Os inimigos e adversarios de Pericles não podendo ainda feril-o directamente, atacavam-n'-o nos entes que lhe eram mais caros.

O crime de Phidias não poudo ser provado: ao contrario, a estatua tinha sido trabalhada de modo tal, que o ouro n'ella empregado podia ser tirado e pesado sem prejudicar a obra: foi o que Pericles aconselhou que se fizesse: não obstante isto, a inveja e o odio, votados ao artista, triumpharam, e elle foi condemnado, não por haver desviado o precioso metal, mas por haver infringido a verdade historica da guerra das Amazonas, vencidas por Thesêo, o fundador de Athenas.

Essa infracção, ou sacrificio da verdade historica consistia em ter elle feito representar-se no meio do escudo da estatua da deosa, e de modo tal que era impossivel des-

truir essa figura sem destruir toda a estatua, e de ter tambem representado Pericles, combatendo uma Amazona e com tal perfeição, que todos o reconheciam ao relancear dos olhos, alem de algumas outras figuras modernas, que n'ella se observavam!

Phidias foi recolhido á prisão, onde morreu de molestia, ou envenenado por ordem de Pericles, segundo espalharam os seus calumniadores.

Por um decreto de Glycão, Menão, o denunciador do artista, foi isento do pagamento de impostos, e a policia ficou encarregada de velar sobre sua segurança!

XIV. Nem foi este o golpe unico que feriu o coração do chefe democrata. Aspasia, por quem a sua paixão era realmente profunda, foi denunciada por Hermippo, poeta comico, por crime de impiedade e por attrahir á sua casa mulheres de condição livre, que ella prostituia a Pericles!

Aspasia só conseguiu ser absolvida, graças aos instantes pedidos de seu amante, que, segundo Eschines, chegou a derramar lagrimas perante os juizes durante a instrucção do processo.

Diopithes fez baixar um decreto ordenando a denuncia de todos quantos negassem a existencia dos deoses, então adorados, ou ensinassem doutrinas novas sobre os phenomenos celestes.

O objectivo de tal decreto era Anaxagoras, e depois o proprio Pericles, affirmavam alguns.

Dracontides conseguiu outro decreto, o qual ordenava que Pericles prestaria contas perante os *prytanos* (senadores que exerciam funções judiciais) e que os juizes, tomando no altar as cédulas para o suffragio, pronunciassem o julgamento, clausula aliás favoravel a Pericles; mas, por proposta de Agnão, esta ultima disposição foi suppressa e substituida por outra determinando que coubesse o deferimento do negocio a mil e quinhentos juizes, e que a accusação fosse intentada por furto, concussão ou injustiça, á vontade do accusador.

Tudo isto demonstrava o decrescimento do favor popular, e para rehavel-o, e evitar a solução de todas estas questões, Pericles fez declarar a guerra. Tal é a explicação dos creadores da ultima versão.

Por seu lado, Esparta procurou aproveitar-se das circumstancias para arruinar o credito de Pericles, a quem attribuiam a influencia de Athenas. Uma deputação foi mandada aos Athenienses, exigindo delles o banimento de quantos tivessem tido parte directa ou indirecta no crime de Cylão, (*) de quem descendia Pericles pelo lado materno.

Esta tentativa de Esparta, porém, não produziu resultado e perante as exigencias externas, o povo caprichou em demonstrar a consideração que prestava ao seu tribuno,

(*) Si o leitor quizer conhecer que attentado foi esse, pode recorrer á vida de Solon por Plutareho, cap. 45.

repellindo-as *in limine* e reconhecendo que os Espartanos tanto o temiam, como odiavam-n'o.

Elle que percebia o alcance de todos esses manejos e previa que a invasão da Attica seria inevitavel pelas tropas de Peloponeso e de Esparta, reunidas, declarou em assembléa publica aos Athenienses que sendo possivel que Archidamo, nas incursões que fizesse sobre o paiz, poupasse suas terras e propriedades por amor á *hospitalidade*, (expressão com que os antigos designavam o direito reciproco de hospedagem, não só entre os individuos, mas ainda entre as cidades) que os unia ou para fornecer pretexto ás caluñias de seus inimigos, elle desde logo fazia dellas doação ao Estado.

Nesta mesma assembléa renovou elle os conselhos que já havia dado aos seus concidadãos sobre as conveniencias do momento. Recommendou-lhes que se retirassem todos da campanha e se recolhessem á cidade, trazendo tudo quanto tivessem de precioso, e que se preparassem para a guerra, que deveria limitar-se só a deffensiva, afim de não sacrificarem a cidade. Provou-lhes que a base da força de Athenas estava na marinha, da qual elles deviam cuidar seriamente, e nos alliados, cuja amisade deviam zelar, porque eram a fonte do poder, que exerciam pelos subsidios que forneciam, «a alma da guerra é a intelligencia e o dinheiro», exclamava elle.

Fez a resenha dos recursos financeiros da Republica, accrescentando que em caso extraordinario e imprevisto,

poder-se-hia lançar mão das riquezas dos templos, que seriam depois substituídas, e apresentou-lhes o quadro das forças militares de que podiam elles dispor, e terminou provando-lhes, que no caso de serem atacados, desde que se dêsse á lucta uma direcção conveniente, a victoria não seria duvidosa. Os conselhos de Pericles foram accêitos. A gente do campo, bém que pesarosa, recolheu-se á cidade com tudo que foi possível transportar.

Os Peloponesios, com effeito, dentro em pouco, penetraram na Attica com forças consideraveis, sob as ordens de Archidamo, e depois de terem devastado todo o paiz, approximaram-se do burgo de Acharnes, onde acamparam, persuadidos de que os Athenienses não tolerariam tal provocação e viriam atacal-os.

Pericles, porém, demonstrou-lhes que seria temeridade, senão loucura ferir uma batalha naquelle momento, e arriscar a propria cidade, atacando um exercito de sessenta mil homens, que a tantos subiam os empenhadós nessa expedição; e, para acalmar a impaciencia e o ardor dos que desejavam combater a todo o transe, ponderou-lhes que «as arvores cortadas e abatidas brotavam dentro de pouco tempo; mas que a perda de homens era irreparavel».

Emquanto os inimigos estiveram acampados nas visinhanças de Athenas, Pericles, para não ser embaraçado em seus planos, deixou de reunir as assembléas populares.

Fortificada a cidade e convenientemente guarnecida,

só ouviu as inspirações próprias, sem prestar atenção ás murmurações de seus concidadãos.

Insensível aos pedidos dos amigos, ás ameaças dos seus adversarios, que o qualificavam de fraco e de cobarde, ás satyras dos poetas, equipou e fez seguir para o Peloponeso uma frota de cem navios, conservando-se, porém, na cidade, afim de conter e dirigir o povo, e para consolar-o de ser o territorio atheniense talado pelos inimigos, mandou distribuir dinheiro e terras, por meio de sorteio, a cidadãos athenienses.

A frota enviada para o Peloponeso, depois de ter devastado uma grande extensão daquelle paiz, e destruido muitos burgos e villas, fez-se de vela para Athenas.

Era no fim do outomno e os Peloponesios haviam evacuado o territorio da Attica, quando Pericles, resolvido em pessoa a invadir o territorio de Megara, sahiu de Athenas á frente de numerosa e luzida tropa, e penetrou naquellas regiões, levando tudo a ferro e a fogo.

A frota, que voltava, achava-se então em Egina, e logo que os chefes tiveram noticia de que os Athenienses estavam em Megara, trataram de reunir-se a elles.

XV. No inverno seguinte, segundo era pratica em Athenas, celebraram-se exequias solemnes e pomposas em memoria dos que haviam perecido com as armas na mão em defeza da Patria.

Todas as despesas dessa imponente solemnidade corriam por conta do Estado.

O areopago nomeava, dentre os homens mais considerados de Athenas, o orador official.

Pericles, que depois da expedição de Samos, fôra encarregado dessa tarefa, tornou a sel-o nesta occasiã, o que demonstra a alta reputação oratoria, de que gozava.

Antes, porém, de transcrever o discurso, que nessa occasião proferiu e que encontramos no liv. 2.º, cap. 35 a 46 do Thucydides, julgamos que o leitor levará a bem que transcrevamos tambem do mesmo historiador a descripção dessa solemnidade, sempre imponente, segundo a opinião geral.

«Eis em que consistia a cerimonia. As ossadas dos mortos são expostas em uma tenda armada com tres dias de antecedencia e cada um traz offrendas áquelle que perdeu.

Na occasião do sahimento, carros conduzem caixões de cypreste, um para cada tribu. As ossadas nelles são collocadas segundo a tribu, a que pertenciam os mortos.

Um leito vasio, coberto de tapeçarias, é conduzido em honra dos *invisiveis*—isto é, daquelles cujos corpos não foram encontrados.

Todo o nacional ou estrangeiro pode fazer parte do cortejo.

Os parentes approximam-se do tumulo, onde fazem as suas lamentações.

Os caixões são depositos no monumento publico no mais

bello arrabalde da cidade (*) E' alli que são enterrados os que perderam a vida nos combates.

Os guerreiros de Marathon foram os unicos exceptuados, A intrepidez extraordinaria delles fel-os considerar dignos de serem sepultados no mesmo logar em que encontraram a morte.

Depois que as ossadas são cobertas de terra, um orador, escolhido pela Republica, entre os mais habéis e considerados, pronuncia um elogio digno da circumstancia. Depois disto todos se separam.

Tal é a cerimonia dos funeraes, cuja pratica foi regularmente observada em todo o decurso da guerra, a proporção que se offerecia a occasião.

Desta vez foi Pericles, filho de Xantippo, o encarregado de orar.

Chegado o momento, elle subiu a um estrado elevado, donde sua voz podia ser ouvida de longe, e proferiu o discurso, que mais abaixo damos.

XVI. Os discursos politicos de Pericles não chegaram até nós.

Conhecemos alguns por encontral-os em Thucydides. Si são authenticos ou si o historiador os arranjou a capricho, como mais tarde fizeram os historiadores romanos, falta-nos competencia para affirmar ou negar.

Desejando que o leitor possa de alguma forma fazer o

(*) Na Ceramica exterior, ao oeste de Athenas, no caminho de Eleusis. Este arrabalde era reservado para as sepulturas publicas.

seu juizo de Pericles, como orador, nós o vertemos para o portuguez, não do grego, que não sabemos, mas do francez.

Traductore, tradditore, dizem os italianos. Apezar da verdade do proverbio, e de ter dito Lamartine que «a cousa mais difficil que ha, é traduzir», ousamos retraduzir esse discurso, de que ainda hoje se fala.

Si uma primeira versão muitas vezes desfigura a belleza primitiva, que não succederá com uma segunda ou terceira? Em todo o caso, contamos ser desculpados de nossa ousadia, attentas as nossas boas intenções, lembrando ainda ao leitor a opinião de Villemain: «A traducção litteral, quando contraria á indole de nossa lingua, é a peor das traducções.»

Eis o discurso:

XVII. «A maioria dos oradores que me precederam nesta tribuna fez o elogio do cidadão que addicionou á lei este discurso sobre as victimas da guerra, como uma homenagem prestada ao tumulto dellas.

Penso que seria preferivel honrar a intrepidez e a coragem, que se manifestaram por factos somente, como são as pompas celebradas pelo Estado para estes funeraes, a expor a nomeada de tantos ao talento oratorio de um só.

Nada mais difficil do que guardar uma medição perfeitamente justa em um assumpto, em que a verdade é tão diversamente apreciada.

O ouvinte bem informado e favoravelmente prevenido

acha o discurso pouco de accordo com o que sabe e deseja, ao passo que o ignorante dos factos, sempre suspeito, julga que ha exaggeração em tudo, que excede a sua comprehensão.

Ninguem tolera o elogio alheio, sinão até o ponto em que se julga capaz de por si mesmo fazer o que ouve louvar: além deste limite, a inveja provoca a incredulidade. Todavia, já que esta instituição foi julgada boa por nossos paes, eu devo conformar-me á lei, e procurar corresponder do melhor modo possível aos votos de cada um e á expectativa de todos.

Começarei pelos nossos antepassados, aos quaes, nestas agustas recordações, cabe o primeiro logar. Graças ao seu valor e patriotismo, elles nos transmittiram livre esta região que a mesma raça de homens sempre habitou.

Elles tem sem duvida direito aos nossos elogios, aos nossos paes, porém, ainda maior direito assiste, porque á herança que receberam, ajuntaram o poderio que possuímos, e, á força de trabalhos, o legaram á geração actual: e nós, no vigor da idade, ainda alargamos esse dominio mantendo a nossa cidade nas mais respeitaveis condições, quer para a paz, quer para a guerra.

Os combates e os feitos gloriosos, que nos proporcionaram essas conquistas, a coragem e o civismo, com que nós, ou nossos paes repellimos as aggressões dos Barbaros ou dos Gregos, passal-os-hei em silencio, pois que não quero estender-me sobre assumpto que vos é conhecido; o regi-

mem, porém, que nos fez a'tingir a tal gráo de poder, as instituições e costumes, que tornaram tão florescente a nossa cidade, expol-os-hei desde já, antes de fazer o elogio de nossos guerreiros, convencido de que um tal exame não é fóra de tempo, e de que todos, nacionaes e estrangeiros, interessar-se-hão em ouvi-lo.

A Constituição, que nos rege, nada tem que invejar ás de outros povos: não as imita; antes serve-lhes de modelo; ella recebeu a denominação de democracia, porque seu fim é a utilidade da maioria e não da minoria.

Nos negocios particulares, todos são eguaes perante a lei; mas as funções publicas e a consideração politica só as obteem os que teem talento e probidade.

O merito pessoal, muito mais do que as condições sociaes, abre o caminho ás honras.

A obscuridade do nascimento, a pobreza e até a indigencia não fazem estacar o cidadão, que tem capacidade para servir a patria.

Livres em nossa vida publica, nem espreitamos, nem inquirimos com uma curiosidade suspeitosa da vida privada de nossos concidadãos: não os censuramos, si elles se entregam a alguns prazeres e divertimentos, nem temos para elles esses olhares desapprovadores, que ferem, quando não matam.

Ao lado desta tolerancia em nossas relações pessoaes, sabemos respeitar a ordem publica: somos submissos ás auctoridades constituidas e para nós são sagradas as leis,

especialmente aquellas, que consagram protecção aos fracos e essas leis moraes, que, por não serem escriptas, nem por isto isentam os seus transgressores da reprovação geral.

Proporciamos ao espirito distrações numerosas, quer por meio de jogos e sacrificios, quer, no interior de nossas casas, por uma elegancia, cujos encantos diarios afugentam e dissipam as tristezas da vida.

Por sua grandeza e importancia, a nossa cidade attrahe ao seu seio os thesouros de toda a terra e gosamos tão completamente dos productos estrangeiros como dos nacionaes.

Na profissão das armas, em muitos pontos somos superiores aos nossos rivaes. A nossa cidade não se fecha para pessoa alguma. Nenhuma lei afasta os estrangeiros de um estudo ou espectaculo qualquer de que os nossos inimigos se possam aproveitar. Nas occasiões de perigo, nós não confiamos tanto nos preparativos e nos estratagemas premeditados, como em a nossa coragem natural.

Outros, por um laborioso exercicio, iniciado desde a infancia, fazem da bravura uma qualidade de educação: nós, ao contrario, sem nos sujeitarmos a rudes fadigas, affrontamos os perigos com igual intrepidez. E a prova é que os Lacedemonios jamais entram em campanha contra nós sem se fazerem acompanhar de todos os seus alliados, ao passo que nós atacamos sós os nossos inimigos e sem

muito trabalho triumphamos de povos que defendem os seus proprios lares.

Demais, nenhum de nossos inimigos se mediu contra as nossas forças reunidas, pois que parte dellas é empregada e distrahida pelas exigencias da marinha e parte remettida para diversos pontos do continente.

E todavia, quando os nossos adversarios batem-se com uma fracção de nosso exercito, si vencem, gabam-se de nos haver derrotado todos: si são vencidos, desculpam-se allegando que foram forçados a ceder a todos os nossos elementos accumulados.

E quando não fosse verdade que preferimos fazer-nos intrepidos e valorosos por uma vida facil a sel-o por um exercicio penoso, mais pelos nossos costumes de que por nossas leis, pelo menos ficar-nos-hia a vantagem de não nos atormentarmos com antecedencia pelos trabalhos futuros, e na hora da provação não nos mostrarmos menos bravos do que os que passam a vida em um labutar sem fim.

Não são, porém, estes os nossos unicos titulos de gloria.

Nós excedemos todos os povos na arte de conciliar o gosto da elegancia com a simplicidade, a cultura do espirito com a energia physica.

As riquezas para nós não são meios de brilhar, mas de agir.

Entre nós não é vergonha confessar a sua pobreza, mas nada fazer para não sahir della.

Aqui os homens, sem descurarem de seus interesses individuaes, preocupam-se sobretudo dos altos interesses do Estado. Simples artistas entendem sufficientemente dos negocios politicos.

Nós consideramos o cidadão que se mostra estranho ou indifferente á politica, não como amigo do repouso, mas como um ente inutil á sociedade e á Republica.

Possuimos todos o senso e o criterio precisos para discernir o que convém ou não ao Estado: não acreditamos que a palavra prejudique á acção: o que nos parece prejudicial é que as questões não se esclareçam pela discussão.

Antes de agir, alliamos admiravelmente a calma da reflexão á temeridade da audacia: em outros, a ousadia é o effeito da ignorancia e a irresolução o do raciocinio.

E' justo que a palma da coragem pertença aos que, conhecendo melhor do que ninguem as doçuras da paz, não recuam todavia ante os azares da guerra.

Com relação a obsequios e serviços, nós offerecemos um contraste frisante com as outras nações. Não é recebendo, mas fazendo beneficios que conquistamos amigos.

A amisade do bemfeitor é mais solida, porque elle é interessado em não deixar perder o fructo do reconhecimento, que lhe é devido, emquanto o beneficiado mostra-se menos empenhado, porque sabe que, de sua parte, um

serviço prestado constitue antes o pagamento de uma divida, do que um merito. Nós obsequiamos sem calculo e sem pensamento reservado, e só impellidos por uma confiante generosidade.

Em uma palavra, ousou dizer que Athenas, tomada em seu todo, é a escola da Grecia: considerada com relação aos individuos, reconhecer-se-ha que, entre nós, o mesmo homem se presta com extraordinaria flexibilidade ás situações as mais diversas.

Para se convencêrem de que a minha linguagem não é dictada por uma jactancia vã, mas a simples expressão da verdade, basta considerar o poder, que qualidades taes nos deram.

Unica entre todas as cidades existentes, Athenas, posta á prova, é superior á sua nomeada: só ella pôde combater um inimigo sem que se irrite com a derrota e commandar subditos sem que elles se queixem de soberanos indignos.

Esta grandeza de nossa Republica é attestada por testemunhos brilhantes, que nos valerão a admiração da posteridade, tanta quanta a da geração actual, sem que tenhamos para isto necessidade dos elogios de um Homero, nem tão pouco de uma poesia, que poderá encantar passageiramente os ouvidos, mas cujas ficções serão desmentidas pela realidade dos factos.

Nós já penetramos em todas as terras e mares accessiveis á nossa audacia: por toda parte temos deixado monumentos immorredouros de nossos successos e reveses.

Tal é esta pátria, pela qual preferiram morrer heroicamente esses guerreiros a submeterem-se a um poder estranho e pela qual todos aquelles que lhes sobrevivem devem devotar-se e soffrer.

Si alarguei-me um pouco fazendo a apologia de nossa cidade, foi para tornar bem sensível que a partida não é igual entre nós e os povos que não gosam de identicas vantagens, e para apoiar sobre provas inequivocas o elogio dos guerreiros, que são o objectivo deste discurso. Sobre este ponto, minha tarefa quasi que está cumprida: porquanto tudo quanto exaltei na Republica é devido ás suas virtudes e ás de seus iguaes. Nada põe em maior relevo o merito de um homem do que esse fim glorioso que entre vós foi a revelação e o coroamento do valor

Aquelles que, debaixo de certo ponto de vista, são menos recommendaveis, teem rasão de immolar-se pelo paiz nos combates e batalhas: elles compensam assim o mal com o bem e resgatam por serviços publicos as faltas de seu procedimento privado.

Tal, porém, não foi o movel de nossos heroes. Nem um só delles fraqueou pela avidez de gosar por mais tempo da fortuna: nem um, na esperança de escapar da indigencia, ou de enriquecer, procurou adiar o momento do perigo; mas, desejosos todos de punir adversarios injustos, e considerando essa lucta como a mais gloriosa, quizeram por tal preço satisfazer a um tempo os seus votos e a sua vingança.

Deixaram á esperanza a perspectiva incerta da victoria; mas reservaram para si a maior parte do perigo.

Preferindo vingar-se e morrer a salvar a vida, repelliram o desar de sua memoria e affrontaram as peripecias da refrega, e, em um instante, sahiram da vida, não entre receios e temores, mas nos braços da gloria.

Assim, esses guerreiros mostraram-se filhos dignos da patria.

Quanto a vós, que lhes sobreviveis, desejaes que vossos dias sejam mais felizmente preservados; mas desenvolvei contra os inimigos o mesmo heroismo.

Não vos limiteis a exaltar por palavras os bens inherentes á defeza do paiz e ao castigo dos que o atacam, bens que é desnecessario enumerar, pois que vós bem os conheceis, mas contemplae, cada dia, em todo o seu esplendor, o poder de nossa Republica: alimentae com elle o vosso entusiasmo, e compenetrados d'elle, reflecti que, á força de intrepidez, de prudencia e devotação, esses heroes se elevaram tão alto.

Bem que o successo nem sempre tenha correspondido aos seus esforços, elles não quizeram privar Athenas de seu valor; mas pagaram-lhe o mais magnifico tributo.

Immolando-se pela patria, adquiriram uma gloria immortal e tiveram soberbo mausoléu, não na sepultura em que repousam, mas na lembrança sempre viva de seus feitos. Os homens illustres teem por tumulo a terra inteira.

Não somente o seu paiz conserva-lhes os nomes gravados

em columnas, mas ainda nas regiões as mais longinquoas, em falta de epitaphio, a nomeada, a fama eleva-lhes á memoria um monumento immaterial.

Tomando-os por modelo, e collocando a felicidade na liberdade, e a liberdade na coragem, não recuzis jamais ante os riscos e os perigos dos combates. Não são os desgraçados, privados da esperança de uma sorte melhor, que mais rasão tinham de sacrificar a vida, mas os que teem que perder, e aos quaes uma derrota pode privar de preciosas vantagens. Para o homem de coração, a humilhação, que acompanha um acto de fraqueza, é mais pungente do que essa morte, que não se sente, quando vem ferir em sua força o guerreiro animado pela esperança commum.

Assim não são lagrimas, mas incitamentos, que eu quero offerecer aos paes, que me ouvem. Elles sabem, elles que cresceram no meio das vicissitudes da vida, que a ventura só é para os que obteem, como seus filhos, o fim o mais glorioso, ou, como elles, o luto o mais honroso, e para os quaes o termo da vida é a medida da felicidade.

«Sei que difficil é persuadir-vos : porque a maior parte das vezes a felicidade de outrem far-vos-ha lembrar pesarosos da que gosaveis outr'ora.

Sei bem que a dor não está na ausencia dos bens, que não conhecemos, mas na privação d'aquelles, a que docemente nos haviamos habituado.

Hauri pois nova coragem na esperança de ter outros

filhos, vós outros aos quaes a idade ainda o permite. Novos filhos substituirão na familia os que não existem mais: o Estado com isto reparará suas perdas, e verá garantida a sua segurança, porque com effeito aquelles, que não teem filhos a expôr ao perigo não sabem, nem podem ter em nossas deliberações politicas o mesmo civismo, a mesma sabedoria, que n'ellas mostram os que os teem.

E vós, que já vos approximaes do termo final de vossa carreira, considerae uma vantagem o terdes passado a maior parte d'ella na felicidade. Reflecti que o resto será curto e amenizado pela gloria de vossos filhos.

A paixão da honra é a unica, que jamais envelhece, e na caducidade da idade o prazer não consiste, como pretendem alguns, em amontoar riquezas, mas em inspirar respeito.

Filhos e irmãos d'estes guerreiros, para vós aqui presentes, eu prevejo uma grande lucta! Cada um gosta de louvar quem já não existe, e só a força de dedicação e de patriotismo sereis collocados, não direi no mesmo nivel, mas um pouco abaixo d'elles. A inveja agarra-se ao merito vivo, ao passo que a virtude, que cessou de fazer sombra, torna-se o objecto de um culto universal.

Talvez fosse conveniente lembrar ás mulheres reduzidas á viuvez quaes são d'ora em diante os seus deveres; uma só palavra, porém, me bastará: que ellas façam consistir a sua gloria mostrando-se fieis ao character de seu sexo

41

e não procurem junto aos homens adquirir celebridade, quer no bem, como no mal.

Dizendo o que me parecer util, tenho satisfeito aos preceitos da lei.

Honras mais raras são reservadas aos que se sepultaram hoje: uma parte dellas acabam elles de receber: além destas, seus filhos, desde hoje até á adolescencia, serão mantidos e educados á custa da Republica.

E' uma gloriosa corôa que ella offerce ás victimas da guerra e aos que lhes sobrevivem, porque, onde quer que as maiores honras são decretadas ao civismo, á coragem e á dedicação pela patria, ahi surgem os homens os mais illustres e bravos.

Agora cumpre que cada um se retire depois de ter chorado os que perdeu. »

Convém não confundir este discurso com o que Pericles proferiu na cerimonia celebrada depois da derrota dos Samnitas.

XVIII. No principio do estio desse mesmo anno os Peloponesios, sob o commando de Archidamo, invadiram, pela segunda vez, o territorio da Attica, onde acamparam e fizeram depredações.

Pouco tempo depois explodiu em Athenas uma epidemia desconhecida e extremamente mortifera.

Os soccorros da medicina tornaram-se inuteis, porque os medicos não conheciam o mal, e eram as primeiras victimas, em consequencia do contacto com os enfermos.

Essa *peste*, como a denominam Plutarcho e outros escriptores, começou na Ethiopia, d'onde foi ter ao Egypto e á Lybia, apparecendo em Athenas, ao começo, no Pirêo, e tão brusca e terrivel, que a mortandade era attribuida ao envenenamento das cisternas pelos Peloponesianos: na cidade alta a mortalidade ainda foi maior.

Thucydides, no Cap. 49 do Liv. 2.º, a descreve nos termos seguintes:

« Em geral, a molestia atacava sem signaes precursores, em plena saude, de improviso. No primeiro periodo o enfermo sentia grande calor na cabeça, os olhos ficavam vermelhos e inflammados, a lingua e o pharinge tinham a côr de sangue, a respiração irregular, o halito fetido. Vinham depois espirros e rouquidão, o mal descia para o peito, acompanhado de violenta tosse; depois affectava o estomago, que se contrahia com dores agudissimas, succediam se evacuações biliosas, que foram especificadas pelos medicos.

A maioria dos enfermos tinham soluços sem vomitos e fortes convulsões, que em uns se acalmavam e em outros se prolongavam.

O calor externo da pelle não era demasiado e nem ella ficava amarellada: pelo contrario, tornava-se avermelhada, ou livida, e cobria-se de phlyctenas e ulceras; o calor interno era intenso; os enfermos não podiam supportar vestuario algum, nem a mais leve cobertura; só queriam ficar nus, e de bom grado mettiam-se n'agua fria, como

fizeram alguns desgraçados, que, abandonados e devorados de sede ardente, se precipitaram nos poços. Essa sede não se saciava jamais, quer se bebesse pouco, quer muito. O mal-estar resultante da agitação e da insomnia nunca cessava.

Emquanto o mal estava em seu período de intensidade, o corpo, em vez de enfraquecer, oppunha aos seus ataques uma resistencia inesperada, de sorte que o maior numero dos affectados conservava ainda algum vigor, quando, no fim de sete ou nove dias, eram victimas de inflammação interior.

Si conseguiam transpor esse período, o mal descia para os intestinos, e nelles produzia ulcerações, seguidas de uma diarrhéa rebelde e de uma atonia, que trazia a morte de quasi todos.

Assim a enfermidade que no começo tinha a sua séde na cabeça, percorria gradualmente todo o corpo, de cima para baixo. Si o enfermo escapava aos accidentes mais graves, o mal affectava as extremidades, que, nestes casos, conservavam os traços de sua passagem: atacava os orgãos sexuaes, os dedos das mãos e dos pés.

Muitos perdiam esses membros e outros a vista; outros, emfim, ficavam de tal modo privados da memoria, que na convalescença não conheciam nem os parentes, nem a si mesmos. E' impossivel descrever os estragos deste flagello, que assolava com violencia irresistivel. »

E' pungente a descripção que o mesmo historiador faz do estado a que viu-se reduzida a cidade :

« As molestias ordinarias terminavam sempre pelo mal. Uns morriam ao desamparo, outros cercados de cuidados. Não se encontrava um só remedio efficaz. O que curava este, matava aquelle. Nenhum organismo, forte ou fraco, escapava á *peste*. Qualquer que fosse o tratamento, o mal victimava todos.

XVIII. O que havia de mais prejudicial era o abatimento moral dos atacados, que, em vez de reagirem contra o mal, deixavam-se apossar pelo desespero e cahiam em completa prostração.

O contagio se propagava pelos cuidados reciprocos, e os homens morriam como rebanhos. Isto augmentou ainda o numero das victimas.

Os que, aterrados, procuravam sequestrar-se, morriam no abandono: muitas casas se despovoaram por falta de soccorros. Os que se approximavam dos enfermos eram affectados.

Tal foi a sorte dos que tiveram a coragem de affrontar o perigo: tinham vergonha de poupar-se e iam tratar dos amigos, que os proprios parentes abandonavam, porque, vencidos pelo excesso do mal, se tornavam insensiveis aos gemidos dos moribundos e succumbiam por sua vez.

Os mais caridosos foram os que haviam conseguido escapar da molestia, não só porque as recahidas não eram

mórtaes, como porque tinham por si mesmos podido apreciar os soffrimentos das victimas.

Alvo da inveja dos outros, estes sentiam-se, ao menos n'aquelles momentos, cheios de satisfação intima e nutriam a vaga esperanza de não succumbirem a nenhuma outra enfermidade.

O que aggravou ainda o flagello foi a agglomeração da gente do campo na cidade.

Os recém-chegados soffreram mais do que todos. Não encontrando habitações disponiveis, alojaram-se, no rigor do estio, em choças privadas de todas as condições hygienicas e morriam em massa.

Viam-se infelizes que se arrastavam pelas ruas e em torno das fontes, semi-mortos e devorados de sede. Os logares santos, em que elles acampavam, estavam juncados de cadaveres.

Os homens, aterrados, tinham perdido o respeito ás cousas humanas e divinas. Todas as praticas, até então observadas para as inhumações, foram violadas. Enterrava-se, como se podia. Houve gente, que recorreu a meios os mais infames. Os objectos, indispensaveis aos funeraes, tornaram-se raros e custosos. Uns iam depositar os seus mortos em fogueiras alheias, e precedendo os que as haviam preparado, lançavam-lhes fogo; outros, enquanto se queimava o primeiro cadaver, arremessavam outros sobre elle e fugiam.

Esta epidemia deu origem a outro genero de desordens.

Cada um entregou-se licenciosamente a excessos, que até então occultavam. Diante de tão bruscas vicissitudes, de ricos, que morriam subitamente, de pobres enriquecidos de repente, ninguém se preocupava sinão de gosar e gosar depressa. A vida e a fortuna pareciam igualmente precárias. Reunir o prazer ao proveito, eis o que pareceu bello e util. Nem o temor dos deuses, nem das leis continham os homens. Desde que se via morrer indistinctamente tanta gente, nenhuma differença se estabelecia entre a piedade e a impiedade: demais, não havia quem acreditasse que seus dias se prolongassem até a punição de seus crimes. Cada qual temia muito mais a sentença já pronunciada contra si e suspensa sobre a sua cabeça: antes de ser atacado, queria ao menos gosar das voluptuosidades.» Tal era o estado moral e material de Athenas. No exterior, cercada de inimigos que talavam os campos e as propriedades. No interior, a *peste*, a mortalidade em massa, e toda a sorte de excessos e desordens.

XIX. Os Peloponesios, depois de ter devastado a planicie, dirigiram-se para o districto denominado —*Paralos*— situado ao longo da costa, entre o Pirêo e o cabo Suneo, e saquearam a parte, que olha para o Peloponeso, e em seguida, a que fica do lado da Eubéa e de Andros. Pericles, investido das funções de general, manteve o programma adoptado desde a primeira invasão: não consentio que os Athenienses tentassem sortida alguma.

Em condições tão difficeis, e enquanto os inimigos se

conservavam ainda na planície, e antes que podessem invadir o littoral, parou e equipou cem navios destinados a agir contra o Peloponeso, e apenas ficaram promptos, fel-os seguir. Esta frota conduzia quatro mil *hoplitas* (soldados armados com toda a especie d'armas) e tresentos cavalheiros embarcados sobre transportes expressamente feitos dos navios velhos. A esta expedição reuniram-se cinquenta barcos de Chio e de Lesbo. Quando estas esquadras se encontraram, os Peloponesios se achavam sobre o littoral da Attica.

Chegados a Epidauro, no Peloponeso, os Athenienses talaram a maior parte do paiz e tentaram levar de assalto a cidade, mas não o conseguiram.

Deixando então Epidauro, assolaram o territorio de Trezena, dos Halianos e de Hermione, situados sobre as costas do Peloponeso. Dali dirigiram-se para Prosias, cidade maritima da Laconia.

Depois de devastarem a campanha, apossaram-se da cidade e saquearam-na: em seguida, voltaram para Athenas, encontrando já evacuada pelos Peloponesios a região Attica.

Plutarcho fala de um eclipse do sol, que se deu na partida desta expedição; mas elle confunde visivelmente as epochas, como as confunde com relação ao apparecimento da epidemia.

O eclipse deu-se na primeira expedição e a epidemia manifestou-se logo após á segunda invasão dos Pelopo-

nesios, no segundo anno da guerra: (Thucydides, Liv. 2.º, Caps. 28 e 47) Foi na expedição anterior e na occasião de embarcar, que se observou o eclipse, que teve logar ao meio-dia e que atterrou o piloto do barco, a cujo bordo elle se achava, ao qual deu a explicação que se lê em Plutarcho nos termos seguintes :

« Pericles, vendo o piloto hesitante e atemorizado, poz-lhe o manto diante dos olhos e perguntou-lhe se via naquillo alguma cousa de sinistro ou de metter medo. O piloto respondeu-lhe que não.

Pois bem, replicou Pericles, que differença ha entre meu manto e o que causa o eclipse, a não ser que o que produz esta escuridão é muito maior do que o meu manto ? »

Durante a invasão dos Peloponesios, na Attica, e a expedição naval dos Athenienses, a epidemia continuou a despovoar Athenas. Ha quem affirme que o receio da *feste* apressou a retirada do inimigo.

« A verdade, porém, dil-o Thucydides (Liv. 2.º, Cap. 57), é que essa invasão foi a mais longa e desastrosa de todas, porque os inimigos não permaneceram na Attica menos de quarenta dias. »

N'este mesmo verão os Athenienses marcharam contra os Chalcidios, na Thracia, e contra Potidéa, cujo assedio continuava: mas, apesar do emprego das machinas de guerra, não poderam leval-a de assalto, não se fazendo nessa expedição « cousa que fosse digna das forças de que dispunham. »

A epidemia manifestou-se tambem no exercito. Os contingentes, que seguiram de Athenas sob o commando de Hagão, transmittiram a enfermidade aos que já se achavam em Potidéa. O chefe atheniense voltou para Athenas, a frente de quatro mil *hoplitas*, perdendo no espaço de quarenta dias, mil e quinhentas praças. O exercito antigo continuou o sitio de Potidéa.

XX. Tantos males ao mesmo tempo concorriam para desgostar e entristecer as massas populares, cuja boa fé e ingenuidade os inimigos de Pericles souberam explorar.

Ao illustre homem de Estado attribuiam não só a declaração da guerra, mas ainda insinuavam que elle era o unico responsavel de todos os desastres da Republica, e até da epidemia, porque fôra por ordem sua que a gente do campo se recolhera á cidade, medida que produsira a molestia.

Chegaram a obter que se enviasse uma deputação a Esparta para tratar da paz; mas essa deputação nada conseguiu.

Pericles, que via todos esses manejos e intrigas, ainda investido do cargo de general, convocou uma assembléa no intuito de esclarecer o povo e chamal-o ao dever. Subindo á tribuna proferio a seguinte oração :

«Não me surprehende a vossa irritação contra mim. Conheço-lhe os motivos. Eu vos reuni, porém, para vos exprobar vossa injusta colera e o deploravel desalento, de que estaes possuidos e para vos fazer entrar no dever.

Penso que o povo é mais feliz em uma cidade, em que o todo prospera, do que n'aquellas, em que os individuos se engrandecem e o Estado definha e deperece.

Qualquer que seja o bem estar individual, o individuo é arrasado pelos desastres da patria, ao passo que se experimenta revezes pessoas, encontra na prosperidade publica probabilidades de salvação.

Si é verdade que o Estado pode supportar os infortunios de seus membros, mas que estes não podem supportar os do Estado, claro está que o nosso primeiro dever é nos congregarmos para defendel-o.

Em vez d'isto, eis-vos aterrados por vossos soffrimentos domesticos e abandonando a salvação commum, accusando-me de haver aconselhado a guerra, e accusando-vos a vós mesmos de terdes adoptado os meus conselhos.

Assim atacaes em minha pessoa um cidadão, um patriota, inaccessible ás attracções do lucro, e que a nenhum outro cede, quando se trata de decernir e interpretar os interesses reaes do Estado.

Tanto vale não ter idéas, como tel-as sem o talento de communicar-as. Supponde reunidas estas duas qualidades: si aquelle que as possui é mal intencionado para com o Estado, não ha esperar d'elle um aviso salutar; si ama a patria, mas não é desinteressado, é capaz de tudo vender a troco do dinheiro.

Si emfim, na presumpção de que reunia mais do que outros, não importa em que medida, estas diversas quali-

dades, vós me acreditastes, quando opinei pela guerra; commetteis hoje uma grave falta, lançando-m'-a em rosto, como um crime.

Quando si é feliz e pode-se escolher, é loucura rematada emprehender a guerra: collocados, porem, na dura alternativa de soffrer immediatamente o jugo estrangeiro cedendo, ou de tentar a fortuna na esperança do triumpho, ha menos prudencia em evitar, do que em affrontar o perigo.

Eu não me desdigo: continuo a ser sempre o mesmo. Sois vós, que variaes: vós, que compartilhaveis a minha opinião na prosperidade, e que vos desmentis na desgraça. A fraqueza de vosso entendimento vos faz duvidar da certidão do meu. Cada um de vós só é sensivel aos males particulares, e perde de vista a utilidade publica.

Surprehendidos por grande e brusca calamidade, não tendes o coração bastante altivo para perseverardes nas resoluções primitivas. Nada abate tanto a coragem, como um mal imprevisto, instantaneo, que destróe todos os calculos.

E' o que vos succede em consequencia d'esta epidemia, que veio aggravar os vossos soffrimentos. Entretanto, cidadãos de uma republica poderosa, educados em instituições dignas d'ella, vosso dever é preferir as mais crueis provações a obscurecer a sua nomeada; porque os homens despresam tanto o que trae cobardemente a gloria propria, como odeiam o que se arroga á alheia. Calae, pois, vossas

dores privadas para vos preocupardes so e só da salvação do Estado.

Temeis que os trabalhos e fadigas da guerra se prolonguem desmedidamente sem vos dar afinal a superioridade. Basta-me assegurar-vos ainda uma vez que esse temor não tem fundamento; quero porem assignalar-vos uma vantagem, que possuis pela extensão do vosso imperio, á qual, parece-me, não sabeis dar o seu justo valor.

Eu mesmo descuidei-me de falar-vos d'ella nos meus discursos anteriores, e ainda hoje não vos apresentaria estas considerações desprezenciosas, si não vos visse entregues a um desfallecimento exagerado.

Julgais que commandaes apenas os vossos alliados; affirmo-vos, porem, quedos dous elementos, dos quaes pode servir-se o homem, a terra e o mar, d'este dispondes plena e absolutamente em toda a extensão, em que o occupais, e mais longe ainda, si o quizerdes.

Com a marinha, de que dispomos, nenhum rei, nenhuma potencia no mundo ha que seja capaz de fazer estacar as nossas esquadras em sua carreira.

Isto, muito mais do que essas casas e essas terras, cuja perda tão cruel vos parece, constitue a nossa força. Não é pois rasoavel que lamenteis tão amargamente bens, que, em comparação com o vosso poderio, não devem ser apreciados sinão como mesquinhos jardins e vãos adornos. Reflecti que, si soubermos por nossos esforços conservar a liberdade, esta facilmente reparará todas as vossas perdas,

ao passo que, submettendo-vos ao dominio estrangeiro, compromettereis até o que ainda hoje possuis.

Não nos devemos mostrar menos bravos do que nossos paes, que não herdaram este imperio, mas o conquistaram pelo trabalho e conseguiram mantel-o e nos transmittir. E' maior vergonha deixar-se um povo despojar-se do bem adquirido do que naufragar procurando adquiril-o.

Marchae, pois, contra vossos inimigos, não sómente com audacia, mas ainda com desprezo. Uma ignorancia feliz póde inspirar intrepidez até a um cobarde; o desdem, porém, só pertence aos que têm consciencia de sua superioridade.

Em circumstancias iguaes de fortuna, a intelligencia, na sabedoria de suas vistas, adquire uma audacia muito mais segura, porque ella repousa menos sobre uma esperanza vacillante, do que sobre o sentimento de suas forças, que lhe permite encarar mais nitidamente o futuro.

Vosso mais imprescindivel dever é não renunciar ás fadigas, a menos que não queiraes renunciar tambem á honra, para conservar á nossa cidade esse imperio, de que tanto vos glorificaes.

Não acrediteis que a questão se reduz a conservarmos ou não a liberdade: trata-se da perda de vossa preponderancia politica: trata-se de desviar os perigos attrahidos sobre nós por odios accumulados durante o nosso dominio.

Não, não é possivel que abduquemos, ainda quando,

por medo ou por amor ao repouso, vós vos sentissemos inclinados a tamanho sacrificio.

Si muito custou-vos a adquirir esta preponderancia, perigosissimo será despir-nos della, depois de tel-a conseguido. Os que vos aconselham isto, si forem ouvidos, ainda que fossem capazes de manter a liberdade, arruinariam o Estado. O repouso só offerece garantias alliado á energia.

Desastroso para o Estado, que commanda, só convém a um povo sem liberdade, ao qual elle garante uma pacifica escravidão.

Não vos deixeis, pois, seduzir por tão funestos conselheiros. Depois de vos haverdes pronunciado commigo pela guerra, não vos irriteis contra mim, posto que os inimigos, invadindo o nosso territorio, vos tenham feito sentir os males que devieis esperar desde o momento em que vos recusastes curvar diante delles.

A cousa unica que não se podia prever, e que veio desconcertar todos os calculos, é esta epidemia, que, eu o sei, mais do que tudo concorre para vos desencadeiardes contra mim. Nisto sois injustos, a menos que não queiraes tambem attribuir-me os successos imprevistos que poderieis obter.

E' preciso supportar com resignação os males que os deuses nos enviam, e com valor os que provêm dos nossos inimigos. Tal, outr'ora, era a maxima da Republica, e deve ainda hoje ser a vossa.

Considerae que, si a nossa cidade chegou ao apogeu da fama, foi isso devido a não ter jamais recuado deante dos inimigos nos combates, a ter prodigalizado mais sangue e empregado mais esforços do que outra qualquer: emfim, a ter adquirido o maior poderio que jamais existiu.

Sim, ainda que mostremos hoje alguma fraqueza, tudo é sujeito a decahir; a lembrança, porém, do nosso poder subsistirá até a mais remota posteridade.

Dir-se-ha que nós Gregos exercemos na Grecia o imperio o mais extenso: que fizemos face aos mais numerosos inimigos, reunidos ou separados, e, emfim, que habitamos a cidade mais opulenta e mais illustre.

Os amigos do repouso poderão contestar vantagens taes; o homem de acção, porém, verá nellas um motivo de rivalidade, e os que as não possuem, um objectivo de inveja.

Quanto ao odio que inspiraes, elle é a partilha de quantos aspiram a dominação. Ha sabedoria em affrontar odios, quando os intuitos são nobres, porque elles passarão e a gloria presente e futura será immorredoura.

Assegurae-vos, pois, de ambas, preparando desde agora, por vosso zelo, a admiração dos seculos vindouros e evitando a deshonra immediata.

Aos Peloponesios não envieis mais arauto algum: não vos mostreis acabrunhados pelo infortunio actual. Aquelles que resistem mais energicamente á adversidade, povos ou individuos, são os primeiros entre todos. »

XXI. As palavras do grande orador produziram o costumado effeito. Restabeleceu se de alguma fórma a calma no espirito publico, e o povo, como d'antes, mostrou-se partidario da guerra.

Os inimigos de Pericles, porém, não descançavam. Continuando no emprego dos meios reprovados, a que se tinham avesado, entretinham os pobres das privações que soffriam, falavam aos ricos da perda de seus valiosos dominios, de suas casas elegantes e de seus moveis sumptuosos. Em todas as occasiões faziam o contraste das doçuras da paz com os azares e perigos da guerra.

As massas populares são moveis e deixam-se governar mais pelo sentimento do que pela razão.

Sob a direcção dos habéis intrigantes, começou de novo o fermento da opinião contra a pessoa de Pericles, a quem afinal exoneraram das funcções de general e inflingiram multa de quinze talentos, segundo alguns, ou de cincoenta, segundo outros.

Pela nota que o leitor terá encontrado no capitulo 4.º deste trabalho, nota extrahida da 2.ª edição franceza de C. Cantu, o talento valia 5.500 francos. Na primeira hypothese, a somma se elevaria a 82.500 francos; na segunda, a 275.000.

Assim será facil reduzir á nossa moeda, ao cambio do dia, a quantia que devia pagar o grande servidor da Republica.

O accusador de Pericles, dizem uns, foi Cleon; outros,

Theophrasto, e ha tambem quem affirme que foi Locratidas.

As desgraças publicas não cessaram, nem diminuíram; dentro em pouco, o povo reconheceu o erro que cometera e a injustiça que praticara contra o homem de maior capacidade que tinha Athenas.

Pericles foi de novo eleito general, e a direcção de todos os negocios da Republica ficou em suas mãos.

« Durante todo o tempo que elle esteve á testa da administração, nas epochas de paz, governou com moderação, curou da segurança do Estado e elevou-o ao fastigio do poder: quando a guerra explodiu, foi ainda elle quem revelou aos Athenienses o segredo de suas forças. » (Thucyd., Liv. 2.^o, Cap. 55.)

Pericles viveu ainda dois annos e meio depois dos acontecimentos que acabamos de narrar.

Conhecida, como a tornamos, a vida publica desse eminente cidadão, gloria do seu seculo, já como orador, estadista, politico e administrador, já como guerreiro, estudemol-o no seio do lar, onde o homem que passa a existencia no meio das agitações e tempestades politicas, vae procurar conforto e alegrias para não desfallecer de todo, duvidando, como Bruto, da virtude, ao fechar os olhos aqui para abril-os na eternidade.

XXII. A vida privada de Pericles foi sempre isempta de maculas. Elle não descurava de seus interesses particulares,

apesar de viver constantemente preocupado com os grandes interesses da Republica.

Si jamais cuidou de augmentar, á custa de sua posiçãõ, como entre nós praticaram alguns, a fortuna herdada de seus paes, tambem a fazia administrar de modo que ella não diminuisse.

O producto de suas terras era annualmente vendido. Diariamente elle mandava comprar ao mercado o indispensavel para a manutenção de sua casa, onde tudo era modesto e nada se via do que ostentam as casas ricas. A receita e a despeza andavam *pari-passu*. O administrador de seus negocios privados tinha o nome de Evangelo, homem naturalmente intelligente, que Pericles soube aproveitar; entretanto, como na vida publica, teve elle tambem grandes desgostos no lar domestico.

Suas relações com Aspasia irritaram sua esposa e a desharmonia entre ambos chegou a tal ponto, que, de commum accordo, resolveram separar-se.

Pericles teve a fraqueza de desposar a cortezã, e tal era a sua paixão por aquella mulher, que corria como certo em Athenas que elle não entrava ou sahia de casa sem abraçal-a e beijal-a.

Do modo por que procedeu Aspasia, emquanto foi esposa do grande homem, nenhum dos escriptores, que consultamos, fala.

Depois de sua morte sabe-se, porém, que ella entabolou relações com um certo Lyricles, homem de baixa estofa,

negociante de animaes, de intelligencia abaixo de mediocre e que, graças a essas relações, chegou ás mais altas posições da Republica, tal era a influencia que ella exercia em Athenas, ainda depois da morte do esposo.

Seus filhos, aos quaes desagradava a economia observada em casa, desde que chegaram á adolescencia, foram os primeiros a desacreditar-o.

Xantippo, o mais velho, de genio dissipador e casado com uma mulher de indole identica, tomava dinheiro emprestado a um dos amigos de seu pae em nome d'elle; quando esse amigo exigiu o embolso das quantias, Pericles recusou-se ao pagamento e chamou-o aos tribunaes

« O joven, irritado contra o pae, tratou de desacreditar-o: ridicularisava as reuniões que elle celebrava em casa e as suas discussões com os sophistas: e contava que um dia, em que nos jogos um athleta, involuntariamente, matara com uma flechada o cavallo de Epitímio de Pharsala, seu pae passou um dia inteiro com Protagoras, a inquirir qual era, segundo a exacta razão, o verdadeiro auctor desse accidente, si a flecha, quem a havia arremessado, ou, emfim, os agonothetes (presidentes dos jogos).

Foi esse mesmo filho quem espalhou o boato de que Pericles vivia amasiado com sua mulher: emfim, este moço, que morreu da epidemia, conservou até o momento de expirar a maior animosidade contra seu pae. » (Plutarcho, Vida de Pericles, Cap. 55.)

A *peste* roubou-lhe uma irmã querida, alguns parentes

e amigos dedicados, que muito o auxiliavam na direcção dos negocios publicos.

Tantos golpes não o abateram, porém; sempre firme e altivo, ninguém o viu chorar ou lamentar-se; mas quando perdeu Parala, seu segundo filho legitimo, por maiores que fossem os esforços feitos para manter a mesma serenidade, a dor explodiu com violencia e o grande tribuno succumbiu: ao prestar ao cadaver os ultimos deveres, as lagrimas corriam-lhe pela face abaixo e soluçava de modo pungente.

* XXIII. Encerrado em casa, devorado de pezares, conservou-se algum tempo alheio á politica.

O povo atheniense não tardou a reconhecer a falta que commettera. Desgostoso com as mediocridades que o substituíram, investiu-o de novo das funcções de general, entregando-lhe o commando supremo.

Pericles reapareceu á frente da politica e tratou, desde logo, de fazer revogar a lei relativa aos filhos naturaes, que elle proprio propuzera e fizera passar. Essa lei determinava que não fossem considerados cidadãos athenienses sinão os nascidos de pae e mãe athenienses, e com tal rigor fora executada, que o numero dos considerados cidadãos de Athenas apenas attingiu a quatorze mil.

O povo, para dar-lhe uma nova prova de confiança e no intuito de attenuar-lhe os desgostos domesticos, sancionou a revogação da lei, auctorisando-o a mandar logo inscrever sobre os registros de sua tribu o nome de

seu filho bastardo, que foi esse segundo Pericles, que, no vigesimo sexto anno desta mesma guerra, com os nove collegas, como elle nomeados generaes dos Athenienses, obteve sobre os Espartanos a grande victoria das Argenis:as. (405 annos antes de N. S. Jesus Christo.)

Desses dez generaes, oito foram condemnados á morte, e executados seis que se achavam presentes em Athenas. O filho de Pericles foi um desses.

A epidemia continuava a grassar na cidade com mais ou menos intensidade e fazendo sempre victimas.

Pericles foi por sua vez affectado. A enfermidade não o atacou com a costumada violencia; ao principio fraca, teve, todavia, sempre uma marcha ascendente, contra a qual foram improficuos todos os recursos da sciencia e o zelo e a solicitude da familia e dos amigos.

Lançou-se mão de tudo, até desses meios que a credence popular, em todos os paizes e em todos os tempos, tem julgado proveitosos.

A um dos seus amigos, que foi visital-o, o grande estadista mostrou um amuleto, que, a rogo das mulheres, tinha consentido lhe puzessem ao pescoço, como para lhe provar o estado em que se achava, sujeitando-se a essa puerilidade. Athenas inteira cercou-o durante a sua molestia.

Chegou afinal o momento da agonia. O enfermo parecia ter inteiramente perdido os sentidos. Numerosos amigos enchiam o aposento em que elle expirava. Todos elles

faziam a apologia de sua vida e enumeravam as grandes acções que praticara.

Este falava de suas virtudes cívicas e privadas; aquelle, de suas victorias e dos trophéos que elle erigira para honrar a Republica: alguns, das grandes obras que havia realisado para embellezar a cidade, convencidos todos de que o moribundo já não os ouvia, quando elle, nas vascas da morte, replicou-lhes:

« Surprehende-me que, n'um momento como este, vos lembreis tanto de actos meus, em que a fortuna e outros homens tiveram tão grande parte, e vos esqueçaes do mérito unico que tive durante toda a minha existencia. Toda a minha gloria consiste em não ter derramado jamais o sangue de um atheniense: nunca levei o luto e a dôr ao lar de um só de meus concidadãos. »

Nobres palavras, que revelavam a grandeza de seus sentimentos e a bondade daquelle coração, e que nenhum dos que hão passado entre nós pelas regiões do governo, de 15 de Novembro até hoje, poderá, pelo mal que têm feito á nossa patria, proferir no momento supremo de partir para ser julgado no tribunal de Deus.

XXIV. O nome de Pericles é um dos mais dignos da sympathia e respeito da posteridade, que a historia registra.

De posse de um poder quasi absoluto, a sua moderação foi sempre a mesma no espaço de quarenta annos, em que foi arbitro dos destinos da Republica. A elevação de suas

vistas e sentimentos, o seu desinteresse e abnegação jamais se desmentiram.

Não entrou pobre para o poder com o fim de enriquecer, como alguns entre nós o fizeram. Nunca procurou augmentar os seus haveres á custa do Estado. Se não empobreceu, deveu á circumstancia da bôa administração que aos seus bens imprimiu por intermedio de Evangelo.

Emquanto teve em suas mãos a direcção do Estado, a democracia atheniense, como a brasileira, era apenas um nome, com a differença, porém, de que lá, no espaço de quarenta annos, elle, o mais habil, o mais capaz, o mais desinteressado e patriota dos cidadãos, respeitando sempre as fórmulas republicanas, conseguiu, pela correcção de seu procedimento e empregando sem cessar meios brandos e suasorios, que a vontade popular abdicasse na sua vontade.

Aqui, no espaço apenas de quatro annos, o povo tem sido espoliado dos direitos de que gosava e da soberania que exercia, pela violencia e pela fraude, postas ao serviço da ambição impudica e do desaso no primeiro periodo republicano, e agora, da incompetencia, dos arrebatamentos, da vaidade desorientada e dos calculos incontinentes da mediocridade apavonada.

Pericles dispunha de tudo: despendia á vontade as rendas publicas, fazia a paz e a guerra, quando lhe convinha; mas nunca provocou luctas fratricidas, nem jamais dividiu os seus concidadãos em vencedores e vencidos. Gastava-se

em Athenas o producto do imposto, suor do povo, mas a cidade era embellezada, a marinha inteiramente restaurada e o exercito posto em pé de resistir aos mais poderosos inimigos.

Athenas era de facto a capital da Grecia inteira e estendia a sua influencia e predominio politico sobre todos os paizes conhecidos.

A Grecia é um paiz pequeno e naturalmente pobre : uma administração proibidosa fel-o rico e grande. O Brazil é um territorio vastissimo e dotado pela Providencia de riquezas naturaes prodigiosas, e politica e financeiramente era considerado a primeira nação da America do Sul : em quatro annos, só quatro, perdemos toda a importancia politica de que gosavamos e somos cotados abaixo das republicas hispano-americanas mais desacreditadas da America : a guerra civil, peor do que a *peste* de Athenas, aniquila a seiva nacional, que ainda restava, e só desgraças e ruinas se vêem por toda a parte.

O povo lucha com a pobreza e a fome pelo peso dos impostos, que não chegam para saciar o appetite do minotauro terrivel. Assoberba-nos um *deficit* monstruoso e a banca-rota nos ameaça.

Tal tem sido a obra dos homens que neste curto periodo hão passado pelas regiões do poder! E tudo isto em nome da Republica, instituição incontestavelmente superior á monarchia, por sua natureza mais de accordo com a dignidade humana ; mais do que outra qualquer fórma

de governo apta para fundar a liberdade e engrandecer um povo, respeitavel por sua natureza e que, iniciada com probidade vulgar e senso commum, podia hoje merecer o culto dos brazileiros, ao passo que dirigida como tem sido, só inspira desconfiança pelo passado, receio e medo no presente e terror pelo futuro !

XXV. A morte de Pericles foi uma verdadeira calamidade para Athenas. Os seus successores foram todos muito inferiores a elle, assim como os novos estadistas republicanos o são aos do imperio. E' que eram, como os nossos, ambiciosos vulgares, sem um objectivo grande, luminoso, capaz de apaixonar a alma e empenhal-a na obra do bem.

« Os sete annos que se seguiram á sua morte, escreve Cesar Cantu, não nos ensinam outra cousa além do grão de habilidade a que póde attingir o homem na arte de fazer mal aos seus semelhantes. »

E' o que se tem dado entre nós: a differença consiste apenas em que, n'aquelle tempo, a arte alli era fazer mal aos reputados inimigos estrangeiros, e aqui é destruir os nossos proprios concidadãos e o paiz com elles.

Depois de seu passamento é que se reconheceu a profundidade de suas vistas e a exactidão de seus calculos.

Thucydides, no Liv. 2.^o, Cap. 55, fala assim desse homem, que se immortalisou :

« Elle havia dito aos Athenienses que se mantivessem socegados e cuidassem de zelar a sua marinha, sem procurar estender os seus dominios durante a guerra e sem

expor a existencia da Republica, que elles acabariam por triumphar. Sobre todos estes pontos elles fizeram exactamente o contrario.

Para satisfazer ambições e cobiças privadas, organisaram, afóra a guerra, empresas tão funestas para si, como para os seus alliados. O successo dessas empresas, quando muito, trazia honra e proveito a individuos, ao passo que os revezes arrastariam consigo a ruina do Estado.

A razão é simples. Graças á elevação de seu character, á profundeza de suas vistas, ao seu desinteresse illimitado, Pericles exercia sobre Athenas um ascendente incontestavel: dirigindo a multidão, conservava-se perfeitamente livre; não devendo o seu credito senão a meios honestos, não tinha necessidade de lisongear as paixões populares; sua consideração pessoal permittia-lhe affrontal-as com auctoridade.

Via, por accaso, os Athenienses arrebatados por uma audacia intempestiva: sabia atterral-os com a sua palavra. Sentia-os abatidos sem motivo, possuia a arte de animal-os. Em uma palavra, a democracia subsistia de nome; mas, na realidade, era o governo do primeiro cidadão. *

Plutarcho, no ultimo capitulo da vida de Pericles, assim se exprime:

* Os que durante a sua vida supportavam com mais impaciencia um poder que os offuscava, apenas, depois de sua morte, experimentaram outros oradores e outros chefes populares, viram-se forçados a confessar que pessoa

alguma jamais fora mais moderado do que elle na severidade, nem mais grave na doçura. »

Esse poder, que elles qualificavam de monarchico e tyranno, salvara a Republica. . . .

Os nossos futuros presidentes do regimen presidencial, que, no fundo, outra cousa não é senão o governo de um só, devem estudar a vida de Pericles e imital-o em tudo, si não quizerem ver desabar de uma vez o edificio tão mal construido, a que se deu o nome de Republica.

XXVI. A maior parte dos cidadãos que exerceram antes de Pericles influencia politica em Athenas, eram mais homens de guerra do que oradores.

O proprio Cimon, o filho de Milciades, rico, liberal, deveu antes ás recordações de Marathon e á sua capacidade militar, do que á sua aptidão para a tribuna, a auctoridade e o prestigio de que gosou entre os seus concidadãos.

Pericles, porém, é o typo do politico e do orador. N'elle o soldado completa o estadista. Do pouco que conhecemos de sua eloquencia, póde-se concluir que elle reunia, no mais alto gráo, todos os requisitos que constituem o orador consummado. Tanto primava pela fórma, como pela sabedoria e profundeza dos conceitos, reunindo qualidades phisicas que o tornavam irresistivel.

Sua figura era imponente e sympathica ao mesmo tempo: a voz sonora, argentina e retumbante, fazia-se ouvir claramente ainda de longe. Temperamento nervoso, alma apaixonada por tudo quanto era bello e grandioso, presença

de espirito imperturbavel, recursos de toda a ordem deram-lhe incontestavel direito ao titulo de *Olympico*, que os seus contemporaneos lhe conferiram.

Demos dois dos tres discursos por elle pronunciados, segundo affirma Thucydides. Nós os temos por authenticos, ainda que convencidos de que o historiador de alguma fórma os resumiu. O que, porventura, ganharam elles em força e concisão, sob a pena do notavel escriptor, talvez tivessem perdido na amplidão e no brilho da fórma, que caracterisavam a dicção de Pericles.

Na phrase de Eupolis, elegantemente traduzida por Latino Coelho, o grande orador conseguia «deixar no animo de seus frementes auditorios o aculeo da palavra, depois de epilogada a oração.»

Logo após a sua morte, Aristophanes representa-o, como Jupiter Olympico, a despedir raios, ao ribombar de trovões, abalando a Grecia até os alicerces. Na opinião de Cicero, deveu elle a Anaxagoras o papel brilhante que representou na politica grega.

No seu dialogo intitulado — *Phedro* — Platão figura Socrates dizendo que Pericles excedeu todos os outros oradores por ter sido discipulo de Anaxagoras, e que este philosopho lhe ensinara, entre muitas outras cousas, qual o genero de discursos proprios a produzirem impressão sobre cada uma das faculdades d'alma.

E' com effeito incontestavel que as grandes qualidades

naturaes de que era elle dotado aperfeiçoaram-se com as lecções e com a convivencia do philosopho.

« Pericles adquiriu (diz Plutarcho) com as lecções de Anaxagoras o conhecimento dos phenomenos da natureza; e d'ahi vieram-lhe a elevação e a gravidade do espirito, a elocução nobre e isempta das affectações da tribuna e da baixeza do estylo popular, e, ao mesmo tempo, a austeridade da physionomia, em que jamais desabrochava o riso, a tranquillidade do andar, a simplicidade do porte e gesto e até do trajar, sempre correcto, quaesquer que fossem os sentimentos que o agitassem, o que fazia delle objecto de universal admiração. »

Antes de Anaxagoras, fora seu mestre Zenon de Elêa, que o havia iniciado nos segredos da dialectica e das sciencias especulativas.

Pena é que todos os seus discursos não tenham chegado até nós. Pelos tres que lemos em Thucydides pôde-se conjecturar que seriam monumentos immorredouros da eloquencia grega. Quer pelos seus extensos conhecimentos, quer pelo seu talento natural, pôde-se dizer que, tanto quanto é possível á fragilidade humana, Pericles, como orador, conseguiu attingir á perfeição.

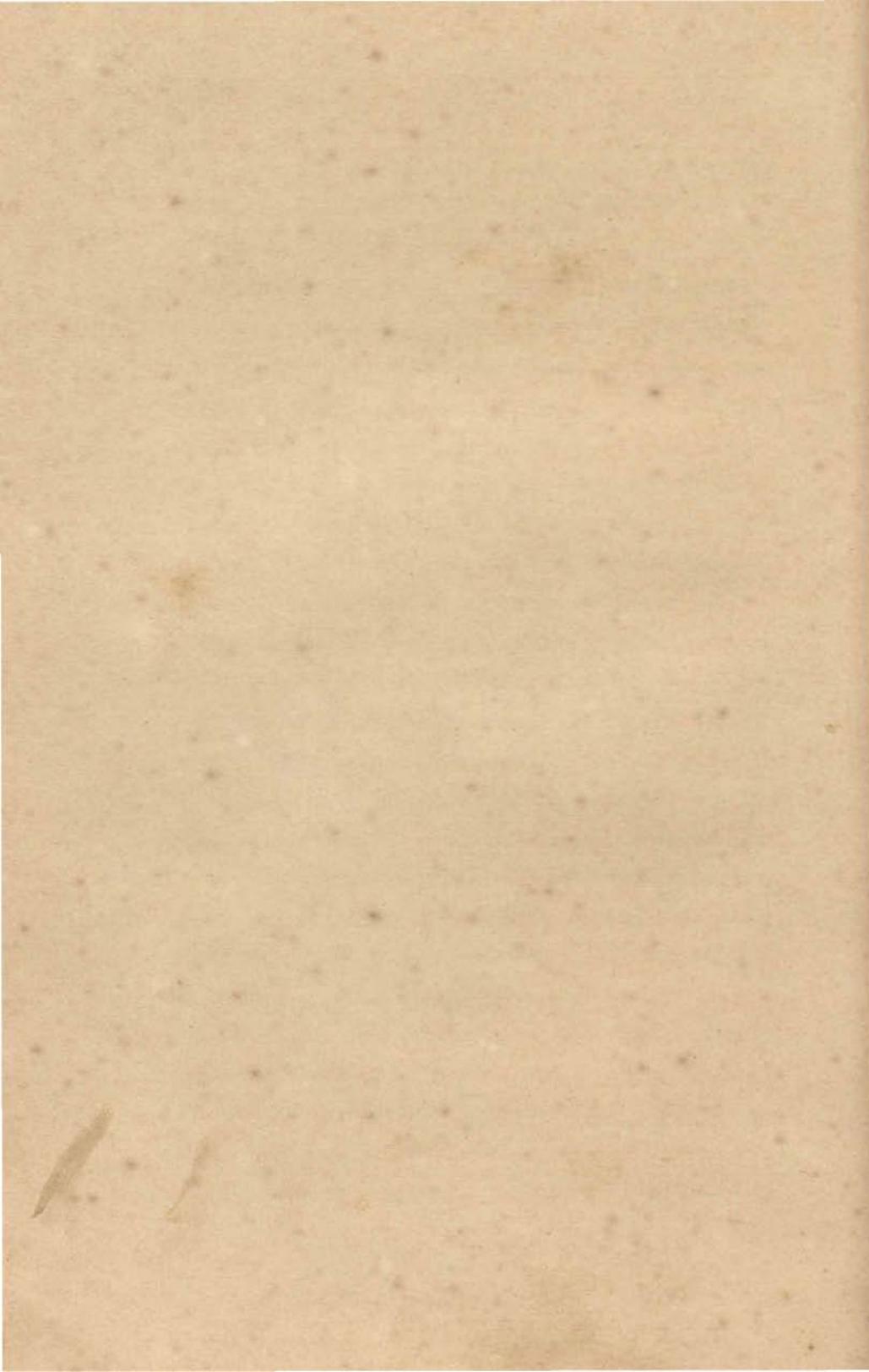
O grande chefe da democracia atheniense morreu entre o quarto e o quinto anno depois de começada a guerra no Peloponeso, e, pois, com sessenta e cinco annos de idade pouco mais ou menos.

Cerrando os olhos na terra, ao encher os dias que passou

pela existencia, sempre votada ao serviço da patria, Pericles não desapareceu no tumulto, sinão para viver no tempo e reviver na eternidade, legando á posteridade lecções de probidade administrativa e politica, que todos os homens publicos devem imitar.

Fim da vida de Pericles







ATHENAS NO TEMPO

DE

DEMOSTHENES

O papel do homem politico depende mais das circumstancias do que da vontade propria: falamos do politico cujo objectivo é o engrandecimento da patria, e não desses ambiciosos vulgares, que só têm um movel para todos os seus actos — o interesse individual.

Estes, tão abundantes no Brazil, sempre existiram e existirão em todos os tempos e paizes; mas, ainda quando disponham do talento de Demades. perante os contemporaneos, como perante a posteridade, não passarão jamais de mercadores.

Conhecer, pois, as condições sociaes e politicas do Estado, no qual tão saliente papel representou o grande orador cuja vida vamos descrever, parece-nos indispensavel para habilitar o leitor a julgal-o com justiça; quaesquer, porém, que fossem os nossos esforços para attingir este *desideratum*, jamais o conseguiríamos tão completo, no fundo

e na fôrma, como realisou-o o erudito escriptor portuguez e primoroso estyllista Latino Coelho, na sua monumental introducção ao *Discurso da coroa*, do qual, em seguida, transcrevemos a ultima parte.

« E' nos tempos de Demosthenes que a sciencia, a arte, a litteratura têm chegado entre os hellenos ao fastigio.

Todas as varias expansões da actividade espirital se tem ido parallelamente acompanhando, de maneira que em nenhuma dellas se podesse dizer mais quinhoada a cultura nacional.

Si a rasão especulativa alcança os principios universaes da philosophia e da sciencia e sabe dictar ao mesmo passo ás futuras gerações os lineamentos capitaes do systema do mundo e os fundamentos immutaveis da humana sociedade, na ethica e na politica: si a perfeição artistica deixa exhaustas, pelas suas arrojadas composições, as fontes da invenção, a phantasia poetica sabe architectar uma immensa litteratura e á magestade e á grandeza das obras hindostanicas ajunta a graça, a correcção e a unidade, que, auxiliadas por uma admiravel, opulenta e euphonica linguagem, caracterisam as artes da palavra entre os hellenos.

Si nos *epos* nacionaes e mythologicos a Grecia tem antecedentes, mas não modelos, nas antigas epopéas aryanas, si no theatro lhe correspondem os povos orientaes, si na lyrica se lhe podem contrapor os hymnos vedicos, e as divinas modulações dos prophetas e cantores em Israel,

ha dois generos litterarios, que seria affronta ao genio grego não chamar-lhes oriundos e nativos do solo fecundissimo da Grecia: a eloquencia e a historia; a eloquencia, como a formosa esculptura da oração e da palavra; a historia, como systema racional e elegante exposição das vicissitudes e successos na existencia das nações.

Nenhum povo antigo poderia enviar a certame com Thucydides e Herodoto os seus descosidos narradores e os seus analystras desornados.

Nenhuma dentre as barbaras monarchias do Oriente poderia siquer advinhar que a oratoria fosse ao mesmo tempo, n'uma livre democracia, uma arte litteraria e uma instituição essencial, o *bello* posto a soldo do *bom*, a palavra tomando nas solemnes congregações da soberana multidão os fóros da regia auctoridade, a tribuna levantada, como supremo principado, no logar do throno antigo, o orador exercendo pelo encanto de seu verbo o imperio sobre os seus concidadãos e justificando a sua ephemera, porém gloriosa dictadura com esta maravilha, que os reis não podem alcançar — a de reger as turbas insoffridas com o unico prestigio do talento, a de soffrear ou impellir a seu talante o *démos*, a multidão, o mudavel, o fogoso, o indomito corsel com o delicado fio da palavra.

Na Grecia despontou, creceu e prosperou, como dote singular d'aquelle povo, a arte da tribuna.

Não a trasladaram para alli os rhetores da Sicilia, os Corax, os Tisias, nem os imaginosos e grandiloquos

sophistas, os Gorgias, os Prodicos, os Hippias, que ensinaram e transmittiram aos hellenos os segredos e artificios da palavra.

Nos povos democraticos, a tribuna é uma necessaria instituição antes de ser uma arte aprimorada: ás maravilhas da esculptura antecede a imagem grosseira dos numes immortaes; aos prodigios architectonicos, o desornado, modesto domicilio.

Quando a multidão é o soberano, a palavra é o instrumento no governo da cidade.

Antes de haver sophistas nem rhetores já existem illuminados cidadãos, que dirigem e encaminham as deliberações da turba varia.

Não se colligem as orações, nem se gravam na memoria as phrases dos oradores.

A palavra na tribuna passa revoando sem deixar, após a deliberação, o minimo vestigio.

Ninguem suspeita ainda nem de longe que o discurso proferido para acudir pela salvação ou pela honra da Republica possa ter alguma cousa de commum com as formosas composições que os rhapsodes e aldos vão descantando pela Grecia, conciliando as deleitações da phantasia com a gloriosa recordação dos feitos e das grandezas nacionaes.

Ninguem, n'esses rudes e singelos principios da tribuna, advinha, porventura, que do engenho concionatorio, que Ulysses pela gravidade, Nestor pela doçura, Menelau pela incisiva brevidade, ostentam nas guerreiras assembléas

da Illiada, se passará por suas pautadas gradações até este ponto culminante, em que a eloquencia ha de ser arte, e perdida a transitoria utilidade conservará mais pura e mais brilhante a fórma esthetica e como inimitavel monumento litterario entrará na mesma plana com as mais sonoras modulações da lyrica e as mais altas concepções da epopéa.

Tal a estatua do nume, quando a crença pagã já não empresta a divindade ao bronze e ao marmore do artista, ainda nos vindouros desperta admiração, sinão por divina, por formosa.

Além do engenho peculiar do povo grego, desta genial inspiração com que elle sabe, logo ao primeiro assomo de cultura, communicar a dignidade e a grandeza ás suas multiformes creações e dourar com a luz do bello quanto ha de commum e de vulgar, podemos affirmar que de tres fontes manou a eloquencia artistica de Athenas.

Primeiro, o uso frequente e necessario da palavra n'um povo que a si mesmo governa e que tem na praça publica o centro de sua actividade politica e social.

Segundo, o cultivo prodigioso dos espiritos em todas as varias direcções do pensamento e da imaginação.

Terceiro, finalmente, o influxo dos sophistas, que fizeram da oratoria uma como esgrima intellectual.

A' primeira e mais antiga phase da tribuna pertenceram Solon e Pisistrato.

E' ainda a palavra simples, desataviada, que procura antes os seus triumphos na rasão que nas paixões.

Ao segundo estadio correspondem Themistocles e Pericles.

Já o verbo dos oradores se inflamma e se arrebatá, sem todavia commutar pelas graças do dizer e pelos effeitos scenicos da acção, a magestade severa da tribuna.

No terceiro periodo se incluem finalmente os mais facundos e valentes oradores.

E' no tempo em que todos os thesouros da tradição e da poesia, todas as riquezas da philosophia e da sciencia, todos os primores da lingua attica, todos os sentimentos que agitam e commovem a Grecia no seu grande esplendor e na sua moral degradação, todos os successos assombrosos que dramatisam a vida hellenica, se enfeixam e concentram em Athenas e se conglobam na tribuna, que, levantada por Demosthenes á mais subida altura, é a ultima representação do genio grego.

A's tres phases da eloquencia respondem cabalmente as tres epochas da arte.

Em Solon o puro naturalismo. O *util* antecede ao *bello*.

Em Pericles, encarna-se o genio magico de Phidias. A *magestas* é ao mesmo passo o character do estadista e a feição do estatuário.

A Pericles, pela altiva gravidade e magestosa composição dão-lhe o titulo de *Olympico*.

E' a rasão que fala, a auctoridade que se impõe aos seus

concidadãos, como o *Zeus* de Phidias não é apenas o *bello* que enfeitiça, mas o deus que terrifica pela omnipotencia de seu raio.

E' a philosophia que se disfarça na toga do tribuno. E' Anaxagoras que, pela bocca do eminente cidadão, traslada para a vida democratica as conquistas da sciencia e os beneficos influxos da sublime especulação.

Ainda a technica da palavra não está reduzida a preceito e formulario: E comtudo o talento e a sciencia dão talvez ao verbo de Pericles a força e o enlevo que nas orações de Burke produzia a immensa erudição.

E todavia, segundo o testemunho dos antigos, a innata inspiração do facundo demagogo não precisa de estudados artificios para arrebatara ao sabor dos seus desejos o voto da *ecclesia* pendente de seus labios, e exercer — monarcha da opinião — a dictadura pela vehemencia e terror da sua palavra.

Ainda Gorgias não ensinou a equilibrar no discurso os vocabulos e os incisos, e a pedir á antithese os effeitos da oratoria. E já Pericles, no dizer de um antigo, alcança deixar no animo de seus frementes auditorios o aculeo da palavra, depois de epilogada a oração.

No terceiro periodo, a eloquencia, sem perder nos engenhos de eleição a alteza do conceito e a magestade estatuaria, anda attenta á opulencia dos ornatos e ás minucias de uma artificiosa execução.

N'esta epoca a deleitação e o goso sensual é a mais vehemente predilecção do atheniense.

O oiro destinado ao estipendio dos exercitos e das triremes em defensão da patria ameaçada é desviado para pagar as sumptuosas festas do theatro.

Então o orador, á semelhança do estatuario, já não póde exclusivamente endereçar a inspiração aos animos, que apreciam a idéa, mas tem de lisongear os sentidos, que apetezem o prazer.

As *argutiæ operum* de Lysippo trasladam-se da estatua á oração.

Sob o influxo dos rhetores e dos sophistas, a palavra, na elegancia rebuscada e na symetrica estructura, é superior ao pensamento, assim como para os esculptores da escola de Praxiteles o avelludado e macio das carnes feminis e os contornos elegantes em que o marmore se faz voluptuoso, constituem, acima da austera idealidade, o mais fagueiro encanto da arte sensual.

Já o falar não é apenas uma natural funcção do espirito. E' uma arte, um technismo, um officio intellectual, que se póde aprender segundo um methodo, com tanto que a natureza contribúa com estro e vocação.

A illusão é, como nos tempos ultimos da estatuaría e da pintura, o principal empenho do orador.

A traça, o ornamento, a symetria do discurso vão sempre encaminhados a dobrar, deliciando-o, o espirito do ouvinte,

a substituir no auditorio a persuasão, á evidência, a verdade, á commoção.

O fim do orador não é, como o do philosopho, allumiari o entendimento em demanda do honesto, do justo e verdadeiro, sinão fazer da palavra um instrumento de combate, egualmente poderoso, como as armas da guerra material, para dar o triumpho ao crime e á innocencia, ao demagogo exempto e virtuoso e ao dissoluto e perdido sycophanta.

Mas esta direcção, puramente sensual e formalista, que ameaça desde os seus primeiros tempos de cultura abastardear a eloquencia, confrangendo-a e atormentando-a no leito de Procusto dos rhetoricos de ofício, tem felizmente o seu moderador e contrapeso em outras impulsões, que vem estimular poderosamente o espirito dos oradores athenienses.

Entre as fórmãs robustas e massiças da antiga estatuaria, *quadratas veterum staturas*, e os typos convencionaes de Polycleto, entre o escopro, que se esquece da natureza, e o cinzel, que demais se lembra da arte, apparecem as effigies, em que a arte e a natureza, o artificio e a verdade, se apertam e se abraçam irmãmente.

Assim tambem, entre as formas oratorias das eras primitivas e as estudadas elegancias de Gorgias, de Thrasy-macho, de Prodicó, a eloquencia verdadeira, antes de seus ultimos triumphos com Demosthenes, sabe inspirar a Antiphonte e a Thucydides, ou trovejadas na *ecclesia*, ou phantasiadas da historia, as sonoras e graves orações,

em que a exuberancia e o peso dos ornatos não deslustram nem opprimem a austera belleza e castidade á musa da tribuna.

Si os sophistas e os *logographos*, votados a escrever orações e apologias, que alheias boccas deveriam declamar, tendiam por uma parte a exalçar a fórma acima do pensamento, a subordinar aos regrados artificios da rhetorica a livre inspiração dos oradores, por outra parte as condições especiaes da vida publica na tormentosa democracia, a turbação dos tempos e das facções, as scenas epicas e os cruentos episodios de que então se entretecia a historia da Republica, os destinos de Athenas e da Grecia jogados na aventureosa contenção da autonomia grega e do jugo macedonio, levantavam os espiritos hellenicos e impunham á tribuna mais graves obrigações do que polir e arredondar os periodos euphonicos, de repartir no contexto da oração os *isocolos* e as antitheses e de esquecer pela superstição do numero e da eurythmia a patria e a liberdade, prestes a naufragar e a perecer na procella dos partidos e na invasão do fero dominador.

A rhetorica não chegaria a ser jamais eloquencia, si a calmaria das modestas e pacificas republicas tivera deixado silenciosa a altiva tribuna atheniense.

Demos que a philosophia e a sciencia haviam alcançado nos seus vãos as mais subidas eminencias ; que o engenho hellenico chegara ao maior cultivo e expansão ; que a arte multiplicara aos olhos dos hellenos em cada cidade,

em cada burgo, nos templos e nas acropoles as suas infinitas maravilhas; que a poesia conquistara esta inimitavel perfeição de fórma e colorido; que as modernas litteraturas, desesperando de imitar, se empenham baldadamente em exceder.

Supponhamos que em cada atheniense que assiste aos prodigios da tragedia nas Dionysiacas ou ao trato dos negocios; na amplidão do *agora* ha um espirito tão culto e entendedor do *bello* e do sublime, como si o talento, o gosto, o sentimento no mesmo gráo estivessem repartidos entre os grandes oradores e estadistas e a plebe commum e illetrada.

Congregae á *ecclesia* os athenienses que tem voz na assembléa.

Annunciae que se vae tratar de um assumpto familiar.

Apagae as fronteiras dos partidos,

Afastae a propria sombra das paixões.

Dae á Republica no interior a concordia e a união, a segurança e a paz no exterior.

Mandae o arauto a convidar os que desejam aconselhar e propor sua tenção.

Pensaes que vae dalli surgir fremente e improvisa a tempestade, com os trovões que estremecem, mas ecoam, com os raios, que derribam o edificio, mas desenham no céo os sulcos e listões da etherea claridade?

Nada disso. Tereis apenas o silencio approvador ou a fria e pedestra discussão.

Ora, a eloquencia, na sua mais perfeita consagração, o discurso parlamentar, é a palavra a fazer-se corpo das idéas, que arrebatam e commovem a humanidade, é a paixão, que se depura das suas carnaes imperfeições para servir ás grandes causas populares.

Si para haver eloquencia é preciso primeiro que haja povo — que elle só é o mais apto juiz e avaliador — para que o povo se agglomere em volta da tribuna é forçoso que a eloquencia beba no ambiente a aura dos epicos successos.

Havia rhetorica na França no tempo da monarchia.

A's vezes furtivamente fulguravam por entre a mystica elevação da homiletica sagrada as chispas da oratoria popular, como na oração funebre de Condé.

Mas a verdadeira eloquencia voou aos maximos arrojos nas azas da revolução.

A eloquencia datou as suas victorias daquelles dias, em que os grandes oradores das assembléas revolucionarias faziam a fórmula e a palavra, e as turbas, derrocando os muros da Bastilha ou vencendo nas batalhas as hostes do despotismo, fabricavam aos eminentes oradores o assumpto e a inspiração.

E' cabalmente no tempo de Demosthenes que se passam os mais notaveis acontecimentos na historia de Athenas e da Grecia.

Houvera antes a lucta gloriosa entre o Occidente e o Oriente, entre a expansiva civilisação da Europa,

representada pela Grecia, e a civilização estacionaria dos povos asiaticos, figurada nas hostes do *grande rei*.

Mais tarde, por vinte e sete annos, a guerra fratricida assolara as povoações, talara os campos e tornara cada vez mais intractaveis e rebeldes á concordia e unidade as cidades e as republicas da Grecia, empenhadas no sangrento litigio, em que Athenas e Sparta contendiam pela hegemonia e principado.

Nem o esforço, porém, da Grecia heroica, sustando ou repellindo nas Thermopylas, em Mycale, ou em Platéia, a torrente da asiatica invasão, nem a lucta civil do Peloponeso tiveram nos destinos geraes da humanidade a larga influencia e a profunda significação com que a historia assignalou os tempos derradeiros da liberdade hellenica.

A Grecia tinha sido para a sciencia e para a arte, o cerebro do mundo, para a vida social o fecundo laboratorio, onde estavam resolvidos os problemas mais difficeis da constituição politica, a unica nação que em toda a antiguidade soubera levantar os homens a cidadãos, os cidadãos a soberanos collectivos.

Estava alli mais do que em embryão mal bosqueja da a moderna civilização.

Faltava somente que ao pensar da Grecia viesse corresponder a livre locomoção, para que das estreitas comarcas, onde crescera e prosperara, se podesse diffundir o seu espirito.

Sobre o particularismo hellenico, onde o predominante

sentimento era a independencia e a liberdade, era forçoso levantar uma civilização cosmopolita.

Urgia, por utilidade universal, como que expropriar a Grecia de todos os seus thesouros de engenho e de cultura.

Ao pequenino mundo de Athenas e de Sparta cumpria substituir, alargando-o, o mundo hellenisado.

Este benefico movimento de expansão cifrou-se no helle-nismo.

Os seus instrumentos mais poderosos foram Philippe e Alexandre.

Tambem a revolução universal, inaugurada nas idéas pelo fecundo genio de Paris, a nova Athenas do espirito e da liberdade, pediu á espada vencedora de um forasteiro, quasi um barbaro, que dilatasse pelo mundo a nova idéa e tornasse concreta pela força e pela gloria a unidade mystica da Europa e a abstracta noção da humanidade.

E' nos tempos de Demosthenes que se inflamma a lucta entre a liberdade grega e a futura civilização, ainda occulta por detraz do broquel do macedonio.

Demosthenes representa o egoismo atheniense, egoismo generoso, patriotico sublime de heroica devotação e de gloriosa pertinacia.

Philippe e Alexandre consubstanciam a aspiração da humanidade, (*) aspiração porventura inconsciente ou

(*) Neste ponto divergimos profundamente da opinião do illustre escriptor.

nebulosa, mesclada de ambição e de vaidade. O partido atheniense em frente da parcialidade macedonica.

Em ambas uma parcella de verdade.

Em Demosthenes o culto da liberdade e da justiça e o principio sacrosanto do governo local e autonomico.

Em Philippe e Alexandre o vago, mas feliz presentimento de que acima da intolerancia patriotica estão os vinculos e os interesses que suprimem para a vida commum da humanidade as fronteiras das nações.

Demosthenes é a eloquencia que defende o estreito lar domestico, para o sequestrar ao contacto impurissimo dos barbaros.

Alexandre é a espada que supera a eloquencia para alargar a civilisação e chamar os barbaros á communhão das idéas e principios iniciados pela Grecia.

A uma e outra parte se enfileiram os mais illustres oradores que viu a antiguidade.

No partido anti-macedonico, Hyperides, tão celebrado por defensor de Phryné, como por accusador de Demosthenes no processo de Harpalo, orador mais attento á viveza e energia da oração que á selecção escrupulosa dos vocabulos: Lycurgo, o accusador severo de Leocrates, que, pela doutrina de Platão, fortalece o animo enlevado na admiração dos espartanos e imprime nas suas orações a dignidade moral e a nobreza do sentimento: Callisthenes, de quem Alexandre, arrogante pela victoria, pede aos athenienses a extradicação com Demosthenes e Lycurgo:

Hegesippo, de Sunion, cujas orações eram mais puras que a vida habitual: Polyeucto, de Sphetto: Diotimo, Nausicles.

Entre os oradores e demagogos philippistas sobrelevam pelo talento eivado pela corrupção e demasia das paixões, antes de todos, Eschines, o mais duro adversario de Demosthenes: Demades, o ardente improvisador, cuja palavra eloquentissima o não pôde absolver da tacha infamante de traidor e vendido, orador tão altamente reputado, que muitos na antiguidade o antepuseram a Demosthenes, julgando a este como orador digno de Athenas, a Demades, por maior que a sua patria; Dinarcho, a quem falta no mesmo gráo a originalidade na oração, a firmeza no character.

Longe delles, pela virtude, Phocion, finalmente, a quem deram por cognome — o probó — o singello, o forte cidadão, que, tendo sido quarenta e cinco vezes *stratego* e ceifado loiros gloriosos, preferia a paz honesta ás contingencias da victoria, o orador que professava a alliança macedonia sem traição nem affronta da Republica, e sabia ser amigo de Alexandre sem macular as mãos no oiro corruptor.

A esta epoca pertencem os maiores successos e os homens mais illustres: os acontecimentos que mais influem na marcha da humanidade e os nomes que com maior esplendor e luzimento a Grecia transmittiu aos seus vindouros.

Os sabios e os philosophos cujas obras chegaram até nós,

Platão e Aristoteles, Theophrastó e Xenophonte: os artistas os mais perfeitos, Apelles, Protogenes, Sysippo: os grandes generaes, Phocion, Chabrias, Iphicrates, Thimotheo: os eminentes estadistas e republicos Aristophonte, Cephalo, Callistrato, Eubulo, Lycurgo, Hyperides, Timarcho e os dois athletas da tribuna, Demosthenes e Eschines, que, inflammados pelo talento e pelo odio, se abraçam e se ferem, se estreitam, se prostram e se levantam novamente, disputando, ao mesmo passo, a cabeça, a popularidade e a victoria.

Nunca na Grecia e em Athenas, principalmente, haviam os successos attingido a maior gravidade e consequencia, nem as paixões se tinham incendiado mais implacaveis e ardentes, como que apostadas em ajudar a fortuna dos contrarios e a decadencia da Republica.

Dois homens extraordinarios, os mais audaciosos e felizes capitães da antiguidade, antes de Roma, concebem e executam o plano ambicioso da monarchia universal.

Philippe, alliando a astucia e a prudencia do estadista e do politico á sciencia do general e á coragem do soldado.

Alexandre, conciliando no seu animo heroico e romanesco as largas concepções do chefe dos exercitos e a arrogada galhardia do intrepido aventureiro.

Um, artificioso e refochado. O outro, desdenhando a fraude e a mentira, e confiando á espada e á fortuna, á magnanidade ou á crueza, segundo o reclama a conjunctura, o exito feliz de suas emprezas.

O primeiro, tactico exemplar; o segundo, inimitavel estrategico.

Um, fazendo da Grecia o campo de manobras, onde exercitar os seus guerreiros, o outro, julgando o mundo conhecido ainda estreitissimo theatro á marcha triumphal das suas phalanges, desde o Istro até Hyphasis.

De um lado os macedonios empenhando as insidias ou as armas em realisar pela submissão da Grecia ao seu imperio a unidade que as republicas perpetuamente divididas não sabem consolidar.

A' outra parte Athenas, Thebas, Sparta, pelejando rijamente pela suspirada hegemonia.

Na republica de Phocion e Demosthenes uma estranha e singular alternativa de virtudes e de baixezas, de victorias e desastres.

A heroica fortaleza e o desanimo covarde.

Ao entusiasmo succedendo a tibieza : á circumspecção a leviandade.

O povo atheniense exagerando até á arrogancia imprevidente a confiança na sua força e no seu nome : e logo, timido e inerte, desesperando de resistir aos inimigos da sua independencia e liberdade.

Na assembléa popular, os demagogos e os partidos dilacerando e repartindo em sacrilega e ambiciosa tavolagem a tunica da patria e para conciliar o voto das turbas dementadas, animando os seus preconceitos e fraquezas, e lisongeando os seus vicios e paixões

Os generaes, como no vortice cruento da republica franceza, forçados pela iniqua opinião, a segurar a cabeça com o triumpho, ou pagar pela morte ou pelo exilio as infidelidades da victoria.

Os estadistas e oradores accusando-se implacaveis nos processos de traição, e ora recebendo solemnemente a corôa civica por benemeritos da patria, e logo espiando em severissimas sentenças os perfidos sorrisos da fortuna.

Os que exaltam a liberdade em nome de Athenas e da Grecia e os que em honra de Philippe ou de Alexandre advogam a escravidão, igualmente applaudidos ou afrontados pela varia e inconstante democracia.

Demosthenes, que exalça a paixão da liberdade até ás febris excitações da eloquencia, coroado pelos seus concidadãos, como ironica preparação para o tragico fim do seu desterro: e Demades, que vende a liberdade, e infama a sua palavra com os reflexos ominosos do oiro macedonio, honrado com publicas estatuas e sustentado no Prytanêo á expensas da Republica.

Os obscuros sycophantas, que fazem palavra a sua ignominiosa mercancia e os eloquentes cidadãos, que levantam na tribuna a derradeira cidadella á magestade e honra athe-niense, medidos por egual perante a parcialidade tôrva das facções.

Todas as fórmãs na palavra e todos os interesses na tribuna.

A oração grave e suasoria, como em Phocion e em Iso-

crates, para encarecer a honrosa paz, e a unidade sob a vigorosa hegemonia macedonia.

Os mercenarios vôos da oratoria, como em Demades e Eschines, para submeter a Grecia manietada á insolente dominação dos invasores.

Os maximos esforços da eloquencia, como em Lycurgo e em Demosthenes para vencer Philippe e Alexandre, ou sepultar sob as mesmas ruinas fumegantes com a liberdade que não deve abdicar-se, a patria, que não é possível defender.

Incorruptos cidadãos, que podem dizer como Hyperides: « A minha palavra é severa, mas não paga » e corruptissimos tribunos, dos quaes, como do velho Demades dizia Antipatro, o macedonio, se pode asseverar que d'elles á semelhança das hostias immolladas só resta na velhice o estomago e a lingua, a voracidade e a calumnia.

E' n'esta quadra lastimosa da vida atheniense, n'esta opprobriosa conjunctura, em que a tragedia da Republica se aproxima do seu fatal e doloroso desenlace, que Demosthenes, o ultimo representante do espirito da Grecia, poria nobremente contra a desidia e corrupção dos naturaes, contra a soberba e a força dos estranhos.

E' elle, que já prestes a affundir-se no horizonte, illumina com os brilhantes clarões do sol poente a agonia da liberdade.

Como de Hortencio affirmou o exemplar da eloquencia entre os romanos, se poderá dizer que Demosthenes se

envolve em Calauria no sudario, quando a vida mais lhe pudera aproveitar para celebrar as pompas funebres da patria que para ajudar com seus esforços as victorias da Republica.

E o tempo, em que o ousado vencedor de Poro e de Dario, já divinizado pela arte, não se contentando com as pompas triumphaes e com a honra de imperar aos degenerados successores nas glorias de Marathon e de Salamina, intima aos hellenos lhe decretem um logar no proprio Olympo e accrescentem com o seu nome o cyclo dos doze numes principaes. E a Grecia, e Athenas principalmente, votando por aviso e proposta do lisongeiro Demades, as honras divinas a Alexandre, aggrava torpemente com a blasphema canonisação a ignominia do seu merecido captiveiro.

Mas os echos da palavra demosthenica repercutidos na larga successão dos seculos vindouros, servirão para attestar que a liberdade é o mais inestimavel thesouro das nações, a corrupção o guzano inexoravel, que lhes vae devorando o organismo, a mais alta eloquencia uma arma bôta e inoffensiva, quando a virtude a não tempéra, e não a vibra a fortaleza varonil, a passada gloria uma ironia pungente para os povos, que fazem dos seus brios o thalamo sacrilego de sensualidades egoistas e de materiaes e de ephemeras deleitações.

Contemplemos em Demosthenes o que pode valer a eloquencia, como a ultima expressão nas artes da palavra,

e aprendamos na Grecia de seu tempo, como degeneram e se abatem e perecem validas nações e as florentes democracias, quando subindo a civilisação e desregrando-se os costumes, a luz intensa de sua maxima cultura apenas serve a por de manifesto em sua hedionda fealdade a depravação dos seus governos e a indifferença dos cidadãos.





Demosthenes

I Demosthenes, o celebre orador atheniense, cujo nome tem atravessado os seculos e é citado entre todos os povos civilisados, como o typo o mais perfeito da eloquencia grega, nasceu perto de Athenas 385 annos antes da era christan.

Seu pae, que tinha o mesmo nome, era homem considerado naquella cidade, onde possuia uma importante fabrica de armas, na qual empregava muitos escravos; d'ahi o appellido de —alfageme— pelo qual era geralmente conhecido entre os seus concidadãos.

Sua mãe chamava-se Cleobula, filha de Gilori, que sendo governador de Nymphéa, cidade do Ponto, e dependente de Athenas, entregou-a aos Scythas, entre os quaes se refugiou depois de banido, desposando uma rica herdeira do paiz, da qual teve duas filhas.

Com sete annos de idade perdeu Demosthenes seu pae, que deixou por seus tutores e de outra filha ainda menor

Aphobo e Demophon, seus parentes, e Therippide, seu amigo, legando aos orphãos alguma fortuna, que alguns escriptores dizem consideravel, mas que o proprio Plutarcho avalia em quinze talentos, ou 75,000 francos para cada um.

Os tutores, não só não zelaram os interesses dos pupillos, mas ainda dissiparam sem escrupulo os bens, que lhes pertenciam.

Plutarcho affirma que o joven Demosthenes, quer nas artes, quer nas sciencias, não recebeu a educação, que convinha a um rapaz de bom nascimento ; entretanto na sua notavel oração da corôa o proprio Demosthenes, respondendo a Eschines, nos diz que a sua educação fora aprimorada.

Demosthenes, na sua infancia e até a puberdade, foi de uma compleição debil e franzina, que não lhe permitia entregar-se a certos trabalhos: era extremamente magro.

Seus companheiros appellidavam-n'o de *Battalo*, nome, no dizer de Plutarcho, muito desacreditado em Athenas, acrescentando que «Battalo era um flautista effeminado, contra o qual o poeta Antiphanes compoz uma comedia, e segundo outros, poeta, cujos versos respiravam molleza e sensualidade.

Parece tambem que n'esse tempo os athenienses davam este nome áquillo, que o pudor não permite dizer-o.»

Esta ultima interpretação não nos parece aceitavel,

porquanto Cornelio Nepos, em o prefacio de sua obra diz: «Laudi in Græcia direitur adolescentulis quam plurimos habere amatores.»

Demosthenes teve ainda outro appellido, que provavelmente lhe foi dado mais tarde—o de *Argas*—o qual na opinião de um, servia para exprimir a grosseria de suas maneiras e a aspereza de seus discursos, e segundo outros era o nome de uma serpente.

Hippocrates com effeito em seu *Tratado das molestias communs*, fala de uma cobra d'esse nome, que penetrara na garganta de um moço adormecido.

O que nos parece mais acertado é suppor que o ultimo appellido lhe foi posto para significar o perigo, que corriam aquelles, contra os quaes elle vibrava os raios de sua eloquencia. Entre nós mesmos não é raro ouvir alguém, referindo-se a um adversario politico, ou inimigo pessoal, temivel, dizer: «é uma cobra, é uma serpente.»

II.—Aquelle corpo, na apparencia fraco e valetudinario, encerrava porem um grande espirito, que só esperava a occasião favoravel para manifestar-se: esta foi a questão da cidade de Oropo, que tinha de ser tractada perante os tribunaes por um dos mais notaveis oradores daquelles tempos.

Oropo era situada do lado da Eubéa, nos confins da Attica e da Beocia, e foi sempre motivo de contestações entre as cidades limitrophes.

No principio foi possessão dos Beocios : no tempo da guerra do Peloponeso, pertencia a Athenas : mais tarde passou ao dominio dos thebanos e depois ao de Themison, tyranno de Eretria. Philippe a retomou finalmente para restituil-a aos athenienses.

Depois da morte de Alexandre, Polysphercon declarou-a livre ; mas ella continuou a occasionar novas disputas na Grecia, ainda depois de sua submissão aos romanos ; mas não é a historia de Oropo o objectivo de nosso trabalho : passemos, pois, ao ponto de que nos occupavamos.

Demos a palavra a Plutarcho para narrar como o joven Demosthenes deixou-se seduzir pela paixão da eloquencia: «O orador Calistrato devia pleitear deante dos tribunaes de Athenas a causa da cidade de Oropo.

Esta eausa, quer por sua propria importancia, quer pelo talento do orador, que estava então em todo o esplendor de sua reputação, excitava geral interesse.

Demosthenes, sabendo que todos os mestres e educadores de Athenas tinham resolvido assistir a este pleito, solicitou de seu aio ou governante que o levasse tambem. Este, bem relacionado com os porteiros, que abriam a sala da audiencia, obteve um bom lugar, d'onde seu discipulo tudo podia ouvia e ver sem ser visto.

Calistrato obteve um triumpho completo, e enthusiasmou de tal sorte os seus auditores, que estes o acompanharam até a sua residencia entre ruidosas e universaes acclamações.

Distincção tão gloriosa excitou a emulação de Demosthenes, e fel-o ainda mais admirar a força da eloquencia, que assim conseguia submeter e domar as multidões.

Desde então renunciou a todas as sciencias e exercicios, a que se applicavam os rapazes, e começou a compor discursos, convencido de que, um dia, elle seria tambem um dos grandes oradores de Athenas.» (Vida de Demosthenes, cap. 5.º)

N'esse tempo Isocrates, que chegou a vender uma de suas orações por vinte talentos (110,000 francos) tinha escola publica de eloquencia em Athenas.

Cicero, no seu tractado dos *Oradores* affirma que foi n'essa escola que Demosthenes se preparou; mas sem fundamento.

Seu mestre de eloquencia foi Isêo, orador aliás pouco conhecido entre nós, mas que Denys de Halicarnasso na sua obra—*Eloquencia de Isêo*, classifica entre os mais notaveis e melhores oradores de seu tempo.

Plutarcho e outros escriptores sustentam tambem igual opinião.

Segundo uns, a falta de recursos para pagar o elevado preço, que Isocrates exigia de cada um de seus discipulos pelas lecções, que dava, levou-o a procurar Isêo: outros affirmam que o joven preferia a eloquencia d'este á d'aquelle por mais energica, mais viril e mais adequada aos tribunaes.

Segundo Ctesibio, conseguia Demosthenes por inter-

medio de Callias, de Syracusa e de outros, notas dos preceitos de Isocrates sobre a rhetorica, e outras do rhetor Alcidas, que tambem os conhecia.

Cicero, no prefacio do seu — *De officiis* e no cap. 31 do seu livro dos *Oradores illustres* e Quintiliano, Liv. 12, cap. 2.^o, confirmam que elle era assiduo ás lecções de Platão, como affirma Plutareho firmado na opinião de Hermippo, que se refere ás *Memorias anonymas*, que lera.

III.—O joven aprendiz de eloquencia foi o exemplo vivo de quanto vale no homem a força de vontade.

Seu ideal era ressuscitar na tribuna atheniense Pericles, que elle escolhera para modelo; faltavam-lhe, porém, todos os dotes naturaes, que em tão alto grau possuiria o antigo e afamado chefe do partido popular.

A palavra difficil, a pronuncia defeituosa, a voz fraca e pouco sonora, o folego curto quasi que o inhabilitavam para a tribuna popular e politica, onde, em geral, mais impera o sentimento, do que a razão.

Não obstante esses senões, continuou com assiduidade os seus estudos.

Sob a direcção de Isêo esteve quatro annos.

Apenas attingiu a idade em que a legislação atheniense permittia-lhe pugnar perante os tribunaes pelos seus direitos e interesses (17 annos completos) intentou um processo civil aos tutores infieis, que lhe haviam delapidado a herança paterna.

Os processados, habéis chicanistas, conseguiram por dous annos procrastinar a decisão do negocio.

Durante o curso da acção, o mancebo proferiu cinco discursos, em que ao lado de alguns defeitos e repetições já deixava advinhar o futuro orador, que nelle se occultava.

Demosthenes ganhou a demanda.

Os tutores foram afinal condemnados a indemnisa-los dos prejuizos que soffrera.

Plocio affirma que o joven os dispensou das restituições, a que eram obrigados: esta asserção nos parece carecer de fundamento até porque lemos em Plutarcho que elle apenas conseguiu reaver uma parte insignificante do seu patrimonio.

Animado pela victoria judiciaria obtida, ousou o discipulo de Isêo affrontar a tribuna popular. O naufragio foi completo: começou o discurso, mas dentro em pouco ninguem mais queria ouvil-o.

A populaça vaiou-o sem piedade.

«Riram-se da singularidade de seu estylo, dos seus periodos longos e obscuros, recheiados de enthymemas até a saciedade.» (Plutarcho, Vida de Demosthenes, cap. 6.º)

O desalento apossou-se do seu espirito e sentia-se disposto a renunciar a eloquencia, quando, passeiando no Pirêo, encontrou Eumonis de Thrasia, ancião respeitavel, que exprobou-lhe o desanimo, em que o via, possuindo aliás tanto talento para a tribuna, como o proprio Pericles.

«E' lamentavel que te falte coragem para affrontar as ondas populares, e não te desculpo que tenhas cessado os teus esforços para te aperfeiçoares para as luctas da palavra.»

As observações do velho calaram-lhe no espirito e elle voltou de novo ao trabalho.

Tempos depois, tentou pela segunda vez falar ao povo, que como o italiano e o nosso, e em geral todos os meridionaes, era apaixonado pela forma ampla dos discursos, pelos periodos arredondados e sonoros, pelas figuras e imagens.

O atheniense não podia, nem sabia tolerar uma nota falsa, ou o mais ligeiro barbarismo na boca de seus oradores.

Demosthenes foi ainda mais estrondosamente vaiado, do que da primeira vez.

Colerico, despeitado, retirou-se para a sua residencia acompanhado do actor Satyro, do burgo de Marathon, filho de Thogiton, sinceramente compadecido d'aquelle desastre.

Apenas chegados, disse-lhe o joven: «Entre todos os que se destinam á tribuna n'esta epocha, sou com certeza quem mais estuda: tenho esgotado minhas forças para aperfeiçoar-me na eloquencia; apesar de tudo isto, não consigo agradar ao povo, e ao passo que até marinheiros ignorantes e crapulosos occupam a tribuna, e são ouvidos com attenção, eu sou repellido com desprezo!»

«Tens razão ; mas eu conheço a causa d'esse desprezo e dar-te-hei o remedio, si quizeres recitar-me de cór alguns versos de Euripides, ou de Sophocles» respondeu-lhe o actor.

Demosthenes recitou, e Satyro depois repetiu os mesmos versos, mas com intonação tal, que elle proprio reconheceu a enorme differença que havia nos mesmos versos diversamente recitados.

Convencido então de que o effeito de um discurso muito depende da declamação, comprehendeu que a composição pouco vale, si a não acompanha uma pronuncia correcta e a conveniente gesticulação.

Em um artigo publicado sob o titulo — *Demosthenes* na Biographia Universal de Michaud, M. Villemain escreveu o seguinte :

Quando elle ensaiou-se na assembléa popular, comprehendeu então tudo, que ainda lhe faltava.

Duas vezes foi d'ella expellido por estrepitosas vaias.

Os athenienses, povo instruido e zombeteiro, mofaram de seu estylo penivel e de sua pronunciação naturalmente embaraçada.

O actor Satyro, deu-lhe lecções

Demosthenes, com obstinação infatigavel e engenhosa, empregou todos os meios para formar a voz, fortificar o peito, corrigir os gestos, e adquirir essa grande arte de acção, que elle proprio reputava a primeira, lembrando-se talvez de quanto lhe custara aperfeiçoar-se n'ella.»

IV. — O primeiro desastre desanimou o mancebo ; o segundo irritou-o e despertou-lhe a natural energia.

Começa então essa lucta, sem treguas, travada com a propria natureza para vencer-lhe os defeitos, e adquirir as qualidades indispensaveis ao orador.

Não ha um só dos escriptores, que não fale dos esforços, que elle empregou para corrigir o vicio da pronunciação, declamando extensos periodos com pedrinhas na bocca, e falando nas praias solitarias, quando o mar estava embravecido para se habituar aos tumultos populares.

Os defeitos do estylo corrigiu-os elle lendo e recitando os mais notaveis discursos então conhecidos, ouvindo os oradores de mais nomeada da epocha, reproduzindo de memoria ou escrevendo em casa o que tinha ouvido.

As lecções de declamação e de mimica, que recebeu do actor Satyro, muito lhe aproveitaram

Até a conversação e as palestras serviam-lhe para desenvolver o seu talento oratorio.

Nas visitas que fazia, ou recebia, ainda procurava occasião de aperfeiçoar-se: explicava muitas vezes o que elle proprio havia escripto, ou o que outros haviam dito.

Plutarcho affirma que, em seu tempo, ainda existia o gabinete subterraneo, em que elle se encerrava mezes inteiros com metade da cabeça rapada para não ter tentações de sahir á rua, lendo, escrevendo, declamando, ges-

ticulando. Wheler, no Liv. 5.º do seu —*Itinerario na Grecia* diz que ao sahir de Athenas, nas proximidades das columnas de Adriano havia um edificio notavel, que os habitantes chamavam—*to phanori ton Demosthenis*— (lanterna, ou fanal de Demosthenes) no qual, segundo a tradição, costumava encerrar-se o grande orador para sem obstaculo entregar-se ao estudo de sua arte, tendo metade da barba rapada para não poder sahir.

No gabinete subterraneo de Plutarcho, ou no *fanal*, de Wheler, escrevia elle o que Cicero chamava *theses politicas*, isto é, discursos ou orações sobre varios assumptos de interesse publico.

Dizem alguns escriptores que elle chegou a copiar oito vezes a obra do historiador Thucydides, pelo qual professava a maior admiração.

Aos 25 annos, reapareceu na assembléa popular, combatendo um projecto de lei, apresentado por Septimo, cidadão poderoso e influente, no qual se estatua que nenhum atheniense, exceptuados apenas os descendentes de Harmodio e Aristogiton, fosse isempto das magistraturas onerosas.

O discurso de Demosthenes, impugnando o projecto foi muito applaudido e o projecto regeitado por enorme maioria.

Seguiram-se os discursos contra Androtion e Aristocrates, que acabaram de firmar a sua reputação, e de

modo tal que foi confirmado na dignidade de membro do conselho, que a sorte no anno anterior lhe conferira.

Foi n'essa epocha que elle escreveu um discurso contra Midias, que, por occasião das festas de Baccho, o esbofeteara no theatrô, discurso que aliás não chegou a ser pronunciado, porque o negocio accomodou-se mediante a indemnisação de 30 *minas* (2780 francos) pagas pelo offensor ao offendido.

A este facto sem duvida se referia Êschines, quando depois o chamou de venal.

Alem dos discursos, que chegaram até nós, proferiu elle muitos outros, que não conhecemos. Affirmam alguns que elle escrevia orações, que vendia por bom preço, o que constituia uma das principaes fontes de sua renda.

Argas não gostava do genero apologetico.

O seu character violento levava-o sempre a preferir o papel de accusador, que tanto repugnava a Cicero.

V.—Posto que houvesse já conquistado as sympathias populares e firmado a sua reputação de orador, Demosthenes todavia não se apresentava com frequencia na tribuna, e só falava tendo-se preparado com antecedencia.

Mais de uma vez, nominalmente chamado pelo povo, recusou fazer-se ouvir.

Os que com elle não sympathisavam, procuraram crear-lhe a reputação de espirito tardo e lento em suas

concepções, que só produzia á custa de muito estudo e excessivo trabalho.

Os oradores, seus adversarios, zombavam de seus discursos, dizendo que elles *cheiravam á lampada*.

Pytheas em certa occasião ousou dizer-lhe isso em face.

Argas respondeu-lhe com aspereza: «Tens razão; mas não te esqueças jamais de que a minha e a tua *lampada* nos illuminam para cousas mui differentes.»

Elle, entretanto, confessava que nem sempre proferia os discursos taes como os havia escripto e que não falava sem haver escripto com antecedencia tudo quanto pretendia dizer e justificava-se affirmando que era este o dever do orador que deseja agradar e dar provas de sua consideração ás massas populares, e que só aos partidarios da olygarchia, que tudo esperam da força e nada da persuasão, era permittido proceder de modo diverso.

Algumas vezes, é certo, elle sentia-se perturbado pela agitação das assembléas populares, e, para poder continuar, precisava de alguém que o auxiliasse; entretanto Eschines, no seu discurso contra Ctesiphonte, o chama o mais espantoso dos homens, pela audacia da phrase; a verdade, porém, é que Demosthenes improvisava, quando era indispensavel, e sahia-se sempre bem de seus improvisos: disso dão testemunho os poetas comicos de seu tempo, Demetrio, de Phalera e Eratosthenes, que asseverava que em seus improvisos elle como que se deixava *transportar a divino furor*.

75

O episodio, com Python, de Byzancio, mandado a Athenas, onde se achavam reunidos os gregos em assembléa, como embaixador, demonstra as qualidades de improvisador que possuia Demosthenes.

O embaixador, em longo e bem elaborado discurso, tratou de persuadir-os de que elles deviam submeter-se á auctoridade de Philippe, pouco se occupando dos outros povos, muito, porém, dos athenienses, aos quaes exproboou com violencia o proceder injusto que tinham com o rei da Macedonia.

Demosthenes respondeu immediatamente a esse discurso impetuoso, e com assignalada vantagem, e em sua oração da coroa se refere ao facto com uma certa vaidade, bem entendida.

Quando Lamacho, de Myrrhena, segundo uns, ou de Myrrhina, segundo outros, pronunciou nos jogos olympicos o panegyrico de Philippe e Alexandre, no qual accusou com vehemencia os thebanos e olynthios, foi ainda elle quem respondeu de momento, rectificando os factos e adduzindo considerações e argumentos valiosos, pelos quaes tornou salientes os relevantes serviços prestados por aquelles povos e os males causados pelos aduladores dos macedonios.

Tão estrondoso foi n'aquella occasião o seu triumpho, que Lamacho, aterrado pela irritação do auditorio, não ousou boquejar e escapou-se furtivamente!

VI. N'aquelle tempo havia em Athenas dois homens

que, sem contestação, eram, em aptidões naturaes para a tribuna, superiores a Demosthenes, bem que inferiores ambos em cultura intellectual, Demades e Eschines, assalariados de Philippe e vendidos ao ouro da Macedonia.

Demades, no começo de sua vida, fora marinheiro. Talvez a elle se referissem as palavras de Demosthenes, quando ao actor Satyro lamentava-se *de ser repellido com desprezo da tribuna, ao passo que até* MARINHEIROS IGNORANTES E CRAPULOSOS *eram ouvidos com attenção.*

Pouco applicado ao estudo, mas tudo confiando de seu natural talento, era um improvisador ardente e feliz, de phrase colorida, verbo torrencial, que chegou a exercer poderoso ascendente sobre o espirito das assembléas athe-nienses.

Nada conhecemos das suas orações; nenhuma (que nos conste ao menos) chegou aos nossos tempos; mas para avaliar-se dos grandes dotes oratorios de que dispunha, transcreveremos o que diz Plutarcho na *Vida* de Demosthenes, Cap. 11:

« Ariston, de Chios, nos transmittiu o juizo de Theophrasto sobre os oradores. Perguntando-se-lhe o que pensava de Demosthenes, respondeu:—*E' digno de sua cidade.* E Demades?—*Está acima de sua cidade.*

Eschines, filho de um pobre e obscuro mestre d'escola e de uma tocadora de psalterio, depois de ter sido athleta, comico de aldeia, escrevente de um magistrado subalterno, já aos 45 annos, surge inopinadamente na tribuna, mas

com tanto brilho e fortuna, que as mais importantes causas desde logo foram-lhe confiadas.

Era um homem de constituição robusta, dispondo de ampla, sonora e retumbante voz.

Delle só conhecemos tres discursos, os quaes, pela belleza da fórma, mereceram ser denominados *as tres Graças*.

As sua oração contra Ctesiphonte nada fica a dever á que proferiu Demosthenes em resposta, em cujo preparo, como geralmente se diz, este orador consumiu dez annos.

Ao lel-as, fica-se indeciso para em consciencia dizer-se qual dellas é a melhor.

Eschines disputou a palma oratoria a Demosthenes, e todos os escriptores são accordes em dar-lhe o segundo lugar, depois daquelle, entre todos os oradores de seu tempo.

Não era, porém, destes dois notaveis talentos que Demosthenes se arreceiava, mas de Phocion, que, quando se levantava para combatel-o, obrigava-o a dizer aos que mais proximos a si estavam: « Eis, Srs., a acha de meus discursos, que se levanta. »

Tal é o peso que a virtude e a probidade dão á palavra do homem que consegue inspirar confiança ao povo! Não ha discursos, por mais eloquentes que sejam, que se lhe possam contrapor.

Phocion realisava, com effeito, em Athenas, o orador mais tarde definido por Quintiliano—*vir bonus, dicendi piritus*.

A reputação de Phocion, como orador, não atravessou os seculos, como a de Pericles, Demosthenes, Cicero e outros; mas Polyeucto, do burgo de Sphetto, correligionario e amigo de Demosthenes, e com este solidario em tudo quanto entendia com os interesses da Republica, adversario igualmente decidido da politica macedonia, julgava Phocion o melhor dos oradores de Athenas, porque *sabia dizer muito em poucas palavras*. (Plutarcho, Vida de Demosthenes, Cap. 11.)

A declamação de *Battalo* ou *Argas* agradava em extremo ao povo atheniense; mas na opinião de Demetrio de Phalera, resentia-se de falta de nobreza, elevação e força.

Plutarcho cita Esion, escriptor, aliás, inteiramente desconhecido entre nós, o qual dizia que os oradores antigos causavam-lhe admiração pela decencia e dignidade com que fallavam nas assembléas; mas que os discursos de Demosthenes, lidos, tinham mais força e mais arte.

VII. A maioria dos criticos antigos e modernos affirma que Demosthenes manejava de modo terrivel a arma do ridiculo.

«Sua ironia é como um punhal, que elle volve e revolve com infernal complacencia no peito do adversario» diz um moderno escriptor, citando para apoiar a sua asserção o trecho de seu discurso da coroa em que elle se refere ao pae e á mãe de Eschines e á sua vida passada. (Alexis Pierron, *Historia da litteratura grega*, Cap. 33).

Plutarcho diz que, nos seus improvisos, elle empregava muito a proposito o gracejo e cita um episodio entre elle e Demades, quando este em certa discussão, exclamou: «Demosthenes, quer dar-me lecções: é a porca a pretender instruir Minerva.»

«Sim, mas essa Minerva foi, outro dia, pilhada em adulterio no burgo de Colytto» replicou-lhe Demosthenes.

O outro episodio citado pelo mesmo escriptor deu-se com um certo Chalco, (*Chalcus* em grego significa bronze) larapio, que quiz ridicularisal-o pelas suas vigalias e trabalhos nocturnos.

Demosthenes respondeu-lhe:

«Bem vejo que não gostas de ver minha lampada accesa, a noite inteira; mas, vós athenienses, não vos mostrais surprehendidos com os furtos, que se praticam.

Temos ladrões de *Chalcus* e de muros de terra.»

Quer no trecho do discurso da coroa, quer na resposta a Demades, não nos parece que haja essa fina ironia, que tanto distinguia Cicero; mas antes explosões de um temperamento violento.

A replica a Chalco nos parece inteiramente abaixo do grande orador.

Acreditamos que rasão tinha Longino, quando no seu tratado—*do Sublime*, cap. 28 diz:

«Quando elle se mettia a engraçado, tornava-se ridiculo: e quanto mais esforço fazia para se approximar da boa pilheria, tanto mais d'ella se affastava.»

Theopompo qualificava-o de character voluvel, e inconstante, incapaz de manter por muito tempo as suas relações pessoais e de defender com persistencia as mesmas idéas e interesses.

Contra esta opinião protesta a vida inteira do orador: jamais abandonou Demosthenes o partido, a que se filiou: nunca renegou os principios, que professava, nem variou em sua politica, desde que entrou na administração até a sua morte.

Panecio, philosopho estoico, de grande nomeada na ilha de Rhodes, auctor de um *Tratado* de deveres, no qual Cícero bebeu as idéas para escrever o seu—*De officiis*—affirmava que a maioria dos discursos de Demosthenes fundava-se sobre o seguinte principio—*o bello por si só, merece sempre a nossa preferencia.*

Ainda hoje alguns fazem de Demosthenes juizo de homem pouco escrupuloso em politica por ter se servido do ouro persa, sem se lembrarem de que o objectivo principal foi sempre combater a politica macedonia na Grecia, e que forçoso lhe era acceitar os recursos, de que não dispunha e precisava para chegar aos seus fins, sem esmerilhar muito d'onde elles provinham.

Outros falam do negocio Harpalo, o governador infiel e perverso, que delapidou os thesouros de Alexandre e veio para Athenas occultar os fructos de sua rapinagem, em cujo negocio foi o orador envolvido; mas nenhuma prova appareceu contra elle, que demonstrou

de modo irrecusavel achar-se isempto de qualquer culpabilidade.

O que é facto incontestado é que elle foi sempre insensível ás seducções de Philippe e de Alexandre.

Sobre o seu espirito o ouro macedonio nunca exerceu imperio.

E'-nos licito dizer, que, exceptuado apenas Phocion, nenhum outro orador de seu tempo serviu a Republica, melhor e mais desinteressadamente.

VIII.—Uma de suas melhores verbas de receita, já o dissemos, consistia em escrever discursos para outros.

Em Athenas dizia-se que as vezes elle os preparava para ambas as partes litigantes, e citavam, entre outros, os discursos proferidos por Phormion e Stephano, ambos de sua lavra, segundo era corrente.

Plutarcho, lembrando-se talvez da profissão do pae do orador, serve-se da seguinte phrase:

«Fornecia aos dous adversarios duas espadas da mesma fabrica e as vendia para que se batessem á vontade.»

Demosthenes, como Pericles, não se deixava dominar pelas paixões e caprichos das multidões.

Sabia resistir-lhes, quando era mister, sem temer desagradal-as.

Os athenienses, em certa occasião, exigiam com instancia que elle accusasse alguem.

Demosthenes esquivou-se.

O povo manifestou logo o seu descontentamento.

O orador ergueu-se e disse-lhe :

«Athenienses, dar-vos-hei sempre os meus conselhos ainda quando não os quizerdes ouvir ; mas qualquer que seja a vossa insistencia, não me prestarei ao baixo papel de delatar.»

Pena era que homem, dotado de coragem civica, como elle mais de uma vez provou, não possuísse tambem coragem pessoal.

Demosthenes não era homem para as luctas armadas

No campo de batalha mostrou-se muito differente, do que era na tribuna e na politica.

Na jornada de Cheronéa foi dos primeiros a fugir.

A elle pode-se bem applicar os versos da ode de Horacio a Pompeu Varo, falando de si mesmo :

«Tecum Philippos et celerem fugam
sensi, relictæ non bene parmule.»

Si elle possuísse a capacidade militar de Pericles, Themistocles, Cimon e outros, teria sido incontestavelmente um dos maiores vultos da antiga Grecia.

Sem desconhecermos as grandes qualidades, que Demosthenes, á força de estudo e de trabalho, adquiriu para a tribuna, ousamos, contra a opinião geral, e apenas em homenagem ás nossas convicções, dizer que o homem, que a posteridade tem circumdado de tão luminosa aureola, não realisou o nosso ideal do orador, sendo entretanto um exemplo para todos, agora e sempre que pretendam defender a liberdade e a autonomia da patria.

Em Demosthenes o que nos inspira respeito e admiração, mais do que os seus discursos, são os seus talentos de estadista, o seu ardente patriotismo e a perseverança tenaz com que defendeu sempre os interesses da Republica contra as pretensões macedonias.

A sua politica foi sempre franca e clara. Desde o principio comprehendeu logo que a Grecia devia poupar suas forças e recursos para tel-os inteiros quando a lucta, que elle previa, se travasse.

No seu discurso sobre a *classe dos armadores*, já elle procurava desviar os seus concidadãos de qualquer tentativa contra a Persia, que podia consummir-lhes as forças sem probabilidade de resultado.

No anno seguinte (355) colloca-se ao lado dos megalopolitanos, contra os quaes Esparta pedia soccorros a Athenas.

Nesse discurso começa a desenhar-se a sua elevada e patriótica politica.

Athenas, a escola da Grecia, na phrase de Pericles, deve collocar-se acima das pequenas rivalidades, que dividem e enfraquecem os gregos.

Um só papel lhe cabe — proteger contra os oppressores as victimas da oppressão.

E' esse discurso como que o preludio da lucta que vae travar-se entre elle e Philippe, lucta em que gastou e consumiu todas as forças vivas de sua alma, e que

se prolongou ainda depois com Alexandre e Antipatro e só terminou por sua morte.

Nesse discurso dizia elle aos seus concidadãos :

« Philippe não nos despreza; mas por intermedio de seus embaixadores soube o que eu vos disse em plena assembléa —que a nossa nação é a mais inconstante do mundo, facil de agitar-se como as ondas do mar, e que aquelles que entre nós conseguem fazer amigos, podem quanto querem: vae-se, vem-se, mas ninguem pensa no bem publico. »

Desde então, elle não perdia occasião de fulminar os que julgava inimigos da patria e de despertar o patriotismo dos athenienses, recordando o passado glorioso da Republica e o interesse que aos negocios publicos ligavam os cidadãos dos tempos idos.

IX.—Athenas havia perdido a preponderancia politica, que exercera outr'ora sobre a Grecia inteira; mas conservava a supremacia das artes e das sciencias, dos louvores e das censuras e gosava ainda da liberdade.

No estado de decadencia, em que se achava, dispunha ainda de uma marinha muito superior a de Philippe e contava em seu seio dous homens de valor—Phocion, pela sua capacidade militar; Demosthenes, pelos seus talentos oratorios.

Si já não era possivel fazer reviver os tempos de Aristides e de Pericles, ainda podia a Republica ser amparada contra os planos ambiciosos do rei de Macedonia.

N'esta convicção patriótica, Demosthenes iniciou a política de resistencia ás invasões de Philippe nos negocios da Grecia.

No principio da guerra phocica, tambem denominada guerra sagrada, entrou elle para a administração, sentindo desde logo o que era a responsabilidade do poder para aquelles, que o exerciam.

Não nos foi possível designar com precisão o anno, em que essa guerra começou, porque até entre os escriptores antigos ha divergencia n'este ponto, como se nota entre Pausanias, Liv. 10, cap. 2.º, e Diodoro da Sicilia, Liv. 16, Cap. 6.º.

Do estado politico de Athenas poude o leitor avaliar pelo final da introduccção de Latino Coelho, impressa no começo d'este trabalho; não obstante, trasladamos para aqui o seguinte trecho, que encontramos no prefacio do livro intitulado — Obras primas de Demosthenes e de Eschines, pelo professor J. F. Stievenart :

«A principal força de Demosthenes proveio de seus discursos politicos.

O seu genio assegurava-lhe a maior influencia para governar Athenas, Athenas, avida de processos e escandalos da tribuna, consumindo o resto de suas forças em applaudir as delações, cada dia levadas a milhares de juizes apaixonados, ou perdendo, por indiscrições inherentes ás suas deliberações tumultuosas tanto, quanto ganhava Philippe, adversario tão senhor de seus

segredos, como de seus soldados : democracia, brava ainda, mas muito vaidosa de seus antigos feitos para crer que ainda tivesse necessidade de assignalar-se sobre novos campos de batalha, entregando a mercenarios, que attrahem e arruinam, essa espada de Marathon, que, em pouco, por uma humilhante e perigosa necessidade, ver-se-ha na contingencia de passar ás mãos dos escravos, vinte vezes superiores em numero aos seus senhores : democracia anemica e cachetica, que á voz do seu maior orador, apenas consegue congregiar alguns membros d'essa nação grega, desde o berço dividida e arrastada pela força de eloquencia a um ultimo combate, em que não saberá mais vencer, como seculo e meio antes, os barbaros lançados pelo latego de seus chefes sobre as lanças immoveis dos soldados de Milciades e de Themistocles : democracia invejosa, que, preferindo os generaes avidos e inhabeis a Phocion, em pouco recompensará os serviços e as virtudes d'este pela cicuta : democracia mendicante, que, nas festas solemnes, só sabia deliciar-se com os espectaculos, depois de haver estendido a mão ás esmolos do thesouro : democracia emfim bastante degenerada para exigir que a eloquencia esgotasse todos os seus recursos, mas não tanto que se sentisse surda á essa grande voz, que retel-a-hia um momento sobre as bordas do abysmo.

Completa o quadro a palavra do notavel historiador Cesar Cantu :

«Os oradores, com effeito, traziam para a tribuna o vaidoso desejo da victoria, e não a convicção do bem; e os sophistas nas escolas ensinavam a assaltar pelas argucias, e não a demonstrar a verdade.

A defesa de Athenas estava confiada a braços mercenarios: a mocidade, mergulhada na depravação.

As rendas publicas eram dissipadas em representações theatraes e em espectaculos: propor dar-lhes outro emprego, teria sido crime capital.

A justiça era vendida: as magistraturas e commandos obtidos pela intriga.

A necessidade de uma existencia de gozos tinha substituido o amor da gloria: o scepticismo e a zombaria ás crenças religiosas.

Ora QUANDO UM POVO BARBARO VEM RECOLHER A HERANÇA DE UMA CIVILIZAÇÃO MORIBUNDA O TRIUMPHO NÃO LHE PODE ESCAPAR».

X.—E' n'estas condições que o grande orador inicia a sua administração.

Antes d'isto, e ha muito tempo elle acompanhava com olhar desconfiado a marcha lenta, mas segura de Philippe no sentido de firmar solidamente o seu poder e estender e ampliar os seus dominios.

Demosthenes bem percebia que a posse da Grecia seria annual o resultado dos esforços do macedonio, e a cada passo denunciava da tribuna os seus planos ambiciosos

e procurava despertar a energia de seus concidadãos, apontando-lhes os perigos, que os ameaçavam tão de perto.

O nome do orador tornou-se popularissimo na Grecia inteira, que admirava e applaudia os seus esforços em prol da liberdade e autonomia gregas.

Os proprios adversarios e inimigos pessoas reconheciam-lhe o merito e qualificavam-no de adversario temivel, difficil de ser vencido.

Philippe conseguira reorganisar a sua esquadra e exercito, firmara o seu poder no interior de seus dominios e mettia medo aos Estados visinhos.

Sob o pretexto de abafar a guerra da Phocida, tentara apoderar-se das Thermopylas, o que deixava bem visiveis os seus planos de conquista; mas Nausicles, general atheniense, o embaraçou nessa tentativa, repellindo as forças enviadas para tal fim.

Dissipou-se depressa o temor que causara á Athenas esse passo do rei da Macedonia, que, astuto e sagaz, como era, procurou fazer-se esquecido daquelles que tanto sobresaltara.

Para não parecer temivel, procurou parecer desprezivel encerrando-se em sua capital, entregue em apparencia aos prazeres, cercado de pintores, esculptores, architectos, comediantes, bufões, a cujo lado se achavam todavia homens de merito real, que sabiam occultar-se aos olhos das multidões.

Em Athenas já não se falava de suas proezas militares, mas da crapula em que elle vivia.

Os athenienses, despreocupados e indifferentes, julgavam ter tudo feito, conservando as suas fronteiras com fracas forças ao mando de um estrangeiro.

Repellidos os macedonios das Thermopylas, celebraram-se acções de graças aos deuses em Athenas, como si tivessem obtido uma grande victoria.

Demosthenes, porém, não se deixava illudir por taes apparencias, como a maioria de seus concidadãos, entre os quaes todavia alguns mostravam-se desconfiados, e outros timidos e desanimados.

Na primeira opportunidade que encontra, sóbe á tribuna e pronuncia a sua primeira Philippica.

Varias propostas tinham já sido apresentadas: nenhuma dellas o satisfaz. Elle conhece bem o povo de Athenas e sabe que muito se prometterá, mas nada se fará.

No seu discurso elle pede apenas o que julga possivel obter: antes de tudo, que Athenas desperte de sua indifferença habitual e arme os seus cidadãos.

Tres são as proposições sobre que gyra essa oração, que abaixo transcrevemos:

Athenas póde vencer a Macedonia: como? — exposição dos meios e dos preparativos indispensaveis: os athenienses devem tentar a empreza, proposição habilmente encerrada nas duas primeiras.

XI. « Si se tivesse annuciado a discussão de um

assumpto novo, eu esperaria, athenienses, que a maior parte dos oradores que frequentam esta tribuna houvesse opinado; e se approvasse algum de seus alvitres, conservar-me-hia silencioso, ou então procuraria expor o meu modo de pensar: mas já que a mesma materia, tantas vezes por elles discutida, é de novo submettida a exame, perdoar-se-me-ha, eu o espero, que seja o primeiro a levantar-me; porque afinal, si, com relação ao passado, os seus conselhos tivessem correspondido ás vossas necessidades, não vos verieis na necessidade de consultar ainda hoje.

Começae, homens de Athenas, por não desesperar de vossa situação, por mais deploravel que ella vos pareça, porque a propria causa de vossos revezes antecedentes é o melhor de esperanças para o futuro. Como assim? Foi a vossa extrema negligencia que occasionou vossas desgraças.

Com certeza, si ellas sobreviessem, apezar do cumprimento de vossos deveres, então sómente poder-se-hia perder a esperança de melhor sorte.

Depois, não só vós, que de outros as soubestes, mas ainda vós, que as vistes e dellas conservaes a lembrança, attendei á attitude tão nobre de Athenas contra os lacedemonios omnipotentes, e a este respeito á vossa propria gloria, que ultimamente vos sobrecarregou de todo o peso da guerra para defender contra Sparta os direitos da Grecia.

Por que citar-vos este exemplo? Para claramente mostrar-vos, athenienses, que, si quizerdes, não haverá para vós

perigo, mas ao mesmo tempo que, por vossa incuria, nada sae á medida de vossos votos.

Tomo por testemunho disso quer a Lacedemonia, que foi vencida por vossa actividade, quer o insolente que nos perturba hoje, porque recusamos aos negocios publicos a indispensavel attenção.

Calculando as forças a disposição de Philippe e o numero de praças que elle tem tomado á Republica, alguém talvez julgue difficil reduzil-o, e tal modo de ver é fundado ; mas que esses considerem que, outr'ora, Athenas era obedecida por Pydna, Potidéa, Methona e pelo circulo inteiro desta região, e que a maior parte dos povos hoje submettidos a Philippe eram livres, autonomos, e preferiam a nossa á sua alliança.

Si então Philippe tivesse estacado deante deste raciocinio — só, sem alliados, não posso atacar os athenienses, cujas numerosas fortalezas dominam minhas fronteiras — não teria apprehendido o que tem executado, nem se teria elevado tão alto ; elle, porém, sabia e bem que todas essas praças eram recompensas da guerra, expostas no meio da arena : que os ausentes naturalmente são desapossados pelos presentes e os indolentes pelos ousados e infatigaveis.

Realizando esta maxima, tudo subjugou, tudo invadiu : aqui, por direito de conquista ; alli, sob o titulo de amigo e de alliado ; porque procura-se a alliança e a amizade daquelles que se vê empunhando as armas e decididos a agir com energia onde fôr preciso.

Si, por vossa vez, ó athenienses, quereis hoje, já que o não fizestes antes, regular a vossa conducta pelo mesmo principio: si cada um, desprendendo-se de todo subterfugio, se empenhar em subvencionar, segundo puder, as despezas publicas, os ricos por contribuições, os moços pegando em armas: em uma palavra, si resolverdes não depender sinão de vós mesmos, si cada cidadão não esperar que, nada fazendo, verá o visinho agir por si, então, querendo Deus, recobrareis as vossas possessões, reparareis os desastres de vossa negligencia e castigareis esse homem.

Não imagineis Philippe uma divindade, acompanhada de perpetua felicidade: elle é objecto de temor, de odio e de inveja até para aquelles que parecem ser-lhe mais devotados. E como não suppor nos que o cercam todas as paixões dos outros homens?

Agora, porém, essas paixões carecem de auxiliares, timidamente comprimidos sob esta lentidão, sob esta inercia que, repito, forçoso será desde já romper.

Vede, com effeito, ó athenienses, até onde tem chegado a audacia desse homem, que não vos deixa escolher entre a acção e o repouso, que vos ameaça e profere, dizem, palavras altivas, incapaz de limitar-se ás invasões já feitas, meditando e realisando todos os dias novas conquistas, e ao passo que, immoveis, temporisamos, elle aperta-nos e investe-nos por toda a parte.

Quando cumprireis os vossos deveres, ó athenienses!

Que esperaes? Algum acontecimento ou a necessidade, por Jupiter!

Mas que outra idéa fazer-se do que succede?

Quanto a mim, para as almas livres, não conheço necessidade mais urgente do que o momento da deshonra.

Querereis sempre viver na praça publica a perguntar uns aos outros: « Que se diz de novo? » E que de mais novo haveria do que um macedonio vencedor de Athenas e dominador da Grecia?

« Philippe é morto? — Não, por Jupiter: está doente. » Morto ou enfermo, que vos importa? Si lhe succeder desgraça e vossa vigilancia permanecer no que é, no mesmo instante fareis surgir outro Philippe; porque este deve menos o seu engrandecimento ás forças proprias, do que á vossa inercia.

Além disto, si a fortuna dispuzesse delle, si sempre, mais sollicita por nós do que nós mesmos, nos secundasse e consummasse a sua obra, sabei que, estando perto dos logares e surprehendendo o paiz na desordem de uma revolução geral, farieis tudo dobrar sob vossa lei; na vossa situação actual, porém, ainda quando a fortuna vos abrisse as portas de Amphipolis, não poderieis entrar na cidade, da qual vossos armamentos e projectos vos deixam tão afastados.

Mostrar uma vontade firme, um vivo empenho para o cumprimento de vossos deveres, eis a necessidade,

de que vos creio todos compenetrados, e, pois, não insistirei sobre este ponto.

Quaes são, porém, os preparativos indispensaveis para libertar-vos de tamanhos embaraços?

Que providencias, que medidas me parecem mais promptas e efficazes?

Eis o que tentarei dizer, pedindo-vos apenas uma cousa, homens de Athenas! Antes de fixar a vossa opinião, ouvi tudo: não prejudgueis cousa alguma; e si vos parecer que eu proponho novos preparativos, não bradeis que retardo os resultados; porque o grito — *depressa, desde hoje* — não é o conselho o mais opportuno, porquanto, com um auxilio instantaneo, não poderíamos alterar em cousa alguma os acontecimentos; expor, porém, os armamentos necessarios, a quantidade delles, os meios de effectual-os e tornal-os permanentes, até que tenhamos por nosso livre arbitrio renunciado ás hostilidades ou vencido o inimigo, eis o que eu chamo servir-vos.

Só assim ver-nos-hemos d'ora em diante ao abrigo de qualquer insulto.

Taes são os pontos de que julgo conveniente tratar, sem todavia pretender impedir quem quer que seja de apresentar aqui outras propostas. A minha proposta é muito grande, mas o resultado a experimentará: vos pronunciareis.

Sustento, athenienses, que, primeiro, é mister armar

cincoenta trirames, e depois, que vos resolveas a guarnecel-os em pessoa.

Exijo ainda que para a metade da cavallaria se equipe o numero sufficiente de navios de carga e de transporte.

Eis, eu o creio, os meios de defeza que deveis oppor a essas excursões repentinas do macedonio nas Thermopylas, no Chersonezo, em Olyntha, por onde quer que elle as queira fazer.

Cumpre que o compenetreis desta idéa — que, sahidos de vossa lethargia, possais cahir sobre elle tão impetuosa-mente, quanto na vossa antiga expedição de Haliarte, da Eubéa, e recentemente nas Thermopylas.

Quando não executeis sinão uma parte do plano que traço, não desdenheis os resultados.

Perfeitamente informado de vossos preparativos (porque desgraçadamente elle tem entre nós abundancia de espiões, e espiões fieis) ou Philippe, intimidado, estacará, ou, si levar em pouca conta o que fizermos, surprehendel-o-heis sem defeza, porquanto, na primeira oportunidade, nada vos impedirá de operar um desembarque sobre as suas costas.

Tal é o projecto para cuja approvação unanime reclamo o vosso concurso: taes são os preparativos que desde agora é preciso decretar e executar.

Accrescento mais: deveis ter ao alcance da mão forças promptas para fatigar, perseguir sem descanso e atacar o inimigo.

Não me faleis de dez ou vinte mil estrangeiros, nem desses grandes exercitos que só no papel existem.

Quero tropas dedicadas á patria. Qualquer que possa ser o numero e a pessoa dos generaes de vossa escolha, ellas seguil-os-hão e obedecerão ; mas é tambem necessario prover á subsistencia dellas.

Quaes serão essas tropas? O numero dellas? Os recursos para sustental-as? Os meios de executar estas medidas?

Responderei a tudo e por ordem.

Quanto aos mercenarios estrangeiros, nada de fazer o que tantas vezes vos tem prejudicado.

Excedendo os limites do necessario, vossos projectos são magnificos em vossos decretos: é preciso agir? A execução é nulla.

Começae por preparativos modestos, e si reconhecerdes a insufficiencia delles, augmentae-os.

Eu peço, pois, ao todo, dois mil infantes, dos quaes quinhentos athenienses, da idade que vos parecer conveniente ; o tempo de serviço, fixado com antecedencia, deve ser curto, para que elles successivamente se revesem.

Os outros serão estrangeiros.

São precisos ainda duzentos cavalleiros, dos quaes cincoenta, pelo menos, sejam de Athenas, e sirvam sob as mesmas condições que os infantes. Furneci-lhes barcos de transporte.

« Seja, dir-me-heis: o que mais é necessario? »

Dez triremes ligeiras, porque Philippe tem marinha, e nós precisamos de galeras rapidas para assegurar o trajecto de nossos soldados; mas estes soldados, como fal-os-hemos subsistir?

Vou dizel-o, depois de ter explicado porque creio sufficientes estas forças e porque exijo o serviço pessoal dos cidadãos.

Essas tropas bastam, athenienses, ante a impossibilidade de levantar um exercito que arrisque contra Philippe batalha campal.

Forçoso nos será começar pelas correrias e pela pilhagem.

Ora, para esta especie de guerra, as nossas tropas não devem ser muito consideraveis, porque faltar-lhes-hia o soldo e os viveres, e nem mui pouco numerosas.

Quero que os cidadãos alli estejam e se embarquem com ellas, porque sei que, outr'ora, a nossa cidade mantinha em Corynto um corpo de estrangeiros, commandados por Polystrato, Iphicrates, Chabrias e outros chefes; que vós vos alistastes sob suas bandeiras, e, assim confundidos nas mesmas fileiras, cidadãos e estrangeiros, vencestes os lacedemonios.

Depois que, porém, vossa soldadesca engajada faz sosinha a campanha, ella só triumpho de vossos amigos e alliados, enquanto o inimigo cresce desmedidamente: e o mercenario, depois de lançar um olhar distrahido sobre a guerra emprehendida por Athenas, embarca-se e vae servir a Artabaso ou a outro qualquer por ahi além.

O general o acompanha : Espanta-vos isto ? Deixando de pagar, elle deixa de ser obedecido.

Que pretendo eu, pois ? Tirar aos chefes e aos soldados o pretexto dos descontentes, assegurando-lhes a paga e collocando sobre os logares soldados-cidadãos, que fiscalisem a conducta dos generaes.

Hoje, com effeito, a vossa politica é risivel. Si vos perguntarem : « Estaes em paz, athenienses ? » Nós !! exclamareis, não, por Jupiter ! Estamos em guerra com Philippe.

E é verdade, porque dentre vós elegeis dez taxiarchas, dez estrategos, dez tribunos e dois hyparchas !

Mas que faz toda essa gente ?

A' excepção de um, que enviaes á guerra, os outros vão exhibir-se em vossas procissões com os inspectores dos sacrificios.

Como os oleiros, fabricaes taxiarchas e tribunos para enfeite, e não para a guerra.

Ah ! Para que o vosso exercito seja realmente o exercito de Athenas, será preciso confiar o commando delle a taxiarchas e hyparchas athenienses.

Mas não é um cidadão que deve embarçar para Lemnos, como hyparcha ! E a cavallaria, que protege as possessões da Republica, deve receber ordens de Menelau !

Não que eu tenha a exprobar a este chefe cousa alguma ; digo apenas : qualquer que seja elle, dentre vós deve ser eleito.

« Julgando fundadas estas observações talvez vos sintaes

impacientes por saber qual será a despeza e d'onde tiraremos os recursos. Vou satisfazer-vos. O total, para viveres e munições somente, elevar-se-ha pouco acima de noventa talentos, a saber, quarenta talentos para os dez navios de escolta, na rasão de vinte minas mensaes para cada navio: outro tanto para os dous mil infantes, segundo o calculo de dez drachmas mensaes por cabeça: emfim, para os dusesentos cavalheiros doze talentos, a trinta drachmas por mez para cada um.

E não acrediteis que seja pouco para prover somente a alimentação do soldado. Concordae n'isto, e estou certo de que a guerra lhe fornecera o resto, e que sem extorquir nem de gregos nem dos alliados, elle saberá completar o seu soldo. Eu mesmo, embarcado, como voluntario, responderei com a minha cabeça pelo que n'este momento affirmo.

Os fundos, que peço, como procural-es e obtel-os?

Eis os meios e o modo. (*A leitura da opinião do orador é feita por um notario: Demosthenes prosegue*).

Taes são, ó athenienses, os recursos que podemos encontrar. Quando qualquer alvitre obtenha a maioria, é indispensavel que as medidas assentadas sejam logo votadas e postas em execução.

Já não é tempo de fazer a guerra a Philippe por meio de decretos e mensagens, mas com o ferro nas mãos.

«Ora, parece-me que vossa deliberação sobre esta campanha e o conjuncto dos preparativos será muito mais

esclarecido, si retraçardes no espirito a região, em que ides combater, si reflectirdes que Philippe aproveita-se das estações e dos ventos para vos prevenir, e assegurar os seus successos, e que não ataca, sinão depois de ter espreitado a volta dos ventos etesios, ou do inverno, momentos, em que ser-nos-hia impossivel alcançal-o.

Penetrados d'esta consideração, cessae de oppor-lhe levas instantaneas (chegaríamos sempre depois dos acontecimentos); os vossos preparativos e o vosso exercito devem ser permanentes. Para invernall-os, tendes Lemnos, Thasos, Scialho, e outras ilhas deste archipelago, em que se encontram portos, viveres, e tudo quanto é necessario a tropas em campanha.

Durante a estação que nos permite confiar nos ventos e costear, nossos navios facilmente apertarão o proprio paiz e bloqueiarão os portos das cidades commerciaes.

Sobre o modo e tempo de fazer agir o exercito, deixae ao general, collocado por vós á frente d'elle, resolver, segundo as circumstancias. O vosso objectivo é executar o que proponho no meu relatorio.

Se começardes, athenienses, fornecendo os subsidios, que indico, e, depois de tudo preparado — navios, infantes e cavalheiros, obrigardes por uma lei o exercito inteiro a permanecer sob as bandeiras: si, thesoureiros e dispensadores de vossos fundos, exigirdes do general conta da campanha, não prolongareis mais sobre a mesma deliberação sem fim e sem resultado.

Colhereis ainda outra vantagem : privareis Philippe da mais abundante fonte de suas receitas. Qual? A dos despojos roubados no mar aos aliados de Athenas e do quaes elle se serve para combater Athenas.

Nem será isto somente: não vos vereis mais expostos ás suas piratarias : Philippe ficará impossibilitado de precipitar-se sobre Lemnos, sobre Imbros para carregar de ferros vossos concidadãos e arrastal-os atraz do seu sequito: Gercestos não o verá aprisionar os seus navios e recolher delles sommas immensas : o macedonio não mais desembarcará, como ultimamente, para nos roubar a trireme sagrada, pilhagens, que não pudestes impedir... porque os vossos soccorros passageiros jamais chegam no momento determinado.

Entretanto, athenienses, sabeis bem porque as Panatheneas e as Dionyséacas são sempre solemnizadas no tempo prescripto, qualquer que seja a habilidade ou a impericia dos directores dessas duas festas, em que despendeis mais ouro, do que o preciso para uma expedição naval, festas, cujo tumultuoso apparatus é sem exemplo, ao passo que ignoraes porque vossas fréatas chegam sempre tarde a Methona, a Pegasos e a Potidea!

Quereis saber porque? E' porque aquellas festas são ambas reguladas por lei: é que cada um de vós conhece com grande antecedencia o chorego, o gymnasiarcha de sua tribu, o que lhes compete fazer e quando e as sommas que elles devem receber e de que mãos as recebem:

nessas festas tudo está previsto: nada ha de indeciso, nem de negligenciado; para a guerra porem e para os armamentos, nenhuma ordem, nenhuma regra, nenhuma precisão!

«Ao primeiro grito de—alerta—nomeamos trierarchas, procedemos ás substituições, sonhamos com recursos pecuniarios: terminados estes preliminares, decretamos o embarque do estrangeiro domiciliado, depois, do liberto, e afinal de cidadão, que ha de substituil-os.

Os adiamentos se succedem, e quando deviamos singrar para as nossas praças, nós já as temos perdido, porque o tempo de agir, nós o consumimos em preparar, e a occasião não espera o fim de nossas tergiversações, e as forças que, no intervallo, contavamos ter armadas por nós, no momento decisivo, são reconhecidas insufficientes e impotentes!

E' por isso que o homem leva já a sua audacia ao ponto de escrever aos da Eubea cartas da ordem da que ides ouvir ler. (*O notario procede á leitura da carta em que Philippe aconselha aos Eubeanos que não contem com a alliança de Athenas, affirmando que esta Republica é INCAPAZ DE DEFENDER-SE A SI PROPRIA. O orador prosegue.*)

«Convenho, athenienses, que é para vós desagradabilissimo ouvir ler um papel de tal natureza; mas, desgraçadamente, tudo quanto ali está escripto é a verdade: supprimil-a só para não affligir-vos, seria por ventura apagal-a

dos negocios? Mas então o vosso prazer seria então a lei unica do orador! Si, porem, o fallar só com o intuito de delectar-vos só consegue perder-vos, é uma vergonha, concidadãos, que continueis a illudir-vos a vós mesmos, que recueis diante das emprezas difficeis, que procrastinéis todas as vossas operações e que não chegueis a convicção de que para dirigir bem uma guerra é mister, não acompanhar os factos, mas prevenil-os e precedel-os, e de que, do mesmo modo, que um general, cujo posto é nas primeiras linhas do seu exercito, um povo de criterio politico, deve collocar-se sempre á frente de seus negocios, afim de executar o que resolveu, e não arrastar-se como escravo atraz dos acontecimentos!

«Dispondes, athenienses, das mais importantes forças de terra e mar, que tem a Grécia, e de consideravel receita; entretanto, até hoje, apesar dos vossos movimentos, não obtivestes nenhuma das vantagens que elementos taes proporcionam.

O pugilato dos barbaros, eis vossa rotina de guerra contra Philippe! Um desses rudes athletas recebeu um golpe? Eil-o que leva a mão ao lugar ferido. Ferem-no em outro ponto? A mesma manobra; mas aparar os gloopes, olhar o inimigo de frente, elle nem ousa, nem sabe.

Do mesmo modo, sois informados de que o macedonio está no Chersonezo: decreto para socorrer o Chersonezo.

Acha-se elle nas Thermopylas? Decreto para as Thermopylas. Em qualquer outro ponto? Eis-vos a correr, subir e descer em seu seguimento! Sim: manobraes sob suas ordens, nunca tomando uma medida militar importante, jamais prevendo cousa alguma, aguardando sempre a noticia do desastre de hontem e de hoje!

Outr'ora, talvez pudesseis impunemente proceder assim; a crise, porem, é imminente e exige reforma.

Não seria, athenienses, um deus, que, por amor á nossa Republica, envergonhado de tantas affrontas, despertasse no coração de Philippe esta actividade inquieta? Si, saciado das conquistas feitas precedendo-vos sempre, se resolvesse elle a ficar socegado, si estacasse em sua carreira, talvez mais de um cidadão se resignasse á perdas, que dão testemunho de nossa cobardia, e que votariam a nação á infamia; mas sempre aggressor, sempre sequioso de engrandecer, si de todo não perdestes a esperança, é possivel que elle vos desperte ainda.

Confesso-vos, athenienses, que causa-me estranheza não surgirem em vossos cerebros tristes reflexões, não tremerem os vossos corações de indignação e de colera, vendo uma guerra, começada só para castigar Philippe, degenerar afinal em simples defensiva contra Philippe.

E' loucura suppor que elle pare, e não parará, é evidente, si não lhe tomarmos a frente e não lhe fecharmos o caminho.

E será isto que havemos de esperar sempre? E por-

que expedistes em galeras vasias esperanças provocadas por alguns temerarios, julgaes porventura que tudo vae ás mil maravilhas? Embarcaremos? Sahiremos em pessoa, reunindo uma parte de soldados-cidadãos, já que o não fizemos antes? Singraremos para os estados do macedonio? Onde abordar? Perguntar-se-me-ha. Ataquemos somente, ó athenienses! A guerra, por si mesma, descobrir nos-ha a ulcera gangrenada do inimigo.

Si, porém, permanecermos em nossos lares, ouvintes ociosos de discursadores, que se accusam e se dilaceram á porfia, jamais, jamais executaremos uma só medida necessaria. Sobre qualquer ponto, para o qual somente uma parte dos cidadãos prepare uma expedição naval, os deuses benevolentes e a fortuna combaterão connosco e por nós.

Ao contrario: por onde quer que envieis um general sem soldados, decretos sem força, chimericas promessas de tribuna, nada terá exito.

Objecto de mofa para os inimigos, taes armamentos são o terror e a morte de vossos alliados. Impossivel absolutamente impossivel é que um chefe unico carregue o enorme fardo, sob que o assoberbaes: prometter, pagar com palavras, e lançar depois sobre outros a responsabilidade e a culpa de vossos desastres, eis tudo quanto elle poderá fazer; ora, isso é apenas a vossa ruina.

Um general arrasta á guerra pobres estrangeiros sem soldo: homens levianos correm á tribuna para calumnial-o

em tudo que elle faz longe de nós: sobre meros boatos, simplesmente por—*ouvir dizer*—juizes egualmente levianos, vós, ao accaso, o fulminaes com uma condemnação! Com franqueza, que ha a esperar de tudo isso?

Qual, porém, o remedio a males taes? E' designar cidadãos, que sejam, a um tempo, soldados, fiscaes dos generaes e seus juizes depois da volta ao lar.

Deste modo conhecereis melhor os vossos negocios, do que sobre simples relatórios: presentes nos logares, estudal-os-heis vós mesmos. Mas hoje, ó cumulo de ignominia! Os vossos generaes expõem-se duas e tres vezes a morrer por vossas sentenças, sem terem coração para arriscar a vida em um só combate!

A morte do scelerado e do salteador, elles a preferem á morte dos guerreiros! Si com effeito é justo que o malfeitor pereça em sacrificio á justiça publica, um general só deve morrer em face do inimigo, com a espada na mão.

Alguns dentre vós, espalhando boatos, affirmam que Philippe trama com Esparta a ruína de Thebas e o desmembramento de nossas democracias: estes conseguem expedir enviados ao *grande rei*: aquelles, que se fortifiquem praças na Illyria: cada um fabrica e propala a sua fabula pelas ruas e praças.

Quanto a mim, athenienses, por todos os deuses! Eu creio esse homem embriagado de suas magnificas proezas: creio que mil sonhos brilhantes acariciam sua imaginação, porque elle não vê obstaculo algum levan-

tar-se deante de si: creio-o ancho de seus successos; mas, invoco o testemunho de Jupiter! Philippe não combina os seus planos de modo a serem devassados por idiotas da mais baixa esphera: quaes, porém, são estes? Os novellistas.

Desprezemos as miragens e consideremos que o macedonio é o nosso inimigo, o nosso espoliador: reflectamos que, ha muito, elle nos insulta e nos ultraja: que todos os soccorros, com que contavamos, voltaram-se contra nós: que d'ora em diante, os nossos recursos estão em nós mesmos, e que nos recusarmos a levar a guerra aos seus estados será com certeza sujeitarmos-nos á triste e fatal necessidade de sustental-a ás portas de Athenas!

Si conheceis isto, sabereis o que importa fazer e repellireis conjecturas ineptas. O vosso dever não é devassar as trevas do futuro; mas as desgraças, que esse futuro póde trazer-vos, se não accordardes do somno de indolencia, a que vos entregaes. Para taes desgraças é que se torna preciso olhar de frente.

Pela minha parte, para agradar-vos apenas, jamais dei um parecer ou apresentei proposta alguma, em minha convicção, contraria aos vossos interesses: hoje, acabo de explicar-me com liberdade, franqueza e simplicidade. Feliz, se nutrisse a segurança de que será tão util ao orador offerecer-vos os melhores conselhos, quanto a vós recebê-los. Quanto minha tarefa teria sido mais suave! Ignoro o que resultará dos meus conselhos. Não importa:

persuadido de que vosso interesse está em segui-los, falei. Prevaleça o alvitre, que deva salvar-vos!»

Este discurso foi pronunciado no anno 352 antes de Nosso Senhor Jesus-Christo.

Até nas camaras, producto da corrupção e da vontade do executivo, incapazes, portanto, de assomo de patriotismo e de independencia, escravas, que rojam sempre aos pés dos dominadores da hora, um discurso destes causaria profunda impressão, ainda que não produzisse resultado algum.

XII. A eloquencia patriotica de Demosthenes não conseguiu vencer a indole negligente dos athenienses: não tendo sido ainda atacados, nada fizeram para embaraçar Philippe na sua carreira de conquistador.

No anno seguinte, proferiu Demosthenes outro importante discurso em favor dos democratas de Rhodes, apeiados do poder pelos olygarchas, apoiados pela protecção persa e por um contingente cariceno, que lhes forneceu a rainha Artemisia.

Os democratas, despojados das posições, perseguidos, violentados e oprimidos recorreram a Athenas pedindo-lhe protecção.

Philippe conseguira illudir as desconfianças de Athenas, conservando-se dous annos na sua capital, entregue aos prazeres, segundo se dizia, mas preparando sempre os meios de cada vez mais engrandecer-se.

Quando menos se esperava, eil-o de novo em campo,

empunhando as armas. Depois de alguns combates felizes nas costas da Laconia, apoderou-se de Pheres, cidade dos Thessalianos: passando a Eubéa, é alli batido por Phocion, e para neutralisar este revez, atira-se para o Hellesponto, toma os fortes de Gera, de Stagiria, de Myciberne e de Torona, e prepara-se para sitiar Olyntha.

Os habitantes desta cidade, ameaçados pelas armas macedonias, deputam para Athenas uma commissão, encarregada de obter soccorros.

Demades impugna com vehemencia a pretensão dos olynthios: Demosthenes os sustenta e profere o discurso conhecido por primeira Olynthia, ou segunda Philippica. Desta vez a opinião do orador prevaleceu. Chares seguiu em auxilio dos olynthios com trinta navios e tres mil mercenarios estrangeiros.

Nas costas de Pallena, este general bate os—*favoritos de Philippe*—corpo de oitocentos homens.

A noticia desta insignificante e facil victoria produz entre as massas populares de Athenas explosões de alegria. Não faltaram, como sóe succeder em occasiões taes, oradores bellicosos que aconselhavam o povo, acabasse de uma vez com o rei da Macedonia.

Demosthenes, que bem conhecia os seus concidadãos, e que com a sua perspicacia politica, não se deixava arrastar pelas illusões das turbas, profere a segunda Olynthia, ou terceira Philippica, censurando as fanfarri-

ces dos seus patricios e procurando inspirar-lhes circumspecção e prudencia.

Prova-lhes que ainda não é chegada a occasião de aniquilar o macedonio; mas que antes de tudo, urgia soccorrer e salvar os alliados de Athenas.

Com effeito, nesse mesmo anno, os olynthios apertados cada vez mais pelas forças macedonias, solicitavam novos soccorros.

Athenas manda-lhes dezoito triremes, quatro mil mercenarios e cento e cincoenta cavallarianos, sob o commando de Charidemos de Oreos.

Este chefe, depois de ter assolado a peninsula de Palena e Bottia, entra em Olyntha, onde pratica toda a sorte de excessos, violencias e escandalos.

Os habitantes oppressos pelos seus auxiliares, recorrem para Athenas por uma terceira deputação, pedem tropas compostas de cidadãos athenienses.

Eubulo e Demades sustentam que a Republica não deve envolver-se em semelhante lucta.

Demosthenes, pelo contrario, defende a causa dos olynthios e profere a sua terceira e ultima Olynthia ou quarta Philippica.

Estas três orações são do anno de 349.

Na quinta Philippica, sustentando a conveniencia de manter-se e conservar-se a paz, de que se dizia desejoso o macedonio, (anno 346) revela o orador a sua grande habilidade politica e as suas qualidades de estadista. Os

seus esforços tinham apenas retardado, por pouco, a queda de Olyntha.

Antes da chegada do ultimo reforço mandado pelos athenienses, o rei da Macedonia, a pezo d'oiro, tinha conseguido assenhorear-se da capital da Chalcidica. Tendo posto fim á guerra sagrada pela destruição da Phocida, Philippe é considerado membro do corpo amphictyónico (especie de congresso federal da Grecia) e pede com instancia a Athenas que confirme o seu novo titulo.

O povo reúne-se para deliberar sobre este assumpto. Depois de prolongadas negociações a paz é finalmente concluida no anno seguinte. Temos como certo que foi depois disto que Athenas mandou a Philippe uma embaixada de dez membros, entre os quaes Demosthenes.

Diz Plutarcho, que Philippe tendo ouvido os outros, só ao discurso de Demosthenes prestou attenção e respondeu com cuidado, reservando, porém, para Eschines e Philocrates, agentes seus em Athenas, todas as demonstrações de sua deferencia pessoal e politica.

A maioria dos escriptores, porém, é accorde em affirmar que o rei recebeu-o mal e tratou-o com desprezo, e tanto mais verosimil nos parece essa asserção, quanto depois de sua embaixada, Demosthenes cada vez mais tornou-se inimigo de Philippe.

A sua resposta aos collegas, que elogiavam a belleza, a eloquencia, e as qualidades de bom bebedor do pae de Alexandre: « Qualidades taes podem assentar bem em

uma mulher, n'um sophista, ou n'uma esponja; mas jamais em um rei » como que prova que elle, com effeito, foi mal recebido.

Um escriptor moderno affirma que nessa embaixada o eminente orador mostrou pouca presença de espirito e pouca dignidade.

XIII. Os athenienses, segundo os conselhos de Demosthenes, não se recusaram a reconhecer o titulo de Amphictyon conferido áquelle de quem Valerio Maximo diz : « Philippus majore ex parte mercator Grœcia, quam victor. »

Não obstante ter-se concluido a paz, Demosthenes (em 346) pronuncia a sexta Philippica, em que procura despertar Athenas da inercia, em que se conserva, apontando-lhe Philippe, como inimigo disfarçado, contra o qual nunca serão demasiadas as precauções, e aconselha ao povo que se prepare á combatel-o, visto como todos os seus actos demonstram que elle machina a submissão da Grecia inteira.

N'essa occasião chegavam simultaneamente a Athenas duas embaixadas : uma, que vinha expor as queixas de Philippe e pedir as explicações necessarias : outra de Argos e Messina, que se queixavam tambem de que os athenienses favoreciam os macedonios, tyrannos do Peloponeso.

Os athenienses sentiam-se embaraçados para responderem convenientemente ás duas embaixadas. Demos-

thenes encarrega-se da tarefa. O discurso por elle proferido foi transmittido por copia ao rei da Macedonia, que depois de lel-o, exclamou: « Eu, de bom grado, emprestaria minha voz a Demosthenes para ajudal-o a declarar-me guerra, e nomeal-o-hia general do exercito atheniense ».

Longe ainda estava a jornada de Cheronéa e já Philippe fazia bem deploravel juizo das aptidões militares de seu adversario. Os seus talentos oratorios, porem, elle os sabia apreciar, como se vê do seguinte dito: « Os discursos de Isocrates cheiram-me a esgrima: os de Demosthenes, porém, respiram a guerra. »

A setima Philippica é proferida em 344. A oitava, ou discurso sobre o Chersoneso em 343. O general Dispithes, e as accusações, de que era esse victima em Athenas, constituem o assumpto deste discurso. O Chersoneso pertencia a Athenas desde longo tempo.

Um antigo costume dos athenienses era transportar os pobres que não tinham recursos na Attica para as possessões da Republica, fornecendo-lhes armamento e instrumentos de lavoura. Colonos tinham sido expedidos para o Chersoneso sob a direcção e commando do general Dispithes.

Bem acolhidos pelos habitantes, receberam elles terrenos e casas; mas foram repellidos pelos cardios, que pretendiam que os terrenos lhes pertenciam, e não dependiam de Athenas. Atacados por Dispithes, recorrem a

Philippe, que escreve aos athenienses, recommendando-lhes que não violentem os seus clientes, e se dirijam a elle, si se julgam lesados. O povo repelle a intimação do macedonio.

Philippe manda soccorros aos cardios. Dispathes, indignado, aproveita-se da occasião em que, elle, internado na Thracia, guerreava contra o rei dos odrysos, arremessa-se sobre a Thracia maritima, dependente da Macedonia, e a devasta. Antes da volta do rei, volta ao Chersonezo, onde se fortifica. Não podendo tirar desforço pelas armas, o rei dirige segundo despacho a Athenas, accusando o general de ter violado a paz.

Os oradores do partido de Philippe trovejam contra Dispathes, e exigem a sua punição. Demosthenes combate-os, e estabelece a sua argumentação sobre dous pontos: 1.º a conducta de Dispathes é correcta: Philippe foi o primeiro a romper as hostilidades e a violar a paz por seus manejos iniquos para com uma cidade, dependente de Athenas: 2.º E' contrario á dignidade e aos interesses da Republica punir o general, e licenciar o exercito, que faz estacar o conquistador na entrada do Chersonezo.

Por ultimo, o orador incita os seus concidadãos á guerra, e termina accusando energicamente o rei de violador da justiça e da fé dos tratados, e denunciando-o como machinador da escravisação de Athenas e da Grecia.

XIV. Era nossa intenção dar aos leitores uma ligeira noção dos assumptos discutidos por Demosthenes em cada um de seus discursos, a medida que os fossemos mencionando ; mas o pouco, que dissemos sobre aquelles de que temos falado, mostra-nos que se fizéssemos o mesmo com relação a todos, o nosso trabalho tomaria proporções, que não desejamos, nem podemos dar-lhe. Limitar-nos-hemos a cital-os d'ora em diante apenas com a data provavel.

A decima e decima primeira Philippicas, que alguns consideram como terceira e quarta, foram proferidas em 342 e 341. A decima segunda, ou discurso contra Letter, em 339. O elogio funebre dos mortos em Cheronéa, em 338. Esta oração dal-a-hemos na integra, mais tarde. Discurso sobre os tratados com Alexandre, em 325. Dos até agora mencionados estes ultimos são reputados apocryphos por muitos escriptores.

Discursos judicarios: os tres discursos contra Aphobo, os dous contra Onetor, e um contra Callipo, proferidos todos em 364. Contra Polycles e sobre a corôa naval em 361. Contra Androcion e contra Leptimo em 355. Contra Evergs e Maresibulo e contra Zenothiemis, em 356. Contra Timocrates, 353. Contra Aristocrates, 352. Contra Thimotheo, no principio de 351. Contra Besto, no mesmo anno. Em favor de Phormion, 350. Contra Midias, 348. Segundo discurso contra Besto, 347. Contra Eubulides,

346. Os dous contra Stephano, 344. Sobre as malversações da embaixada, 343. Contra Conon, depois deste ultimo. Contra Olympiodoro, 342. Contra Nœera, 340. Contra Theocrina, 336. Contra Aristogogiton, 338. Contra Phormion, 336. Contra Dionysiodoro, 331. Sobre a corôa, em favor de Ctesiphonte e contra Eschines, 330. D'este nos occuparemos depois. Contra Theocrino, 325.

A esta lista podem-se juntar os discursos de datas incertas: contra Apaturio, pro Lacrito, contra Nausimacho, Xenopitho, Spudias, Phœenipps, Macastato, Liochares, Miostrato e Callicles.

A authoridade de muitos destes discursos é contestada por escriptores versados nas letras gregas. Alem destes discursos, que teem atravessado os seculos, provavelmente pronunciou o grande orador muitos outros, que se perderam.

Depois desta rapida nomenclatura de suas orações proseguiremos em nosso trabalho.

XV. Tudo concorria para que, em pouco, se rompesse o tratado da paz concluido com a Macedonia. De um lado, Philippe, com a sua monstruosa actividade, sempre a braços com expedições e emprezas novas, e, do outro, Demosthenes, sempre ardente em excitar a Grecia inteira contra elle, despertaram de alguma forma os athenienses de sua habitual indolencia.

Aproveitando-se das circumstancias, o eloquente tribuno

aconselha aos seus concidadãos que corram em soccorro Eubéa, esmagada sob o jugo macedonio.

Os athenienses adoptam o conselho: Demosthenes lavra o decreto determinando a expedição. Os athenienses desembarcam n'aquella ilha e della expellem os macedonios. Perintho, cidade forte da Prepontide, sitiada por Philippe, apoz vigorosa resistencia, é soccorrida pelos Bysantinos. O rei, despeitado, divide as suas forças, e sitia tambem Bysancio.

Demosthenes convence os seus concidadãos de que, esquecidos os antigos resentimentos, que os separam dos sitiados, é mister soccorrel-os logo e logo. Os athenienses intervêm na lucta.

Graças aos persas, que ja começavam a desconfiar de Philippe, Perintho logra livrar-se das garras do macedonio: a expedição atheniense, commandada por Phocion, liberta os bysantinos, e consegue expellil-o do Hellesponto.

A guerra estava travada. Demosthenes, como representante de Athenas, percorre as cidades da Grecia, e subleva grande numero d'ellas contra o dominio macedonio. Sem contar com as forças das cidades, que se armavam á propria custa, a liga grega dentro em pouco tinha em pé de guerra um exercito de quinze mil infantes e dous mil cavalleiros.

Todas as medidas foram tomadas para que não faltas-

sem os recursos pecuniarios para a alimentação e soldo dos estrangeiros alistados.

Tudo isto, porem, não satisfizia as vistas e planos do ardente tribuno, que reputava ainda indispensavel a alliança e o concurso dos thebanos, limitrophes da Attica e dispondo de tropas experimentadas e aguerridas, e de grande reputação militar em toda a Grecia.

Não era facil attrahil-os á liga, porquanto Thebas achava-se presa a Philippe, pelos grandes serviços que este principe lhe prestara por occasião da guerra da Phocida. Demosthenes, não obstante isto, aconselhou ao povo que sollicitasse a alliança de Thebas, e foi em pessoa encarregado com outros dessa missão.

Philippe, por sua parte, mandou tambem a Thebas quatro emissarios com o fim de responderem e neutralisarem os esforços dos enviados athenienses. Os thebanos não se esqueciam do que deviam a Philippe, e nem ainda estavam cicatrisadas as feridas recebidas na guerra Phocidica.

Elles bem comprehendiam o que lhes seria mais conveniente na occasião, e não se illudiam sobre os perigos, que lhes traria a quebra de relações com a Macedonia; mas tal foi a vehemencia e a eloquencia, com que lhes falou Demosthenes, que, banidos os temores, deixaram de parte as considerações de utilidade propria para attenderem somente á honra e á utilidade da Grecia.

Thebas entrou franca e lealmente na liga.

XVI. Merecidamente festejado, querido, considerado, tanto em Athenas, como em Thebas, o temível e incansavel adversario de Philippe tornou-se a alma de todas as deliberações das assembléas destes dous estados. A attitude da Grecia era tão temerosa que o rei da Macedonia julgou de bôa politica mandar uma embaixada a Athenas, exigindo a conservação da paz estipulada.

Os embaixadores nada poderam obter. A questão devia resolver-se pelas armas. A Grecia e a Macedonia prepararam-se. Como era uso, consultaram os gregos os oraculos, cujas respostas pareceram sinistras.

Demosthenes, lembrando aos thebanos e athenienses que Epaminondas e Pericles jamais deram importancia á essas predicções, e antes, quaesquer que fossem ellas, seguiam as inspirações do patriotismo e da razão, fez-lhes sentir que todas ellas eram pretextos para encobrir a fraqueza e a cobardia de alguns, e sem o menor fundamento, accrescentando com espirito que até os oraculos *philippisavam*.

Incitados por sua eloquencia, confiados na justiça da causa que defendiam, o exercito alliado só exigia que o levassem ao campo de batalha.

Philippe, á frente de seu exercito, composto de trinta mil infantes e dous mil cavalleiros, penetra na Beocia. Os athenienses dirigiram-se para Euleusís, onde se reuniram aos thebanos.

As forças eram quasi eguaes ; havia, porem, uma grande differença entre os generaes.

O unico cuja capacidade militar podia contrabalançar a de Philippe, Phocion, por considerações partidarias, foi posto á margem. O commando das tropas alliadas foi confiado a Chares e Lysicles, generaes ignorantes e presumçosos.

As paixões politicæs cegam os homens ainda no meio das maiores difficuldades e perigos. Em Cheronéa os dous exercitos acharam-se frente a frente, dispostos a ferir a batalha decisiva.

Philippe confiou o commando da ala esquerda a Alexandre, que então tinha apenas desesete annos de idade ; mas teve a precaução de collocar ao seu lado os seus melhores e mais experimentados officiaes, e em pessoa tomou o commando da direita. Do lado dos alliados, os thebanos formavam a direita e os athenienses a esquerda. A batalha começou ao sair do sol. (*anno 338*).

A lucta foi longa e sangrenta, e por muito tempo a victoria ficou indecisa, tal, de lado a lado, era o ardor e a coragem dos combatentes.

Alexandre, que pela primeira vez se batia, á vista de seu pae e dos mais afamados generaes de seu paiz, distinguuiu-se entre todos, ora pela calma, que sabia conservar, ora pela temeridade de creança, que era. O batalhão *sagrado* dos thebanos oppoz-lhe uma resistencia heroica, mas depois a nata das forças thebanas teve de

ceder ao impeto do joven macedonio, que conseguiu levar a confusão e a desordem ás suas fileiras, e acabou aniquilando-os inteiramente. A direita dos alliados foi derrotada.

Na esquerda, a refrega foi igualmente tremenda. O rei carregou com vigor os athenienses, que, pouco a pouco, iam perdendo terreno. Lysicles, entretanto, conseguiu, no centro, romper alguns batalhões macedonios, e confiado e temerario, bradava aos seus: «*Eia! persigamos o inimigo até á Macedonia.*»

Percebendo que Lysicles não sabia aproveitar-se da vantagem obtida para flanquear a phalange e derrotal-a tambem, e que, cegos, só se preocupavam de perseguir os fugitivos, Philippe, disse calmamente aos que o cercavam: «*Estes athenienses nem vencer sabem*» e immediatamente fel-a occupar uma eminencia, d'onde impetuosamente arrojou-a sobre os athenienses, levando a desordem e a confusão aos que perseguiam os batalhões fugitivos.

Aos golpes da phalange, mil athenienses ficaram estendidos no campo da batalha: dous mil foram feitos prisioneiros: o resto debandou tumultuariamente.

N'esta batalha achou-se Demosthenes, que havia mandado gravar em letras d'oiro no seu escudo a seguinte inscripção: *á boa fortuna*. Infelizmente, a sua coragem militar não correspondeu á civil e politica. O heroe da tribuna largou as armas da mão logo no principio da acção e fugiu aterrado.

Alguns escriptores accrescentam que Demosthenes, na disparada em que ia, sentindo-se preso pelos espinhos, julgou-se agarrado por algum inimigo, e no auge do terror exclamara: « Poupem-me a vida. »

Isto não passa de uma anedocta, espalhada por algum de seus desaffectedos, a que não se deve dar o menor credito, desde que nem uma só testemunha do ridiculo episodio é citada.

A victoria de Philippe foi completa: entretanto elle não soube em taes circumstancias manter a gravidade de um rei. Para celebrar o faustoso acontecimento o rei da Macedonia deu um banquete aos seus officiaes, onde tambem se achou Demades, seu amigo e seu agente em Athenas. Terminada a festa, dirigiram-se todos ao campo de batalha, juncado de cadaveres. Os mortos não escaparam de suas zombarias e insultos.

Não contente com isto, poz-se a cantar, batendo o compasso, as primeiras palavras do decreto de Demosthenes, que mandara por em musica: « *Demosthenes, de Pelonia, filho de Demosthenes, disse* Os seus officiaes ouviam-n'o tristes e silenciosos. Demades disse-lhe: « *Não é justo, Senhor, que aquelle, a quem a fortuna proporciona o lugar de Agammennon, queira representar o papel de Thersites.* » Philippe cahiu em si, e agradeceu ao orador a sua observação.

Passada a embriaguez da victoria, muitas vezes os seus amigos o ouviram falar com admiração na força da

eloquencia de Demosthenes, que o havia obrigado a arriscar em uma batalha o seu reino e a sua vida.

XVII. O desastre de Cheronéa animou os inimigos do orador, que não lhe pouparam injurias e insultos, e levaram a audacia a cital-o perante a justiça para dar contas de sua conducta; o povo, porem, não somente o declarou isempto de responsabilidades, como ainda conferiu-lhe novas distincções, e considerando-o, entre todos os seus oradores, o mais zeloso pela causa publica, chamou-o de novo á administração.

E para deixar provado que Athenas não se sentia arrependida de seguir os seus conselhos, nem abatida com os revezes, recebeu elle a alta distincção de ser o orador official, que pronunciasse o elogio funebre dos mortos em Cheronéa, cujas ossadas acabavam de chegar e iam receber sepultura solemne.

Comquanto alguns considerem apocrypho esse discurso, nós não o julgamos indigno de figurar entre as produções de Demosthenes, e o damos na integra em seguida, até para que os leitores possam comparal-o com a oração de Pericles sobre o mesmo assumpto :

« Desde que a Republica, depois de ter decretado exequias nacionaes para os que repousam n'este tumulo, e que, na guerra, foram bravos e valentes, ordenou-me que sobre elles pronunciasse o discurso que a lei determina, reflecti nos meios de louval-os convenientemente; as pesquisas, o estudo e a meditação, porem, ensinaram-me que uma

linguagem digna destes mortos é impossível. Com effeito, ter despresado a vida, cujo amor é innato em todos os corações, ter preferido morrer nobremente a viver testemunhas das calamidades da Grecia, não é deixar apoz de si virtude superior a todos os elogios? Espero, entretanto, poder falar, a exemplo dos oradores que me precederam n'esta tribuna.

O interesse que Athenas liga aos cidadãos mortos nos combates, facil de reconhecer por outras provas, o é sobretudo pela lei, que a si mesmo impoz, de escolher um orador para os funeraes publicos. Sabendo que as grandes almas, cheias de desprezo pela posse das riquezas e pelo gozo dos prazeres, só aspiram á virtude e aos louvores, a Republica julga dever honral-as com um discurso, o mais poderoso meio para grangear-lhes esses bens: e a gloria conquistada emquanto viviam, ella quer mantel-a alem da morte.

Se eu não visse n'estes guerreiros outro merito, alem do valor, limitar-me-hia a este elogio; mas, visto que elles receberam em partilha nascimento illustre, aprimorada educação e uma vida, toda de honra, teria vergonha de parecer desprezar um só de seus titulos ás nossas legitimas homenagens.

Começo por sua origem, cuja nobreza em todos os tempos foi reconhecida por todos os povos; porquanto alem dos paes e dos avós, cada um delles póde fazer

remontar o seu nascimento á patria commum, cujo solo, segundo a opinião unanime, os gerou.

Sim, unicos entre todos os homens, os athenienses habitaram e transmittiram aos seus filhos a terra materna: assim, por uma justa apreciação, os que emigram para as cidades estrangeiras, e que dellas são considerados cidadãos, assemelham-se aos filhos adoptivos, emquanto que, pelo sangue, somos os verdadeiros filhos da nossa patria.

Foi entre nós que appareceram os primeiros fructos, que nutrem o homem; ora n'isto, alem do maior beneficio para a humanidade, descubro a prova irrecusavel de que esta região é a progenitora de nossos antepassados.

Com effeito, por uma lei natural, o ser, que gera, traz em si mesmo a nutrição do recém-nascido, phenomeno realisado pela Attica.

Assim de tempos immemoriaes, nasceram os avós d'estes guerreiros.

Quanto á bravura d'elles e ás outras virtudes, que os ornaram, hesito em dizer tudo, receioso de exceder os limites d'este discurso.

Para os factos, porem, cuja recordação tem mais utilidade e o conhecimento mais encantos, factos gloriosos e sem extensão fatigante, procuremos apresental-os em rapidos traços.

«Os pais, os avós, os antepassados os mais afastados geração actual jamais commetteram uma só aggressão contra o grego, ou o barbaro; e, sem contar as suas outras virtudes,

tiveram sempre a da equidade; para se defenderem, porem, praticaram mil feitos brilhantes. Sobre o exercito das Amazonas, que se precipitavam na Attica, alcançaram victorias decisivas que as repelliram para alem do Phaso.

Os bandos de Eumolpo e de outros chefes, aos quaes os povos situados ao occidente não puderam fazer face, nem oppor-lhes resistencia, foram por elles expellidos d'esta região e da Grecia inteira. Até os filhos d'esse Hercules, protector dos mortaes, os denominaram seus protectores, quando, fugindo do Euristheu, vieram ter a esta terra. A todos estes bellos feitos e a uma multidão de outros accrescentemos que elles não consentiram que se ultrajassem os direitos dos mortos, quando Creon prohibiu que fossem sepultados os sete chefes, que haviam sitiado Thebas.

«Omitto muitas das façanhas consignadas nos mythos. cada uma, das que tenho lembrado, forneceu materia tão brilhante e tão vasta que os poetas da epopéa, da tragedia, da lyra e a maior parte dos historiadores fizeram d'ellas assumptos de suas obras.

Quanto áqueellas que sem serem collocadas menos alto em nossa estima, não foram ainda, por causa de sua data mais recente, ornadas de ficções, nem classificadas entre os feitos heroicos, vou referil-as.

«Nossos paes, sosinhos, por duas vezes, repelliram sobre um e outro elemento os innumeraveis exercitos, despejados da Asia inteira, e, com risco proprio, salvaram todos os hellenos.

O que vou dizer, outros já o disseram antes de mim: não importa.

Hoje ainda é preciso fazer a estes grandes homens nobres e legítimos elogios.

Muito superiores aos guerreiros, que se armaram contra Troia, os quaes, formando a nata da Grecia, em dez annos, apenas puderam tomar uma unica praça forte da Asia, não só elles repelliram, sós os exercitos, que corriam d'este vasto continente, e que haviam em sua passagem tudo devastado, como ainda vingaram os males feitos aos demais hellenos.

Ainda mais: para reprimir, no seio da propria Grecia, ambições rivaes, affrontaram todos os perigos, suscitados pela sorte, collocando-se sempre ao lado do direito, até a epocha, em que nascemos.

E nem se pense que, por não poder estender-me sobre cada um d'esses factos, contento-me em enumeral-os.

Quando eu fosse, de todos os oradores, o mais desprovido de invenção, a virtude de nossos antepassados offerece uma multidão de grandes traços, que, por si mesmos, vêm collocar-se na narrativa.

Depois, porem, de ter recordado a origem illustre e as grandes accões de nossos paes, propunha-me a chegar, pela approximação a mais rapida, ás proesas de nossos guerreiros, afim de confundir na mesma gloria homens em que se tinha transmittido o mesmo sangue, persuadido de que seria dulcissimo para os primeiros, que digo eu?

para todos igualmente, estabelecer entre elles uma communhão de virtudes, quer pelo nascimento, quer por nossos elogios.

Aqui devo parar: antes de retrazar a vida dos nossos guerreiros solicito a benevolencia dos que, sem pertencerem ás suas familias, acompanharam este prestito funebre.

Encarregado de honrar estes funeraes por magnificos gastos, por justas de carros, combates de athlétas, quanto mais ardor e sumptuosidade eu empregasse, tanto melhor pareceria ter desempenhado os meus deveres; mas, tendo de celebrar por um discurso estes cidadãos, receiaria naufragar, qualquer que fosse o meu zelo, si não procurasse tornar-me favoravel á multidão de ouvintes, que me cercam.

A opulencia, a força, a agilidade, todas as vantagens d'esta natureza, bastam em despeito de todos, para obter-se a victoria; o talento da palavra, porem, não pode prescindir da benevolencia do auditorio: com ella, um discurso mediocre interessa e faz ruido: sem ella, o mais eloquente orador fatiga sempre.

No momento em que abro a bocca para celebrar guerreiros, cuja vida abre campo tão vasto ao panegyrico, não sei por onde começar.

Tudo se apresenta de uma vez, e impõe-me a difficil tarefa de escolher de momento. Tentarei, entretanto, segui-los pari-passu em sua carreira.

Desde os mais tenros annos, desejosos de brilhar em toda a especie de instrucção, entregaram-se elles aos exer-

cícios convenientes a cada degrau d'essa idade: pais, amigos, parentes, e todos aquelles, aos quaes os ligava o dever, elles sabiam e procuravam encantal-os.

Assim, a memoria dos que lhes eram charos, reconhecendo, por assim dizer, seus traços, a cada momento transporta-se nas azas do pezar, e recolhe milhares de lembranças das virtudes, que n'elles tinham apreciado.

Homens feitos, mostraram a excellencia de sua natureza não só aos seus concidadãos, mas ainda a todos os hellenos.

A prudencia esclarecida é o principio de toda a virtude: a coragem é d'ella a perfeição. A primeira ensaia e escolhe o caminho: a segunda nos firma n'elle.

Estas duas qualidades elles as possuiram no mais elevado gráu.

Antes de todos, elles viram a tempestade, que ameaçava a Grecia inteira, e para salva-la, fizeram mais de um appello aos seus povos, signal certo de penetrante sabedoria.

Emquanto ainda era possivel, sem riscos, fazer estacar o flagello, os hellenos cegos e cobardes, ou não o viam, ou fingiam não vê-lo: desde que, porem, doceis, elles se resolveram a agir, estes, esquecidos todos os resentimentos, collocaram-se á sua frente, concorreram com os seus soldados, fortunas, aliados, e, prodigos da vida, tentaram os azares do combate.

«Quando uma batalha se trava, forçoso é que uns sejam vencedores e os outros vencidos; mas não hesito em dizer,

que, de ambos os lados, os que cahem luctando, não são comprehendidos na derrota, e todos igualmente alcançam a victoria.

Para os que sobrevivem a honra do combate decide-se, como o determinam os deuses; mas tudo quanto importava fazer para obtel-o, todo o homem, morto no seu posto, o fez.

Mortal, cumpriu o seu destino, soffreu os rigores da fortuna: su'alma, porem, não conheceu o desfallecimento.

E si os inimigos commetteram a falta de invadir o nosso territorio, ainda o devemos a virtude d'esses guerreiros.

Depois de havel-os experimentado, na refrega, corpo a corpo, elles temeram emprehender uma nova lucta, com os concidadãos de homens taes, sentindo que encontrariam coragens iguaes, e que podiam não contar com a mesma fortuna.

As condições da paz, então concluida, não são a mais fraca prova d'esta verdade.

Não, ninguem poderá dizer que o monarcha inimigo a isso se tivesse decidido por motivo mais real, ou mais glorioso para nós.

Tocado de admiração pelo heroismo destes illustres mortos, elle preferiu fazer-se amigo de seus compatriotas a arriscar ainda uma vez a sua fortuna inteira.

Perguntae a quantos se mediram com os nossos guerreiros, si julgam dever a victoria ao valor proprio, ou a estranho e terrivel capricho da sorte?

Nenhum d'elles ousará dizer que a honra d'aquella jor-

nada fôra devida a si e á experiencia e audacia de quem os commandava.

Alem de que um acontecimento, cujo resultado depende da fortuna, essa soberana universal, forçoso será sempre absolver da pecha de cobardia adversarios, que são homens tambem.

Não se attribua aos macedonios ou aos athenienses o facto de ter o general inimigo conseguido romper a ala, que lhe era opposta; mas aos thebanos, que, collocados na frente da batalha, sustentados por batalhadores de córação invencivel, por guerreiros, incapazes de recuar e avidos de gloria, não souberam aproveitar-se de taes vantagens.

Quanto ao mais, as opiniões podem-se dividir; ha, porem, um facto de irrecusavel evidencia para todos os espiritos: é que a independencia da Grecia tinha a sua salvaguarda no peito dos nossos bravos.

Desde o momento em que o destino os arrebatou, cessou toda resistencia.

Possa eu não despertar susceptibilidades, dizendo que o valor d'elles era a alma da Grecia. A meu ver, isso é apenas uma homenagem á verdade. Sim, o mesmo instante viu apagar-se o sopro, que os animava e a honra da patria commum.

Acrescentemos ainda que a nossa linguagem possa parecer exagerada, que, assim como o sol não poderia retirar a sua luz aos homens, sem derramar sobre o resto de seus dias dor e tristeza, assim, depois que estes guer-

reiros deixaram de existir, vergonhosas trevas envolvem a antiga gloria dos hellenos.

Entre as causas multiplas, que elevaram tão alto as suas virtudes, não devemos collocar em ultimo logar a nossa constituição politica.

A olygarchia pode muito bem inspirar terror; mas nunca desenvolver nas almas o horror pelas vilanias e baixezas.

Até na guerra, uma vez travado o combate, cada qual entrega-se ao trabalho de poupar seus dias, certo de que, si por presentes ou obsequiosos passos, consegue apasiguar seus senhores, jamais se livrará da vergonha de tel-os, ainda sendo o mais vil dos homens.

Nas democracias, porem, um dos mais nobres titulos, um dos numerosos direitos, a que os homens devem firmemente ligar-se é a liberdade de dizer de publico as verdades, sem o menor obstaculo.

Qual o meio de sedusir um povo inteiro, quando se haja praticado uma cobardia?

Sente-se o individuo humilhado por aquelle que refere a ignominiosa verdade, e mais humilhado ainda pelo prazer que experimentam os que o escutam em silencio.

Temendo esta affronta inevitavel, todos os cidadãos sustentam com denodo os perigos da guerra, e preferem morte gloriosa a uma vida deshonorada.

Eis os motivos geraes, que levaram os nossos concidadãos a desejaem um nobre passamento: nascimento, educação, habitos generosos, principios de governo; em

cada tribu, porem, causas particulares deram as suas almas essa rija tempera: vou expol-as.

Todos os descendentes de Erectheu, do qual herdaram a denominação de Erechtéides, sabem bem que esse Erectheu, para salvar o seu paiz, abandonara a uma morte certa suas filhas Hyacinthidas.

Quando um filho dos deuses assim tanto sacrificava á libertação da patria, elles corariam de vergonha de ter em mais elevada conta um corpo mortal, do que uma nomeada immorredoura.

Não ignorando que Theseu, filho de Egeu, fôra o primeiro a estabelecer em Athenas a igualdade civil, os Egeidas julgaram um crime trahir os principios d'esse grande homem, e preferiram morrer com elles, a sobreviverem-lhes, a face da Grecia, por um cobarde amor á terra.

A tradição ensinara aos Pandionidas qual a vingança, que Procné e Philomela tiraram dos ultrages de Tereu: unidos pelo sangue a essas filhas de Pandion, a morte lhes pareceu um dever, si elles não desenvolvessem a mesma colera contra os opressores da Grecia.

Ensinaram aos Leonitas: «As Leocoras, celebres na fabula, offereceram-se ao cutello sagrado para salvar a patria» e ao pensarem na mascula coragem d'essas donzellas, homens, ter-se-hiam julgado culpados, si não as igualassem.

Os Acamantidas d'aquelles versos de Homero, em que

o poeta refere que Acamar foi ter á Troia pela ternura por Ethra, de quem recebera a luz.

Assim este heroe affrontou todos os perigos para libertar sua mãe.

Poderiam os seus descendentes recuar antes os perigos, quando se tratava de proteger parentes e amigos?

Os Eneidas são se esqueceram de que Semele, filha de Cadmo, teve um filho deus, que não convem nomear n'esses funeraes, e que este deus foi o pae de Æneu, o progenitor de sua raça: ante o perigo, que apertava igualmente as duas republicas, a lucta a mais sangrenta foi para elles uma divida a pagar.

O chefe dos Cecropidas, segundo a tradiçãõ foi semi-homem e semiserpente, sem duvida porque á força do dragão elle alliava a sabedoria do homem: d'ahi, as duas grandes qualidades, que esta tribu devia fazer reviver.

Os Hyppothoontidas se lembravam do hymeneu de Alope, do qual nasceu Hippothoon, que elles reconheciam por chefe.

Respeitando as conveniencias d'este dia, não desenvolverei taes recordações. Elles pensavam, pois, que lhes cumpria mostrarem-se dignos desse grande homem.

A tribu de Ajax bem sabia que este guerreiro, privado do premio devido ao seu valor, não supportava a vida: tambem, quando esse premio foi conferido a outro pela fortuna, ella comprehendeu, repellindo o inimigo, que

era mister morrer para preencher os verdadeiros destinos dos Aiantidas.

Viver dignos dos antepassados, ou morrer com gloria, tal foi sempre a maxima dos Antiochidas que jamais esqueceram que Antiocho era filho de Hercules.

«Privados de concidadãos d'este quilate, depois de verem despedaçados laços tão intimos, tão queridos, os parentes, os amigos, que sobrevivem, são, sem duvida dignos de compaixão: a patria está viuva e vive em lucto e em lagrimas: elles, porem, são felizes, segundo o conceito dos sabios: primeiro, porque em troca d'esta vida curta, deixam apos de si uma gloria, que, sem jamais envelhecer, atravessará os seculos, e será a consolação de seus filhos, illustrados por ella e educados pela Republica, e de seus paes, cuja velhice cercada de homenagens, será sustentada pelo Estado.

Depois, inacessiveis ás enfermidades, livres dos cuidados e pesares, a que a vida está sujeita, elles obteem pomposos e magnificos funeraes.

Ah! E como não considerar felizes aquelles, que a patria, á expensas suas, depõe no tumulo, aos quaes, sós, concede elogios publicos, que são chorados por seus parentes, por seus concidadãos, por tudo quanto merece o nome de helleno, em uma palavra, por todo o mundo habitavel?

Poder-se-hia dizer que, nas Ilhas Afortunadas, estam

elles assentados proximos aos Immortaes, na mesma cathedra, que os homens virtuosos das priscas eras.

Com certeza, testemunha alguma nos vem revelar essas honras; nós, porem, presentimos, por analogia, que, aos olhos dos vivos, os que dignos foram de terrenas homenagens encontram, alem do tumulo, gloria semelhante.

«E' difficil talvez suavisar por palavras o infortunio presente; tentemos todavia chamar os corações para as idéas, que consolam.

Generosos cidadãos, nascidos de pais não menos generosos! para vós será nobre, será bello, carregar sem dobrar-vos, como tantos outros, o fardo da desgraça, e ter conhecido, sem mudar de aspecto, a bôa e má fortuna.

Sentimentos taes seriam o mais rico tributo aos mortos, e sobre Athenas inteira e sobre os vivos derramariam uma gloria immensa.

E' doloroso para um pae, para uma mãe, perder os filhos, os sustentaculos de sua velhice; mas que nobre satisfação ver esses filhos obtendo da patria homenagens, que não morrem, lembranças e recordações gloriosas, honrados com sacrificios e festas, como os deuses!

E' cruel para os filhos perder o apoio dos paes; mas quanto é bello herdar a gloria paterna!

N'esta partilha, o que é afflictivo, vem da fortuna, sob cuja mão todo o mortal é forçado a dobrar-se; o que

porem é honroso e bello vem da escolha dos homens, que souberam morrer com nobreza.

«Não cogitei de fallar muito, mas simplesmente de dizer-vos verdades. Quanto a vós, depois de terdes chorado, e cumprido o que deveis á justiça e á lei, podeis retirar-vos.»

XVIII — Este discurso, seja de Demosthenes, ou de qualquer outro, foi vasado nos moldes da oração de Pericles sobre o mesmo assumpto, e é, sem duvida, um discurso notavel, em que ha trechos de eloquencia e de grande effeito, em uma assemblea popular; mas quer pelo fundo, quer pela forma não pode emparelhar com o modelo.

Verdade é que as epochas eram muito diversas. Pericles falava no tempo que Athenas era Athenas, a rainha da Grecia—*a escola do mundo civilizado*, no auge da prosperidade, rica, pujante, dictando a lei, e sentia que mais que ninguem concorrera para o engrandecimento da patria.

D'ahi a elevação de idéas, a amplidão da forma, a magestade do estylo, que se nota n'aquella oração.

Demosthenes, pelo contrario, falava na epocha da decadencia da Republica, depois do desastre, que a ferira de morte e do qual fora o principal provocador, e ante um povo decahido de seu glorioso passado, triste ao menos, senão desanimado, e abatido pela jornada de Cheronéa.

Todas estas circumstancias, no nosso modo de ver, não

permittiram a Demosthenes elevar-se á altura do orador, que elle propoz-se a imitar.

N'esse tempo, Demosthenes, apesar de achar-se em pessoa á testa da administração publica não assignava os decretos, que expedia.

Eschines, em seu discurso contra Ctesiphonte, attribue este facto ao desgosto dos athenienses, que, nos primeiros tempos depois da derrota de Cheronéa, não toleravam que o grande orador inscrevesse seu nome nos decretos da Republica, e os faziam assignar por Nausiclés; é porem preciso lembrar que Eschines era inimigo pessoal e politico de Demosthenes, e, como tal, suspeito.

E nem se pode comprehender essa repugnancia dos seus concidadãos, quando lhe conferiram outras honrarias, alem de investil-o da direcção politica e administrativa do Estado.

A versão de Plutarcho nos parece preferivel.

Demosthenes talvez acreditasse, como succede ainda hoje entre muitas pessoas instruidas, no seu *caiporismo* individual, e « para illudir a sua má estrella » mandava espontaneamente assinal-os por amigos seus.

Philippe pouco sobreviveu á sua victoria de Cheronéa.

Para chegar aos seus fins e dominar a Grecia, como dominava a Macedonia, não escrupulisou nos meios: a astucia, o oiro, ou a força empregou-os elle, conforme as circumstancias; durante quatorze annos, seu trabalho foi incessante e tenaz, sem conseguir realisar as suas vistas

á medida de seus desejos, e n'este longo periodo, o orador atheniense acompanhou-o, como a sombra ao corpo.

Antes de todos, Demosthenes percebeu os seus intuitos ambiciosos, e não houve empreza, acto, plano, ou projecto seu, que elle não denunciasse á Grecia da tribuna de Athenas.

A palavra do orador patriota, cioso da autonomia da patria, energica, vibrante, unvida de civismo, embaraçava-o mais do que as armas nos campos de batalha.

E se a Grecia não conservou a liberdade, é porque nos paizes em que a indiferença publica, apaga até o sentimento do brio nacional, e tolera de braços crusados a corrupção dos homens publicos, impossivel, absolutamente impossivel será mantel-a, qualquer que seja o ardor dos poucos, que a defendem contra os golpes da tyrannia.

A conducta de Demosthenes, durante a vida de Philippe, grangeou-lhe, e merecidamente, uma reputação tal, que não se limitou somente á Grecia, á Macedonia, e aos paizes limithrophes da Europa: sua fama penetrou na Asia e chegou aos ouvidos do rei da Persia, que bem comprehendeu que o orador atheniense era o unico grego capaz de reter os macedonios na Europa, e embaraçal-os de realisar os seus planos de invasão aos seus estados, a muito por elles premeditada, e já conhecidos: pelo que escreveu a todos os seus satrapas recommendando-lhes que tratassem Demosthenes com a mais subida distincção,

não regateassem dinheiro, sempre que fosse preciso empregal-o para auxiliá-lo nas suas vistas e planos.

Esta correspondencia, Alexandre, mais tarde, encontrou-a na cidade de Sardes, onde tambem se acharam os registros dos chefes persas, nos quaes estavam inscriptas as sommas, que por vezes lhe foram remettidas.

XIX.—Com o desastre de Cheronéa, segundo dissemos no cap. 17º, os inimigos de Demosthenes moveram-lhe perseguições e processos, e antes mesmo da cerimonia funebre pelos mortos na batalha, Eschines intentou contra Ctesiphonte um processo pelo decreto que conferia a Demosthenes uma coroa de ouro, como recompensa de suas virtudes, patriotismo e zelo pela causa publica; e que ainda hoje é conhecido pela denominação de processo da coroa.

Uma lei Atheniense, affirma-o Cicero, vedava que se propuzesse ao povo coroar qualquer cidadão em funcções administrativas, emquanto não tivesse prestado contas ao thesouro publico das quantias por elle despendidas: outra lei determinava que uma vez concedidas as corôas pelo senado, só nas assembleas populares podiam ellas ser conferidas aos agraciados.

Demosthenes, encarregado de reparar as muralhas de Athenas, havia, de seu bolsinho concorrido com parte da despeza.

Ctesiphonte propoz que por decreto lhe fosse conferido no theatro, que não era o logar proprio e determinado

pela lei, uma coroa de ouro, e que se proclamasse que Demosthenes a recebia por suas virtudes civicas e privadas, e pelos relevantes serviços prestados ao povo atheniense.

O Senado, ou Conselho dos Quinhentos, por votação previa e, sem temer, na phrase de M. Plougoullm, irritar o rei da Macedonia, approvara a moção de Ctesiphonte.

Eschines denuncia Ctesiphonte por ter querido, infringindo as leis, decretar uma coroa, em pleno theatro, a um funcionario, ainda na obrigação de prestar contas, e por ter falsamente exaltado as virtudes e o patriotismo de Demosthenes, que não era homem de bem, quanto mais cidadão zeloso pela causa publica.

Esse processo, porem, ficou adiado para vir ter solução final oito annos mais tarde.

Algum tempo depois de haver pronunciado o elogio funebre perdeu Demosthenes uma filha, pela qual era extremo; mas tendo recebido, antes de todos, a noticia do assassinato de Philippe por Pausanias, deixou o retiro, a que se havia recolhido, e compareceu a sessão do conselho, na qual apenas usou da palavra pela ordem para comunicar aos seus collegas e ao povo (e com a maior gravidade!) que na noute antecedente sonhara que havia desaparecido do numero dos vivos um dos maiores inimigos da Republica, sonho, que, em sua opinião, presagiava dias melhores ao povo atheniense.

A communicacão produziu impressão. Em todos os tempos e paizes ha supersticiosos.

Não tardou muito que chegassem á Athenas os correios, que traziam a noticia da morte de Philippe e das circumstancias que a acompanharam.

As manifestações de alegria foram estrondosas entre as massas populares.

Fizeram-se sacrificios aos deuses pelo auspicioso acontecimento.

O povo decretou uma estatua ao assassino do homem, que, em vida, elle honrara conferindo-lhe o titulo de cidadão atheniense!

Demosthenes, não obstante os seus pesares domesticos, pois que havia apenas sete dias que perdera a filha amada, apresentou-se em publico ricamente vestido e coroado de flores!

A' luz da moderna civilisação, e ante as nossas ideas religiosas, semelhante proceder de um povo culto, como o atheniense, e de um homem da ordem de Demosthenes, não encontraria justificação; mas, n'aquella epocha, e n'aquella democracia decadente e corrompida, um facto d'essa natureza não nos surprehende.

Eschines aproveitou-se d'elle para fazer acerbas censuras a Demosthenes, censuras, a nosso ver, sem fundamento, porque não ha pezar domestico, que auctorisae o homem publico a mostrar-se indifferente aos interesses do Estado.

XX. O desaparecimento de Philippe despertou de novo a coragem dos gregos.

Demosthenes não descansou, enquanto a Grecia não fez nova liga com os thebanos, os quaes tendo recebido de Athenas o necessario armamento, atacaram a guarnição da cidadella, e mataram grande numero de macedonios.

Os athenienses tinham resolvido e preparado a sustentar com os thebanos todo o peso da guerra.

Demosthenes não abandonava a tribuna e escrevia aos chefes persas, instando com todos para que declarassem guerra a Alexandre, que elle qualificara de creança e de *margites*. Margites era um synonymo de imbecil.

Eschines, na sua accusação a Ctesiphonte, lança em rosto ao seu adversario ter se servido, com relação a Alexandre, de expressão tão despresivel.

O joven rei da Macedonia, porém, depois de haver posto em ordem os negocios de seu reino, entrou na Beocia á frente de seu exercito bem armado e equipado.

Desde então o grande orador mostrou-se menos veemente, e os athenienses menos altivos e audazes, e mandaram ao mancebo uma embaixada de paz, da qual fazia parte Demosthenes, que, não confiando bastante na generosidade macedonia, apenas chegou ao monte Cytheron, abandonou os collegas e a commissão.

Os thebanos, abandonados pelos alliados, atacados por Alexandre e redusidos aos proprios recursos, defenderam-se tenaz e heroicamente, mas afinal succumbiram na lucta.

Thebas, tomada de assalto, foi entregue ao saque e ás chammas e arrasada até os alicerces.

Tal foi a confusão e o terror que este acontecimento produziu em Athenas, que uma segunda embaixada partiu de novo para solicitar a benevolencia do vencedor para com os athenienses.

Plutarcho parece confundir estas duas embaixadas, que Justino aliás, no Liv. 11º, Caps. 3.º e 4.º, menciona separadamente.

Alexandre, por seu lado, deputava tambem agentes seus para Athenas, exigindo a entrega dos oito seguintes oradores, que elle considerava os principaes fautores da sublevação da Grecia - Demosthenes, Polyucto, Ephialto, Lyeurgo, Myrocles, Danon, Callisthenes e Charidemo.

Plutarcho, no Cap. 28 da vida de Demosthenes, diz que n'esta occasião, este orador contou aos athenienses o apologo das ovelhas, que entregaram aos lobos os cães fieis, que as guardavam, comparando-se e os seus companheiros aos cães, e Alexandre ao lobo voraz.

Os athenienses, intimidados e indecisos, viam-se embaraçadissimos para responderem aos enviados macedonios.

Receiosos e com razão, alguns dos oradores, acima mencionados, julgaram de bom aviso commissionar Demades, mediante a gratificação de cinco talentos, para ir em pessoa entender-se com o joven rei, e obter d'elle o perdão de todos.

Demades, agente de Philippe, contando com as sympathias do mancebo e com a sua natural generosidade,

partiu sem hesitar, e conseguiu não só a graça de todos, como ainda destruir as prevenções de Alexandre contra o povo atheniense.

XXI.—Alexandre, que já havia provado a Demosthenes que nem era *creança*, nem *marginites*, ao partir para a Asia, deixou tudo preparado, na Grecia, de forma tal, que, em sua ausencia, o credito dos oradores, seus amigos, em Athenas, cresceu sempre, ao passo que o de seus adversarios, entre os quaes Demosthenes, diminuiu consideravelmente, a ponto de tornar-se quasi nulla entre os seus concidadãos, a influencia que este outr'ora exercera.

Quando Agis, rei de Sparta, entrou em campanha com as suas tropas, o prestigio politico do orador como que reviveu, mas por muito pouco tempo.

Os athenienses não se moveram, e os lacedemonios foram inteiramente batidos, ficando Agis morto no campo de batalha.

Este acontecimento veio ainda augmentar a força do partido macedonio.

Aproveitando-se das circumstancias e do enfraquecimento de seus adversarios, Eschines, pouco depois, julgou azado o ensejo para reviver a questão da coroa, cujos papeis, ha tanto tempo dormiam esquecidos no archivo do archontado.

Para os athenienses, a causa em si mesma tinha a mais subida importancia, pois tratava-se de um premio, de que a Republica sempre se mostrou avara; mas essa im-

portancia subiu de ponto pela celebridade merecida dos dous oradores, que iam medir-se corpo a corpo nas justas da palavra. A curiosidade despertou-se como nunca.

Não se falava n'outra cousa. De todos os pontos da Attica, e até de outros pontos da Grecia concorreu gente para assistir o debate.

No dia marcado a multidão encheu o edificio em que funcionava o tribunal, e apinhou-se em redor e nas ruas adjacentes.

Athenas talvez nunca jamais houvesse presenciado uma lueta judiciaria, e ao mesmo tempo politica, de tão imponente solemnidade.

Constituido o tribunal, Eschines, confiado no talento, que lhe era natural, na propria influencia e no prestigio de seu partido, com que elle contava para o seu triumpho, proferiu na accusação um discurso, tão notavel pelo fundo, como pela forma, e que produziu profunda impressão sobre todo o auditorio: falou depois Ctesiphonte, que provavelmente limitou-se á sua defeza pessoal.

A historia nada conservou de sua oração.

Chegou afinal a vez de Demosthenes que pronunciou o extenso e eloquente discurso, que, até hoje é conhecido pelo nome de *discurso da corôa*.

Esta bem acabada peça oratoria, ha muito tempo, corre impressa entre nós, vertida primorosamente para o portuguez, pelo eminente litterato portuguez Latino Coelho, de saudosa memoria.

Aquelles de nossos leitores, que ainda não conheceram esse discurso, recorrerão com proveito ao trabalho acima citado, no qual encontrarão também a erudita e elegantíssima introdução, que precede ao discurso.

XXII.—Quer na opinião dos criticos da antiguidade, quer na dos modernos, a oração da *corôa* é reputada a obra-prima de Demosthenes. Cicero por exemplo, diz d'ella o seguinte: «Hic, quem præstitisse diximus cæteris, in ella pro Ctesiphonte oratione, longe optima, submissus o primo: deinde, dum de legibus disputat, pressus: post sensim incedens, judices ut vidit ardentes, in reliquis exsultavit audacius. . . . Ea profecto oratio in eam formam que est insita in mentibus nostris, includi sic potest ut major eloquentia non requiratur:»

«O orador que affirmamos ter excedido todos os outros, no seu bellissimo discurso em favor de Ctesiphonte, começa habilmente em tom modesto: torna-se mais vivo na discussão das leis, e apenas vê os juizes animados, eleva-se com mais audacia, no que lhe resta a dizer. . .

Esta oração realisa de tal forma o ideal de nosso espirito, que não se pode exigir que a eloquencia suba á maior altura.»

Sobre o mesmo assumpto, M. de Villemain assim se exprime:

«Apesar da sublimidade das Philippicas, o *discurso*

da corôa passa com razão pela obra prima de Demosthenes, e esta verdade deve servir de explicação á opinião de Cicero—*o combate judicial é a mais difficil e a mais alta prova da eloquencia*—opinião difficil de conceber-se em um orador, que tanto manejou a eloquencia politica. Como quer que seja, no *discurso da corôa* esse interesse da lucta pessoal, esse choque dos dous adversarios é ennobrecido pela grandeza das recordações publicas.

Todos os esforços da eloquencia politica e judiciaria acham-se a um tempo reunidos. Entre o accusador e o accusado Athenas apparece sempre. A patria é o objectivo do combate.

Eis o traço caracteristico, que imprime a este discurso tanta vehemencia e magestade: é uma refutação esmagadora, uma apologia sublime; ao mesmo tempo, porém, é ainda uma Philippica, um discurso nacional. Pode-se igualmente avaliar quantas conveniencias, quantas considerações não teve o orador de guardar, quanta habilidade não lhe foi preciso desenvolver, tendo, para justificar-se, necessidade de lembrar desastres, provenientes de conselhos seus, e de gloriar-se de haver dado taes conselhos.»

XXIII. O discurso de Eschines é julgado com mais severidade: um dos antigos criticos qualifica-o de obra de sophista ou rethorico. Denys de Halicarnasso mostra-se mais benevolo e elogia o bello colorido da dicção desse orador, e a sua feliz facilidade de exprimir-se. Plougoulm,

no prefacio de sua traducção diz : «A primeira parte desse discurso é uma discussão de direito, viva, cerrada : é um bom discurso.

A segunda, em que Eschines ataca a politica de Demosthenes, parece-me brilhante, vehemente, e algumas vezes até pathetica; e não obstante, apesar desse brilho, desse apparatus de eloquencia, não me sinto abalado : o orador não me arrasta: não se faz esquecer.

E' que lhe falta uma cousa essencial—a boa fé. Nesta apreciação o character do orador influe de certo no espirito do critico para julgar a oração. Não são, porem, as qualidades moraes dos dous contendores, que nos devem preoccupar. Ninguem confunde o patriota com o vendido: trata-se apenas de apreciar os dous discursos, como peças de eloquencia judiciaria e politica.

Falta-nos sem duvida competencia para contrapor a nossa á opinião de tantos escriptores auctorisados, accordes sobre este assumpto. Sentimos, não simples acanhamento, mas verdadeiro vexame em dizer, em homenagem ás nossas convicções e á nossa habitual franqueza, que não pensamos do mesmo modo.

Estamos longe de contestar por qualquer forma o alto merito da oração demosthenica; confessamos, porém, que, o discurso de Eschines impressiona-nos mais. A correcção da phrase, o vigor dos argumentos em Demosthenes são incontestaveis.

O orador eleva-se gradualmente, como bem observa

Cicero: mas ha em toda aquella peça demasiado methodo, demasia, a ordem, que revelam que o *deus interior* não agitou-se, enquanto o orador occupou a tribuna. A verdadeira, a natural eloquencia tem altos e baixos: como os rios, ora corre placida e serena, ora em cachões ruidosos. Nesse discurso Demosthenes é antes o homem de gabinete a calcular o effeito de cada phrase, que emprega, do que o tribuno, que electriza e convulsiona as massas.

Nas nossas assembléas parlamentares o discurso de Demosthenes seria realmente um exemplar de eloquencia politica; mas, pronunciado em Athenas, e em tal occasião, falta-lhe alguma cousa, que nós mesmos não sabemos o que é.

Demosthenes improvisava e era feliz em seus improvisos: falava em causa propria, e conhecia a fundo a materia que ia discutir. Não havia circumstancia, por insignificante que fosse, que lhe podesse escapar: a defesa devia ser calcada sobre a accusação, que elle ia ouvir: era a occasião, em que o orador podia, sem receio, confiar-se aos vãos da improvisação: seu discurso, porem, é inteiriço, e revela o acurado trabalho de gabinete.

Eschines, o accusador, podia moldar á sua vontade o que dizia e queria dizer, tanto mais quanto não lhe era facultado triplicar.

Demosthenes devia responder ao que ouvisse no debate. Não obstante isto o discurso da accusação nos parece mais nervoso: é verdade que Eschines possuía dotes oratorios

naturaes, que faltavam ao seu adversario, que se fez orador pelo mais tenaz trabalho e continuado estudo.

Si exceptuarmos o ultimo periodo de Eschines, em que elle invoca a terra, o sol, a lua, a sciencia, e a intelligencia, periodo que, sem inconveniente para a oraçãõ, podia ser suppresso, ousam s pensar que não facil é dizer qual das duas é a melhor.

Todos os discursos do *macedonio* Eschines revelam que o filho da tocadora de psalterio, que o comico de aldeia, o escrevente de cartorio, nasceu talhado para as luctas da palavra.

Deve-se, porem, notar que as duas orações, posto que publicadas pouco depois do debate, e lidas *fervente admiratione Graciae*, foram vistas, revistas e corrigidas por seus auctores, e que ambas soffreram retoques, que as distanciam das que foram de facto pronunciadas. D'ahi as contradicções, que se encontram nos dous textos.

Affastad s um do outro, e corrigindo, de memoria, o que haviam dito diante das notas, que deixaram em casa, comprehende-se porque, mais de uma vez, elles citam em falso, o que de certo não teriam feito na discussãõ. « *Nihil sub sole novi.* » Entre nós não é raro ver estampados nos jornaes discursos muito diversos dos que foram proferidos no recinto das camaras.

XXIV. Os calculos de Eschines falharam. Apesar do seu talento e do prestigio e força do partido macedonio, a victoria de Demosthenes foi esplendida e completa.

O accusador nem sequer poude obter a sexta parte dos votos do tribunal. Forçoso lhe era submeter-se á multa, que a lei impunha ao que, accusando, não obtinha a metade, e mais uma quinta parte da outra metade da votação, (mil drachmas) e sujeitar-se ao exilic.

Ante o spectaculo do inimigo vencido, prostrado abatido pela inesperada derrota, que lhe inflingira o seu adversario, Demosthenes sentiu dissipar-se todo o odio, que votava a Eschines. Todos o viram dirigir-se a este, profundamente commovido, e pedir-lhe que, em tão dolorosa emergencia, dispuzesse sem acanhamento de seus serviços, da sua pessoa e de sua bolsa, certo de que elle teria a maior satisfação em ser-lhe util por qual-quer forma.

Emquanto o triumphador recebia a corôa, que lhe fora decretada, premio tanto mais precioso, quanto lhe fora encarniçadamente disputado, Eschines partia para Rhodes, acompanhado da fama de grande orador, que realmente era.

Na primeira conferencia, que ali celebrou, tudo quanto na cidade havia de notavel nas letras, nas sciencias e nas artes, compareceu para ouvir o rival de Demosthenes, o segundo orador de Athenas, na opinião geral.

Perante tão selecto auditorio, pronunciou Eschines a sua accusação contra Ctesiphonte. Ouvido com religiosa attenção, ao terminar, viu-se coberto de estrondosos applausos. Todos o felicitavam e abraçavam, e muitos lhe

diziam: « Não se comprehende, nem se explica como, deante d'uma accusação desta ordem, o vosso adversario não foi condemnado. » Depois de alguns instantes de silencio, Eschines respondeu-lhes: « Comparecei á segunda conferencia, e tereis a explicação. » Na segunda sessão e perante o mesmo auditorio, pronunciou elle a defesa de Demosthenes.

Os applausos dos espectadores não foram somente estrepitosos: chegaram ao delirio. Eschines, não podendo reprimir o seu despeito, exclamou: « Se ouvindo-me, chegastes a este estado, imagino o que seria, si ouvisseis o proprio leão falando! »

Ha epochas, porem, em que o destino não permite ás victimas da adversidade alegrias duradouras. Demosthenes mal saboreava a sua victoria, quando novo desgosto veio assaltal-o.

XXV. Ao partir para a India, á frente de seu exercito, Alexandre confiara a Harpalo o governo de Babylonia e as riquezas, que tinha naquella cidade.

Contando que o rei jamais voltaria de tão longinqua expedição, o governador entregou-se a todos os excessos, dissipando, em desenfreiado luxo, o dinheiro, que lhe cumpria guardar, escandalizando os seus governados pela sua devassidão, que levava a deshonra e a vergonha ao seio das mais importantes e consideradas familias da provincia a seu cargo.

Sabendo Harpalo que o rei voltara são e salvo, e que não

se demorava em punir com extremo rigor os seus agentes de confiança, que abusavam das posições, reuniu ainda cinco mil talentos, (nove mil contos) embarcou-se com elles e outros objectos de preço e fez-se de vela para a Attica, procurando refugio e abrigo em Athenas, cujos oradores mais influentes contava corromper por dadas e presentes.

Aquí sentimos necessidade de copiar Plutarcho para podermos chegar a explicação completa da attitude de Demosthenes na questão Harpalo.

«Harpalo vinha implorar a protecção de Athenas e por-se á discripção do povo com as suas riquezas e navios. Os outros oradores, ofuscados pelo brilho do oiro, se declararam por elle, e aconselharam aos athenienses que attendessem ao seu pedido: Demosthenes, porem, foi de opinião, que não se lhe desse abrigo e que o fizessem sair immediatamente, com receio de attrahir sobre a cidade uma guerra perigosa, sem motivo justo e sem necessidade... (primeira circumstancia para que chamamos a attenção do leitor.)

...Poucos dias depois, fazendo-se o inventario das riquezas de Harpalo, este percebeu que Demosthenes contemplava com prazer uma taça do rei, cuja forma e trabalho admirava. Harpalo pediu-lhe que a sopesasse para poder apreciar a quantidade de ouro nella empregado, e Demosthenes, espantado do peso, perguntou-lhe *de quanto era ella. De vinte talentos*, respondeu-lhe Harpalo, sorrindo, e na mesma tarde, ao cahir da noite, lh'a enviou com

vinte talentos... (Outro parenthesis—Os commentadores de Plutarcho, versados no grego dizem que o vocabulo empregado na phrase—*de quanto é ella?* corresponde na lingua portugueza a dizer-se: *quanto vale? quanto pesa? quanto pode conter?* da mesma forma porque dizemos referindonos a uma pipa de vinho—*esta pipa pesa tanto, contem tanto, vale tanto.*)

«...tanta perspicacia tinha Harpalo para, pela phisnomia e vivacidade do olhar, aprèciar do character de um homem e de seu amor pelo dinheiro!

Demosthenes não resistiu á tentação: vencido pelo presente, como se tivesse recebido em casa uma guarnição, sustentou a causa de Harpalo, e compareceu no dia seguinte á assembléa, tendo o pescoço envolvido em larga manta de lan.

Instado pelo povo para se levantar e expor a sua opinião, fez signal que lhe era impossivel falar. Alguns maliciosos zombaram dessa pretensa enfermidade, e disseram que o orador tinha sido atacado, não de esquinencia, mas de *argyromancia*.

«No outro dia, todo o mundo soube do presente feito por Harpalo, e Demosthenes, querendo defende:-se, o povo recusou-se a ouvi-lo. A multidão começava já a agitar-se e a manifestar-se indignada, quando um gaiteiro bradou:—*athenienses, recusareis vós ouvir aquelle que empunha a taça?*...

(Terceiro parenthesis. Para comprehender-se bem o

sentido deste dicto, é mister saber que nos banquetes e festins athenienses, uma mesma taça percorria toda a mesa, passando de mão em mão, de conviva a conviva, mas em linha obliqua, e cada um, ao recebê-la, devia entoar uma canção, denominada—*solia*—palavra que significa—obliqua—em consequência da volta obliqua, que fazia a taça por toda a mesa.)

«...O povo obrigou Harpalo a sahir da cidade, temendo que Alexandre não exigisse conta das riquezas, pilhadas pelos oradores: deu-se rigorosa busca nas casas delles, com excepção da de Calliches, filho de Arrhenidas, que se respeitou, diz Theopompo, porque elle acabava de casar-se, e tinha a esposa em sua companhia.

Demosthenes, no intuito de arredar de si as suspeitas, apresentou uma moção, encarregando o Areopago de abrir um inquerito sobre o negocio—Harpalo—e de punir os que fossem convencidos de terem-se deixado corromper, e compareceu perante o tribunal: mas foi o primeiro culpado que o senado encontrou, pelo que o condemnou a uma multa de cincoenta talentos: a sentença constituia-o prisioneiro, até que fosse paga a somma.

A vergonha desta condemnação e a fraqueza de seu temperamento, que não lhe permittia supportar a prisão, determinaram-n'o a fugir: seduziu parte de seus guardas e os outros facilitaram a sua evasão.»

XXVI. Em toda esta narração de Plutarcho, o facto unico real e incontestavel é a condemnação de Demosthe-

nes pelo Areopago. Do offerecimento da taça com os vinte talentos e da acceitação della, nem a mais ligeira prova.

Exceptuada a casa de Calliches, em todas as outras casas dos suspeitos *deu-se rigorosa busca*.

Ou não se fez o mesmo com Demosthenes, ou si se fez o mimo deveria ser encontrado em sua residencia. Admittamos, porém, que a taça tivesse sido dada e aceita. Demosthenes já havia se pronunciado em publico contra a permanencia de Harpalo em Athenas, *receiando para a cidade uma guerra perigosa, sem motivo justo e sem necessidade*.

Depois do presente, não deu um só passo, não praticou um só acto, que creasse a presumpção ao menos de haver elle se bandeado para os interesses de Harpalo—*apenas apresentou-se na assembléa com o pescoço envolvido em uma manta de lan, e quando o povo exigia que elle emittisse a sua opinião, fez signal de que não podia falar*.

Dahi a anedocta da esquinencia ou da *argyromancia*, espalhada provavelmente por seus desaffectedos, e que o escriptor apanhou, sem o mais ligeiro exame.

Demosthenes teria sem duvida praticado uma fraqueza, nunca, porem, um acto susceptivel de sancção penal, e tão cruel, como a que lhe foi inflingida. Si tal doutrina prevalecesse na actualidade, talvez mais de um ministro de estado tivesse de pagar multa e partir para o exilio...

Luciano, em seu—*Elogio* de Demosthenes, volume 3.º, pag. 513, considera calumniosa a accusação intentada ao

grande orador, e qualifica de perfido Hypperides, que foi o agente e a causa principal da sua condemnação.

Pausanias, no Liv, 2º, Cap. 33, o justifica por provas de grande força.

Accresce ainda que o condemnado jamais cessou de protestar por sua innocencia, e com a energia, o calor e a vehemencia, que só a virtude pode e sabe dar.

Em uma de suas cartas, escriptas do exilio, ao conselho e ao povo de Athenas em favor dos filhos de Lycurgo presos, Demosthenes assim se exprime:

«Não espereis encontrar commigo outros bens, alem dos poucos, que sabeis, possúo, e que vos abandono: recolherei o que d'elles restar, si, ouvindo a justiça e a humanidade, me permittirdes fazel-o sem inquietação.

Jamais, jamais pessoa alguma vos provará que recebi dinheiro de Harpalo: ninguem conseguiu provar ao Areopago que eu o tivesse recebido: e eu vol-o juro, nunca recebi d'elle cousa alguma.

Si uma condemnação sem provas, si o nome do Areopago vos impõem, lembrae-vos do julgamento de Aristogiton, e enrubecei de vergonha.

Não me é possivel fazer aos meus perseguidores exprobração mais branda.

Não direis com certeza que sobre identicas denuncias do mesmo corpo politico, dever-se-hia absolver Aristogiton e condemnar Demosthenes. Não, não me impellireis até á loucura!

Não nasci para a desgraça, que me esmaga: não a mereço e não sou mais culpado do que aquelles, que absolvestes.

Sou desgraçado, e me abandonaes! Sim, muito desgraçado, e como não sel-o, si soffro até a vergonha de um paralelo com Aristogiton, que entretanto conserva os seus direitos e a sua patria, ao passo que vejo-me interdicto e exilado?

Não acrediteis que me anima o resentimento. Não posso sentir-me irritado contra vós; mas sob o pêso de tão tremenda injustiça, a queixa, como o gemido, que exhala o ferido, de alguma forma allivia.

Sou e serei sempre devotado á minha patria. Que me retribua ella essa devotação, chamando-me de novo ao seu seio!

Desde os primeiros passos na carreira politica, disse a mim mesmo:—*sê para com todos os teus concidadãos, como um filho respeitoso para com seus paes.*

Os filhos desejam que elles sejam justos; mas si são tractados com demasiado rigor, tudo supportam, sem murmurar.

A derrota, em caso tal, aos olhos da sabedoria, é ainda uma victoria moral, e muito honrosa. Sêde felizes!»

XXVII. Acima, porem, do que diz Luciano, das provas apresentadas por Pausanias e dos protestos constantes de Demosthenes, objectar-nos-ha talvez alguém, permanece de pé a sentença do Areopago.

Por mais seria que possa parecer a objecção, responderemos: o julgamento do Areopago foi pura e simplesmente um julgamento politico e ninguem ignora o que são, em todos os tempos e paizes, os julgamentos d'esta natureza.

O Areopago condemnou Demosthenes, sem ao menos firmar-se em presumpções vehementes.

A condemnação do grande orador, de um lado, foi o resultado dos manejos da facção macedonia, então preponderante em Athenas e ainda despeitada pelo naufragio de Eschines.

O que ella não conseguiu fazer na questão Ctesiphonte, fel-o no negocio Harpalo: do outro lado, o medo que Alexandre inspirava aos areopagistas fez o resto.

Demosthenes foi a victima sacrificada em holocausto ao conquistador da Persia.

E o que prova a verdade de nosso asserto é, como se verá mais tarde, o procedimento d'essa corporação para com o condemnado na sua volta do exilio, depois da morte de Alexandre.

Como comprehender-se as homenagens prestadas pelo Areopago a um homem convencido de haver-se vendido aos interesses de uma entidade do jaez de Harpalo?

Seria suppor n'aquelle importante corpo politico o esquecimento das mais elementares noções de dignidade propria.

Não, os juizes tinham a convicção de que foram injustos

e vinham, de publico, confessar e resgatar a falta commetida, festejando e honrando, ao lado das massas populares, a victima, que voltava do cruel exilio.

Ainda mais: passava das attribuições da assembléa popular dispensar Demosthenes do pagamento da multa, que lhe fora imposta: Demosthenes não possuia bens, nem meio algum de obter essa quantia; mas era preciso respeitar a lei.

Os poderes publicos correm em seu auxilio, e sob o pretexto de preparar o altar de Jupiter—salvador—encarregam-n'o d'este trabalho, e entregam-lhe para isto a somma enorme de cincoenta talentos, para que com ella se liberte do compromisso para com o thesouro atheniense.

Nunca, jamais, em tempo algum, em paiz nenhum, isto se fez por um homem criminoso reconhecido.

Completa, porem, a defesa, que intentamos á memoria do grande athleta da tribuna a seguinte circumstancia: o thesoureiro, ou intendente de Harpalo, preso em Rhodes pelo macedonio Philoxenes, foi submettido á tortura, e no meio dos tormentos denunciou todos quantos seu amo subornara em Athenas; mas nem uma só vez proferiu o nome de Demosthenes.

Philoxenes não tinha o menor motivo para poupar quem fôra tão temeroso inimigo de Philippe e o era de Alexandre; mas teve a lealdade de reconhecer e confessar a innocencia de Demosthenes na carta, que dirigiu aos athenienses, communicando-lhes o que havia desco-

berto sobre tal assumpto com a prisão e torturas infligidas a esse thesoureiro.

São factos passados, ha mais de dous mil annos; entretanto, pelo culto que devemos á verdade, sentimos viva satisfação concorrendo tambem por nossa parte, para justificar, perante a posteridade, a memoria de um homem politico, da ordem de Demosthenes.

Tinha-nos escapado mencionar a circumstancia, sem duvida de grande valor moral, de haver sido Demosthenes o auctor da proposta, encarregando o Areopago de abrir inquerito sobre o negocio Harpalo, e de punir os que nelle se achassem envolvidos.

Si sobre tal assumpto elle não tivesse perfeitamente tranquilla a consciencia, com certeza se absteria de apresentar a moção.

A vida inteira do orador nos impõe o dever de acreditar que elle não era homem de *todas as coragens*, como aliás os vemos entre nós na quadra que atravessamos.

XXVIII. Abatido, amargurado pela injustiça do Areopago, seguiu Demosthenes para o exilio. Ao transpor as portas de Athenas, refere Plutarcho, o orador, erguendo as mãos para o ceu, exclamara: «Sabia Minerva, protectora desta cidade, não se comprehende como possas amar tres animaes tão vis, como a coruja, a serpente e o povo.»

Tal imprecação com certeza não passa de anedocta.

Um homem, naquellas condições, ainda do character de

Cícero, não se lembraria de fazer-se de engraçado. Demais não nos é permittido crer que um democrata da ordem do exilado, sentisse jamais repugnancia pelo povo, o principal elemento de força, de que dispunha o seu talento de tribuno.

O tempo do exílio, passou-o elle ora em Egina, ora em Trasena. sempre melancholico, sempre saudoso da Attica. Não fallava uma só vez em Athenas, sem que as lagrimas lhe viessem aos olhos.

A energia que desenvolvera na administração e a coragem que o animava na tribuna, faltaram-lhe de todo nas horas do infortunio. Os moços das duas cidades vinham muitas vezes visital-o e nas palestras, que com elles entretinha, não cessava o orador de dizer-lhes:

«Si no começo de minha vida pudesse eu advinhar ou prever, ao menos, os desgostos, as decepções e as amarguras, que a politica traz consigo, e nesse tempo me visse coagido a escolher entre a vida publica e a morte, sem hesitar, escolheria a morte.»

Entre nós, nos dias que correm, quer parecer-nos que não ha politico algum honesto, que não seja da mesma opinião.

Durante o seu exílio, entre os prazeres e orgias de Babilonia, expirou Alexandre. O desaparecimento do conquistador reanimou a Grecia. Contra o dominio macedonio terceira liga se formou. Os oradores Pytheas e Callimedonte, appellidado Carabo, banidos ambos de Athenas,

declararam-se por Antipatro, e, como agentes deste príncipe, percorriam a Grecia, trabalhando para que os gregos não abandonassem o rei pelos athenienses.

Demosthenes deixou o seu retiro e reuniu-se aos embaixadores de Athenas, que percorriam as cidades alliando-as para a liga, e auxiliou-os por todos os meios, de que podia dispor.

Segundo narra Phytarcho, escriptor que viveu sob o reinado de Ptolomeu Evergeta I e de Philoppator, que lhe succedeu, autor de uma *Historia da Grecia*, em 28 livros, entre Pytheas, que falava pelos macedonios e Demosthenes, pelos athenienses, travou-se em plena assembléa, vivissima discussão, em uma das cidades da Arcadia.

Pytheas exclamou: «Quando se vê homem, levando leite de jumenta, entrar em qualquer casa, não ha duvidar, essa casa está afflicta pela molestia de alguém; o mesmo se pode dizer de uma cidade, quando nella entram embaixadores athenienses.»

Demosthenes replicou-lhe sobre as buchas: «Assim como só se leva leite de jumenta para alliviar os males de quem soffre, assim, quando embaixadores athenienses entram em qualquer cidade, é para trazer-lhe força, vigor e saude.»

O apartista foi muito applaudido.

Plutarcho affirma que o povo atheniense tendo noticia de tal resposta, enthusiasmo-se tanto, que immediata-

mente tratou de revogar ou annular o decreto que o deterrava.

Por mais levianos que a este escriptor tenham parecido os athenienses, outras sem duvida foram as considerações, que aconselharam essa medida.

Os serviços passados, os que elle estava prestando, não obstante achar-se exilado, e os que podia ainda prestar na situação difficil, que a Republica atravessava, foram, e não o feliz aparte, os motivos determinantes de chamal-o de novo ao seio da patria, e de lhe serem restituídos os direitos politicos, dos quaes, ha tanto tempo, com manifesta injustiça, se via privado.

Danon, do burgo de Peanio, e primo de Demosthenes, foi encarregado de redigir o decreto. Uma trireme foi enviada para trazel-o á Athenas. Quando, na volta, o navio ancorou no Pireu, a multidão enchia litteralmente todo o caes e as ruas adjacentes.

Todos os magistrados e sacerdotes da cidade se apresentaram para recebê-lo ao desembarque, entre as mais estrepitosas manifestações de alegria por parte do povo.

Demetrio de Magnesia affirma que o grande orador apenas pisou o solo patrio, elevava as mãos para o ceu, felicitando-se de tão gloriosa jornada, que o restituia ao seio da patria, não como Alcebiades, pela força e pela violencia, mas por livre e espontanea deliberação de seus concidadãos.

Entretanto, forçoso lhe era pagar a multa, que lhe fôra

imposta. A lei não permittia a isempção della: o povo, apesar de soberano, não podia passar por cima da lei, como succede em outros paizes, onde a propria constituição não embarça os poderes publicos em seus caprichos.

Ninguém ignorava que Demosthenes não tinha com que pagar tal divida. O tempo se encarregara de provar a sua innocencia; mas era preciso guardar ao menos as apparencias de respeito á lei.

Os poderes publicos de Athenas descobriram um meio engenhoso de conciliar tudo, e trataram de pol-o em pratica.

Todos os annos celebrava-se a festa de Jupiter-Salvador. Era praxe encarregar alguém de enfeitar e armar o altar do deus: para isto o encarregado recebia dos cofres publicos uma pequena quantia. Escolheram Demosthenes para *armador* do altar, e mandaram entregar-lhe os cincoentas talentos de que elle precisava para o pagamento da multa.

Os magistrados de Athenas não ousariam tanto, si se tratasse realmente de um vendido aos interesses de Harpalo.

XXIX. As peripecias da lucta dos gregos contra Antipatro foram varias. Logo no começo o exercito alliado obteve sobre elle uma grande victoria, na Thessalia.

Leosthenes sitiou-o em Lamia, e reduziu-o a aceitar

as condições que ao general inimigo approve dictar-lhe naquella occasião.

Mais tarde apoiado por Cratiro, que havia chegado da Asia, á frente de tropas macedonias aguerridas e disciplinadas, Antipatro bateu os gregos em Cranon.

Esta derrota, porem, não foi de natureza a privar a liga de continuar a lucta e a resistencia ao rei da Macedonia.

O desastre de Cranon foi devido á desobediencia e indisciplina do exercito alliado e a inabilidade dos chefes, que o commandavam; os manejos, porém, de Antipatro, auxiliado pela facção macedonia, conseguiram dispersar as tropas e dissolver a liga.

Aproveitando-se das circumstancias, o principe, á frente de seu exercito, marchou contra Athenas. Grandes foram a confusão e o terror dos athenienses ao receberem tal noticia.

Demades, que fôra banido e declarado infame, parecendo-lhes instrumento, de que se poderiam servir com proveito em emergencia tão grave, foi chamado e reintegrado em todos os seus direitos politicos.

Demosthenes e alguns de seus amigos, logo que souberam que Antipatro se dirigia para a Attica, sahiram da cidade.

Demades, o vehemente e vendido improvisador, apresentou-se na assembléa popular, e propoz que se mandasse a Antipatro uma embaixada solicitando a paz.

Approvada a moção, lavrou-se o decreto nomeando Phocion para esta commissão.

O nomeado partiu sem demora e foi encontrar Antipatro acampado em Cadméa, prestes a penetrar na Attica.

Phocion pediu que o admittissem logo a conferenciar com o rei, enquanto elle permanecia em Cadméa; Cratiro, porém, observou que tal pedido não devia ser attendido, por não ser justo que o exercito macedonio se demorasse no território de alliados seus, aos quaes, com a sua permanencia impunha sacrificios, que só sobre os inimigos deviam pesar, e que, antes de tudo, era indispensavel entrar na Attica.

A esta observação, respondeu o principe: «A um homem, como Phocion, não se recusa uma concessão desta ordem.»

Nas conferencias havidas o enviado atheniense nada poude obter. A todos os seus argumentos e ponderações acabava o rei respondendo: «Assim como, em Lamia, sujeitei-me á todas as condições, que me impoz Leosthenes, assim agora não resta a Athenas outro recurso, senão render-se a descripção.»

Ante tal resposta, os athenienses tiveram de curvar-se á dura lei da necessidade. Athenas recolheu em suas muralhas uma guarnição macedonia, commandada por Minyello.

A liberdade grega recebeu o golpe de graça, e expirou ás mãos dos macedonios.

Em Athenas era crime capital subtrair-se qualquer cidadão ao perigo commum.

Demades, rancoroso e vendido sempre aos interesses macedonios, querendo vingar-se de seu inimigo, e, ao mesmo tempo, castigar Antipatro, no meio da confusão e terror, que lavravam por todas as camadas sociaes, accusou Demosthenes e os companheiros, que com elle se haviam retirado, e invocando as disposições legaes, conseguiu do povo esmorecido a condemnação á morte de todos elles.

Antipatro rejubilou-se, e não teve o menor escrupulo de mandar capturar o grande orador por um certo Archias, appellidado Phygadothero, (*sabujo dos fugitivos*).

Este, no desempenho de sua commissão, encontrou em Egina o orador Hyperides, Aristonico, de Marathon, e Himerêu, que se haviam refugiado no templo de Ajax. Desse asylo arrancou-os á força e remetteu-os para Cleones, cidade da Argolida, onde então se achava Antipatro.

O rei, depois de haver mandado cortar a lingua de Hyperides, determinou que immediatamente fossem os tres executados.

Archias, sabendo que Demosthenes se achava na pequena ilha de Celauria, para alli se transportou, acompanhado de soldados thracios, encontrando-o com effeito no templo de Neptuno, onde se asylara.

Ao principio com boas palavras, procurou convencel-o

de que lhe convinha abandonar aquelle asylo e seguir em sua companhia a entender-se com o principe, do qual nada tinha que receiar.

Na vespera deste dia sonhara Demosthenes que havia apostado com Archias, que representaria melhor do que elle, uma tragedia. Os espectadores o applaudiam e admiravam; mas no sonho elle sentia que Archias o excedia na belleza e no luxo do vestuario.

Não prestou, pois, attenção ás palavras do sabujo, que encolerisou-se e passou a ameaçal-o.

Demosthenes disse-lhe então: «Fallas agora, como se estivesses sobre a tripode macedonia: até então representaste de actor de comedia: espera, porem, um pouco: consente que eu escreva as minhas ultimas instrucções.»

Tal é a narração de Plutarcho no Cap. 35, da vida de Demosthenes.

XXX. «E proferidas estas palavras, continúa o mesmo escriptor no Cap. 36, entrou para o interior do templo, donde trouxe as taboinhas de escrever. Sentando-se levou á bocca a agulheta ou estylete, mordendo-o, como costumava fazer, quando compunha os seus discursos.

Nesta posição conservou-se por alguns instantes: depois inclinou a cabeça e cobriu-a com a toga.

Os soldados, que se conservavam á porta do templo, zombaram de vel-o assim temer a morte e tratavam-n'o de fraco e cobarde. Archias approximou-se da victima, e

renovando-lhe as promessas de reconciliar-o com Antipatro, tentou levantá-lo.

Demosthenes, que já sentia os efeitos do veneno, descobriu-se e fixando a vista sobre Archias, disse-lhe:

«Agora, sim, tu podes á tua vontade, representar o papel de Creon na tragedia, e ordenar que arremessem este corpo onde te parecer, negando-lhe até as honras da sepultura; oh! Neptuno! sahirei ainda vivo de teu templo; mas nem por isto Antipatro e os macedonios terão deixado de profanal-o por minha morte.»

Apenas acabara de pronunciar estas palavras, quando sentiu-se tremer e cambalear: pediu então que o ajudassem a caminhar.

Ao passar pela frente do altar do deus, cahiu e expirou, exhalando profundo suspiro.

Demosthenes morreu no mesmo anno que Aristoteles, (322 antes de Christo) com 63 annos de idade, pouco mais ou pouco menos. Denys de Hallicarnasso dá-lhe 59 e ha escriptores, que dão-lhe apenas 54: mas, nascido em 385, e morto em 322, claro está que a sua idade era, como dizemos, 63 annos.

Sua morte teve logar no dia 11 de Novembro d'aquelle anno.

Athenas, apesar de sua frivolidade, e de sua corrupção, apenas poude respirar, rehabilitou a memoria do ardente e incansavel defensor das liberdades gregas.

Decretou-se-lhe uma estatua de bronze, ornada com

a seguinte inscripção grega, que mais ou menos pode ser traduzida : — SI TUA FORÇA, DEMOSTHENES, HOUVESSE IGUALADO O TEU GENIO, JAMAIS O MARTE MACEDONIO IMPERARIA NA GRECIA —. O tempo respeitou esse decreto, que em seguida transcrevemos, convictos de que o leitor folgará de conhecê-lo :

*Decreto do povo atheniense para honrar a memoria
de Demosthenes*

« Demochares, filho de Laches, de Seucconion, pede para Demosthenes, de Peania, uma estatua de bronze na praça publica : e para o mais velho de sua familia, o direito perpetuo de ser sustentado no Prytanêu, e logares de honra.

« Demosthenes prestou muitas vezes relevantes serviços ao povo atheniense, ajudou-o com os seus conselhos e applicou a fortuna propria ao bem do Estado :

« Deu graciosamente oito talentos e uma trireme, quando o povo libertou a Eubéa : outra trireme, quando Cephsodoro singrou para o Hellesponto : e mais outra, quando Chares e Phocion foram pelo povo mandados, como generaes, para Byzancio :

« Resgatou muitos prisioneiros, feitos por Philippe, em Pydna, Methona e Olyntha :

« Foi chorego voluntario, quando a tribu Pandionida não teve choregos : forneceu armas aos cidadãos pobres :

« Encarregado pelo voto popular de reparar as muralhas, concorreu, do seu bolsinho, com tres talentos para as despesas publicas, e fez, á sua custa, dois fossos, com que fortificou o Pireu :

« Depois da batalha de Cheronéa deu um talento, alem de outro para compra de trigo durante a fome :

« Por seus conselhos, eloquencia e devotação, fez entrar na alliança da Republica, Thebas, a Eubéa, Coryntho, Megara, a Achaia, a Locrida, Bysancio e Messenes : reuniu para a defesa de Athenas e da confederação um exercito de dez mil infantes e de mil cavalleiros : e conseguiu em uma embaixada, que as cidades confederadas fornecessem uma contribuição de guerra de mais de quinhentos talentos :

« Impediu o Peloponeso de mandar a Alexandre reforços contra Thebas, distribuindo dinheiro seu, e dando-se por quite d'essa missão :

« Aconselhou ao povo muitas resoluções honrosas, e por sua administração, sustentou melhor do que qualquer de seus contemporaneos a independencia nacional e a democracia :

« Banido pelos olygarchas, quando o povo perdeu a sua soberania, morreu em Celauria, victima de seu zelo por esta causa. Perseguido pelos soldados de Antipatro, permaneceu, até á morte, fiel ao seu ardente amor pela democracia, soube escapar-se das mãos dos inimigos e até o

momento de expirar, nada fez que fosse indigno de Athenas. »

XXXI — M. Lombard, no — *Elogio de Demosthenes* — prefacio de sua traducção do discurso da corôa, escreveu o seguinte conceito: « A Grecia havia esgotado todos os recursos politicos, que haurira das sabias instituições de seus legisladores, das bellas theorias de Platão e da brilhante administração de Pericles: todo o sangue de seus guerreiros correrá sobre os campos das batalhas: estava morta para a independencia e para a gloria: e a Demosthenes, que por ella tinha feito tudo quanto da eloquencia humana podia ella esperar, só restava soffrer o destino dos grandes homens. »

De um trecho, tradusido por M. Eyriés; das *Idéas dos antigos sobre a politica*, — por Heeren, destacamos os seguintes periodos:

« Quem por sua grandeza soffreu tanto quanto Demosthenes? A historia apresenta alguns caracteres politicos, mais puros talvez, mas não mais tragicos do que o seu.

Quando, com o espirito ainda abalado pela vehemente energia de seus discursos, lê-se a sua vida em Plutarcho, quando nos transportamos á epocha, em que elle viveu, e nos figuramos nas mesmas situações, em que elle se achou, experimenta-se por sua individualidade um interesse, pelo menos tão poderoso, como o que pode inspirar o heroe de uma epopéa, ou de uma tragedia. Desde o momento em que

elle surge no scenario do mundo até que absorve o veneno no templo de Neptuno, nós o vemos em continua e porfiada lucta contra o destino, que parece inexoravel, d'elle zombar.

A adversidade muitas vezes o derriba, mas não o doma jamais. Que movimentos tumultuosos essa alternativa perpetua de esperanças concebidas e desfeitas não devia excitar naquella alma de rija tempera !

Como é natural que a sua physionomia grave e austera, fosse, como vemos em seu busto, sulcada de rugas causadas pelo pesar e pela indignação ! »

XXXII — Encerraremos o nosso trabalho sobre o eminente orador atheniense, extrahindo do grande dictionario de Larousse o artigo, que ali se encontra sobre as estatuas e bustos de Demosthenes, de que ha noticia. A estatua que Athenas mandou erigir-lhe representava o orador com a espada ao lado, porque foi assim armado, diz Phocio, que elle proferiu o seu discurso contra Antipatro, quando esse principe exigiu que lhe fossem enviados os embaixadores athenienses.

Essa estatua foi executada por Polyeucto no primeiro anno da 125^a olympiada. Depois as imagens de Demosthenes multiplicaram-se: bustos seus eram expostos em muitos logares publicos e particulares. Dous pequenos bustos de bronze, descobertos em Herculano, nos conser-

varam os traços desse homem illustre: o menor tem o nome de Demosthenes, gravado na base em caracteres gregos.

Estas duas cabeças, que teem barba, e cuja expressão é cheia de gravidade e nobreza, em nada se assemelham ao busto sem barba, encontrado em Terragona, na Hespanha, e apresentado por Fulvio Orsini, como o retrato do orador. Teem se descoberto depois muitas estatuas, cujas cabeças se parecem mais ou menos com os bustos de Herculano: uma das mais notaveis existe na Inglaterra, e, no fim do ultimo seculo, pertencia ao duque de Dorset: é de marmore, e representa Demosthenes na tribuna de braço estendido e fazendo um gesto oratorio.

Elle proprio nos refere, na sua oração contra Thimarcho, que, no seu tempo, os oradores não pouparam a gesticulação, quando antes Pericles, Themistocles e Aristides, por exemplo, conservavam as mãos sob as vestes, enquanto falavam.

O Louvre possui tambem uma estatua antiga — *Demosthenes orando* —, que pertenceu outr'ora á cidade de Montalto, e que tornou-se depois propriedade de Th. Jenkins, que, a seu turno, a cedeu ao museu *Pio Clementino*, d'onde veio para a França.

Demosthenes é representado sentado, peito e braços nús, tendo um volume entre as mãos: as espadas

cobertas por um manto. Em Montalto esta estatua não tinha cabeça: a que se lhe applicou é antiga, e convem ao corpo, segundo Visconti.

No museu do Vaticano ha uma estatua de Demosthenes que foi outr'ora da quinta ou *villa* Melobrandini e que mais tarde pertenceu ao barão Camuccini. O orador está de pé, o corpo envolvido em um manto enrolado, baixas as mãos, e segurando um volume: estas mãos são modernas: a attitude é excellente; mas a cabeça não se compara á da estatua do Louvre. Uma estatua de Demosthenes, pertencente ao museu de Mantua, tem o corpo quasi inteiramente coberto pelo manto, d'onde sae a mão direita: a cabeça é antiga.

Nesses diversos retratos o labio inferior é como que retrahido para dentro, sem duvida para a gagueira, defeito que a maioria dos antigos escriptores attribuem a Demosthenes.

Um pequeno monumento dos mais preciosos encontrava-se na Inglaterra, na collecção do Dr. Mead, no fim do seculo passado, e que foi gravado na edição de Winkelmann, annotada por Carlo Fea (11, pag. 60): é um baixo relevo de terra-cotta de 40 a 45 centimetros de altura, e que representa Demosthenes no momento do suicidio.

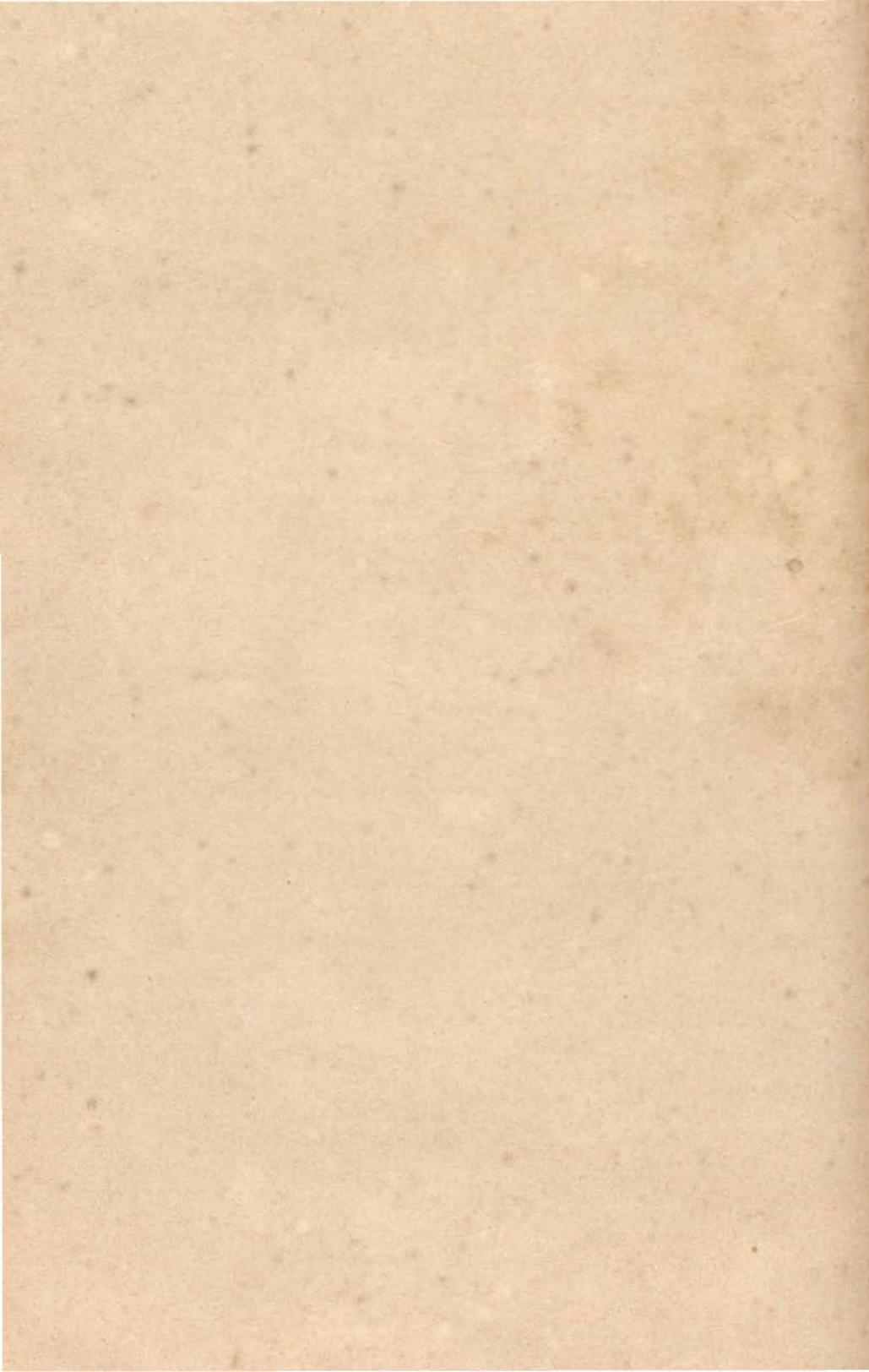
O orador, semi-nú e com a cabeça inclinada, está assentado sobre uma pedra cubica: sobre essa pedra um escri-

pto em forma de rolo, que elle segura com a mão esquerda : a direita apoiada sobre o joelho esquerdo. A physionomia revela profunda meditação. A pedra tem uma inscripção grega, que pode ser tradusida : — *Demosthenes assentado sobre o altar.*»

Fim da biographia de Demosthenes



129





CICERO

ROMA ANTIGA

Pela moderna capital da Italia não se pôde fazer idéa do que foi Roma nos tempos passados. O proprio solo está transformado. Muitas das antigas collinas desappareceram: outras, que não existiam, se formaram: assim o monte Citorio é o resultado da accumulção de ruinas: o Testacio formou-se de vasos quebrados, nos primeiros seculos da era christan, e o Giordano data apenas da idade media.

Sem abstrahir das ruinas amontoádas sobre o cimo das antigas collinas será difficil, senão impossivel, fornecer juizo seguro do que foram ellas primitivamente. A elevação do solo não se observa somente nos logares baixos, o que é facil de comprehender e explicar, quer pela corrida das terras, quer por outras causas accidentaes; nota-se até no vertice isolado do Palatino.

Alturas primitivamente separadas foram artificialmente reunidas: algumas encostas tornaram-se mais escarpadas em consequencia do desprendimento das pedras, como se deu com a rocha Tarpeia, no seculo 6.º de Roma, e depois no 16º da era vulgar.

Os cumes tem sido aplanados, ou arrasados: alguns desapareceram de todo, como o Germaló, ligado ao Palatino, ao passo que uma das eminencias, mencionadas com aquelle, a Velia, ainda hoje existe, posto que muito rebaixada pelos aterros feitos em torno della.

A caverna, ou gruta Lupercal, dedicada por Evandro ao deus Pan, já não existe. Para construir-se o templo de Júpiter, o cume do Capitolio foi nivelado.

Sem reconstruir pela imaginação as numerosas e pequenas elevações, que existiam, não se conseguirá ajuizar da configuração do solo.

Todas ellas eram cobertas de arvores seculares. Esforçar-nos-hemos para habilitar o leitor a formar, ao menos, idéa approximada do que foi o terreno, em que Romulo fundou a pequena povoação que, mais tarde, chegou a ser a senhora do mundo conhecido.

*
* * *

O Tibre corria outr'ora n'um leito mais profundo: em suas aguas rapidas e marulhosas podiam, na opinião de Plinio, competente em taes assumptos, porque era um

dos almirantes da esquadra romana, ancorar os maiores barcos. que, em seu tempo, navegavam pelo Mediterraneo. Como até hoje, em suas cheias devorava os barrancos, do que lhe proveio o nome de — devorador.

No livro dos augures era designado pela dupla denominação de serra e cobra; serra porque roia os barrancos; cobra, pelas curvas e voltas do seu curso.

Nos primeiros tempos de Roma, o leito era mais largo, do que actualmente: as aguas chegavam á base do Palatino. Era alagado o espaço. em que depois se formou a rua Etrusca (*vicus Tuscus*) o bairro dos corrompidos e elegantes.

Resava a tradição que o deus Vertumno havia desviado o curso do rio. Nas suas cheias repentinas retomava a primitiva largura. Ambas as margens eram pantanosas, e nellas cresciam as cavallinhas, (especie de juncos).

O campo de Marte formou-se sobre um mangue aterrado: a praça succedeu ao alagadiço, em roda do qual passeiavam em carros, como ainda hoje fazem em agosto, quando ella é artificialmente inundada.

* * *

O Palatino, o Capitolio, o Aventino, o Coelio, o Quirinal, o Esquilino e o Viminal eram situados sobre a margem esquerda do Tibre.

Sobre a direita, o Janiculo.

Na parte media das collinas, que ladeiam essa estrada, construíram os romanos a fortaleza do Janiculo.

Outr'ora havia desse lado uma serie de collinas cobertas de arvores e abundantes de fontes, que ja não existem. Eis a explicação da construcção da fortaleza naquelle logar. Sem ser naturalmente provida de agua, não poderia sustentar-se.

Subindo-se rio acima pela margem esquerda encontra-se o Aventino de forma irregular.

Este monte tinha antigamente dous picos, separados por uma quebrada : um delles ainda hoje se reconhece pela posição da igreja de Santa Balbina : o outro chamado — falso Aventino — pelo templo de S. Saba.

Virgilio, versado nas tradições e legendas antigas, falla da espessa floresta, que, no tempo de Evandro, vinha do alto do monte até o rio, e de um bosque sagrado, que havia na base.

Ovidio tambem menciona a floresta do Aventino, contendo arvores de toda a especie, mas principalmente loureiros, segundo Diny's de Halicarnasso. D'ahi o nome de *lauretum* ou *loretum* (matta de loureiros).

Havia um *lauretum* maior e outro menor. Um templo de Vertumno era *in laureto majore*.

O Aventino, muito pedregoso, tinha diversos olhos d'agua. A rocha sagrada, segundo Ovidio, dominava o cimo menor, e formava a parte mais consideravel da

collina. Deste cimo consultou Remo os presagios que lhe foram contrarios.

Considerado funesto, o Aventino não fez parte do *Pomærium* (perimetro urbano). No reinado de Claudio, porem, foi incluido: nessa epocha Roma, como se lê em Tacito, continha seis milhões novecentos e quarenta e sete mil habitantes, conforme o recenseamento ordenado por aquelle monarcha.

O monte, cujas encostas escarpadas eram cobertas de matto, separava-se do Palatino por um valle estreito, fundo e pantanoso, que foi entulhado, sendo allí construido um grande circo que o occupava todo.

*
* * *

Em frente do Aventino eleva-se o Palatino de forma triangular, e cujos declives occidentaes correspondem a tres dos quatro pontos cardeaes.

Primitivamente, esta collina era tambem abundante de fontes, que desapareceram com as construcções imperiaes.

Na base, para o lado do *Forum*, havia a bacia de Juturno, onde, resava a legenda, Castor e Pollux, depois de se terem batido pelos romanos na batalha do lago Regillo, deram agua aos cavallos.

O monte fora pastoril, abundante de pastos, fontes e regatos que d'elle desciam.

A tradição falla de Evandro, occupando-o com os seus rebanhos.

Para supprir a falta d'essas aguas inauguraram os romanos os magnificos e custosos aqueductos, cujos restos ainda hoje se vêem.

A casa de Cicero era situada no Palatino, que tornou-se o bairro dos ricos e opulentos.

Depois foi quasi todo occupado pelos accrescimos feitos ao paço imperial.

Para o lado do oeste, na quebrada da collina, existia a Lupercal, famosa pelo aleitamento de Romulo e Remo.

Esta caverna era cercada de arvores enormes e as aguas que desciam do Palatino conservavam nella agradabilissima temperatura.

Entre o monte e o rio havia o *Velabrum*, primitivamente grande pantano ou lagôa, navegavel, dil-o Propercio, posteriormente entulhada, e que tornou-se o bairro dos negociantes de queijos e de azeite.

Uma parte dessa lagôa era denominada—Velabro grande: a outra—Velabro pequeno.

O Velabro grande separava o Palatino que tinha tambem como o Aventino dous cumes, porém muito mais approximados, de outra collina, situada entre elle e o rio, e na qual, mais tarde, construiu-se o famoso capitolio, proximo a rocha Tarpeia, e no outro cimo o templo de Jupiter-Capitolino, que foi substituido pela egreja d'Ara-Cœli.

Dous bosques de carvalho, cujos restos foram conservados, desciam dessa collina, de aspecto selvagem, cujos flancos eram cobertos de cerradas urzes e espinheiros.

De ambos os lados da garganta, por onde mais tarde devia passar a rua Triumphal, prolongava-se a floresta, que tornava-se mais baixa na encosta meridional do Capitolio.

As fontes e olhos d'agua, que filtravam através da collina, vinham despejar no Velabro.

Quer do lado do campo de Marte, quer do Forum, o monte era a pique.

Segundo as descrições de Ovidio e de Propercio, o aspecto primitivo do Capitolio era formidavel.

O Aventino, o Palatino e o Capitolio formavam um grupo á parte na visinhança do Tibre.

Os outros quatro, destacando-se da planicie superior, se adeantavam na mesma direcção.

Segundo o dizer de Ampère, o todo dessas collinas forma uma especie de arco de circulo, cuja corda é o Tibre.



Para quem vae do sul para o norte, a primeira collina desse arco de circulo, que se avista, é o Cœlio, antigamente denominado monte dos carvalhos em consequencia da sua vegetação.

No angulo occidental da collina havia uma fonte, que

foi depois chamada—fonte de Egeria, e que corria entre o bosque sagrado das Camenas (musas). Esta fonte ainda existia no tempo de Juvenal.

Os carvalhos do monte desciam até o valle, que o separa do Esquilino e subiam pe'os flancos deste; e tanto assim era que deste lado havia o *sacellum* (templo pequeno, recinto sagrado sem cobertura) consagrado ás nymphas dos carvalhos.

Um pouco alem, existia o bosque das Faias.

Na base do Esquilino, em torno do Velabro existiu primitivamente o bosque -Argiletum—denominação, que ficou para o bairro, que ali se formou depois.

Nas proximidades deste era o quarteirão ou bairro de Subura, ou Suburra.

Mais para o norte, o Viminal, assim chamado pela abundancia dos vimes, que nelle havia.

Das collinas primitivas é esta a mais difficil de descobrir-se hoje.

Depois do Viminal seguia-se o Quirinal, mais visivel e mais celebre.

Até o reinado de Trajano este monte ligava-se ao Palatino por uma collina intermedia, que foi arrazada por ordem daquelle imperador para ali estabelecer o seu Forum.

A columna Trajano, que tem cem pés romanos de altura, indica a maior elevação dessa collina.

Para fazer idéa do solo primitivo de Roma é mister restabelecer pelo pensamento essa lingua de terra, que unia o

Quirinal ao Capitolio, que formava uma especie de península, ao passo que, depois de Trajano, ficou como uma ilha.

Qual a natureza ou especie de vegetação, que vestia o Quirinal, é difficil dizer hoje, por falta de dados seguros; mas, sem receio de errar, pode-se affirmar que era tambem coberto de matta.

Cicero, por exemplo, fala da casa de Pomponio Attico, a qual tinha a sua *sylva*, provavelmente restos ainda da floresta primitiva.

Os romanos tinham mais do que respeito ás arvores: era quasi um culto. Derribal-as era um crime.

Até pelas que morriam de velhice offereciam sacrificios expiatorios. Por toda parte viam-se bosques sagrados.

Além do Tibre, estava o bosque de Satriama, o de Furina, onde morreu Tiberio Graccho: no Capitolio, o bosque do Asylo: sobre a encosta septentrional do Palatino, o de Vesta: no Coelio, o das Camenas, além de mais dous, entre os quaes era situada a casa do imperador Tetrico: no Esquilino, o de Mephitis e o de Juno Lucina: na base desta collina, o Argileto e o Quirino.

Onde quer que houvesse um templo, ou uma capella, póde se affirmar, existiram bosque sagrados.

*
* *

Na sua *Historia de Roma*, escripta em Roma — M. Ampère nos diz que, antes da fundação da cidade pelo

fratecida Romulo, havia já nos montes visinhos ao Tibre,

1.º, o Vaticano, especie de centro religioso :

2.º, Saturnia, povoação latina sobre o Capitolio :

3.º, Esquilia, aldeia liguria, sobre o Equilino na Subura e nas Carinas :

4.º, Sikelia, estabelecimento siculo, sobre o Palatino :

5.º, Tarquinium, pequena villa etrusca sobre o Capitolio :

6.º, sobre o Palatino, a oeste, Roma, fortaleza dos Pelasgios, que deu o nome ás outras sete collinas por elles occupadas :

7.º, sobre o Palatino, ao sul, Palatium, fortaleza dos Sabinos aborigenes, estabelecidos ao lado dos Pelasgios, sobre o mesmo monte e as outras sete collinas :

8.º, sobre o Aventino, uma fortaleza pelasgia, chamada Romuria, ao principio independente de Roma :

9.º, sobre o Caelio, Cœlium, onde acampava um chefe etrusco.

Antes de Roma, havia por tanto nove Romas que não deixaram vestigios sobre o solo. Romulo (o homem de Roma) foi o primeiro, que traçou o recinto da cidade eterna.

A extensão e a fórma desse recinto ainda hoje as indica o Palatino.

Existem ainda restos das muralhas de Romulo, pelos quaes se conhece a situação das portas da cidade. Onde o fundador queria que houvesse uma porta, ahi segundo o

rito antigo, suspendia a charrua, e interrompia o risco augural.

A Roma do Palatino tinha três portas: a Mugonia, assim chamada pelo mugir do gado, que descia para beber no Velabro: esta porta era situada no ponto, em que está o arco de Tito: outra porta chamada Romana, segundo Festo ou — Romanula — segundo Varrão, olhava para o Velabro: chegava-se a esta porta por uma rua, que costeava o flanco da collina por cima da lagôa, e que se chamava — *Via Nova* — uma das mais antigas de Roma.

A terceira porta não pode ser designada com a mesma segurança; sabe-se porem, que se descia do Palatino para o valle em que posteriormente foi o grande circo, pelos degrãos visinhos do logar que se chamava a bella Escarpa.

* * *

O dominio dos sabinos, sob o reinado de Numa Pompilio, deixou sobre todas as collinas, a excepção do Palatino, que se tornara romano, e do Caelio, que era etrusco, vestigios dos antigos cultos sabinos; mas é mister remontar até Anco Marcio para achar-se modificação no recinto de Roma.

Foi elle, que ordenou a construcção da fortaleza do Janiculo e da ponte Sublicia — que a ligou á cidade, e revestiu o Aventino de um muro, que ainda existe em dous lugares: esse muro protegia a população latina, que

elle estabelecera no Aventino, da mesma forma, porque por meio do — *fosso dos sabinos* tratou de garantir o lado de Roma, por onde a leste o inimigo podia ameaçar a extremidade do Caelio, susceptivel de ataque. Anco Marcio construiu ainda o Tulliano, ou a prisão mamertina.

Do reinado do primeiro Tarquinio data a ideia da construcção do Capitolio, cujo destino devia ser ligado aos triumphos romanos, e dos quaes ainda hoje é symbolo: o nome de Capitolio foi dado ao monte Tarpeiano por ter-se encontrado uma cabeça cortada, quando se cavavam os fossos para os alicerces do novo edificio.

Emfim no reinado de Tarquinio começam os grandes trabalhos de utilidade publica. Romulo levantara uma muralha em torno de sua pequena cidade do Palatino: os reis sabinos que lhe succederam, alargaram e fortificaram o recinto: construíram na foz do Tibre, o porto de Ostia, além da fortaleza do Janiculo e da prisão mamertina, na cidade.

Os Tarquínios, de origem etrusca, construíram o circo, que, com o correr dos tempos, tornou-se o maior monumento de Roma, e inauguraram esse notavel systema de esgotos, que ainda hoje se pode admirar pela — *Cloaca Maxima* — que se tem conservado.

Servio Tullio, cujo nome etrusco era *Martama*, uniformou a cidade por meio de um systema de fortificação, que ligou os diversos recintos fortificados: este systema compunha-se de duas partes, faceis de distinguir: um muro

applicado ás sinuosidades dos montes e contornando as encostas, interrompido aqui, ou alli, conforme os escarpamentos eram mais a pique, ou quando a proximidade do Tibre o dispensava: alem desse muro, um fosso rebocado de barro pelo lado interno: a esse rebôco dava-se o nome de *agger*.

O muro não envolvia todo lado occidental do Capitolio, o que se verifica pela narração da tentativa dos gaulezes para surprehenderem a fortaleza, porquanto elles subiram pelo monte sem e contrar muro algum.

Pela posição das portas torna-se facil comprehender e explicar a direcção do muro de Servio Tullio, do qual ainda existem dous lanços, que, não ha muito, foram descobertos, sendo ambos sobre o Aventino e em frente do Tibre, o primeiro em um vinhedo pertencente aos jesuitas perto de Santa Prisca, e o segundo no jardim dos dominicanos do convento de Santa Balbina.

Roma, na epoca dos reis etruscos tinha de circumferencia sete ou oito milhas.

Servio Tullio completou o muro pelo *agger* do lado mais exposto ás correrias dos povos visinhos e nos pontos, pelos quaes elles podiam chegar sem obstaculo ao Quirinal, ao Esquilino e ao Viminal, cujos cimos estavam no mesmo plano da campanha.

Deste lado o monarcha etrusco addicionou ao muro o fosso rebocado (*agger*), cuja disposição os trabalhos do caminho de ferro deixaram descoberta.

Este agger, que é uma das mais antigas obras de Roma, subsiste ainda em grande parte, e é bem visível em varios pontos, como da porta Esquilina até á Collina, isto é: desde o arco de Galliano até os jardins de Sallustio.

Na chacara (*villa*) Negróni forma elle um monticulo, cujo vertice, coroado de uma especie de ramallete de arvores, é o ponto mais elevado da *villa* sobre a margem esquerda do Tibre.

Alli foi collocada uma estatua de Roma. Com o tempo aquelle ponto tornou-se um lugar de passeio.

Pode-se dizer que Roma começou realmente a existir, depois que os differentes povoados foram reunidos e ligados por Servio Tullio.



Tarquínio—o soberbo—concluiu o templo de Jupiter-Capitolino começado sob o reinado do 1.º Tarquínio: nessa obra empregou o dinheiro que tirou aos Volscos.

A igreja de Ara-Cœli, que substituiu o templo, mostra o effeito, que aquella construcção devia produzir, si pela imaginação figurar-se a fachada do templo do lado opposto á fachada e á escadaria da igreja.

O templo voltava-se para o sul, ao passo que a direcção da igreja é mais para léste.

Assim voltado, o edificio pagão olhava para o Forum,

donde se avistavam as columnas da fachada, as estatuas, e a quadriga de argila, que decoravam-lhe o telhado.

Nada subsiste hoje do Capitolio, a não serem restos de seus allicerces occultos sob a terra, e alguns lanços das muralhas no antigo convento dos franciscanos de Ara-Cœli.

A architectura e as dimensões do Capitolio são entretanto conhecidas.

Construido sobre uma elevada plataforma, tinha o aspecto dos templos etruscos, descriptos por Vetrovio, com pequenas alterações: continha tres capellas, e com relação ao comprimento, era mais extenso, do que de ordinario são os etruscos.

As tres ordens de columnas da fachada tinham seis columnas de cada lado.

Deante da fachada, tambem tres ordens de columnas.

De cada lado, no sentido do comprimento, uma só fila.

Na capella dedicada a Jupiter, pelo consul Horacio nos primeiros tempos da republica, via-se a estatua, em argila, do deus assentado, e empunhando em uma das mãos o raio, tambem de argila, e na outra o sceptro, ornamento real da Etruria.

Depois da batalha do lago Regillo, construiu-se o templo de Castor e Pollux, um dos mais notaveis de Roma, e o da deusa *Cama*.

Nessa epocha tambem foi fundado o templo de Saturno, tão celebre nos fastos da historia romana.

Desde então até o fim da Republica a cidade de Roma, gradualmente, foi augmentando.



Nos ultimos tempos da Republica, na lucta travada entre os ambiciosos do poder, representaram os monumentos saliente papel.

Pompeu foi o primeiro, que á expensas proprias construiu no campo de Marte o theatro, ao qual deu o seu nome, e offereceu-o ao publico.

Cesar, por seu lado, fundou um Forum novo para contrapor ao antigo.

Venus Victrix teve o seu templo consagrado por Pompeu, que desejava assim perpetuar a memoria de suas victorias.

Cesar, mais habil, e mais fino politico, parecendo mais modesto, mas sendo realmente mais soberbo, dominado sempre pela idea de fundar uma monarchia absoluta, de direito divino, lembrando a sua alta prosapia, de que tanto se glorificava, e que subia até aos *deuses* e *reis*, segundo suas proprias expensas, consagrou outro a Venus Genitrix.

O Forum foi a unica obra monumental que o famoso dictador poude realizar em vida: outros monumentos de Roma foram por elle planejados, e executados mais tarde: por exemplo: o templo de Marte Vingador, o theatro que

foi denominado—Theatro de Marcello e até o Coliseu, ideia sua, executada muito depois, sob a dynastia Flavia.

Cesar pretendia tambem melhorar o curso do Tibre, tendo em vista dous fins: construir um novo campo de Marte, desviando as aguas para a direita, e aproveitar o antigo para alargar o recinto interior da cidade e edificar um bairro novo, segundo o seu ideal.

Ao lado dessas exhibiçõs de grandeza e talento administrativo, os monumentos conservaram a memoria de seus crimes.

A basilica—Emilia—foi edificada com os milhões legados a Emilio Paulo com a clausula especial de erigir esse monumento: a primeira basilica fora construida por Catão—o censor.

Rasão de sobra teve M. Ampere para escrever o seguinte:

«Os despotas amam a pedra, porque a pedra é docil.

Os blocos deixam-se amontoar uns sobre os outros em edificios regulares, imagens do edificio social, que o Senhor apraz-se em construir á toza e a corda alinhando symmetricamente os homens por filas; e quando o despota é guerreiro por cadaveres.

O gigantesco sorri ao seu orgulho e depois. . . isso occupa o povo, como segundo Aristoteles, pondera sabiamente Dinys de Halicarnasso.

O homem curvado a trabalhar na pedra, não tem tempo para erguer a cabeça: o excesso do trabalho, a que o obrigam, fal-o esquecer-se de que é cidadão.»



Essa foi a politica de Augusto, e de outros successores seus, que, pequenos de mais para emprehenderem as gigantescas guerras de outr'ora, preocuparam-se, como o primeiro imperador, de transformarem as cidades de cantaria em cidades de marmore, com o fim de impedirem os cidadãos de pensarem na liberdade perdida.

Sob todos os pontos de vista, forçoso nos é confessar que os tyrannetes, que, de 15 de novembro para cá, assaltaram as ameias do poder, são muito inferiores aos antigos Cesares.

Generaes inteiramente estranhos á sciencia do governo, e incapazes de equilibrarem-se nas alturas, em que o acaso os collocou.

O primeiro teve, é verdade, em torno de si homens, cujo talento a *saera fames auri* esterilizou de todo, pois que transformaram-se em animaes de preza, famintos dos gosos materiaes, sem nobres estimulos, sem objectivo moral a devorarem sem piedade o corpo da nação, ainda cheio de vida e de seiva: o outro, cercou-se de manomaniacos, de incapazes, tão ignorantes como elle proprio, desperdiçando, esbanjando, aniquilando todos os elementos moraes, que o habilitavam a ser o fundador de facto da democracia brasileira : ambos, sem a menor noção das responsabilidades, que, perante a historia, pesarão sobre

elles : ambos, talvez satisfeitos e contentes, de deixarem aos vindouros, em sua passagem pela primeira magistratura do paiz, somente desastres e ruinas: ambos incansaveis em aviltar uma nação, fraca talvez, resignada em demasia, mas digna de melhor sorte; ambos, postergando sem escrupulo e do modo o mais descommunal os direitos de um povo, que foi tão livre, que causava inveja aos proprios republicanos da Europa e da America, e que hoje tem saudades profundas dos tempos, em que o diziam escravo.

* * *

O que resta dos monumentos de Augusto é característico.

O theatro de Marcello, a entrada do portico de Octavia, as tres columnas do templo de Marte-Vingador, que ainda existem, revelam que uma transformação se operou, tanto na sociedade, como na arte romana.

O theatro de Marcello conserva ainda a simplicidade grega da architectura republicana, ao passo que os outros, e com especialidade o terceiro, inauguram a magnificencia romana da era imperial.

Dos diversos edificios de Agrippa resta apenas o Pantheon, dedicado a Augusto, que, affectando modestia, recusou tamanha homenagem.

Tiberio pouco edificou: o campo dos pretorianos foi

construido por Sejano: desse campo, ou quartel restam apenas o recinto e os alojamentos das praças.

Calligula construiu um passadiço sobre o Forum para mais a commodo poder *conversar* com Jupiter!

Esse passadiço tocava no templo de Castor e Pollux, entre cujas imagens o monarcha sem juizo ia as vezes fraternalmente sentar-se.

Claudio, que alguns pensam haver sido idiota, porque tinha seus momentos de distracção, mandou executar duas das maiores obras do imperio, a abertura do porto de Ostia e do lago Furcino, que hoje se trabalha para restabelecer.

Nero só deixou o—palacio dourado— construido para sua residencia.

Tem-se dito, mas não está provado, que elle houvesse mandado incendiar uma parte de Roma para obter o espaço preciso para tal edificação; e nem teria necessidade de meio tão odioso e perigoso ao mesmo tempo para conseguir esse espaço, dispondo a seu talante, como dispunha, dos bens e da vida dos romanos.

A historia não deve jamais vestir as roupagens de romance.

O—*palacio dourado*—era uma especie de serralho, contendo lagos, tanques, jardins e bosques: começava do alto do Palatino, mesmo ao lado da modesta casa de Augusto, e abrangia talvez uma terça parte da cidade.

O despotismo subtil e sagaz do primeiro imperador

foi substituído por um despotismo mais que oriental, sem reservas e sem pudor.

Galba, Othon e Vitellio, cujos reinados foram quasi ephemeros, nada deixaram da sua passagem pelo poder.

O Forum de tão bellas recordações nos tempos da liberdade, tornou-se o theatro das mais sinistras scenas.

O assassinato de Galba, e a morte ignominiosa infligida ao glotão Vitellio alli tiveram lugar.

A maior das ruínas romanas é o amphitheatro construído pelos tres Flavios.

Esse edificio tinha a denominação de Amphitheatro Flaviano.

Só nos ultimos tempos do imperio passou a chamar-se Coliseu: com a sua construcção desapareceram os tanques e lagos de Nero: as thermas de Tito se elevaram sobre um dos raios do palacio dourado.

Os Flavios, como que tinham pressa de apagar a lembrança da popularidade de Nero, porquanto o filho de Agrippina, apezar de seus vicios e crimes, foi tão querido da populaça, quanto era odiado pela aristocracia.

O despotismo faz desses *milagres*: embrutecendo as massas e fornecendo-lhes—*panem et circenses*—apaga no coração dos homens as ultimas noções da honra e do dever civico.

O reinado de Nerva indica uma era nova.

O hespanhol Trajano foi o primeiro dos grandes imperadores.

Pode-se, com o que ainda resta, reconstruir-se pela imaginação o seu templo e a sua basilica.

Demos a palavra a M. Ampere :

« Quando se contempla a columna de marmore, que sustentava a sua estatua, e se elevava sobre o seu sepulchro, obra em que tudo era admiravel, a materia, a construcção, os baixos-relevos, experimenta-se um sentimento de satisfação por ver tantas magnificencias d'arte e de gosto, consagradas a um soberano tão digno dellas e conservadas pela ingenua devoção da idade-média, que acreditava ter Deus feito resuscitar Trajano, para que tivesse elle tempo de converter-se ao christianismo, em attenção ás suas virtudes. »

Adriano, alem do mausoleu, que para si mesmo mandou construir, edificou os templos de Venus e de Roma, cujos restos ainda subsistem e attestam a belleza de ambos.

Sobre a columna de Trajano, e em baixos-relevos foram traçados os feitos de Marco-Aurelio nas guerras contra os germanos.

Esses baixos-relevos demonstram que nesse tempo a arte já havia entrado em seu periodo de decadencia.

Septimo Severo construiu sobre a *via Appia*—o Septisonio e um arco que ainda existe, e comquanto a architectura desse arco seja ainda bella, a esculptura, todavia já é grosseira.

As *thermas* de Caracalla são, depois do Coliseu, a maior ruina da antiga Roma.

Este monumento, segundo a indole do imperio era consagrado aos prazeres da multidão.

A serie dos imperadores, que vieram depois, passou rapida, sem deixar-lhes tempo para elevarem monumentos.

Resta comtudo um arco de Galliano, sob cujo reinado consummaram-se a invasão e a deslocação do imperio.

Deocleciano deixou thermas consideraveis.

De uma das salas fez Miguel Angelo uma das mais bellas egrejas da moderna Roma.

Maxencio ainda construiu um circo, em grande parte conservado até agora, e uma basilica magestosa, cujo terço unico que ainda existe, é uma das mais imponentes ruinas de Roma.

Sobre o solo romano succederam-se gerações de monumentos, cuja historia liga-se ás gerações dos homens que os elevaram.

Esses monumentos, em geral, tem o cunho de grandeza de que era digno o povo, que teve o titulo de povo-rei, mas que o despotismo reduziu a um bando de escravos.

Elles não inspiram interesse somente pela sua alta antiguidade, mas tambem pela nobreza do estylo, pela solidez das construcções, que parecem capazes de resistir á acção destruidora do tempo

As guerras civis de Scylla e Mario, Pompeu e Cesar, Octavio e Antonio haviam despovoado a cidade; mas

para que o leitor possa fazer idea do movimento e da vida, que se notava alli depois, e principalmente no tempo de Trajano, em que o numero de seus habitantes chegou ao apogeu, forçoso será descrevel-a qual já era nos ultimos annos do reinado de Augusto.

M. Dezobry traça-nos o quadro do que devia ser Roma nesse tempo, figurando um estrangeiro a narrar o que lhe succedera, quando pela primeira vez achou-se naquella cidade :

« Apenas entra-se nas ruas de Roma, encontra-se logo uma multidão de pequenos mercadores, que em altas vozes annunciam as suas mercadorias ; são vendedores ambulantes de phosphoro, que os trocam por vidros e garrafas quebradas : vendedores de comidas a offerecerem-nas á multidão ociosa, que os cerca ; bailarinos, prestidigitadores, que, destramente, escamoteiam grandes bolas collocadas debaixo de pequenos copos ; robustos carregadores, que conduzem na cabeça enormes pesos, ou que trazem nos braços as vezes sete e oito meninos ; charlatães que mostram viboras e cobras, pelas quaes fazem-se picar, e immediatamente neutralisam os effeitos do veneno com um remedio, cujas virtudes elles explicam aos espectadores em discursos impudentes e ridiculos ; vendedores e creadores de passaros, mostrando em gaiolas aves ensinadas ; miseraveis athletas batendo-se brutalmente, sem arte, a socco, para diver-

tirem a multidão; creanças, que brincam e saltam pelas ruas e praças publicas.

O universo parece ter-se reunido em Roma, e o povo, que a habita, é tão numeroso, que não se pode dar um passo sem encontrar obstaculos: aqui o caminho está tomado por uma machina, que levanta pesada pedra, ou por uma viga enorme; alli, são os comboios funebres, que se embaraçam no meio dos carros; mais além, é uma tropa de manobras, ou de animaes: ora é um cão hydrophobo, perseguido pelo povo, ora, uma vara de porcos, que se precipitam atravez da multidão; logo depois, carvoeiros, tocando deante de si, animaes carregados de carvão; arrieiros, que, numa subida mais aspera, levantando com as espaduas a parte posterior dos carros para alliviarem as bestas, e acabam recuando scb o peso da carga, e derrubando na sua marcha retroactiva tudo, que encontram: mercatores de carne, ambulantes, que dentro de um circulo, ou cesto, trazem na cabeça pedaços de bofes, tripas, carne escorrendo sangue, que enxovalham, quantos delles se approximam.

Seria um nunca acabar a descripção, de uma centesima parte das scenas deste genero, que diariamente se passam nas ruas de Roma.

Foi-me preciso pagar o tributo de minha inexperiençia para aprender a mover-me no meio desse mundo e garantir-me contra os seus inconvenientes e perigos.

Uma vez, succedeu-me parar para apreciar um benito

cavallo, que passava: um soldado, que, vinha atraz de mim, pisa-me o pé, volto-me, um homem que carregava um enorme pau, da-me com elle na cabeça, e brada-me logo—arreda!

«Trazes mais alguma cousa» clamo encolerizado, e elle afastou-se rindo-se: quero correr; mas um camponio, bebado, conduzindo a familia toda sobre um carro chato, chega ao mais apertado da rua, onde já se achava outro carro, puxado por bois, o qual gemia sob o peso enorme de uma grande columna de marmore.

Cada um quer passar primeiro: os carros embaraçam-se, os conductores disputam, injuriam-se reciprocamente, o transito é interrompido, e a multidão de carroagens, de liteiras, de peões, e de animaes se amontoa em poucos instantes e reflue sobre si mesma, como uma torrente, cujo curso fosse de repente interceptado.

Procuro uma sahida para escapar-me; uma porção de telhas, desprendidas do tecto de uma casa, cae a meus pés; espantado, atiro-me para o lado opposto: os pedaços de um vaso quebrado, arremessados por uma janella, levam ao cumulo o meu terror.

Acho finalmente meio de passar, e para maior segurança, sigo pelo meio da rua; mas uma carruagem chega a galope atraz de mim; o cocheiro adverte-me pelo estalar do chicote: eu ainda não conhecia este signal, e escapei por milagre de ser esmagado pelas patas dos animaes.»

Se tal era Roma nos ultimos annos de Augusto, pode-se avaliar o que foi ella sob Claudio, quando contava quasi sete milhões de habitantes e o que seria depois do tempo de Trajano, quando a população tinha dobrado!

Todas as grandes capitaes modernas da Europa, reunidas, não valiam a Roma daquella epocha.

* * *

Voltemos atraz e falemos do modo, por que, em relação á policia e á administração, era a cidade, nos antigos tempos, dividida.

Depois de Servio Tullio foi ella dividida em quatro grandes regiões, e este estado permaneceu até que Augusto subdividiu-as em quatorze bairros, ou quarteirões, administrados, cada um delles, por dois commissarios, de nomeação annual, que eram denominados *curatores viarum*.

Os quarteirões eram tirados por sorteio.

Os *curatores viarum* tinham o encargo de velar pela tranquillidade publica, asseio das ruas, e alinhamento das casas: dispunham de *denuntiatores*, agentes de policia, de escravos encarregados de acudirerem aos incendios, especie de bombeiros: de tropas armadas, que faziam as vezes de nossa policia, e que tinham ordem de agarrar os gatumos, os vagabundos, e de dissolver as reuniões nocturnas.

Eis como nos livros, falam os competentes dos 14 quarteirões de Roma:

1.º Quarteirão: da porta Capena, o qual continha nove grandes ruas, e mais os templos de Marte, da Tempestade, da Esperança, das Musas e o altar de Apollo, o templo de Isis, de Seropis, da Fortuna, e dos Viajantes.

Alem destes, havia tambem dez capellas (*aediculae*) consagradas á divindades diversas: Sete grandes praças — a de Apollo, a de Thalo, a de Isis d'Elione, a Pinaria, a de Carfura e a de Mercurio: quatro arcos — o de Druso, o de Nero, o de Trajano, o de Vero Parthico, e o de Jano bifronte: o circo de Caracalla, e o *mutatorium* de Cesar; este quarteirão ou bairro era conhecido pelo nome de quarteirão da ponta Capena: tinha o perimetro de treze mil pés romanos.

2.º Quarteirão: *Caemontium*, denominação, proveniente do monte Coelio.

Perimetro—treze mil pés: tres mil cento e seis casas, distribuidas em doze ruas, alem de trinta e dous celeiros publicos e oito capellas: templos:—os de Tullo Hostilio, Baccho, Fauno, Claudio e o da deusa *Carnea* no monte Coelio, em cujo cimo estava tambem a *côrte*, ou paço Hostilio, onde muitas vezes se reunia o senado.

Entre o Coelio e o Palatino a via Subura, ou Suburra —residencia da aristocracia.

3.º Quarteirão: ou quarteirão de Isis e de Seropis—

occupava grande parte das *Esquilias*—doze mil pés de circuito: começava na base de Cœlio e tinha oito ruas e praças, entre as quaes—a dos *Comediantes*— (*Choragium*): templos: os de Isis, e da Concordia viril, em cujas proximidades se via o portico de Livia; oito capellas: as da Bôa Esperança, Serapis, de Sango Fidonio, de Minerva, de Isis, de Venus, de Esculapio, e de Vulcano: o portico de Claudio Marcial, o amphitheatro de Vespasiano, o Colyseu, o Dacico, e o Mamertino: muitas thermas: o palacio dourado de Nero e o portico em que estava a estatua de Laoconte.

4.º ou quarteirão do templo da Paz, ou da Via Sagrada: circuito: apenas mil e oitocentos pés: estendia-se entre as Esquilias e o Palatino e comprehendia oito ruas, das quaes as principaes eram a *Via-Sacra*, que começava nas Carinas e ia até ao Capitolio, costeando o Colyseu e o arco de Tito, e voltando pelo arco de Septimio fazia parte do forum e do commercio: depois da *Via-Sacra* a *Via-Execrabilis*—assim chamada porque outr'ora fora allí a situação da casa de Espurio Mellio, demolida por ordem do dictador Cincinnato, porque Mellio, tinha pretendido apoderar-se do mando supremo, fazendo ao povo distribuições gratuitas de trigo.

Os edificios principaes desse quarteirão eram entre outros: as thermas e o palacio de Tito, a casa de Pompeu: havia nelle o *Æquimelium* praça circular deante do templo de *Tellus* (Terra): o cemiterio dos

Gauleses, lugar em que elles foram aniquilados: *Tigillum sororis* (Travesinha da irman) posto sobre dous muros, sob esse *Tigillum* passou o Horacio vencedor dos Curiaçios depois do fratrecidio, que commettera: a *Meta sudans*—(collina que súa) monticulo de alvenaria, tendo em cima a estatua de Jupiter.

A agua filtrava atravez dessa obra, e d'ahi o nome de *suaute* (sudans). Dez templos: o da Paz, de Remo, de Faustina, (mulher de Marco Antonio), de *Tellus*, nas Carinas: o da Concordia, de Venus Cloacina, do Sol, da Lua, de Augusto e Nerva: oito capellas: a das Musas, da Esperança, de Mercurio, de Lucina Valeriana, de Juno Lucina, de Mavorti, da Mocidade e de Isis.

Havia mais: o portico Sagrado, a praça da Victoria, a de Vulcano, o Colosso do Sol, o Odeon (theatro lyrico) o *Forum cupedinis* (mercado das golosinas) a antiga basilica de Paulo Emilio, a de Constantino: o banho de Daphné, os arcos de Tito, Vespasiano, de Septimo Severo e de Constantino.

5.º quarteirão do Esquilino, comprehendendo o Esquilino, e o Viminal, com vinte mil pés de circumferencia: um dos maiores portanto.

Havia nelle o cemiterio dos pobres, extincto por Augusto, que alli mandou construir um palacio que offereceu a Mecenas.

Foi uma medida hygienica, porquanto o cemiterio prejudicava a saude publica.

Templos: os de Jupiter-Vivineo, de Juno Lucina, de Minerva, da Medicina, de Esculapio e de Venus Erycina: o amphitheatro *Castrense*, o circo de Aureliano com obelisco, a basilica de Sicinio e o parque dos animaes selvagens (*Vivarium*, etc., etc.

6.º quarteirão, ou *Alta-Semita*, assim chamado por causa de sua situação.

Dezeseis mil pés de circuito.

Começava nos dous grandes cavallos de marmore, de Phidias e Praxiteles, e ia ter á porta Viminal.

Nesse quarteirão eram dignos de nota: o campo *Execravel*, o templo de Salus (Saude, divindade romana), o de Serapis, o de Flora, o de Venus e outros: as estatuas de Quirino, o circo de Flora, etc., etc.

7.º — *Via Lata* — estendendo-se do Capitolio até *Septes*, ou do campo de Marte ao *Forum* de Trajano: tinha vinte e quatro mil pés de circuito. Da rua Larga lhe veio o nome.

8.º quarteirão, denominado — *Forum Romanum* — era o mais bello e mais celebre de todos.

Comprehendia o *Forum*, o *Capitolio*, a Rocha Tarpeia, a porta *Stercoraria* e a rua Nova (via Nova).

Quinze mil pés de perimetro: nelle existiam os seguintes notaveis templos: o de Jupiter Feretrio, o de Julio Cesar, o de Concordia e o de Vesta, e mais o *Miliario* dourado, o *puteal* de Lucillo (especie de escriptorio commercial) o Lacurciano, o sepulchro de Romulo, quatro

edifícios, em que se reunia o senado, dos quaes citaremos o *Cenaculo de ouro*; sete basilicas, o carcere edificado por Servio Tullio, o palacio de Tarquinio, o soberbo, o de Scipião, africano, etc.

9.º *Circo Flamínio*, trinta e um mil pés de circuito: continha o campo de Marte, a rua Abobadada, a rua direita: oito templos, entre os quaes o Pantheon: alli existia o circo Flamínio e o de Alexandre Severo: quatro theatros e amphitheatros, a prisão dos centuviros, os jardins de Lucullo e de Agrippa.

10.º *quarteirão: Palatium* — assim denominado porque começava no monte Palatino: onze mil pés de perimetro.

Continha o templo de Apollo Palatino, alem de outros: os palacios de Anco Marcio, de Crasso, de Julio Cesar, de Seneca, de Catilina, etc.

11.º *Circo Maximo*, alem do grande circo continha todo o valle comprehendido entre o Aventino e o Tibre: quatro templos: trinta capellas, e o esgoto da grande cloaca que ia ter ao rio.

* * *

12.º *Piscina publica*, nome derivado de uma antiga piscina que alli existiu: occupava o valle que separa o Cœlio do Aventino meridional, ou falso Aventino, cujas encostas nos logares em que se acham hoje as egrejas de Santa

Balbina e S. Saba, lhe pertenciam : tinha doze mil pés de circumferencia.

A mocidade romana costumava ir a Piscina aprender a nadar : esta consistia em um grande reservatorio, em que se dava de beber aos animaes.

13.º quarteirão — Aventino — comprehendia dezeseis mil pés de circuito, estendendo-se até o recinto actual dos muros pela planicie em que se eleva hoje o monte Testaccio, formado de vasos quebrados, como já dissemos.

O monumento mais notavel deste quarteirão era o templo de Diana, edificado por Servio Tullio.

As praças principaes *Crius publici*, por onde se subia para o Aventino — *Scala Gemonia* (forças patibulares): na extremidade do *Armibustrum* (local onde se fazia a cerimonia de purificação do exercito) : o *Doliolum*, ou monte de conchas : *Remuria*, logar onde se dizia que fora Remo enterrado e donde consultara o vôo das aves.

14.º quarteirão — *Transtiberiano* — assim chamado porque era situado alem do Tibre, com relação ao resto da cidade. Estendia-se muito alem do recinto.

Aureliano — abrangia quasi todo o espaço das muralhas modernas desde o Castello de Santo Angelo até á porta *Portese* : começava no Janiculo, comprehendia o Vaticano a ilha do Tibre, e o que então se chamava *Navalia* (estaleiros) ; trinta e tres mil pés de circuito.

Na base do Vaticano estavam os grandes jardins feitos por ordem de Caligula. Alli construiu Nero o seu circo.

Cada um dos quatorze bairros de Roma era subdividido em muitos *vicos*: o *vicus* consistia em uma rua principal, e de varias ruas lateraes.

Quatro officiaes, ou commissarios, denominados *vico-magistri* eram encarregados da policia, em cada um delles, e cumpria-lhes manter a ordem publica, velar pelo asseio das ruas, e traçar o alinhamento e altura das casas e edificios por construir.

O *Vicus* subdividia-se ainda em ilhotas de casas (*insula*).

Uma *insula*, comprehendia, de ordinario, muitas casas, mas podia tambem formar-se de uma casa só, que não estivesse ligada a outra por um muro commum.

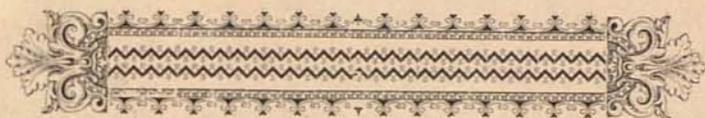
Esta ultima subdivisão tinha lugar, quando se tratava das grandes casas dos ricos e nobres, que eram designadas pelo vocabulo—*domus*—ao passo que, para formar uma *insula*, eram precisas muitas casas pequenas, que tinham a denominação de *oedes privatae*.

Desnecessario é prevenir aos leitores que o trabalho que hoje offerecemos ao publico nada tem de original.

Nós o organisamos diante dos livros que consultamos, e especialmente o grande dictionario *Larousse*, que muito nos serviu.

Bahia, 26 de Fevereiro de 1894.

CEZAR ZAMA.



Marco Tullio Cicero

I. Em torno dos homens politicos, que adquirem certa importancia, principalmente si occuparam, ou occupam altas posições officiaes, forma-se, de ordinario, um circulo de *amigos*, que se esforçam em glorificar-o por todos os modos: em compensação, á pequena distancia, crê-se tambem a roda dos dectractores gratuitos, que, com igual empenho, tratam de deprimil-o; todos porém pouco escrupulosos nos meios, que empregam.

A' primeira cathegoria pertenceram sem duvida os que inventaram, ou descobriram para Cicero uma arvore genealogica, que ia entroncar na casa real de Tullio Attio, esse antigo rei dos volscos, á cuja sombra foi abrigar-se Coriolano, banido de Roma: á segunda os que affirmaram que elle não passava de filho de um pisoador de pannos.

Quasi todos os escriptores referem-se a estas duas versões, que não têm o menor fundamento.

A familia de Cicero era muito conhecida, até em Roma : si não ostentava opulencia, era todavia abastada, e gosava da consideração e es'ima de toda a população de Arpino, cidade municipal do Lacio, logar do nascimento de Mario, o famoso capitão, consul sete vezes, e temeroso caudilho popular.

Os Ciceros não eram nobres ; mas pertenciam á ordem dos cavalleiros (*equestres*).

O nome de familia não lhes proveio de verruga alguma, que tivesse tido no nariz qualquer dos seus antepassados, nem a tinha elle, como aliás o representam em algumas estatuas e quadros.

A opinião de Varrão é a verdadeira. Assim como foram chamados Lentulos e Fabios os membros destas duas importantes familias da Republica, por cultivarem de preferencia lentilhas e favas, assim foram denominados — Ciceros — os que em Arpino cultivavam — *cicer* — substantivo neutro, que, dizem os dictionarios latinos, significa — chicharo, grão de bico.

Marco Tullio Cicero (*Kikero*, como pronunciavam os romanos) nasceu em Arpino a 3 de Janeiro do anno de 647 da fundação de Roma, isto é, 107 annos antes da era vulgar.

Sua mãe, cujo nome era Helvia, e de cujas virtudes falam todos os que teem escripto sobre o grande orador,

pertencia á familia dos Cinnas, uma das mais distinctas familias romanas.

Segundo refere Plutarcho, Helvia, ao dar á luz aquelle filho, nem siquer experimentou as dores ordinarias do parto.

Seu pae tinha o mesmo nome, e como se yê do Cap. 1.º livro 2.º das *Leis*, obra de Cicero, era homem de constituição fraca, saude precaria e applicado ás lettras na sua casa de campo, em Arpino.

Seu avô, que tambem se chamou Marco Tullio Cicero (*das Leis*, cap. 16, livro 3.º) era homem virtuoso, opposto sempre as innovações, que Gratidio, casado com sua irmã, pretendia introduzir na legislação municipal de Arpino, innovações, que lhe pareciam inconvenientes e perigosas. Em consequencia das questões com o cunhado, o velho Cicero veio mais de uma vez á Roma, e n'uma d'estas occasiões teve de falar perante o senado, e exprimiu-se por tal forma, com eloquencia e correção taes, que o consul Scauro, em plena sessão, disse-lhe :

« E' pena que um homem d'esta ordem não queira consagrar comnosco tantas virtudes e talentos aos altos interesses do Estado, de preferencia aos de um municipio ! »

O velho Cicero naturalmente devia sentir-se lisongeadado com taes palavras, proferidas por um homem d'aquelle quilate e d'aquella posição.

Quanto era elle sensato prova-o o conceito seguinte, que Catão, nos transmittiu : »

Os homens, que melhor sabem falar, são os que menos sabem fazer bem as cousas. »

Creemos ter dito quanto basta para provar que nem Cicero era neto de reis, nem filho de um pisoeiro.

Plutarcho, sempre propenso a acreditar no sobrenatural, apesar de reconhecer que, em geral bem poucos dão credito á certas histórias, fala de um genio, ou phantasma, que appareceu á ama de Cicero, prophetisando-lhe que a creança, que ella aleitava, traria um dia grandes vantagens á Roma.

Os romanos eram muito supersticiosos, e a credence popular aprazia-se em cercar o berço dos grandes homens de phenomenos extraordinarios.

II. A sua infancia, passou-a Cicero entregue aos desvelos maternos e sob as vistas de seu pae e de seu avô, que deram-lhe mestres, logo que chegou á idade de aprender.

Desde as primeiras licções revelou-se a sua intelligencia viva e penetrante: nenhum estudo o enfadava ou contrariava: a todos se applicava com igual ardor.

Podia-se desde então prever o homem futuro, que aquelle corpinho franzino encerrava.

Apenas preparado nas primeiras letras, seus paes mandaram-no para Roma, onde elle podia entregar-se a estudos mais serios.

Em Roma tinham elles as melhores relações com os

personagens mais illustres da Republica, quer nas letras quer na politica.

A creança foi carinhosamente acolhida pelo jurisconsulto C. Aculeão, cunhado de sua mãe, pelo orador M. Antonio, amigo intimo de seu tio Lucio Cicero, por M. Em. Scauro, principe do senado, por Q. Mucio Scevola, o augur, por Strabão, por Q. Lucio Catulo, associado a Mario na sua victoria sobre os Cimbros, por Cotta, Lucio Cesar, e Catão, todos amigos de sua familia.

Publio Licinio Crasso, que entre todos era o que gosava de maior nomeada, encarregou-se de dirigir a sua educação conservando-o em sua propria casa, sempre franca a todos os sabios, gregos e latinos, que então havia em Roma.

Escolhendo um mestre grego de sua confiança, entregou-lhe a educação da creança, permittindo-lhe ainda que recebesse os alumnos, que lhe conviesse.

Cicero distinguiu-se logo e de modo tal entre todos os seus collegas, que estes reconheceram a sua *supremacia* e prestavam-lhe uma especie de homenagem, sempre que o encontravam nas ruas, fazendo-lhe cortejo e collocando-o na frente.

Em casa, contavam aos paes maravilhas do rapazinho de Arpino.

Muitos, que a principio, mostraram-se incredulos, acabaram por ir pessoalmente verificar, si não havia exageração no que se dizia, assistindo as lições, e con-

fessavam todos que realmente era admiravel tão notavel intelligencia em tão verdes annos.

Dentro em pouco, as lecções do mestre grego somente já não bastavam ao estudantinho.

Plocio, rhethor celebre, abrira um curso de eloquencia latina.

O pequeno Marco desejava a todo transe matricular-se n'esse curso.

Crasso, convencido de que os mestres gregos o prepariam melhor para a eloquencia judidiciaria, a que o destinava a familia, oppoz-se, permittindo-lhe todavia que fosse tomar lições com o poeta Archias, que residia em Roma havia pouco.

E eis o futuro jurisconsulto, advogado, politico e grande orador, entregue de corpo e alma ás musas.

Tomando por assumpto uma das tragedias de Eschylo, aos quatorze annos, compoz um poema, em versos tetrametros, que, segundo Plutarcho, teve o titulo de—*Poncio Gluneo*.

Suppõe-se que, n'essa epocha, escreveu elle tambem um tratado de *Rhetorica*— em quatro livros, cuja auctoria entretanto negava mais tarde.

O que é certo, porém, é que o trabalho a que elle depois deu o titulo de *Invenção*— outra cousa não é, sinão esse mesmo tratado de *Rhetorica*, refundido, correcto e augmentado.

Aos deseseis annos tomou a toga viril.

Este primeiro compromisso, que o joven arpinense ia contrahir com o Estado, revestiu-se de uma solemnidade, que não era usual.

Todos os illustres consulares, de que falamos, e mais outros com grande cortejo popular o acompanharam ao Capitolio, e d'ali para o Forum, a grande escola practica da eloquencia e dos negocios.

Nem o mancebo precisava de mais este estimulo.

Quinto M. Scevola, o augur, era considerado o homem mais practico dos negocios, e o mais versado na sciencia do direito entre todos os jurisconsultos romanos.

De accordo com a familia, Crasso fel-o estudar sob a direcção desse homem, cujas opiniões eram tidas em Roma, como oraculos, entrando mais tarde para o corpo da jurisprudencia com força de lei.

A applicação do joven foi sempre a mesma.

Rapidos progressos fez elle em seus novos estudos, e dos pontos de direito, os mais obscuros ou difficeis tornou-se profundo conhecedor, acompanhando ao mesmo tempo os debates no Forum, e nos tribunaes, onde então brilhavam como astro de primeira grandeza Crasso, M. Antonio, Cotta e Hortensio, mais tarde seu rival.

O joven possuia o condão de multiplicar o tempo.

O estudo acurado, a que se entregava, a sua assiduidade no Forum e nos tribunaes não o impedia de verter para o latim discursos de Demosthenes e de Eschyne e cantos

da Illiada, e de traduzir inteiro o poema de Arato intitulado — *Dos phenomenos celestes*.

Seu gosto pela poesia não se arrefeceu: compoz ainda um poema celebrando as façanhas de Mario, poema de que apenas nos chegaram treze versos.

Scevola, naturalmente arrastado pela afeição, que lhe inspirava tão intelligente e applicado discipulo, reputava esse poema — obra prima — e predizia que elle atravessaria os seculos, predicção, que não se realisou; e posto que Plutarcho assevere que Cicero foi tão bom poeta, como eximio orador, o talento poetico de Marco Tullio, entre os proprios romanos foi contestado, e seus versos eram reputados mais que mediocres.

III.—Cicero contava desoitô annos, quando a guerra social explodiu de novo: a confusão e o terror foram grandes em Roma: os alliados acabavam de bater as forças romanas.

A attenção publica concentrou-se na guerra, que ameaçava a existencia da Republica.

Os negocios suspenderam-se: os tribunaes fecharam-se. Cicero por algum tempo teve de suspender os seus estudos e trabalhos litterarios.

Novas forças se alistaram, e o commando d'ellas foi confiado ao pae de Pompeu, que tinha por logares-tenentes o velho Catão, Scylla e Mario. Todos julgavam um dever empunhar as armas. Hortensio se alistara.

Cicero acompanhou-o, não impellido pelo entusiasmo do momento, mas porque elle bem sabia que a Republica só confiava as funcções civis aos que sabiam defendel-a com as armas.

Era preciso conquistar nos campos de batalha o direito de exercer as magistraturas.

A campanha durou um anno: nada encontramos nos escriptores que indique o papel, que o mancebo representou n'essa guerra, que terminou com a victoria de Nola.

Em todo o caso pode-se dizer que elle não representou n'ella o papel de Demosthenes na batalha de Cheronnea, nem o de Horacio, depois, na batalha de Philippes.

A' guerra social succedeu a guerra contra Mithridates.

Mario e Scylla disputavam o commando dos exercitos, e essa rivalidade fatal, dentro em pouco, deu lugar ás proscricções.

As escolas, os tribunaes, todas as fontes emfim de instrucção foram fechadas.

Morto Mario, e ausente Scylla. Cinna, dominando sosinho, conseguiu restituir uma especie de calma ou tranquillidade á sociedade romana.

Cicero, que havia ainda uma vez suspendido os seus estudos, tornou a elles com o mesmo ardor.

Philon, chefe da seita academica, que, com a guerra contra Mithridates, emigrara de Athenas, veio se fixar

em Roma, onde abriu cursos de philosophia e de rethorica.

Cicero foi ouvir as suas lecções. (*Tusculanas*, livr. 2.º cap. 3.º) sem todavia interromper os seus estudos de sciencias juridicas.

Em Roma achava-se igualmente Appollonio Molon, um dos mais celebres oradores gregos, como embaixador dos Rhodios, junto aos romanos, encarregado de tratar das recompensas devidas áquelles, e ao qual o senado, por derogação unica de suas praticas e usos, concedera o direito de falar-lhe em grego.

Cicero foi tambem seu discipulo.

O joven, apesar de sua saude debil não descansava.

Todos os dias, sob diversos mestres declamava em latim e de preferencia em grego, «porque, elle proprio o diz, esta lingua offerecia-lhe uma variedade de termos, que elle não encontrava na latina e porque lhe parecia incontestavel a superioridade dos mestres gregos sobre os romanos.

Seus estudos, que abrangiam todos os ramos de conhecimentos humanos de seu tempo, não o impediam de escrever.

Assim, são d'essa epocha a sua *Rethorica*, dedicada a Herennio, a obra intitulada — *Da administração da Republica*, e os dous livros da — *Invenção* — recalcados sobre o seu trabalho primitivo, de que já falamos: escreveu tambem uma grammatica latina, uma obra sobre a—

Arte militar, traduziu a *Economica*—de Xenophonte e o *Protagoras* de Platão.

A guerra civil roubou-lhe successivamente quasi todos aquelles amigos, que tão generosamente o receberam em Roma na sua vinda de Arpino. Lucio e C. Cesar haviam morrido, assim como Q. Catulo e o orador M. Antonio «Cuja cabeça foi pregada nos rostros, d'onde salvara tantos cidadãos e presidira os destinos da Republica durante o seu consulado» segundo suas proprias expressões, mal se lembrando de que, um dia, a sua cahiria tambem aos golpes do triumviro M. Antonio, neto d'aquelle notavel orador.

Scevola, o augur, tambem havia s.do victima das proscricções.

A sua boa estrella permittiu-lhe encontrar um mestre não menos digno, no segundo Scevola—o grande pontifice tão versado, como o primeiro em sciencias juridicas que elle proprio classificava *o primeiro orador entre os jurisconsultos, e o mais notavel jurisconsulto entre os oradores.*

Em sua volta da Asia, Scylla renovou as proscricções: n'aquellas tremendas *taboas* liam-se diariamente os nomes dos infelizes votados á morte.

O mancebo sentia-se só e desamparado no meio da desordem, que, cada dia, alterava a forma de governo do Estado.

O dictador queria a todo transe firmar o partido

aristocratico sobre as ruínas do partido popular: não hesitou em alargar as regalias e prerogativas do senado, diminuindo as do povo.

Para chegar ao seu fim, restringiu, ou antes annullou o poder dos tribunos e despojou a ordem equestre das funções judicarias.

Afinal saciado de sangue, cansado de reformar e innovar, permittiu ao corpo extenuado da Republica algum repouso.

Abriam-se os tribunaes, o Forum começou a funcionar de novo, e os negocios retomaram o seu curso ordinario. Foi n'essa epocha, em que o joven de Arpino começou a apparecer na vida publica.

IV.—O mancebo entrava na vida publica com um cabedal de conhecimentos, que bem poucos possuíam.

O estudo assiduo da lingua grega habilitava-o a enriquecer a latina, de que elle um dia seria o supremo arbitro, de termos e expressões novas.

A jurisprudencia, as sciencias sociaes e economicas, a philosophia com todas as suas seitas, a grammatica no sentido mais lato da palavra, as mathematicas, a astronomia e até a musica lhe eram familiares.

Cicero, em uma palavra, possuía essa universalidade de conhecimentos, que, mais tarde, em seus escriptos, elle julgava indispensaveis á oratoria, cujos horisontes já elle cogitava de alargar.

Seus amigos aconselharam-lhe a deixar o sobrenome

de *Kikero*, que talvez lhes parecesse ridiculo: o joven respondeu-lhes: «Hei de conservar este nome, e procederei de forma tal, que o tornarei mais illustre, do que os dos Scauros e dos Catulos. «O mancebo tinha confiança em sua intelligencia, e em sua instrucção.

Aos vinte e seis annos de idade fez elle a sua estréa na tribuna judiciaria encarregando-se de uma causa civil, que nenhum dos escriptores, que consultamos, poude precisar.

No anno seguinte, no crime, defendendo Roscio.

Era preciso ter realmente coragem e muita confiança em seus proprios recursos para se encarregar, nessa epocha de uma defesa d'aquellas.

Todos se abatiam e se humilhavam ante o poder discrecionario de Scylla, que a ninguem poupava, e que até ao senado, inquieto pelas proscipções, havia soberbamente respondido: «Ainda não tomei resolução definitiva sobre aquelles, que pretendo poupar.»

Cicero fez-se corajosamente o patrono de Roscio.

Chrysogono, liberto e protegido de Scylla, arrematava por duas mil drachmas (500\$000 mais ou menos) os bens de Sexto Roscio, pae, que perecera entre os proscritos.

Esses bens subiam á importancia de duzentos e cincoenta talentos (470:000\$000, approximadamente.)

O filho do morto, que tinha o mesmo nome, levou

a questão aos tribunaes, perante os quaes demonstrou a espoliação, de que era victima.

Scylla, irritado por ver judicialmente reconhecida e publicamente commentada a injustiça, que auctorisou, consentiu que o mesmo Chrysogno intentasse a Roscio um processo crime, como auctor da morte do proprio pae.

Despojado dos bens, ameaçado em sua honra e em sua vida, o accusado não encontrava quem quizesse encarregar-se de sua defesa.

Cicero foi o unico que arriscou-se a affrontar o dictador, e tomou á peito a defesa de Roscio.

O resultado correspondeu á confiança, que elle depositava nos milagres da palavra.

O discurso, que elle então proferiu é conhecido, e talvez alguns de nossos leitores. quando estudantes de latim, o tivessem traduzido; não obstante daremos uma ligeira idéa d'esse discurso, que foi a primeira manifestação — falada — da eloquencia de Cicero.

O discurso divide-se em tres partes: na primeira, justifica o seu cliente, e refuta, uma por uma, as allegações de Erucio, que representava a accusação, isto é, Chrysogno e dous parentes do assassinado, provando que o accusado jamais teve vontade ou intenção de commetter tão execravel crime, e quando a tivesse, não dispunha de meios de executal-o.

A prova é completa e attinge as proporções de uma demonstração.

N'esta parte encontra-se a descripção do supplicio dos parricidas, que arrancou os mais vivos applausos do auditorio, mas que Cicero, mais tarde, qualifica de *composição de rapaz*, de que não se serviria depois de certa idade.

Na segunda, o orador ataca de frente os dous Roscios.

Si se pretende deveras descobrir os culpados, bastará attender ao character conhecido d'esses dous individuos, á conducta, que ambos tiveram depois do assassinato, á sociedade, que fizeram com Chrysogono para se apoderarem com segurança dos bens do assassinado, para a justiça não hesitar em reconhecê-los como auctores do crime.

A terceira parte refere-se a Chrysogono.

Cicero ataca a venda dos bens, como illegal, demonstrando que essa venda se realisara quatro mezes depois de expirado o prazo determinado pela lei: chega até a insinuar que semelhante venda é ficticia: explode, indignado, contra o luxo e a insolencia do liberto, e traça o quadro das desgraças publicas com energia e audacia taes, que fazem honra tanto ao seu character, como ao seu talento.

Abandonando, por momentos, a causa de Roscio, fala em nome de seus concidadãos, e reclama garantias para seus direitos e os da humanidade.

Na peroração, volta de novo a este ponto, e lembra aos juizes, que o fim dos accusadores é firmar direito para o aniquilamento dos filhos dos proscriptos: »

«Seria uma nova proscripção, peor, do que a primeira, e aos tribunaes compete por freio a esse systema de crueldade, que desnatura, de modo incrível, o character romano, e apaga até os ultimos traços das tradições, dos principios e dos costumes dos nossos antepassados» exclama o orador.

Roscio foi absolvido; mas não se pode assegurar que elle tivesse reentrado na posse dos bens de seu pae.

O discurso, si tem alguns defeitos, de que jamais se isentam os oradores jovens, sempre preocupados da harmonia e rythmo dos periodos, tem bellezas incontestaveis que revelam o talento oratorio e a habilidade politica de Cicero.

Cesar ainda não havia surgido na tribuna, Roma já não se lembrava dos Gracchos e o elegante e disertor Hortensio, desde muito, não apparecia na tribuna.

A oração do joven Arpinense foi um verdadeiro acontecimento nos annaes judicarios da epocha.

Por muito tempo, no circulo dos mais illustres politicos, jurisconsultos e oradores falou-se no triumpho obtido pelo mancebo. Na sua velhice o orador reportava-se a esse episodio de sua vida, como um dos mais gratos á sua memoria.

Encerraremos este capitulo com o juizo de um critico moderno sobre esta oração, de E. Sovestre: «O discurso em defeza de Roscio não é somente um modelo oratorio,

mas um grande exemplo do geito e do espirito de conducta, que o homem publico deve ter nos negocios.

Para salvar o accusado de parricidio, era mister, não somente provar a sua innocencia, e a perversidade dos accusadores, como ainda, sem despertar o resentimento de Scylla, obter a sua neutralidade e leval-o insensivelmente a consentir que a justiça seguisse o seu curso ordinario.

Quem lê este discurso, sente-se vivamente impressionado pela habilidade com que o orador contorna o perigo sem expor-se. Atacando Chrysogono, figura elle Scylla ignorante do attentado, affirmando que o dictador nem pôde tolerar-o, nem patrocinal-o.

A pessoa de Scylla fica fóra da causa, mas forçado a assistir á ella.

N'este discurso encontram-se já todas as qualidades e defeitos de Cicero.

A abundancia toca á profusão: sente-se o demasiado gosto pelos ornamentos litterarios, e o proprio auctor, mais tarde, notou-lhe as faltas contra o bom gosto; mas ao lado d'essas imperfeições, que brilho!

Como o grande periodo latino se desenrola já com pujança e doçura!

«O que Socrates fizera para o mechanismo da phrase grêga, Cicero acabava de fazer pelo da phrase romana.»

VI. No capitulo 3.º da vida de Cicero diz Plutarcho que
 «o temor do resentimento de Scylla, o determinou a viajar

para a Grecia, e dando por pretexto a necessidade de restabelecer a sua saude. »

Esta affirmativa porém é sem fundamento, porquanto no *Dialogo sobre os oradores illustres* no fim do cap. 9.º o proprio Cicero diz :

« Itaque prima causa publica, pro Sext. Roscio dicta, tantum commendationem, habuit, ut non ulla esset, quæ non digna nostro patrocinio videretur.

Deinceps inde multæ, quas non minus diligentes elaboratas, et tanquam elucubratas afferebamus. »

O que é fora de duvida é que depois da defeza de Roscio permaneceu elle ainda em Roma, perto de dous annos, entregue aos trabalhos da advocacia sem que o dictador directa ou indirectamente, lhe dêsse motivos de temores.

A razão verdadeira de sua viagem elle a dá no cap. 91 da mesma obra, quando diz :

Eu era magrissimo e de compleição muito debil: tinha o pescoço cumprido e fino : emfim um aspecto e figura que se julgava perigosos á vida, principalmente porque a tudo isto juntavam-se excessivo trabalho e grandes esforços dos pulmões.

E isto tanto mais atemorizava os que me presavam, quanto, sem interrupção, sem variar eu falava sempre com toda a extensão de minha voz e com grande abalo do corpo.

Meus amigos e os médicos aconselhavam-me a abandonar a advocacia ; mas julguei que devia expor-me a

tudo, menos renunciar á gloria que esperava da eloquencia.

Emfim, persuadido de que, moderando a voz e os meus esforços, mudando de declamação, poderia escapar, ao mesmo tempo, do perigo, e conseguir fallar melhor e mais regularmente, resolvi estudar outro methodo, e n'esse intento parti para a Asia.

Assim, depois de ter defendido causas—*durante dous annos*— e adquirido já alguma celebridade na tribuna judiciaria, sahi de Roma. »

Chegando a Athenas, Cicero, que, como quasi todos os romanos bem educados de seu tempo, falava e escrevia correctamente o grego, ahi se demorou seis mezes renovando os seus estudos de philosophia, que desde a infancia jamais abandonara, com Antiocho, o Ascalonita, que elle proprio qualifica—*o mais sabio e mais illustrado dos philosophos da velha academia.*

Ao mesmo tempo, sob a direcção de Demetrio, da Syria, mestre antigo e de bastante nomeada, exercitou-se na arte oratoria, conseguindo regularisar a voz, que, posto que extensa, era todavia aspera e sem modulações.

Depois visitou a Asia « acompanhado dos mais distinctos oradores, que dirigiam meus estudos com a maior complacencia » elle mesmo o diz no já citado capitulo 91. Entre estes achava-se Menippo, de Stratonice, que era tido pelo homem mais eloquente dos asiaticos. »

Certamente, si o character do atticismo é nada dizer

de affectado nem de inconveniente, este orador deve ser classificado entre os atticos » expressões do proprio Cicero.

Denys de Magnesia não o deixava: com elle estavam tambem frequentemente Eschylo de Cnide e Xenocles d'Adramytta, dous dos mais celebres rethores do Oriente.

Na volta, demorou-se em Rhodes, e retomou as lecções de Molon, que elle conhecia de Roma, e que, em sua opinião, «era um advogado habilissimo, excellente escriptor, critico cheio de finura, e que com raro talento dava as suas sabias licções.»

Appollonio Molon empregou todos os meios de corrigir os defeitos de sua dicção, e conseguiu moderar o ardor com que elle falava sempre, e reduzir a limites rasoaveis a redundancia das palavras, que costumava empregar.

Em Rhodes frequentou tambem o curso de Possidonio, stoico celebre em seu tempo.

Ali deu-se o seguinte episodio: um dia, Molon pediu-lhe que declamasse em grego perante a numerosa assembléa, que se achava reunida em sua casa.

Cicero não se fez rogar e falou com tanta felicidade que o auditorio o applaudiu entusiasticamente: todos o felicitaram, excepto Molon, que conservou-se triste e pensativo.

Como era natural, o seu discipulo perguntou-lhe porque assim o via.

O sabio mestre respondeu-lhe:

« Eu tambem te admiro e applaudo; mas lamento a

sorte da Grecia, e entristeço-me, reconhecendo que o saber e a eloquencia, ultimas glorias que lhe restavam, graças a ti, vão ser tambem conquista dos romanos.»

Cicero, que pouco acreditava em oraculos, era todavia curioso.

Em Athenas iniciava-se nos mysterios de Eleusis, e não quiz voltar á patria sem consultar a Pythoniza de Delphos.

Apezar do descredito, em que, n'essa epocha, tinham já cahido as predicções da sacerdotisa de Apollo, Cicero inqueriu d'ella quaes os meios que lhe cumpria empregar para adquirir gloria e nomeada, obtendo a seguinte resposta: »

Segue antes as proprias inspirações do que a opinião do povo.»

Apezar de sua incredulidade, essa resposta impressionou-o vivamente, sahindo pensativo e preocupado com taes palavras.

Plutarcho affirma que este oraculo exerceu grande influencia em sua vida publica, e que por causa d'elle, Cicero modificou profundamente o plano, que pretendia seguir em sua carreira.

Depois de dous annos de ausencia, o filho de Arpino reappareceu em Roma, vigoroso, robusto, e o que mais é, orador muito diverso de que fôra, correcto, elegante, e dentro em pouco, verdadeiro artista da palavra.

VI. Nos primeiros tempos de sua chegada á Roma,

Cicero viveu retirado dos negocios publicos, entregue aos estudos, e de preferencia aos philosophicos.

Não procurava os magistrados, que, por seu lado, tambem, prestavam-lhe pouca attenção, nem ainda relações com os personagens mais influentes na politica, n'essa epocha.

Raras vezes era visto nas ruas, e quando por acaso apparecia, bem percebia que o chamavam grego ocioso, expressão injuriosa entre os romanos, que não davam importancia sinão aos estudos, que preparavam o homem para a guerra e para a administração do Estado.

Um anno inteiro passou elle assim: por esse tempo desposou Terencia.

O que a tantos parecia ociosidade era, porem, ainda assiduo trabalho, sem o qual o Arpinense não podia viver.

Como Demosthenes, tinha elle defeitos naturaes, que reconhecia e dos quaes, apesar de tantos esforços, ainda não havia conseguido corrigir-se.

Faltava-lhe, alem d'isso, aprender com perfeição a linguagem de acção a que o orador grego, que tomara por modelo, ligara tanta importancia, linguagem realmente indispensavel ao orador, quer na tribuna politica, quer na judiciaria e popular, que todas teria de occupar.

Havia então em Roma dous actores, que gosavam da mais elevada e merecida reputação: para a tragedia, Esopo: para a comedia, Quinto Roscio.

Cicero travou intimas relações com ambos, e tomou-os

por mestres: o primeiro, de declamação, o segundo, de mimica.

Nem melhor escola podia encontrar.

Entre os artistas d'aquelles tempos não havia somente capricho ou desejo de exprimir pela voz e pelo gesto com energia e verdade os sentimentos que deviam ir n'alma dos personagens, que representavam: havia verdadeira paixão.

De Esopo consta que, um dia, representando Athseu enfurecido, tanto se compenetrou de seu papel, que dando com o sceptro em outro actor, estirou-o morto a seus pés.

Outro, para representar bem ao vivo o papel de Orestes, pôz na urna funeraria, com que devia apresentar-se em scena, as cinsas do filho idolatrado, que perdera, havia pouco, e tal era realmente a dor d'aquelle coração ulcerado, que as lagrimas corriam-lhe a fio pela face abaixo, commovendo profundamente os espectadores.

Entre Cicero e Quinto Roscio, que conseguira levar á perfeição a su'arte, davam-se, permittam-nos a expressão, verdadeiros duellos, dos quaes o primeiro colhia os maiores e mais proficuos resultados.

Cicero declamava um periodo: Roscio o reproduzia por mimica.

O orador mudava as palavras e alterava a construcção da phrase.

Q. Roscio o reproduzia de novo e com gesticulação diversa.

Os que assistiam a esses exercicios não sabiam real-

mente dizer quem melhor se exprimia, si o actor, ou o orador.

Estas luctas levaram Roscio a fazer tão alta idéa de su'arte, que escreveu um livro, em que a equiparava á eloquencia.

Com taes mestres Cicero aperfeçoou-se na declamação e na gesticulação de modo tal, que, em suas orações, a mimica tornou-se a mais poderosa arma de persuasão.

Como Demosthenes, elle comprehendia que sem a acção, a palavra sosinha jamais attingiria á altura da eloquencia. Entre nós, nos dias, que correm, qual dos oradores politicos, ou judiciarios do Brazil se dá a semelhante trabalho?

Eis uma, alem de outras, das causas porque não temos oradores, verdadeiramente dignos de tal nome.

Assim amestrado, Cicero, que era naturalmente zombeiteiro, escarnecia dos que falavam muito alto, e comparava-os com os aleijados que montavam a cavallo para se susterem.

O proprio Hortensis, primeira figura oratoria de Roma, nesse tempo, e que por sua mimica theatral e effeminada era appellidado, umas vezes—de—*comediante*—outras, de *Dionysia*, dansarina afamada da epocha, não escapava aos seus motejos: e quando depois, reapareceu na tribuna, ai do antagonista, que não sabia gesticular! como succedeu no processo de Gellio, por crime de envenenamento.

O accusador era Calidio, orador diserto e engenhoso,

mas que só cogitava de provar o crime pelas testemunhas, interrogatorios, revelações e outras peças dos autos.

Cicero alluiu o edificio, com tanto trabalho construido com a seguinte e vehemente apostrophe : « Como Calidio ? Si disseses a verdade, exprimil-a-hias assim? Onde o resentimento do mal ?

Onde a indignação, que arranca dos labios os menos eloquentes, phrases de fogo ?

Nem tua alma se commoveu, nem teu corpo se abalou !

Tua cabeça conserva-se immovel, teus braços languidos.

Nem siquer ouviu alguém os movimentos de teus pés! »

Reproduzia-se n'aquelle momento o episodio do atheniense com Desmosthenes, que nos passou narrar na vida d'este orador.

O atheniense apresentou-se-lhe em casa, queixando-se de que na noite anterior fôra espancado em uma das ruas de Athenas.

« Isso, que me contas, não é verdade : » « mas asseguro-te que fui espancado » E' mentira.»

O atheniense irrita-se, e com as faces incendiadas, gesticulando violentamente, brada-lhe :

« Com todos os diabos, affirmo-te que fui cruelmente espancado, e ousas dizer-me que falto á verdade ? »

« Agora sim, torna-lhe o orador, agora creio-te : vejo-te encolerizado. »

VII. Depois de um anno, não de ociosidade e repouso,

como alguns pensavam, mas de acurado estudo e trabalho, Cicero reapareceu na tribuna judiciaria, defendendo Q. Roscio, o qual, no dizer de Quintiliano, «era o unico, por seu talento, digno de apparecer em scena e por virtudes nunca deveria a ella ter subido» homem de tal quilate que o proprio Cicero, n'essa mesma causa disse publicamente que Roscio » merecia fazer parte do senado.

O actor tinha sido accionado, como tendo querido se appropriar de uma somma, apenas equivalente a que produziria um de seus espectaculos, quando elle consentia que d'elles se tirassem proventos pecuniarios, porquanto era bastante rico, e tão desinteressado que representava gratuitamente, julgando-se sufficientemente remunerado com os applausos, que todos prodigalisaram ao seu phenomenal talento.

O discurso de Cicero n'essa causa aliás de interesse individual e de importancia secundaria chegou até nós, mas cheio de lacunas.

Desde esse dia, pode-se dizer, elle conquistou o primeiro logar entre os oradores de Roma; mas os louros oratorios por si sós não satisfaziam as suas aspirações de gloria.

Cicero queria brilhar tambem na politica e na administração da Republica.

Animado pelos amigos, confiado no criterio popular, que sabe sempre fazer justiça ao merito real, apenas completou a idade legal, apresentou-se candidato á questura,

por onde era costume começarem aquelles, que pretendiam chegar ás altas posições officiaes.

O questor não era magistrado de somenos importancia, pois que cumpria-lhe provêr ao abastecimento de Roma e de seus exercitos: além d'isso, por uma lei de Scylla, a questura dava direito de fazer parte do senado: o questor tinha ainda os seus lictores, o que fazia com que o povo o respeitasse tanto quanto os demais magistrados, e arrecadava as rendas publicas na provincia, que lhe era designada. A candidatura do orador vingou e de modo estrepitoso.

Cicero foi eleito por unanimidade de votos.

N'esse mesmo anno Cotta, um dos mais notaveis oradores do seu tempo, foi eleito consul e Hortensio, a *Dionysia*, que sempre pretendeu ser o rival de Cicero, foi tambem eleito edil.

A eloquencia entrava na administração publica por tres dos seus mais distinctos representantes.

Segundo a praxe, foram as provincias sorteadas, tocando a Cicero a Sicilia, a unica entre todas que pela sua importancia tinha dous questores, um em Syracusa, outro em Lilybéa.

Roma soffria então a maior escassêz de trigo, o que dava logar a desordens frequentes entre a populaça.

Os tribunos, aproveitando-se da excitação, que a fome produzia no espirito das massas, aconselhavam ao povo que recusasse ao senado o concurso' de que elle tanto

precisava para fazer face á guerra, que a Republica sustentava em varios pontos ao mesmo tempo.

Na Hespanha, era preciso combater Sertorio : na Asia, Mithridates : a Macedonia havia-se revoltado, e as costas desguarhecidas eram devastadas pelos piratas.

Úrgia, pois, ter numerosas forças em pé de guerra.

Os magistrados romanos, no exercicio de suas funcções nas provincias, não eram sómente pouco escrupulosos : eram crueis.

A Sicilia, considerada o celeiro de Roma, estava esgotada pela continua exportação de trigo, e os sicilianos com razão murmuravam contra as exigencias da metropole. Era, pois, necessario muito tino e prudencia para abastecer convenientemente a capital sem irritar os sicilianos.

O jó: en questor partiu no firme proposito de proceder com a maior circumscripção, e fixou sua residencia em Lilybéa.

Os seus jurisdicionados, ao principio desconfiados e desgostosos, acabaram cercando-o de consideração e respeito pela justiça, com que procedia, pela prudencia, com que resolvia as difficuldades e pela bondade, com que os tratava.

Elles com effeito não estavam acostumados a encontrar nos funcionarios romanos predicados taes.

Assim é elle proprio quem nos affirma que foi o questor mais popular, que jamais teve a Sicilia.

Moço ainda, e sem a experiencia do mundo politico, que

só os annos dão, sequioso de nomeada, elle mesmo confessa que, ao partir para a sua commissão, julgava que Roma inteira tinha os olhos fixos sobre a sua individualidade, e que tomava a peito corresponder á expectativa, que suppunha universal.

Isso muito concorreu para que a sua conducta fosse correcta sob todos os aspectos.

Em menos de um anno deu elle conta de sua tarefa, e o tempo, que ainda lhe restava, empregou-o em percorrer e visitar a ilha toda.

Estando em Syracusa, pediu aos magistrados que lhe fizessem ver o tumulo, que Marcello mandara erigir a Archimedes, o illustre sabio, que graças á sua sciencia, conseguira, durante tres annos, defender a cidade contra os assaltos dos romanos. Pelas suas leituras, o questor conhecia todos os ornamentos e inscrições d'esse tumulo, de que os syracusanos já se não lembravam, e cuja situação até ignoravam.

Os magistrados puzeram á sua disposição agentes, que o auxiliassem em suas pesquisas: com elles dirigiu-se Cicero a uma das portas da cidade, onde havia um antigo cemiterio abandonado, com os tumulos em ruinas, todos cobertos de matto e de espinhos.

Depois de muito trabalho, descobriu afinal uma columnasinha, em cujo vertice via-se um cylindro e uma esphera.

Immediatamente mandou roçar o matto, que havia em

torno, e cheio de satisfação, conseguiu ler uma das inscrições, que conhecia.

Estava descoberto o monumento.

Com certo desvanecimento, mais tarde, entrado já em annos, falava o grande orador d'esse episodio de sua vida nos termos seguintes:

«Assim, uma das mais celebres cidades do mundo, e outr'ora, uma das mais illustradas, até hoje ignoraria onde jazem os restos mortaes do maior de seus cidadãos. se o não tivesse aprendido de um estrangeiro de Arpinio.»

VIII. Orgulhoso com essa descoberta, crendo-se já uma notabilidade politica pela sua questura, vaidoso sempre, quiz Cicero deixar um documento duradouro de sua passagem por Cyracusa, e mandou por sua vez erigir n'esse tumulo um monumento de prata, no qual fez gravar os seus dous primeiros nomes por extenso; mas sempre preocupado de passar por homem de espirito, substituiu o terceiro por um — *chicharo* — (*cicer*).

No exercicio de sua questura não abandonou os estudos oratorios, e prestou-se a defender alguns soldados, moços de boas familias de Roma, accusados de indisciplina e de mau procedimento perante o tribunal do pretor, conseguindo a absolvição de todos.

Quando expirou o prazo de sua magistratura, proferiu perante o povo de Lilybéa eloquente discurso, em que, agradecendo aos sicilianos o concurso franco e generoso, que lhe haviam prestado, garantiu-lhes que em Roma

encontral-o-hiam sempre prompto a defender os seus direitos e interesses.

Os habitantes da cidade, em prova de reconhecimento, fizeram-lhe pomposas manifestações de estima, manifestações, que nenhum outro, nem antes, nem depois, jamais conseguiu obter.

Com razão satisfeito do exito de sua questura, e convencido deveras de que a Italia inteira echoava com os hymnos á sua administração, partiu de Lilybéa com destino a Roma ; teve, porém, a phantasia de passar por Pouzoles, que estava repleta de ociosos e elegantes, que para ali concorriam na estação dos banhos.

N'essa cidade teve elle uma recepção, com que não contava, e que, no cap. 26 de um discurso em defeza de Cn. Plancio, nos refere nos seguintes termos :

«Não hesito em dizer que na Sicilia jamais houve questor tão considerado, como fui.

Confesso com franqueza : imaginava que em Roma só se falava de minha questura.

Eu com effeito consegui abstercer abundantemente a cidade, afflicta pela carestia do trigo : os negociantes haviam-me achado justo : os mercadores, tratavel : os municipes, liberal : os alliados, integro : todos consideravam-me fiel e exacto cumpridor de meus deveres.

Os sicilianos inventaram para a minha pessoa honras sem exemplo.

Assim, deixei a Sicilia, esperançado e persuadido de

que o povo romano viria espontaneamente offerecer-me tudo.

Ao sahir da provincia, por acaso, e só no intuito de viajar, passei por Pouzsoles, na estação em que a moda ali reúne em multidão a mais brilhante sociedade.

Senti-me contrariadissimo, quando me perguntaram desde que tempo eu deixara Roma, e si ali havia alguma cousa de novo.

Respondi seccamente que voltava de minha provincia.

«Ah! sim; é verdade: voltas da Africa.»

Irritado e desdenhoso repliquei:

«Da Africa, não; mas da Sicilia.»

Então um terceiro, que se tinha em conta de instruido e sabedor dos negocios publicos, interveio:

«Como? Pois ignoras que Cicero era questor em Syracusa?»

«'A vista d'este incidente, accrescenta o orador, formei o proposito de não mais irritar-me, e procurei passar por um dos que tinham vindo aos banhos. Esta mortificação serviu-me, talvez, melhor do que todas as felicitações e cumprimentos.»

Roma com effeito tinha outros assumptos, que não a questura de Cicero, para preoccupar-lhe o espirito.

Mithridates havia derrotado um exercito consular, (30,000 *homens*) e pela terceira vez a Republica via-se empenhada n'essa guerra.

Espartaco abalava a Italia inteira, chamando ás armas os escravos.

Os piratas infestavam as costas, roubando e saqueando as cidades, e affrontando audaz e impunemente o poder romano.

Cesar havia sido por elles aprisionado.

Entre os consules e os tribunos era renhida a lucta.

Verres, no exercicio da pretura, vendia a justiça com o cynismo que se reproduz sempre nos paizes envilecidos pela tyrannia.

O episodio de Pouzsoles não conseguiu diminuir a vaidade, que, na phrase de Plutarcho, tanto prejudicava ao character de Cicero; mas serviu para dar á sua ambição uma nova direcção.

Desde então resolveu não sahir de Roma, e só em Roma agir para attingir as suas aspirações de gloria, convencido, como elle mesmo o diz, no já citado capitulo do discurso por Plancio de que. «O povo romano, si tinha o ouvido duro, tinha entretanto a vista penetrante.

Deixei de correr atraz do ruído de uma nomeada longinqua, e procurei modos de ser visto todos os dias por meus concidadãos.

Vivi, posso dizel-o, sob os olhos de todos, no Forum, e em toda a parte: nunca toferei que o meu porteiro, ou o meu somno fechassem a minha casa a quem quer que fosse.»

Desde então empregou elle todos os meios de captar

a afeição popular: caprichava em saber o nome e a residência dos homens os mais distintos, o logar e a extensão de suas possessões, quaes os seus amigos e visinhos, e qualquer que fosse a região de Italia, que percorresse, podia designar cada propriedade, ou casa importante pelo nome do dono.

Nem a isto se limitava: queria poder dispensar o *nomenclador*. (*Escravo, cuja tarefa era acompanhar o senhor para dizer-lhe ao ouvido como se chamava cada individuo, que encontrava, afim de que elle o saudasse pelo nome e com ar de familiaridade.*)

Themistocles gabava-se de conhecer pessoalmente todos os athenienses: Catão e Pompeu tinham tambem a presumpção de saberem os nomes de todos os habitantes de Roma: Cicero queria imital-os; parece, porém, que não obstante os seus esforços de memoria, mais de uma vez teve necessidade de servir-se dos *nomencladores*.

IX. Terminada a sua questura, Cicero, entregue ao exercicio da advocacia e ao estudo, obteve de dia em dia novos triumphos oratorios.

Sua reputação na tribuna judiciaria estava solidamente firmada.

Numerosas foram as causas, de que se encarregou.

As partes o procuravam de preferencia, até porque, além do talento e sciencia, que possuia, não costumava receber honorarios, apezar de não ser rico; seus haveres, inclusive o dote de Terencia, e uma herança, que teve,

quando muito attingiriam a dusesentos contos de nossa moeda actual.

O proprio Hortensio, que pretendeu disputar-lhe a palma da eloquencia, reconhecia o merito do filho de Arpino.

Sempre que succedia estar ao lado de outros collegas no patrocínio de uma causa, era elle encarregado de falar em ultimo lugar, porque ninguem expunha e resumia melhor as principaes questões de direito e de facto, como ainda porque, para as perorações, diziam os companheiros, não havia outro, como Cicero.

Com effeito, ninguem sabia melhor impressionar e commover o auditorio : mais de uma vez os seus antagonistas ficaram como que offuscados pelas fulgurações de sua eloquencia.

Entre outros, Curião, proecto advogado e reputado um dos luminares da tribuna judiciaria.

Quando Cicero sentou-se, levantou-se o velho para responder-lhe ; mas tão perturbado estava o seu espirito, que não poude proferir uma só phrase, e recahiu em sua cadeira, exclamando que era com certeza victima de algum malificio.

Seis annos depois de sua questura, apresentou-se Cicero candidato á edilidade, e teve ainda a satisfacção de ser eleito por unanimidade de votos.

Era essa magistratura, talvez, a que punha mais em evidencia os que a exerciam.

A avidez da plebe romana pelas festas e espectáculos é conhecida: muitos edis empobreceram para captar o favor publico.

Competia-lhes ordenar e dirigir os jogos, festas e espectáculos offerecidos á multidão. Em compensação, os edis sentavam-se no senado logo após os consules e pretores, e adquiriam o privilegio *das imagens*.

Este privilegio consistia em ajuntar, no vestibulo de suas residencias, ao proprio retrato as imagens em cera dos antepassados, que haviam exercido magistraturas curues.

Era o brasão da nobreza das familias.

O advogado de Arpino não contava antepassados e foi por tanto o creador da nobreza de sua casa, de que com razão se orgulhava.

Os fidalgos francezes chamavam — *parvenu* — o homem n'estas condições.

Os nobres romanos denominavam-n'o — *homo novus*.

Em nossa phraseologia politica não existe ainda o termo adequado e por uma razão bem simples: no Brazil, todos são homens novos.

Temos sem duvida improvisado homens em politica e na administração; mas esses não são nem o *parvenu* dos francezes, nem o *homo novus* dos romanos.

Os nossos surgem de repente e sem ninguem saber d'onde, nem como, principalmente depois do regimen republicano.

O *homo novus* de Roma ia pouco a pouco conquistando os titulos, que o nobilitavam.

Logo depois de eleito edil, chegaram a Roma os commissarios sicilianos, que em nome da provincia, vinham queixar de Caio Cornelio Verres, o ultimo dos pretores romanos, que ali havia exercido jurisdicção.

Segundo o dizer do proprio Cícero, era humanamente impossivel ennumerar os roubos, os homicidios, as immoralidades que o pretor praticara, e de que affirmava poder exemptar-se, graças aos recursos, de que dispunha.

Com effeito, os patricios o protegiam, e elle contava com os Metellos e os Scipiões, alem de ter por defensor Hortensos, que ainda pretendia conservar o sceptro da eloquencia.

Demais seu pai, Caio Verres, era tambem senador.

Cícero, por considerações do mais elevado valor, que exporemos em seguida, não hesitou em encarregar-se do papel de accusador, pelo qual aliás sempre manifestou repugnancia.

Apezar da Sicilia achar-se, desde a tomada de Syracusa, sob a patronagem dos Marcellos, Cícero não podia esquecer-se, nem faltar ao compromisso, que, como questor, contrahira com os sicilianos, que agora vinham procural-o.

Impellia-o ainda o elevado intuito de restaurar o credito ao poder judiciario, profundamente abalado, depois que

Scylla o retirara da ordem equestre para transferil-o aos senadores.

A condemnação de Verres não significava para Cicero sómente o desempenho de um compromisso pessoal, nem ainda era o ensejo de uma esplendida victoria na tribuna: era em sua opinião, uma questão do maior alcance politico, social e administrativo.

Cumpria restituir aos tribunaes a reputação perdida, destruir abusos vergonhosos e revoltantes, fazer renascer a confiança no espirito dos povos alliados, e acalmar as justas queixas do povo, mostrando-lhes a justiça inacessível á corrupção.

D'ahi os esforços, que empregou n'esta causa.

O senado teria de passar por uma prova decisiva.

A expectativa publica tornou-se mais que geral, universal.

Uma questão prejudicial porém surgiu inopinadamente, a qual si não impossibilitou, todavia adiou por algum tempo o julgamento tão anciosamente esperado.

X. Na impossibilidade de corromper Cicero, Verres procurou affastal-o da accusação, fazendo intervir Quinto Cecilio Niger, que professava a religião judaica, siciliano de origem, mas cidadão romano, que fôra seu questor n'aquella provincia.

C. Niger allegava ter sido gravemente offendido pelo ex-pretor, e pretendia que o preferissem a Cicero, sob o pretexto de achar-se melhor instruido das malversações

do accusado, por haver sido victima e testemunha presencial de todas ellas, mas realmente no intuito de trahir a causa, tomando-a a si, facilitando d'est'arte a absolvição do criminoso.

Em Roma, qualquer cidadão, ainda sem aviso, ou approvação da parte offendida, podia constituir-se accusador.

Os juizes, tiveram pois, de ouvir o discurso de Cecilio, e o que proferiu Cicero, e de decidir entre os dous.

A essa especie de causas chamava-se—*divinatio*—e pela rasão seguinte: nos outros julgamentos, os juizes pronunciam sobre factos praticados, segundo as provas e o depoimento das testemunhas: no caso vertente estatue-se para o futuro, por conjecturas e presumpções: de certo modo *adivinha-se* qual dos candidatos melhor sustentará a accusação, quer pelo talento e illustração, quer pelo zelo e probidade.

Eis a razão do titulo d'este discurso contra Q. Cecilio proferido no *Forum*, sob o consulado de Cn. Pompeu e M. Licinio Crasso—o rico,—70 annos antes de Christo, no mez de Abril, tres mezes antes de começar o processo de Verres.

O tribunal, composto de senadores mais distinctos, era presidido por Mario Glabrião, pretor, a quem incumbia conhecer dos crimes de concussas.

A victoria do futuro edil foi completa.

Q. Cecilio afinal já se contentava de ser o segundo

na accusação : o tribunal o excluiu absolutamente, e Cicero foi o unico encarregado de proseguil-a.

Cicero, dizem todos os escriptores, tinha a mania dos ditos espirituosos e picantes.

No correr desta causa, refere Plutarcho, lembrando-se da religião de Cecilio, exclamara :

«Que póde ter de commum um judeu com um *verres*? (*Verres, is, s. ap. m. de VERRERE, barrão ou varrão, porco por capar*, dizem os dictionarios latinos.)

Verres tinha um filho, cujos costumes eram pessimos.

Ousando um dia tratar o seu accusador de effeminado, Cicero replicou-lhe logo :

«Exprobrações taes devem ser feitas aos proprios filhos de portas fechadas.»

Comquanto as *Verrinas* sejam, entre nós, bem conhecidas, e nellas venham narrados os attentados praticados por Verres, durante os tres annos, em que esteve como pretor, na Sicilia, parece-nos que a maioria de nossos leitores não levará a mal que por nossa vez os narremos por alto, para poderem apreciar até onde chegavam os excessos dos magistrados romanos nas provincias, que administravam.

Verres com effeito foi alem de tudo quanto se póde imaginar, e nem se comprehendem abusos taes commettidos, quasi ás portas de Roma, por um homem que aliás possuia talento e certo grau de instrucção, a não attribuil-os á uma verdadeira manomania, sobretudo

quando os romanos, ao menos n'aquelle tempo, não tinham grande gosto pelas artes, como se deprehende das proprias palavras de Cicero, que em um de seus discursos se desculpa da estima e apreço, em que tem as obras de pintura e esculptura.

Entretanto, parece que elles iam aprendendo o quanto valiam obras taes, já pelo preço, que por ellas davam os amadores, já pelo desgosto, que manifestavam as cidades gregas, quando se viam despojadas d'essas preciosidades.

Pizão, no seu proconsulado da Achaia, alem de medonhas exacções, actos de tyrannia e libertinagem in-criveis, de que não escapavam nem as mães de familia, nem as donzellas, a não ser pelo suicidio, despojou Bysancio, das numerosas estatuas, que ali haviam sido religiosamente guardadas no meio dos perigos da guerra contra Mithridates.

Na Grecia, não houve templo, ou bosque sagrado, que não fosse por elle despojado das imagens e ornamentos.

XI. A Sicilia, que fôra nação florescente, governada por monarchas amigos das artes, e em todos os tempos produzira artistas de merito, offerecia, pois, ao pretor vasto e fertil campo para rica messe de obras-primas.

Antes de lá chegar, Verres tivera o cuidado de informar-se em que cidades e villas se achavam as obras de maior valor e estima, e apenas entrou no exercicio de

suas funcções, tratou de despojal-as, ora pela fraude, ora pela violencia.

Na Verrina 9.^a (*oratio de signis*), cap. 1.^o, diz Cicero:

« Nego in Sicilia tota, tam locupleti, tam vetere provincia, tot oppidis, tot familiis tam copiosis, ullum argentum vas, ullum Corinthium, aut Deliacum fuisse; ullam gemmam, aut margaritam; quidquam ex auro, aut ebore factum: signum ullum æneum, marmoreum, eburneum; nego ullam picturam, neque in tabula, neque in textili fuisse, quin conquisierit, inspexerit; quod placitum sit, abstulerit » e afirma que as suas asserções não são recurso oratorio para agravar a accusação, mas a expressão da verdade.

Entre as numerosas estatuas, de que se apossou para completar a sua famosa galeria, carregou Verres com uma de Apollo, e outra de Hercules, obras de Myron, e um Cupido, de Praxiteles.

«Syracusa perdeu mais estatuas, do que homens por occasião do assedio da cidade por Metuto » accrescenta ainda o orador.

A mania do pretor chegara ao ponto de um dia vendo em uma carta um sinete, que lhe agradou, mandou procurar o dono, e exigio delle o anel, em cuja pedra fôra aberto.

Antiocho, filho do rei da Syria, com o fim de captar a benevolencia do senado, partiu para Roma, trazendo comsigo um riquissimo candelabro, que pretendia offe-

recer a Jupiter -Capitolino, trabalho primoroso e em todo o sentido digno do deus, mas desembarcando na Sicilia, foi convidado pelo pretor a ceiar em sua residencia.

Verres recebeu-o com magnificencia regia, e na sala do festim expoz á vista dos convivas os seus admiraveis vasos de prata e ouro.

A seu turno, o principe retribue ao pretor a fineza recebida, e mostra-lhe as preciosidades asiaticas, que com-sigo trazia, entre as quaes uma grande taça, de uma só pedra preciosa, e um grande jarro para agua todo de ouro de valor artistico inestimavel.

O pretor extasia-se diante de taes maravilhas, e não se cansa de elogial-as; mas nem por isto, o principe dignou-se de offerecer-lhe algumas dellas.

No dia seguinte Verres mandou pedir ao principe que lhe emprestasse algumas daquellas preciosidades sómente para mostral-as aos seus ourives.

Antiocho, com a maior gentileza, o attende, e com a taça, o jarro e outros objectos preciosos, manda-lhe tambem o soberbo candelabro; quando, porém, tratou de rehver as peças emprestadas, Verres foi dia a dia adiando a entrega, e acabou por pedir descaradamente ao principe que o presenteasse com ellas.

O principe, ao principio, recusou delicadamente; mas de balde: afinal, resolveu ceder tudo, menos o candelabro, que reclamou seriamente.

Verres procurou um pretexto frívolo, e intimou-o a deixar Syracusa antes de anoitecer!

Em Segesta havia uma Diana, veneradíssima pelos habitantes, bellissima estatua de marmore, primorosamente esculpturada: os carthagineses apoderaram-se dessa estatua, que mais tarde P. Corn. Scipião restituiu á cidade. Verres gostou d'essa estatua e a exigiu; os habitantes, porém, e os magistrados a recusaram de pés juntos.

Não houve perseguição, que não soffressem: o pretor obrigou-os pela fome, impedindo pela força o abastecimento dos mercados. Era tal a devoção por essa Diana que em Segesta elle não encontrou ninguem, que se encarregasse de transportar a estatua: foi-lhe preciso mandar vir de Silybéa trabalhadores estrangeiros para esse trabalho.

A estatua foi acompanhada até os limites do municipio por homens, mulheres e crianças, e todos cheios de indignação, lamentavam o sacrilegio e exhalavam a dor que os opprimia em tremendas pragas ao magistrado romano.

Os habitantes tiveram a audacia de queixarem-se do abandono, em que ficara o pedestal, no qual estava gravado o nome de Scipião.

Verres castigou-os carregando tambem com elle.

Igual, sinão maior devoção ainda tinha a Sicilia inteira pela Ceres d'Euna, que para os sicilianos era o symbolo da civilisação, resultante da agricultura.

Resava a tradição que a ilha fôra theatro das aventuras da deusa.

Esta estatua, tambem de marmore, não escapou á gana do pretor.

A retirada da estatua causou mais irritação aos sicilianos, de que as espoliações, as contribuições arbitrarías e enormes, a que eram obrigados, as sentenças e decisões iniquas e crueis do magistrado, mais do que os homicidios, adulterios e violencias de toda a ordem por elle practicados: e como si tudo isto fosse ainda pouco, levou a sua petulancia a substituir a festa, que commemorava a tomada de Syracusa por Metello, por uma festa em sua propria honra! Pobre Sicilia! forçada, antes, a festejar o seu vencedor, depois o seu espoliador!

Sob a administração de Verres, a Sicilia nem foi governada pelas leis romanas, nem por suas instituições nacionaes: ninguem conseguiu salvar objecto algum de preço, a não ser que o occultasse cuidadosamente á rapacidade penetrante do pretor.

Durante tres annos, os julgamentos tiveram por norma o capricho e o interesse pessoal. Era elle proprio que citava, instrua os processos e pronunciava: propriedades patrimoniaes foram adjudicadas a estrangeiros: amigos sinceros da Republica, declarados inimigos: cidadãos romanos, torturados e condemnados á morte: criminosos reconhecidos, reus confessos, absolvidos por dinheiro: pessoas honestas, processadas e condemnadas, achando-se

ausentes : portos e praças fortificadas, franqueadas aos piratas : officiaes, cujas tropas, desprovidas de tudo, porque tal magistrado não lhes pagava o soldo, por terem sido vencidas, deshumanamente executados : perderam-se frotas inteiras, ou foram vergonhosamente vendidas, quando o Estado tanto dellas precisava para guarnecer as costas.

Os sicilianos nem podiam salvar os bens, nem a honra das mulheres e das filhas.

Todos nós conhecemos mais ou menos as garantias, de que as leis da republica cercavam o cidadão romano.

A audacia do pretor chegou ao ponto de mandar castigar á varadas, no Forum de Messina, um cidadão romano, que sob o aviltamento do castigo e a pressão do martyrio, por que estava passando, bradava, cheio de indignação e de colera :

« Civis romanus sum. »

A grande cidade conhecia de perto todas as atrocidades de Verres : a gente honesta sentia-se revoltada contra tão descommunal procedimento ; ninguem, porém, ousava accusal-o.

Verres tinha a protecção dos nobres e os proprios pretores por meio de seus lictores ameaçavam os que ousavam clamar contra o escandalo !

Tal era a corrupção social, politica e administrativa da epocha !

XII. Comprehende-se o prestigio moral, que adquiria

Cicero, encarregando-se sosinho de accusar e obter a condemnação de um monstro tal, e por isso, vencida a questão subsidiaria, metteu hombros a empreza, não poupando esforços, nem trabalho para della sahir com a costumada galhardia.

Era preciso, porém, que as provas dos attentados fossem de tal ordem, que esmagassem todas as resistencias, com que elle contava em todo o decurso do processo até o final julgamento.

Cicero requereu e obteve cento e dez dias de adiamento e immediatamente partiu para a Sicilia afim de colligir em pessoa essas provas, e recolher o depoimento das testemunhas.

Neste intervallo, Verres, contando com as suas relações, permanecia tranquillo em Roma, visitando as lojas, em que se vendiam objectos d'arte, que elle examinava com o maior interesse e dizia a quem o queria ouvir que «havia furtado tanto, que não ousariam condemnal-o.»

Dentro de cincoenta dias voltou Cicero inteiramente armado contra o pretor.

A excepção de Syracusa e de Messina, que Verres conseguira corromper, e onde Cecilio Niger, esse pretense inimigo do pretor, em pessoa, suscitou-lhe toda a sorte de embaraços, todas as outras cidades e villas forneceram-lhe documentos esmagadores.

Approximava-se o fim do anno.

Hortensio, o advogado de Verres, teria de entrar no

exercício das funções de consul: um segundo Metello também seu protector, na pretura.

Si o adiamento da causa fosse até essa epocha, Verres com certesa escaparia.

Alem de tudo, um dos pretores em exercício havia adiado já a decisão para as ultimas audiencias, que não podiam bastar ao largo debate, que naturalmente se travaria.

Cicero bem comprehendeu todos esses manejos e tratou de aparar o golpe.

No dia determinado apresentou-se, desistiu da palavra, e exigiu que fossem tomados os depoimentos das testemunhas, reuniu todas as provas, que tinha, e requereu o julgamento do reu.

Isso não quer dizer que a questão fosse decidida em uma só audiencia, como se pôde talvez concluir das palavras de Plutarcho: o *dia*, de que fala este escriptor, deve ser interpretado como o espaço de tempo indispensavel para serem satisfeitas as requisições do accusador, que limitou-se a formular as suas conclusões.

Hortensio, advogado da defesa, que, segundo se dizia, havia recebido de presente uma sphinge de marfim para ser o patrono de Verres, nada pôde dizer diante das provas acabrunhadoras dos factos delictuosos: Verres convencido de que seria infallivelmente condemnado, exilou-se voluntariamente.

N'essa occasião, o accusador tendo dirigido ao defensor uma insinuação, Hortensio disse-lhe :

« Não sei decifrar enigmas. » ao que Cicero replicou logo :

« Pois admira-me isto, desde que tens a sphinge em casa. »

Entretanto, condemnado Verres, quando o seu terrivel accusador soube, mais tarde, que elle arrastava no exilio uma existencia desgraçada e cheia de privações, foi prompto em soccorrel-o, e depois promoveu ainda meios do exilado voltar á Roma.

Assim, os discursos, que chegaram até nós com o titulo de *Verrinas*— não foram proferidos; mas escriptos no gabinete, e com o intuito de servirem de modelo aos advogados, quando tivessem de tratar de causas analogas.

Ellas, com effeito, são obras primas de eloquencia judiciaria.

Terminada a celebre causa, que deu-lhe a maior importancia social e politica, entrou Cicero no exercicio do cargo de edil, para o qual fôra eleito, e no qual procedeu com a mesma correccão, que em sua questura.

O cargo, como já o dissemos, era oneroso.

Os fundos publicos, destinados, desde o principio da Republica, para as festas e espectaculos, eram insufficientes.

Cs edis tinham que —dar de seu bolsinho— o que faltava.

Cada um dos que entravam em exercicio procuravam exceder as profusões de seus antecessores.

Appio, por ex. despojou a Grecia e a Asia de todas as preciosidades, que possuiam para abrilhantar as suas festas.

Cesar, quando edil, entendeu que devia ser de prata massiça o palco de um theatro, que construiu a sua custa e offereceu ao povo.

Cicero não se deixou arrastar por taes phantasias: era pobre e não sabia, como Cesar, arranjar milhões.

Seguiu o programma, que depois aconselhou ao seu irmão Quinto, quando edil por sua vez—não prejudicar a sua reputação pela avareza, nem a sua fortuna pela van ostentação.

Os sicilianos, gratos á dedicação, que elle mostrara na questão— Verres— mandaram-lhe para os seus espectaculos animaes de toda a especie e para a sua meza os melhores productos da ilha.

Serviu-se dos primeiros, e distribuiu os segundos pelo povo, e essa distribuição foi em tal quantidade, que os viveres baixaram de preço na cidade, dil-o Plutarcho.

XIII. Dous annos depois de ter sido edil, apresentou-se Cicero candidato á pretura: numerosos e influentes eram os concurrentes á esta magistratura; mas as perturbações

da ordem publica fizeram com que as eleições fossem adiadas.

O tribuno Gabinio havia apresentado uma moção investindo Cn. Pompeu de poderes discricionarios sobre todas as costas do Mediterraneo, enfestadas então pelos piratas.

No *Forum* a discussão tornou-se tão violenta e tal foi o tumulto popular deante da opposição de alguns senadores que Plutarcho e Dion affirmam ter cahido atordoado um corvo, que esvoaçava por cima da assembléa.

No senado essa moção foi combatida vigorosa e tenazmente.

Cicero procurava angariar as boas graças de Pompeu que lhe parecia pouco perigoso, qualquer que fosse a somma de poder de que dispuzesse e para chegar ao seu fim sustentou na discussão a medida do tribuno, e graças ao seu talento, conseguiu fazel-a passar.

Outro tribuno, C. Cornelio, logo depois offereceu um projecto de resolução, reformando a lei contra a cabala eleitoral e comminando aos cabalistas penas gravissimas.

Este projecto provocou no senado uma opposição ainda mais violenta, do que a moção—Gabinio.—

Os animos exaltaram-se a ponto de haver combate nas ruas de Roma.

Os consules, julgando-se ameaçados, cercaram-se de numerosa guarda.

Foi mister suspender as eleições já começadas.

Os comicios eleitoraes duas vezes foram dissolvidos : duas vezes já Cicero conseguira ser eleito.

Afinal pela terceira vez procedeu-se ás eleições, e si o grande orador não teve a gloria de obter unanimidade de votos, como na questura e na edilidade, coube-lhe todavia a honra de ser o primeiro dos votados entre os oito pretores urbanos.

No exercicio da pretura Marco Tullio procurou não desmerecer do que fôra, quando questor e edil.

O accusador de Verres caprichou em fazer contraste completo com a maioria dos pretores d'aquelles tempos.

Sua conducta foi irreprehensivel, prestando sempre a mais detida attenção aos negocios e decidindo sempre com equidade e justiça.

Entre os actos, que mais o honraram, referem os escriptores o que se deu com C. Licinio Macer, accusado de concussão perante o seu tribunal pela provincia da Asia.

C. Licinio, alem de ser, na opinião do proprio Cicero, orador de merito, era riquissimo, relacionado com os personagens mais importantes de Roma, amigo intimo de Crasso e por este muito protegido, pelo que não se preocupava com o processo, certo de que não ousariam condemnal-o : convicto de ser absolvido, deixou no dia do julgamento as vestes de accusado, e envergando a *toga branca*, na occasião, em que os juizes deviam votar, sahiu de casa e dirigiu-se para o Forum.

Alguns passos adeante encontrou Crasso que lhe communicou ter elle sido condemnado por unanimidade de votos.

A commoção, que lhe causou a inesperada noticia, foi tão violenta que, recolhendo-se, deitou-se e morreu.

Plutarcho assim refere o factó, outros escriptores porém variam na narração das circumstancias d'esse mesmo factó, pois que affirmam ter Macer assistido á sessão, até o momento em que Cicero se levantou para fundamentar o seu voto pela condemnação do réo.

Então Macer, antes de sahir, mandou dizer-lhe que elle só conseguiria a condemnação de um cadaver, e chegando a casa enforcou-se para garantir ao filho a posse das riquezas, que deixava.

O criterio com que o pretor procedeu n'este processo, e a sentença, que lavrou fulminando um homem tão poderoso, augmentaram perante a opinião a estima e a consideração, de que elle já gosava.

XIV. Os affazeres da pretura não impediram o eminente advogado de continuar em seus estudos oratorios nem de frequentar a tribuna judiciaria: varias vezes apresentou-se, como patrono dos accusados, ante os tribunaes dos outros pretores: tinha então quarenta e um annos de idade e frequentava com assiduidade a eschola do rethor Gniphon; mas até esse tempo jamais ousara occupar a tribuna politica popular.

Emfim, vencendo a natural timidez, apresentou-se nos

Rostris (tribuna, d'onde, no Fórum, os oradores falavam ao povo.)

Tratava-se de uma proposta do tribuno C. Manilio, a qual tinha por fim tirar de Lucullo a direcção da guerra contra Mithridates para transferil-a a Pompeu, dando-lhe ainda maiores forças navaes e imperio absoluto sobre metade quasi de todas as provincias romanas, a saber: a Bithynia, a Cicilia, a Colchida, a Cappadocia, a Armenia e outras.

Cesar apoiava a proposta, o que equivale a dizer que a populaça manifestava-se francamente por ella; o senado porém oppunha-se com todas as suas forças, dirigido por Q. Catulo e o orador Hortensio.

Cicero, que pretendia ser consul, e julgava que pondo-se ao lado de Cesar e apoiando o tribuno facilitaria, no futuro, a sua eleição, subiu á tribuna popular, e defendeu com ardor a moção—Manilia—que foi approvada, recebendo depois a denominação de—*Lei manilia*

Pelo exordio de seu discurso sente-se o respeito, que lhe inspirava a magestade do auditorio.

Este discurso é conhecido e existe em suas obras.

Não foi com certeza a primeira oração politica de Cicero, porque, como tal deve ser considerada a que proferiu perante os sicilianos, ao despedir-se d'elles, terminada a sua questura.

Esta, porém, não chegou até nós: ha, entretanto, uma

grande differença em falar ante um povo conquistado e um povo soberano.

Pelo menos, ainda n'esse tempo, presumia-se que em Roma, a ultima palavra sobre os negocios publicos pertencia ao povo.

O discurso conhecido pelo titulo—*pro lege Manilia*—é incontestavelmente uma obra cuidadosamente architectada, primoroso na forma, de estylo rendilhado, cheio de periodos euphonicos, com todos os artificios da rhetorica, e, por assim dizer, medidos a compasso; mas, sentimos acanhamento em dizel-o, no fundo, não tem valor politico.

De passagem lembramos que ainda n'esse discurso o orador como que se desculpa de seu gosto pelos objectos d'arte, pois que elogia Pompeu pela indifferença, que, sempre mostrou por objectos taes.

Fechando o parenthesis, affirmamos que a estréa de Cicero na tribuna politica popular de Roma ficou abaixo de seu talento, de sua reputação e da sua grande erudição.

O discurso é a apologia rasgada de Pompeu, de cuja protecção elle precisava para realisar a sua ambição de ser consul.

Vê-se n'essa oração o triste spectaculo de um grande talento arrastando-se ás plantas de uma mediocridade.

O orador, quando não é impulsionado só e só pelo bem publico e pelos elevados e legitimos interesses nacionaes, pôde, si tem talento e paciencia, escrever no

seu gabinete, e reproduzir em publico um discurso que encante e seduza o auditorio pelo colorido da phrase, pela belleza e brilhantismo das imagens, mas nunca attingirá a alta eloquencia, que só o amor da patria faz explodir.

Até no exercicio de suas funções o pretor não perdia occasião de lançar uma d'essas phrases equivocadas e ironicas, que tantos inimigos pessoas lhe crearam.

Vatinio, homem grosseiro, de maus costumes, advogado que em seus arrasoados fazia garbo em tratar, com desprezo, os juizes, certo dia, approximou-se de Cicero que presidia o tribunal e pediu-lhe algum favor que levou-o a reflectir, antes de dar qualquer resposta.

Vem de molde dizer que esse Vatinio tinha o pescoço muito grosso e cheio de escrophulas.

Seneca, no cap. 7.º do seu tratado—*Da constancia do sabio*—faz d'elle, physica e moralmente, a mais repellente descripção : esse homem entretanto chegou a ser consul, e o seu consulado e as suas escrophulas passaram em proverbios.

Em Roma, um pescoço grosso e escrophuloso reputava-se signal de impudencia.

Emquanto o pretor reflectia, disse-lhe Vatinio :

« Si eu fosse pretor, não hesitaria, nem perderia o meu tempo em reflectir. »

Sorrindo ironicamente, com o seu ar maligno e fino, replicou-lhe logo Cicero :

«Mas bem vêes que não tenho o pescoço tão grosso como o teu.»

Já em vespuras de deixar a pretura, Manilio foi accusado de peculato perante o seu tribunal. A população, dirigida por Cezar, mostrava-se sympathica ao tribuno.

O accusado requereu que lhe fossem concedidas, pelo menos, vinte e quatro horas para contrariar a accusação.

A praxe ordinaria era dar aos denunciados o prazo de dez dias.

Cicero, longe de attendel-o, determinou que elle comparecesse na manhã seguinte e produzisse sua defesa.

O povo, na persuasão de que o pretor estava combinado com os inimigos e accusadores de Manilio, manifestou logo grande irritação.

Os tribunos o accusaram de prevaricação, intimando-o a comparecer perante a assembléa popular, e a responder, sem demora, ás interpellações, que lhe eram dirigidas.

Cicero então, calmo e sereno, disse-lhes :

« Bem sabeis que tenho por programma tornar-me sempre favoravel aos accusados, quando posso fazel-o sem violar a lei.

Julgar-me-hia culpadissimo, si para com Manilio, de quem sou amigo, procedesse com menos benevolencia. Dei-lhe e muito propositalmente o unico dia, de que dispunha, o ultimo, em que me cabe ainda exercer legalmente as minhas funcções.

Si lhe concedesse prazo maior, o julgamento tocaria a outro pretor, e eu não teria meio de provar-lhe a minha bôa vontade. »

No espirito do auditorio operou-se de repente a mais completa mudança. O pretor foi estrepitosamente aclamado pela multidão, que, em brados, lhe rogava tomasse elle proprio a defeza do accusado.

Cicero, calculando com os resultados futuros, porque Manilio era creatura de Pompeu, não hesitou, assumindo o papel de advogado, proferiu notavel discurso, em que com energia e vigor, profligou as pretenções dos nobres, e dos inimigos e invejosos de Pompeu.

Por este facto vê-se que, em Roma, o juiz podia deixar a sua cadeira e tornar-se o patrono do réu, o que entre nós seria extranhavel, si nos tempos, que correm, houvesse alguma cousa, que ainda nos podesse causar espanto.

E' que chegamos infelizmente á epocha, em que a moral politica desapareceu no abysmo, aberto pela corrupção audaciosa, pela tyrannia infatuada, e sobretudo pela falta absoluta de crença em Deus. D'esse abysmo tremendo não escapou o poder judiciario, que devia ser o refugio, a esperança, a garantia de todas as victimas da prepotencia humana.

Quem não se intristeceu, quando da mais graduada cadeira da magistratura bahiana se affirmou dogmaticamente que — aquelle, que tem o direito de votar, tem igualmente o direito de solicitar votos — e para corroborar

a sua intervenção no pleito eleitoral e fortalecer o seu partido, pediu aos eleitores, a quem se dirigiu que — em troca do voto, elles o tributassem como entendessem?! Quando d'essa cadeira se desce a indicar ás partes o advogado, que perante os tribunaes pode ganhar-lhes a causa em litigio?!

E' uma nota negra e funesta; mas que caracteriza o periodo historico, que atravessamos.

XV. Terminada a sua pretura, Cicero, que tinha direito á administração de alguma das provincias, não quiz governo, porque lhe convinha ficar em Roma, afim de preparar os elementos, de que devia dispor para a sua eleição de consul; mas como não tinha ainda quarenta e tres annos, idade que a lei exigia para poder ser eleito, teve de esperar dous annos, durante os quaes entregou-se, com assiduidade, á tribuna judiciaria.

Varias e importantes causas foram-lhe confiadas, e em cada uma d'ellas colhia novos louros: entre outras a defeza de C. Cornelio, em cujo tribunato os disturbios populares foram até o despedaçamento das faces do Consul Pisão, que a população correu á pedradas. O senado e a nobresa eram solidarios com a accusação.

Não obstante precisar o orador do apoio dos patricios para a realisação de seus planos ambiciosos, tomou a defesa de Cornelio. Os debates duraram quatro dias.

Cicero falou com tal finura e habilidade, que, sem faltar

a um só de seus deveres de patrono do acusado, conseguiu não despertar contra si a má vontade da aristocracia.

Esse discurso, que elle considerava um dos melhores, entre os que proferira, infelizmente perdeu-se.

Como elle proprio confessa no cap. 6.º de sua oração em defesa de Cœlio, era Cicero amigo de Catilina e o tinha em conta de bom cidadão.

Voltando este da Africa, onde exercera as funcções de pretor, intentaram-lhe os seus inimigos um processo por crime de peculato.

Cicero esteve para ser o defensor do acusado, não só pelo desejo de servir ao amigo, mas tambem com o intuito de angariar a protecção de Cezar e Crasso, que se interessavam por Catilina. Ignoramos que motivos o levaram a mudar de resolução. O que é, porém, certo, é que o acusado, ainda que privado de tão eloquente palavra, não deixou de ser absolvido.

Catilina devia ter, e realmente tinha inimigos rancorosos, que não cansavam de perseguil-o: viu-se tambem a braços com mais dois processos, sendo o terceiro por crime de incesto com a vestal Fabia, cunhada de Cicero. D'estes tambem sahiu triumphante.

Desembaraçado dos obstaculos, que a *politicagem* e o odio de seus inimigos lhe crearam para impedil-o de ser candidato ao consulado, apresentou-se entre os que o pleiteiavam para o anno seguinte. (690 da fundação de Roma.) Cicero, por seu lado, apresentou-se tambem.

O choque dos interesses rompeu, como sempre succede, as relações, que os uniam.

Desde então o grande orador fez côro com os que tinham em mira desacreditar Catilina perante a opinião; mais tarde porém, depois da morte do *monstro*, como elle e Sallustio o denominavam, a sua consciencia justa obrigou-o a fazer justiça ao homem, que fôra victima de seu odio.

Leia-se com attenção os caps. 5.º e 6.º do discurso *pro Caelio*, acima citado. Entre os resaios do odio, que ainda se revelam, as grandes qualidades de Lucio Sergio são descriptas com mão de mestre: combine-se com isto a descripção da batalha de Pistoia por Sallustio, na qual pereceu o *monstro* com as armas na mão, batendo-se como um heroe, e sendo encontrado morto « sobre um montão de cadaveres, coberto de feridas, todas ellas recebidas pela frente » e concluir-se-ha no tribunal da consciencia serena e pura, que aquelle homem, que sem duvida tinha os vicios e os defeitos de seu tempo, não merece a condemnação que lhe ennegrece a memoria.

Os revolucionarios vencidos são sempre grandes criminosos perante os vencedores.

Cicero, empenhado no pleito eleitoral, não sómente sentia repugnancia em empregar os meios então usados, como ainda, si quizesse, não o poderia fazer, porque os seus recursos pecuniarios não lhe permittiam.

Os seus escrupulos em lançar mão dos *divisores*, *interpretes* e *sequestes*, destinados a alliciar os votantes,

contractar-lhes o preço dos votos, e pagar-lhes as quantias estipuladas, levaram seu irmão Quinto Cicero, que receiava o exito de sua candidatura, a escrever um opusculo (*commentario livre*) a que intitolou — *De petitione consulatus* — e a offerecer-lhe, como para servir de norma a sua conducta de candidato.

Essa obrinha nós a traduzimos para satisfazer a curiosidade de um dos mais notaveis politicos do imperio, que desejava conhecê-la.

Por ella vê-se que os romanos, si não tinham ainda chegado á *perfeição*, a que chegou a Republica Federativa dos Estados-Unidos do Brazil, conheciam já e bem todos os meios, modernamente empregados para os triumphos eleitoraes.

Offerecemos ao leitor, no capitulo seguinte, o extracto resumido do conteúdo desse trabalho, revisto depois por Cicero, e que vem nas suas obras.

Em Roma esse opusculo era conhecido por — *Manual do candidato* — titulo que conservamos na traducção que fizemos, e que ainda não nos foi dado imprimir.

XVI. Quinto começa recommendando ao irmão que jamais se esqueça de que é homem novo e habita Roma; e que peça votos a todos com instancia, sem descançar; que dê jantares, ou consiga que os seus amigos o deem, em seu nome, nos diversos bairros da cidade; que não deixe jamais de receber em casa e de fallar a quem quer que seja, que o procure; que esforce-se em adquirir a

adhesão dos rapazes e estudantes, os quaes, quando se dedicam a uma candidatura, exaltam, por toda a parte, os meritos do candidato e tudo fazem pelo seu triumpho ; que procure o apoio de todos os individuos influentes em eleições, qualquer que seja a ordem a que pertençam ; que não despreze meio algum de obter voto, por mais insignificante que lhe pareça esse meio, e por mais inutil que supponha o voto ; que prometta tudo quanto lhe pedirem e cuide apenas de cumprir o que lhe puder trazer maior proveito : pouco ou nada se perde com isto, accrescenta o escriptor, porque muitos não exigirão o cumprimento dessas promessas, outros esquecel-as-hão.

Não basta, aconselha o escriptor, deve ainda o candidato conseguir que os cabalistas habeis de cada centuria, e tambem os que dispõem dos votos de sua tribu se ponham em campo a seu favor ; recusar só quando não houver outro remedio, e ainda assim com delicadeza e pesar tal que o pretendente saia convencido de que só não é servido por ser materialmente impossivel ; crear por toda a parte numerosas relações ; ter sempre na memoria a Italia e a sua divisão eleitoral, de modo que não haja municipio, cidade, villa e aldeia, qualquer localidade emfim, em que não tenha ponto de apoio ; indagar e descobrir os homens de fóra, que por acaso se achem temporariamente em Roma, visital-os, tratál-os como amigos velhos, porque esses individuos facilmente se convencem de que o candidato é realmente amigo delles, desde que os chama

pelo nome e familiarmente, e nessa convicção, fazem-se arautos de sua candidatura nos pontos em que residem; alliciar para a sua causa os batedores de seus antagonistas; dizer a quem quer que seja, que o procure, que o distingue muito entre todos; procurar até os inimigos e pedir desculpa e perdão a alguém, que se julgue offendido; parecer sempre agir naturalmente, ainda quando sinta o maior constrangimento moral, e adaptar a phisionomia e as palavras aos sentimentos daquelle a quem se fala, triste ou alegre, conforme as circumstancias; aos aristocratas dizer que não pertenceu jamais, e não pertence ao partido popular; ao povo que não tem solidariedade com a nobreza, cujos vicios e corrupção detesta; saber conhecer para o que presta cada individuo e distribuir-lhe o papel, que elle é capaz de desempenhar; reunir todos os dias numeroso cortejo e apparecer com elle no forum; exigir dos que o devem acompanhar que nunca faltem, e quando por qualquer circumstancia não possam comparecer, que mandem gente por si; mostrar-se afamado *nomenclador*, porque os votantes apreciam muito o pretendente, que, sem o auxilio do escravo, sabe-lhe o nome; aperfeiçoar-se por todos os meios na arte de lisongear a população; ser tenaz, activo, perseverante, infatigavel em procurar os eleitores, e obter-lhes a promessa do voto; supportar, com paciencia, as impertinencias de muitos, a arrogancia e o orgulho de outros, o odio e a injustiça, a inveja e a maledicencia; não se atemorisar com cousa

alguma; ser altivo, e, si preciso fôr, ameaçar os outros pretendentes de denunciá-los aos tribunaes, como incursos nas penas da lei contra a cabala eleitoral.

No meio de tantos conselhos salutaes não occorreu a Quinto lembrar ao irmão Marco a fabricação de phosphoros electoraes e a forgicação de actas a bico de penna e á portas fechadas!

Cicero não desprou os conselhos fraternos: poz-se activamente em campo, escreveu a todos os seus amigos, que residiam fóra de Roma pedindo-lhes que tomassem a peito a sua pretensão perante os seus clientes: visitou os partidarios de Pompeo, aos quaes rememorou os serviços que lhes havia prestado: percorreu a Gallia Cisalpina para assegurar-se do apoio dessa provincia: e em Roma, um dia, aproveitando-se da circumstancia de achar-se reunido o povo, no Campo de Marte, para a eleição dos tribunos metteu-se pelo meio da multidão, cumprimentando todos os cidadãos pelo nome proprio, com esse ar de benevolencia e familiaridade, caracteristico dos candidatos: (*natio officiosissima*) fez promessas a torto e a direito: a cada um uma phrase lisongeira, ditos picantes e espirituosos a todo momento: enfim, cançado, moido, offegante, morrendo de sêde, pediu a alguém um copo com agua: quando ia beber, percebeu, a pequena distancia, o censor Lucio Cotta, que passava por ardente sacerdote de Baccho: não podendo resistir á tentação de dar uma alfinetada no censor, voltou-se para os circumstantes, e

disse-lhes maliciosamente: «Occultae-me bem, amigos, para que Cotta não me çensure por haver bebido agua».

Pobre Cicero ! que tanto trabalho tinha para ser consul, e por um anno apenas !

Si elle encarnasse de novo, e no *republicanizado* Brasil, ficaria pasmado ao ver uma convenção parlamentar de deputados de mandato extinto e de alguns senadores nas mesmas condições, impôr candidatos á uma nação inteira, e dispensando, com desembaraço inacreditavel, o concurso da soberania popular, apenas com papel, penna e tinta, fabricar um presidente e vice-presidente da Republica por quatro annos !

XVII. Nesse anno, seis foram os concurrentes ao consulado: P. Sulpicio Galba, Cassio Losigino, Q. Cornificio, C. Lic Sacerdos, Catilina e C. Antonio : os dous ultimos alem do credito e influencia que tinham entre os nobres, trabalhavam de accôrdo.

Convém tomar nota desta circumstancia: ambos não poupavam meios para a derrota do grande orador, que não dispunha dos recursos dos seus antagonistas, e cuja grande arma era a palavra, que elle soube empregar na primeira occasião, que se lhe offereceu.

Alguns senadores, no intuito de reprimir os excessos da corrupção eleitoral, que não cessava de crescer, propuzeram uma reforma á lei, aggravando ainda mais as penas existentes: esta proposta combateu-a violentamente o tribuno Q. Mucio Orestino, que outr'ora Cicero

defendera, e que se tornara seu inimigo, levando a audacia a ridicularisar em publico o character e o nascimento do candidato, o qual, respondeu-lhe no senado, com todo o vigor de seu talento.

Na discussão, elle, que sabia aproveitar todas as circumstancias e elementos que podiam dar-lhe força, denunciou com tanta habilidade os crimes, os projectos e manejos de seus adversarios, e discreveu com tintas tão carregadas as desgraças que estavam imminentes, si elles conseguissem triumphar, que os proprios nobres, até então empenhados em rebaixar o *homem novo*, que ou-sava aspirar a mais elevada posição official da Republica, começaram, desde esse momento, a consideral-o necessario, senão o unico capaz de salvar os seus interesses.

Emfim, chegou o dia da eleição. A victoria de Cicero foi esplendidas, bem que fóra das normas legais.

A lei determinava que os consules fossem eleitos por escrutinio secreto. Cicero o foi por aclamação. A candidatura de Catilina naufragou: mas vingou a de seu associado, C. Antonio.

Havia trinta annos que nenhum homem novo chegava ao consulado: Cicero era o primeiro entre todos os seus eguaes, que conseguira conquistar essa posição, apenas com quarenta e tres annos, idade exigida pela lei. E, para que nada faltasse á sua ambição satisfeita, teve um filho, e casou nessa época sua filha Tullia, de treze annos de idade, com C. Pisão Frugi, mancebo de excellente repu-

tação e do qual muito se esperava. Seu irmão Quinto de quem foi sempre amigo dedicado, era edil. Pouco tempo depois morreu-lhe o pae.

No espaço decorrido da eleição á posse do cargo, novos louros colheu elle na tribuna judiciaria e politica; entretanto, apenas eleito, esqueceu que promettera ao povo ser sempre consul popular!

Os primeiros discursos de Cicero, que chamaremos consulaes, foram de franca adhesão ao partido aristocrata: referimos-nos á opposição, que fez ao projecto de lei agraria, apresentado pelo tribuno Rullo.

O primeiro discurso proferido no senado, não prima, nem pela fôrma, nem pelo fundo: é uma dessas orações que impressionam desagradavelmente o leitor, porque o orador compraz-se em fazer o elogio proprio com excessiva vaidade: o segundo proferido nos Rostros ante o povo, sobre o mesmo assumpto, é talvez o melhor de seus discursos politicos: o exordio, tem grande analogia com o do discurso de Mario, do qual temos noticia por Salustio.

Como o grande capitão, Cicero refere-se ao costume dos oradores de lembrarem os serviços de seus antepassados, e declara que nada tem que dizer dos seus avós, porque é homem novo, que só ao povo deve as distincções, que tem recebido, e que tanto agradece, sem se esquecer, todavia, de falar nos seus serviços, nos seus

estudos, e nos trabalhos, a que com assiduidade se entrega para retribuir a confiança popular.

Tratando de explicar a phrase—consul popular—elle, com grande habilidade, traça os deveres do homem, que se consagra á defeza dos interesses do povo, e declarando que, em geral, é partidario das leis agrarias, faz a apologia dos Gracchos, que, naquelle momento, proclama benemeritos, para mais tarde dizer delles, no seu tratado *De officiis*: « Tib. enim Gracchus, P. filius, tandiu laudabitur, dum memoria rerum romanarum necnebit: at ejus filii nec vivi probantur boni, et mortui numerum obtinent jure cæsorum », e finalmente, explica as razões, que obrigam-n'ò a combater o projecto Rullo.

Lisongeando e acariciando a plebe, tracejando um quadro esplendido do poder e da grandeza de Roma, em lance verdadeiramente oratorio, exclama:

« Roma não paga a dinheiro o estabelecimento de suas colonias: seria indigno de mãe tão illustre transferir para outras terras, senão as conquistadas pela espada, os filhos, que tão heroicamente a sabem defender. »

Depois prova á multidão, que o projecto só teria o alcance de dividir, sem proveito para ninguem, terras que foram theatros de gloriosas victorias. e, com admiravel sagacidade, convence á multidão, que a Campania é o celeiro, que abastece de trigo o povo miudo.

Este ultimo argumento impressionou, mais do que todos, a multidão ociosa, sempre preocupada dos meios

de subsistencia : empregando todos os recursos da rethorica e de sua excepcional eloquencia, affirmou que Rullo, odioso e feroz tribuno, estava muito longe da equidade e moderação de Tib. Graccho, e que não tinha em mira entregar essas *terras aos plebeus*, mas sim privar-os da liberdade: *provou* que essa lei, espoliando o publico, enriqueceria apenas alguns particulares : e, conhecendo a aversão, que o povo votava ao titulo de rei, procurou demonstrar que o projecto Rullo crearia dez reis para a Italia, e para Roma uma poderosa rival em Capua, que ousara outr'ora exigir que um dos consules fosse capuense: lembrou que essa cidade, orgulhosa por sua posição e pela uberdade de seu territorio, zombava de Roma edificada sobre collinas, ou no fundo dos valles, de ruas tristes, com estreitas passagens, e com o seu campo sem cultura: explorou, com felicidade, o artigo do projecto, que excluia Pompeu do numero dos decemviros, fazendo sentir que aquillo não era a lei agraria, que elle suppunha, e que ao principio applaudira, mas uma arma de guerra contra o grande homem, que tantos serviços já tinha prestado e estava prestando á patria.

Emfim, conhecendo quanto as multidões são susceptiveis de acreditar na maledicencia, disse abertamente que, com o seu projecto, Rullo só pretendia enriquecer Valgio, seu sogro.

A peroração d'esse discurso é cheia de nobre altivez ; o orador se orgulha e com razão, de nada dever ao nasci-

mento, de ter-se feito por si, de ser consul que não saiu da lama das ruas, mas da vontade popular, no campo de Marte; entretanto, esta oração não é inteiramente isempta de senões: a illustração de Cicero e a sua posição official impunham-lhe o dever de produzir argumentos mais graves e de maior pêso, alem de que não nos parece que lhe fosse licito, em assumpto tão serio, empregar os recursos, de que costumava servir-se com proveito ante os tribunaes.

Julgamos que o orador não se conservou na devida altura fazendo reparos sobre a nobreza de Rullo, que era notoria, porquanto ninguem ignorava que o tribuno pertencia á familia Servilia.

A tribuna politica não deve resentir-se das tricas da judicaria; mas, incontestavelmente, este discurso tem lances de eloquencia, vivos e pittorescos.

Cicero, com infinita habilidade descreve o papel, que representará Rullo, si o seu projecto passar. « Quem apresentou o projecto? Rullo. Quem impediu á maioria do povo de dar livremente os seus suffragios? Rullo. Quem presidiu os comicios? Rullo. Quem convocou as tribus, que bem quiz, e sorteou-as a capricho, sem a menor fiscalisação? Rullo. Quem nomeará os decemviros, que lhe parecer? Rullo. Qual será o primeiro? Rullo. » E, n'um lance verdadeiramente oratorio, exclama: E essa lei, que elle encontraria a maior difficuldade em fazel-a votar por seus proprios escravos, votal-a-heis vós, romanos, que sois os senhores de todas as nações? »

XVIII Luctar na tribuna com um adversario de tal força, era impossivel a Rullo, que para desferrar-se da derrota, que soffrera na discussão, accusou o consul, perante o povo de haver se opposto á lei agraria, somente com o intuito de favorecer os partidarios de Scylla, os quaes, na Italia, possuiam vastas propriedades.

Esta accusação deu logar a terceiro discurso, pouco extenso, mas energico e vehemente.

Cicero, ao assomar na tribuna, foi mal acolhido pelo povo, que deu-lhe manifestos signaes de desgurado.

Isso, em vez de abatel-o, excitou-o. Foi-lhe facil destruir a accusação, proveniente do homem, que nunca pertencera ao partido de Mario.

«Fautor dos interesses da gente de Scylla, si algum havia era Rullo» e. com a analyse e critica de um dos artigos do projecto, provou que o tribuno dava aos que tinham adquirido bens dos proscriptos maiores e melhores garantias do que aos proprietarios dos bens patrimoniaes.

Lançando altivo á face de seus adversarios a deslealdade e vileza de seu procedimento, provocou-os a virem sustentar publicamente e da tribuna as calumnias, que lhe assacavam, e conseguiu afinal a rejeição dessa lei, que era geralmente qualificada de popular.

Este discurso, si outro fosse o assumpto, mereceria ser classificado entre as primeiras producções oratorias de Cicero.

L. Roscio Othon, durante o seu tribunate, isto é,

quatro annos antes do consulado de Cicero, havia designado para os cavalleiros (*equestres*) os quatorze bancos, que, no theatro, seguiam-se immediatamente aos que pertenciam aos senadores.

Essa medida desagradara á populaça, que nunca perdoou-a ao tribuno : apesar de decorrido tanto tempo, uma noute, em que o ex-tribuno appareceu no theatro, o povo vaiou-o estrepitosamente.

Os cavalleiros tomaram o partido de Othon, e a desordem subio a ponto de tornar-se imminente o derramamento de sangue.

Cicero, informado do que occorria, apparece no theatro, e ordena aos desordeiros que se dirijam immediatamente ao templo de Bellona : cavalleiros e povo o acompanham : ali fala ás massas, e tal foi o poder de sua eloquencia que a tempestade acalmou-se, e a multidão voltou pacificamente á assistir ao espectáculo.

D'esse discurso restam apenas trechos mutilados.

Ha quem diga que Virgilio no seu «ac veluti magno in populo...» faz allusão a esse triumpho oratorio.

Plinio mostra-se extasiado ante o effeito de uma palavra, que assim obrigava os homens a esquecerem resentimentos, ambições e interesses.

Cesar, que em todos os seus actos, e até na escolha de suas amantes fazia politica, arvorado então em chefe do partido popular, cogitava de restringir as attribuições do senado, e de privar-o do direito de investir os con-

sules de poderes dictatoriaes sob a conhecida formula «Caseant consules ne quid detrimenti respublica capiat».

N'esse intuito instigou Sabiennio, então tribuno, para promover a accusação do senador Rabirio, como auctor da morte do tribuno Saturnino, que perecera em um tumulto, que elle proprio havia provocado; tumulto que assumira proporções tamanhas que o senado recorrera á formula acima citada, o que dava a qualquer o direito de repellir pelas armas os rebeldes.

Admittindo até que Rabirio tivesse morto Saturnino, o decreto do senado o abrigava da acção da justiça.

Hortensio, que se encarregou da defeza, provou que o tribuno fôra morto por um escravo; mas, ainda assim, Rabirio foi condemnado, e viu-se na necessidade de lançar mão de recurso extremo de appello para o povo.

Os nobres comprehenderam logo o alcance da medida, e recorreram a Cicero, que se encarregou de defendel-o perante a assembléa popular.

Na tribuna, admittindo a hypothese de que Rabirio houvesse realmente morto Saturnino, declara que, em vez de consideral-o criminoso por isto, reputa-o benemerito.

O povo murmura, contra as palavras do orador; mas, elle apostropho os interruptores e repete, em voz alta e firme, o elogio de Rabirio.

Este discurso, existe, mas muito mutilado: não obstante, n'elle se revela o genio oratorio de Cicero.

Comquanto na apparencia possa ser considerado uma peça de eloquencia judiciaria, no fundo é realmente um discurso politico.

Em estylo elevado e correcto, o orador exprime nobres sentimentos.

A natureza do assumpto harmonisara-se com as qualidades habituaes de Cicero, de modo que elle, perante o povo, tratou-o com a mesma proficiencia, com que o trataria perante os tribunaes ordinarios.

As cousas, porém, estavam de tal modo preparadas que a palavra ciceronica não salvaria o accusado.

Os nobres que bem previam o resultado da lucta, recorreram ao augur Metello, que, no momento de proceder-se a votação, ergueu no capitolio o signal de dissolver a assembléa, sob o pretexto de não serem favoraveis os auspicios.

As formulas religiosas em Roma, muitas vezes serviam de armas politicas.

Cesar, por seu lado, comprehendeu que não era oportuno proseguir na lucta n'aquellas circumstancias e não se tratou mais de tal processo.

A peroração dó discurso é incontestavelmente digna do orador e tocante.

Entre este discurso as e Catilnarias, Cicero proferiu mais dous discursos, que apenas conhecemos pelos titulos, e que se perderam.

Um d'estes discursos foi oppondo-se á revogação

da lei Cornelia, que excluía perpetuamente dos cargos publicos os filhos dos proscriptos.

Os esbulhados nunca cessavam de reclamar os seus direitos, e cada vez com maior energia.

A revogação d'essa lei odiosa enfraqueceria o partido da nobresa, que, foi ainda uma vez procurar o orador e o consul, que promettera ser popular.

Cicero, occupou a tribuna popular, e, em seu discurso, reconheceu a justiça das reclamações; mas allegando que os filhos dos proscriptos podiam no futuro, se fossem investidos das magistraturas, abusar d'ellas para reconstruirem a fortuna perdida, exercerem crueis vinganças, pediu e obteve que fosse regeitado o projecto, que revogava aquella lei.

O homem de coração sente-se deveras entristecido ao reconhecer que um philosopho, um jurisconsulto da ordem de Cicero, que em sua defeza a Sexto Roscio exigia, com vehemencia, garantias seguras para os direitos dos cidadãos romanos e da humanidade em geral, collocado na mais alta posição official da Republica, assim se dobre e se amesquinhe para se metter nos moldes estreitos dos interesses partidarios.

Não ha circumstancia alguma que auctorise os que tem a responsabilidade do governo a sacrificarem a justiça.

«O que Themistocles propõe é muito conveniente á Republica; mas não é justo.» Disse-o Aristides e a proposta de Themistocles nem sequer foi submettida á discussão.

A conducta do Consul em tal emergencia provocou descontentamentos e não faltou quem o proclamasse factor dos *sete tyrannus*, como então eram chamados os dous Lucullos, Hortensio, Metello, Philippe, Catulo e Crasso.

XIX. O facto mais notavel do consullado de Cicero e C. Antoni foi a conspiração.

Um escriptor moderno, M. Gaillard, traductor do *Deo-ratore* descreve o estado da republica romana, n'aquella epocha, nos seguintes termos: « Havia muito, causas de destruição minavam a Republica: um mal-estar secreto, uma inquietação surda trabalhavam os espiritos: as instituições de Scylla, impostas pela violencia, provocavam profundo descontentamento: a maior parte das familias de Roma, arruinadas pelas guerras civis, e pelas desgraças, que as seguiram, desejavam nova ordem de cousas: as fortunas, quasi todas, haviam mudado de donos: a corrupção geral augmentara: a depravação dos costumes e o egoismo tinham extinto o amor da patria: todas as ambições se achavam em movimento: uma multidão de cidadãos intrigantes e perversos procuravam perturbar o Estado na esperança de fazer fortuna sobre as suas ruinas: o exemplo dos culpaveis successos de Mario e Scylla animavam-lhes a audacia.

As circumstancias pareceram secundal-a.

As forças de Roma estavam occupadas, no Oriente, a combater Mithridates.

Os numerosos veteranos de Scylla, espalhados pela

Italia toda, onde o dictador lhes havia dado terras, habituados á violencia, á pilhagem e ao desprezo das leis, deviam ser ainda instrumentos doces nas mãos dos facciosos: já elles farejavam o saque das riquezas, que lhes feriam a vista e despertava-lhes a cubiça.

Em Roma, a populaça, insensivel ao bem publico, ouviu com prazer os boatos, precursores de uma revolução.

Os mais poderosos cidadãos, os Cesares, os Crassos, pareciam olhar, com indifferença, os movimentos, que se preparavam: nem era certo que os conspiradores n'elles tivessem inimigos declarados: em Catilina, homem ousado e emprehendedor, *affeito ao crime, e a quem nenhum attentado podia espantar, encontraram elles um chefe digno.*»

Sublinhamos propositalmente as ultimas palavras, por que vai n'ellas, segundo pensamos, grande exaggeração nos defeitos, faltas e crimes attribuidos ao chefe da conspiração.

A opinião geral, colhida de Sallustio e do proprio Cicero é que Catilina era um scelerado, que tendo esbanjado loucamente a sua fortuna, pretendia enriquecer de novo pelo saque e incendio de Roma.

O estado da Republica, n'aquella epocha, perfeitamente descripto por M. Gaillard, basta para que se comprehenda que não podia ser este o objectivo da conspiração, na qual tomaram parte pessoas da mais alta cathegoria

social, que muito teriam que perder com a destruição da cidade.

Cesar e Crasso passavam, aos olhos de muitos, por solidarios com o movimento.

Sallustio por experiencia propria, sabia melhor do que ninguem, que não era esse o meio de adquirir fortuna, ou reconstruil-a:

A sua pretura, na Africa, o tornara archimillionario, e o habilitara a edificar palacios com jardins de tal ordem, que passaram á historia.

Catilina era senador, relacionado com a mais alta nobreza e a melhor sociedade romana: havia occupado já importantes cargos: fôra questor, logar-tenente em varias guerras, nas quaes sempre mostrou bravura e notavel capacidade militar: tinha sido pretor: queria tambem ser consul.

O proprio Cicero fala de sua grande liberalidade e de sua extrema dedicação pelos amigos.

Derrotado em sua primeira candidatura, apresentava-se de novo para o anno seguinte.

Intimas eram suas relações com C. Antonio, o segundo consul.

Cicero, em outros tempos, fôra seu amigo e confessava depois que o teve por bom cidadão.

A campanha eleitoral, de que o grande orador sahiu triumphante, os inimisara, e o triumphador, armado do poder consular, não lhe dava quartel.

Cicero propoz e conseguiu reformar a lei contra a cabala eleitoral, addicionando a pena de dez annos de exilio ás penas graves, que essa lei já comminava aos cabalistas.

O alvo era Catilina, que estaria fatalmente perdido, si ainda uma vez fosse derrotado, como era de presumir, pela guerra, que lhe fazia o consul, no auge do poder e da fama.

Entretanto, Catilina hasteara uma bandeira politica, que inspirava geraes sympathias: seu programma era libertar a Italia da ferrenha centralisação, que a trazia manietada ás plantas de Roma.

Esse programma explica as adhesões que elle encontrava na Italia inteira e na própria Roma.

Os politicos bem intencionados viam, como elle, que essa monstruosa centralisação, que a alguns parecia uma força, era para a Republica uma verdadeira fraqueza.

O Estado inteiro ficava á mercê das tempestades da capital.

Catilina já então previa aquillo, que para nós hoje, é um axioma politico— não póde existir governo livre, sem autonomia local.

Tão pouco jamais pensou o ousado conspirador em ser o senhor e dominador do povo romano.

Só os Napoleões e os Cesares levam tão alto as suas ambições.

Para a realisação d'esse programma encontrava Cati-

lina o concurso de muitos cavalleiros, nobres, e plebeus, que, com certeza o repelliriam, se realmente elle fosse um scelerado, como o descreve Sallustio, e tivesses por fim a destruição de Roma e da Republica.

E note-se que esse esforço pela reforma das instituições não surgiu da noite para o dia.

O movimento devia ter-se operado no 1.º de Janeiro do anno 690 da fundação de Roma: uma circumstancia fortuita adiou-o.

No anno seguinte, a morte de Pisão veio ainda adial-o.

Finalmente, sob o consulado de Cicero, tudo estava preparado para fazel-o explodir.

O consul, que, em suas *Catilinarias*, trata os conjurados de—*fezes sociaes*—dizia, entretanto, annos depois no cap. 4.º de sua oração—*pro Caelio*—« Multi boni adolescentes illi (*Catilina*) homini nequam atque improbo studuerunt » e mais adiante « Quum omnes omnibus ex terris homines improbus audacesque collegerat, tum etiam multos fortes viros et bonos, specie quaedam virtutis assimilatae, tenebat. » Será por ventura licito crer que em uma cidade, como Roma, n'um paiz, como a Italia, um devasso, coberto de crimes, desacreditado perante a opinião, pobre, arruinado, conseguisse reunir em torno de si, tanta gente, e gente boa e graduada, se não fosse a bandeira politica, que hasteava?

E poderia ter por alvo o saquez e o incendio da capital, e a destruição da Republica o homem, do qual o pro-

prio Cicero (*pro-Murena, cap. 25*) diz: « Tum enim dixit, duo corpora esse republicæ, unum debile infirmo capite, alterum firme sine capite: huic, quum ita de se meritum esset, caput, se vivo, non defuturum ».

N'estas palavras de nobre altivez não se descobre o pensamento politico, de que hauria a força, que o sustentava?

XX. A's causas da perturbação social, mencionadas por M. Gaillard, juntavam-se outras, igualmente poderosas.

As provincias agonisavam, sob as garras dos administradores romanos, insaciaveis em suas rapinas.

Sallustio devastou a Africa em sua pretura. Fóra de Roma as liberdades publicas e os direitos dos cidadãos não encontravam a menor garantia.

Verres, não havia muito, mandara vergastar, na praça publica de Messina, um cidadão romano.

Nem eram necessarias tantas causas reunidas para explicarem o movimento, que se operava em todos os espiritos.

Bastava uma só—a profunda corrupção eleitoral, que devorava a Republica.

Desde que os depositarios do poder publico surgiam de fonte tão impura e illegitima, nada mais natural do que cada um se revoltar contra elles.

Não os obrigando a soberania nacional, succedia o que está se dando entre nós.

Em Roma, como no Brazil actual, os interessados na

continuação dos abusos, qualificavam de bandidos os que não se sujeitavam ao regimen em vigor.

Quer nos parecer que Catilina foi um monstro da ordem dos Silveiras Martins, dos Saldanhas da Gama, dos Custódios de Mello, dos Gumercindo Saraiva, dos Tavares, dos Salgado e outros, que revoltando-se, (justiça lhes seja feita) estão convencidos de que assim servem melhor a causa republicana, do que aquelles, que nos governam.

Um critico moderno, M. Alexis Pierron, que em sua Historia da litteratura romana, trata de amigos do paradoxo os que não julgam Catilina com a mesma severidade de Sallustio e de Cicero, objecta: « Si Catilina era realmente chefe do partido liberal de Roma, como se explica, que, vencedor esse partido, não procurasse rehabilitar a sua memoria? Porque Sallustio, inimigo da aristocracia, e inimigo pessoal de Cicero, fala de Catilina e dos seus nos mesmos termos, que Cicero? Porque metamorphose, Catilina, sicario de Scylla, transformou-se em chefe do partido popular, e, como o senado, que contava em seu seio mais de um adversario da aristocracia, condemnou, por unanimidade de votos, os conjurados? »

A condemnação dos conjurados não foi unanime. Cesar não mudou de opinião e Cicero só conseguiu-a depois do discurso vehemente de Catão, que tocou com habilidade na corda unica que ainda podia soar, n'aquella corporação, a do interesse individual.

E quando unanime fosse, nos momentos de convulsão

social e politica, a baixeza humana não conhece limites.

O medo mesmo de verem-se compromettidos explica a votação dos senadores pela condemnação.

O facto de ter sido partidario de Scylla não influe para a attitude posterior de Catilina.

Patricio e joven sem estudo, e sem experiencia politica, não é estranhavel que elle houvesse preferido Scylla a Mario; com a idade e a experiencia adquirida nos cargos publicos, que exerceu, Catilina podia ter reconhecido os inconvenientes das instituições creadas por seu antigo chefe.

Estas mudanças de opinião são um dever para o homem publico, na phrase de Cicero, que diz: *Hæc didici, hæc vidit, hæc scripta legi, hæc de sapientissimis et clarissimis viris, et in hac republica et in aliis civitatibus monumenta nobis litteræ prodiderunt, non semper easdem sententias ab iisdem, sed quas cumque reipublicæ status, temporum inclinatis, ratio concordia postularent, esse defendendas.*»

Quem já achou, entre nós, inexplicavel que o general Deodoro, monarchista convicto, dedicado a pessoa do imperador, se tivesse arvorado em chefe da revolução de 15 de Novembro, e fosse o primeiro presidente da republica brasileira, assim como que o ajudante general do ministerio da guerra, no ultimo gabinete do imperio, esteja hoje exercendo as funcções de vice-presidente da Republica? Por maior que tivesse sido o

talento de Sallustio, para nós a sua auctoridade moral é nulla.

Temos tambem os nossos Sallustios, mais intelligentes talvez do que o romano, e mais instruidos, com certeza, do que elle ; mas ninguem faz caso do que elles dizem, ou escrevem.

Que juízo seriamos obrigados a fazer de Cicero, si nos submettessemos á autoridade daquelle escriptor?

Não escreveu elle referindo-se ao grande orador as seguintes palavras :

« Tu, te gloriaries de ter abafado a conspiração !

Devias, sim, enrubecer de vergonha, porque, sob teu consulado, foi ella subvertida.

Com tua mulher Terencia tudo arranjaste: decidistes quaes os que deviam ser condemnados á morte, quaes os que somente deviam pagar multas, segundo a conveniencia de ambos.

Um cidadão construia tua casa na cidade, outro a tua chacara de Tusculo, um terceiro a de Pompeu : todos estes eram para ti homens de bem e irreprehensíveis.

O que não se prestava a fazer a mesma cousa, um miseravel, que armava-te traições no senado, vinha atacar-te em tua casa, ameaçava incendiar a cidade !

Como prova do que affirmo, a verdade: que patrimonio tinhas então? quanto possues hoje? Que opulencia não tens adquirido fomentando processos? Com

que tens comprado as tuas luxuosas casas de campo?
Com o sangue e as entranhas dos cidadãos.

Supplice com teus inimigos, insolente com os teus amigos, ignobil em todos os teus actos.

E ousas dizer :

«Oh Roma feliz, renascida sob o meu consulado!

Desgraçadíssima, porque soffreu a mais detestavel perseguição, quando te apoderaste dos julgamentos e das leis. Entretanto repetes até á saciedade: *«Cedam as armas á toga, a folha de louro á palavra.*

Tu que, em politica, de pé, pensas uma cousa: sentado, outra! Catavento que não sabes te fixar de lado algum» (Quintiliano, Instit. 4.º).

Que valor podem ter os conceitos de homem de tal ordem? Julgamos Catilina pelo que d'elle diz Cicero, que, apezar de seu inimigo pessoal, ainda nas explosões de seu odio, não ousava negar-lhe as grandes qualidades que possuía.

Depois da morte de Catilina, pode-se dizer, o partido popular jamais triumphou. Alguns homens, que se dizia pertencerem a este partido galgaram elevadissimas posições, mas não levaram ao poder as suas idéas.

Cezar soube explorar-lhe os elementos de força; mas Cezar trabalhava somente para si, com um objectivo unico —fundar uma monarchia absoluta, de direito divino, da qual fosse elle o primeiro representante, como realmente o foi, sob o titulo de dictador perpetuo.

O *martyr da ambição* pessoal, nada tinha que ver com os mortos. Que lhe importava a memoria de Catilina? Elle só se preocupava dos vivos, que podiam servir os seus planos, e dos adversarios, que tinha de combater.

Admittindo ainda que o partido popular houvesse realmente triumphado, quem ha ahi que ignore que é da indole dos partidos politicos esquecer, no poder, aquelles, que melhor os serviram nos dias da adversidade?

Catilina morrera combatendo pela liberdade da Italia, e o que se tinha em vista era a servidão da Republica inteira. Convinha pois não lembrar em occasião alguma a victima da generosa e patriotica idéa.

XXI. Sabe-se como o consul descobriu a pista das conspiradores: um d'elles, Quinto Curio, arruinado por Fulvia, tão formosa, como corrompida, e despresado logo que lhe faltaram recursos pecuniarios, voltara a ter com a amante dando-lhe a entender que nutria fundadas esperanças de em breve mudar de fortuna.

A sereia, com arte diabolica, arrancou-lhe o segredo inteiro.

De posse d'elle, e julgando que colheria grandes proventos, foi tudo denunciar a Cicero.

Este, sem duvida desejoso de resolver as difficuldades sem o emprego das armas, poz em contribuição toda a sua actividade, todos os recursos, de que dispunha para descobrir os passos dos conspiradores; e, alem da denuncia de Fulvia, pelos agentes, que empregou, colher

outros indícios de modo que, reunindo o senado, revelou-lhe, com exageração, quanto sabia, chegando até a designar o dia e a hora em que devia dar-se o saque e o incendio da cidade, e o assassinio dos senadores e o delle proprio.

O senado acobardado, como succede quasi sempre, nos momentos de crise politica, ás corporações collectivas, procurou eximir-se de toda a responsabilidade, investindo o consul de poderes discricionarios, afim de que a Republica não soffresse damno, segundo a formula consagrada.

Cicero tratou de despachar para todos os pontos da Italia emissarios que obtivessem das cidades e villas adhesão e auxilio contra quem quer que fosse, que atacasse o poder, que as tyrannisava.

Roma encheu-se de espiões, que em nome do consul, promettiam impunidade e até recompensas aos associados á conspiração, que se prestassem a fazer revelações.

Todos esses passos não conseguiram formar prova.

Não obstante, Cicero convocou de novo o senado para o Capitolio, no templo de Jupiter, o que só se fazia quando havia perigo.

Perante os senadores fazia o relatorio das providencias e medidas que havia tomado, quando no recinto entrou Catilina.

Interrompendo então o seu trabalho, o consul preferiu a sua primeira catilinaria, cujo exordio é o mais

eloquente, o mais vibrante de indignação, que conhecemos entre todos os exordios dos discursos que temos lido, exordio unico e que até hoje nenhum orador pode imitar.

Catilina ouviu, em silencio e sem um aparte sequer, o discurso inteiro.

Quando o consul sentou-se, levantou-se elle, limitando-se a aconselhar aos senadores que não dessem credito ás exagerações do consul, seu inimigo pessoal, cujo intuito era, a todo transe, perdê-lo.

—*Homo novus*, que nem sequer tinha em casa o que perder no meio d'esse saque e incendio, que só existia em sua imaginação desregrada, e que elle só havia engendrado para experimentar até onde chegariam a fraqueza e a credulidade dos senadores;— estes, porem, o trataram com desabrimto igual ao do consul: abafaram-lhe a voz, cubriram-n'o de baldões, chamaram-n'o parricida, e o irritaram tanto que elle, não podendo dominar a colera, bradou-lhes sombrio e altivo:

« Já que a isso me impellis, não será com agua, mas sob ruinas que extinguirei o incendio que vós mesmos ateaes ».

E retirou-se do recinto.

N'essa mesma noute, acompanhado de tresentos de seus associados, sahiu de Roma, depois de ter aconselhado aos que ficavam que se desembaraçassem dos inimigos os mais encarniçados e especialmente de Ci-

cero, garantindo-lhes que, em breve, voltaria á frente de um exercito que faria tremer os mais audazes e valentes, e dirigiu-se para os arraiaes de Mallio.

O Senado apressou-se em declarar Catilina e Mallio inimigos publicos, e, por outro decreto, encarregou Cicero de velar pela segurança da cidade, e C. Antonio, o segundo consul, de *proceder as levas, e marchar a frente das tropas leaes contra os rebeldes.*

Todas estas deliberações eram dictadas por Cicero.

O leitor, mais tarde, terá a explicação do motivo por que sublinhamos as ultimas palavras.

Foram tambem declarados inimigos da patria quantos se alistassem sob a bandeira dos rebeldes, e nem por isto deixaram muitos de ir reunir-se a Catilina entre outros, o filho do venerando senador Aulo Tulvio.

O joven, perseguido e preso por ordem do pae, soffreu a pena capital que este lhe impoz em virtude da autoridade paterna.

Como uma revolta na Gallia Cisalpina seria de grande proveito aos planos dos revoltosos n'aquella emergencia, os que permaneciam em Roma procuraram os deputados allogrobos, que si achavam na cidade, e com elles instaram para que sublevassem os seus compatriotas.

Os deputados communicaram logo ao consul o occorrido: Cicero aconselhou-lhes que se prestassem a quanto desejavam os conspiradores e proseguissem nas

negociações até que obtivessem um documento firmado pelos principaes d'entre elles.

Assim se fez, e um tratado se estipulou, em que os mais importantes assignaram.

Era preciso, porem, que aos olhos do publico os allogrobos não parecessem ter voluntariamente furtado a lealdade áquelles, que n'elles confiaram.

Entre o consul e os deputados ficou combinado que ao sahirem estes da cidade, seriam presos e revistados, e n'essa occasião Cicero se apossaria do documento, de que precisava.

Tudo correu, como se combinou: os deputados foram presos na ponte Milvia, e conduzidos a residencia de Cicero: ali revistados encontrou-se o tratado.

Cicero manda immediatamente vir a sua presença Lentulo e seus cumplices, os quaes comparecem, sem suspeita de cousa alguma, e os leva, bem escoltados, ao senado.

Ali depois das revelações dos allogrobos e da confissão de um certo Volturcio, que devia guial-os á presença de Catilina, o consul manda abrir os papeis, ainda sellados cujo sinete e assignaturas os accusados reconhecem.

O senado faz baixar immediatamente um decreto designando as casas de alguns senadores para lhes servir de prisão, porque a gente de certa ordem não era recolhida as cadeias publicas, e decreta supplicações em todos os templos, acções de graça solemnes a todas

as divindades. ao nome de Cicero, o primeiro romano, que mereceu semelhante distincção no exercicio de funcções civis, tudo como se costumava fazer depois de estrondosa e decisiva victoria militar.

Era já tarde, quando a sessão terminou.

O que n'ella occorrera, já Tirão, liberto e secretario de Cicero, conhecedor da arte tachygraphica, havia annuciado ao publico por meio de boletins resumidos.

Não obstante, o consul subiu aos *Rostras*, e communicou ao povo as occurrencias e o desenlace da sessão.

O procedimento do consul com os deputados allogrobos é de todo ponto condemnavel. Cicero para salientar-se n'aquella conjunctura difficil, e ao mesmo tempo impor-se como salvador de todos e de tudo, sacrificou todas as noções da honra e do dever, quando aliás as possuia exactas.

Nenhum homem de bem deve recorrer jamais a meios tão tortuosos e desleaes, sobretudo quando investido do supremo mando.

O interesse publico nunca justificará uma baixeza, ou uma trahição por parte dos governantes. Restava deliberar sobre a sorte dos accusados. O fraco, armado da auctoridade, caprichou em mostrar-se valente: a noite inteira, seu espirito vacillou: a sua propria consciencia como que repudiava, por injustos, os rigores, que elle pmeditava; o odio e a vaidade porém apagaram todos os escrupulos, que lhe iam n'alma.

No dia seguinte, reuniu elle de novo o senado. Silano, o futuro consul, rompeu o debate e concluiu pela morte. Cezar o combateu com vantagem, e seu notavel discurso de homem de governo abalou os espiritos.

Silano retractou-se. Todos sentiam repugnancia por um acto de extremo rigor. Os mais ousados, os amigos do consul, seu proprio irmão Quinto mostram-se inclinados á indulgencia.

Cicero volta á carga, e profere energico discurso; mas é Catão, quem afinal, tocando na corda sensivel do interesse individual, consegue que os infelizes sejam condemnados á pena capital.

Ao escurecer do dia 5 de Dezembro, data que o orador cheio de vaidade, mais tarde, citava sempre, como a mais gloriosa e feliz de sua vida, acompanhado do senado, dirige-se á residencia de Lentulo Spinther, onde se achava preso Lentulo, e o exige em nome da republica.

Em pessoa o conduz pela rua *Sagrada*, pelo forum, atravez da multidão apinhada, até a prisão commum e o entrega ao carrasco. Cethego e os demais cumplices, alternativamente condusidos por elle em pessoa, são egualmente executados!

Ao retirar-se do tremendo espectaculo, a multidão anciosa perguntou-lhe qual a sorte dos accusados:— «Vixerunt» respondeu o consul friamente, laconicamente. Esta lugubre resposta dispersou o povo taciturno e triste.

O senado, muitos da ordem equestre, e grande numero

de apologistas seus, conduziram o consul á casa, acclamando-o estrepitosamente.

Collocaram-se archotes em todas as ruas por onde elle devia passar, para illuminar a marcha : as mulheres appareciam a janella, e o mostravam aos filhos, e Cicero recolheu-se triumphante, sinceramente convencido de que era um heróe, quando na realidade acabava de praticar actos, que repugnariam até os Marios e os Scyllas, cuja ferocidade tornou-se proverbial.

As grandes alturas politicas produzem as vezes estes eclipses da consciencia! Em nome da salvacão do estado, o medo e a cobardia tornaram-se o principio da suprema justiça.

E no dia seguinte o consul, ancho de si, assegurava aos Quirites que «Por effeito do amor particular dos deuses immortaes, graças aos seus esforços, á sua prudencia, ás suas fadigas, e com risco da propria vida, elle tinha arrancado ás chammas, á espada e quasi dos braços da morte, para restituir-lhes, a Republica, a vida de todos, os bens, as fortunas, as mulheres, os filhos, a capital do glorioso imperio, a feliz e bella cidade.»

Então proclamaram-n'o *pae da patria*, libertador e segundo fundador de Roma. Si outros haviam estendido as fronteiras do Estado, elle, aquella noute, o tinha salvo de completa ruina !

XXII. A frente do exercito da Etruria, Catilina revestiu as insignias do poder, fazendo-se acompanhar de lictores

com as fasces consulares, e arvorando a aguia de prata, que, sob Mario, affugentara os Cimbros. Cada dia augmentava o numero dos que vinham offerecer-lhe os seus serviços.

Os pastores sublevaram-se em Bruccio e na Apulia. Os cimos dos Apenninos coroaram-se de homens armados. Os veteranos de Scylla forneciam lanças e espadas aos paisanos desarmados. Catilina aceitava os serviços de todos, menos dos escravos, que affluíam em multidão, dizendo que a causa da liberdade da Italia só podia ser defendida por homens livres.

Foi facil a Cicero executar os presos; mas era um pouco mais difficil vencer os inimigos armados. Houve quem propuzesse que se chamasse Pompeu da Asia e lhe confiasse o commando das forças legaes. Cezar apoiou calorosamente essa proposição. Catão combateu-a com energia. Confar com effeito a C. Antonio, estreitamente ligado com Catilina, como fel-o Cicero, o commando das forças armadas da Republica n'aquella occasião, será tudo quanto quizerem, menos prova de capacidade e prudencia governamental.

Cicero acreditava ter quebrado os laços, que uniam o seu collega a Catilina, garantindo-lhe o governo da mais rica das provincias consulares.

Seria, porém, isto bastante para entregar a um antigo associado de Catilina, e desprovido de talentos militares o commando do exercito em emergencia tão grave? Que

as nossas observações são fundadas, e que Caio Antonio outra cousa não desejava, sinão a derrota de seus comandados, prova-o a sua ausencia do campo de batalha, sob o pretexto de achar-se doente.

«Occasiões ha em que o homem só deixa de comparecer, mandando com antecedencia certidão de obito».

Si em vez de limitar-se a fingir-se doente, Caio Antonio tivesse confraternisado com Catilina; que seria da Republica? Ainda mais: si o proconsul Q. Metello Celer não se achasse na base dos Apenninos, e não lhe tivesse tomado a frente quando pela retaguarda se apresentavam as forças de Antonio, quem poderia prever o resultado da batalha, se ella se travasse? Quem nos assegura que a presença de Metello não demoveu Antonio de reunir-se a Catilina? O que é certo é que Catilina, apertado entre dous exercitos, viu-se na necessidade de aceitar a batalha, que se feriu nas proximidades de Pistoia. A victoria foi disputada com encarniçamento.

O chefe dos rebeldes com a sua gente bateu-se bravamente e morreu como um heróe, sendo no dia seguinte *encontrado sobre um montão de cadaveres com a phisionomia ainda carregada, e coberto de feridas todas elles recebidas pela frente.* (Sallustio) Com elle pereceram tres mil conjurados, que tinham todos mostrado coragem digna de melhor sorte.

Por maior que seja a auctoridade, que reconhecamos nos apologistas de Cicero, é nossa opinião que Catilina

não triumphou por causas outras, que não as medidas e providencias tomadas pelo consul.

Que criterio governamental foi este, que devendo levar-o a apoderar-se, desde logo, do chefe da conspiração, abafando-a por tanto sem a menor effusão de sangue, e, pois, proporcionando-lhe occasião de ser magnanimo, uma vez inutilizados os conspiradores, induziu-o a deixar que o principal, o mais temivel de todos, se puzesse a frente de um exercito de vinte mil homens, força sem duvida temerosa nas condições em que estava a Republica?

Prender Catilina, um patricio, um senador, quando a isto o não auctorisava a lei, e quando elle tinha na nobresa muitos inimigos e amigos dos faciosos, seria acto de temeridade inqualificavel, dizem os seus apologistas.

Era preciso obrigar-o publicamente, como revolucionario. Em primeiro lugar, si entre os nobres contavam-se alguns inimigos pessoaes de Cicero, o corpo do partido aristocrata estava com elle, é d'esse lado nada havia que receiar.

Da população tambem igualmente, que não se moveu, nem com a execução barbara e illegal dos presos, posteriormente.

As formulas leaes? mas estas o consul não as respeitou, tratando-se dos outros nobres, que foram condemnados e executados.

Si em relação á vida de cidaãos, todos qualificados e da melhor posição social, essas formulas não o embaz.

raçavam, porque embaraçal-o-hia a liberdade apenas de um homem da ordem de Catilina, *perdido na opinião, reu de todos os crimes?* Cicero, que nunca teve orientação politica segura, n'essa occasião andou á mercê dos acontecimentos e das circumstancias, e de forma nenhuma demonstrou as qualidades, que lhe attribuem, de homem de estado; e antes foi o mesmo que sempre foi depois nas difficuldades, em que se achou, e que elle mesmo creou.

Para estadista e homem de governo faltava ao grande orador a firmeza e resolução, que crescem sempre diante dos obstaculos.

Para reconstruir a Republica, seria indispensavel uma abnegação, de que era incapaz o seu espirito apaixonado.

Era-lhe impossivel prever o futuro, porque elle olhava tudo atravez do prisma de suas predilecções, de seus odios, de suas esperanças e temores.

São palpaveis as suas hesitações: percebe-se que por inspiração propria não ousa tomar uma deliberação definitiva.

Em todos os seus passos procura constantemente deixar ao senado a maior somma, sinão toda a responsabilidade.

Essa falta de decisão revela-se em todos os actos posteriores de sua vida, em que o vemos sempre oscillando no partido a tomar, e o reduz a figura politica de segunda ordem, quando dispunha mais do que todos,

exceptuado apenas Cesar, de talento, e instrucção para dominal-os.

XXIII. No meio de todos os affaseres, que o assoberbavam em tal emergencia teve Cicero ainda tempo para servir a um amigo e proferir um notavel discurso.

Catão dizia que desejava experimentar sobre um personagem consular a acção da lei de seu amigo Cicero sobre os cabalistas eleitoraes e n'este proposito accusou Murena, de cuja defeza se encarregou o consul.

Na discussão não perdeu esta occasião de mostrar espirito á custa de Catão, que elle aliás muito considerava, e conseguiu gostosas risadas da assembléa, mettendo a ridiculo o estoicismo exagerado do amigo, que enfadou-se deveras e disse para os circumstantes:

« Temos realmente um consul muito engraçado ».

Murena foi absolvido. Ah! a lei só havia sido feita para Catilina. Pouco antes, C. Pisão, accusado de igual crime, graças á intervenção e á eloquencia de Cicero, defensor excessivamente officioso, como dizia Catão, dos que infringiam sua propria lei, tinha sido absolvido.

Por esse mesmo tempo a eloquencia e a auctoridade do consul lograram dissipar as prevenções do senado contra Pompeu, e o odio do povo contra Lucullo. O primeiro acabava de concluir a guerra contra os piratas e contra Mithridates com a costumada fortuna.

O consul conseguiu um senatus-consultus decretando dez dias de supplicações publicas (o dobro do que era

praxe) para o nome do vencedor. O segundo, havia tres annos, esperava em um dos arrabaldes de Roma as honras do triumpho pelas suas victorias sobre o rei do Ponto. Cicero obteve que lhe fosse dada essa tardia satisfação, e foi um dos que, elle proprio o diz, serviram para introduzir na cidade o carro triumphal do illustre personagem.

Digamos agora algumas palavras sobre as suas catilina-rias, pois que é asada a occasião. O exordio da primeira catilinaria, já o confessamos, é monumental. O discurso é vehemente e apaixonado.

Ha porém n'este primeiro discurso trechos, que melhor seria que se tivessem perdido. A apostrophe da patria a Catilina é uma van declamação.

O primeiro magistrado da Republica esquece-se de sua alta posição official, e abusa das figuras de rhetorica. Ao homem que tem a responsabilidade do governo não é licito falar tanto e *tão bonito*. A explosão de indignação, que se nota em toda esta oração revela antes o odio pessoal do orador, do que o interesse do magistrado pelo bem publico.

O homem de governo deve ser sobrio de palavras, e mostrar-se isempto de paixões e de exagerações. A primeira catilinaria, por insultuosa, é impropria de um consul do character e da erudição de Cicero.

A segunda catilinaria foi pronunciada na manhan do dia immediato perante o povo. Catilina durante a noute havia saído da cidade para reunir-se as forças de Mallio.

Esta circumstancia forneceu-lhe o assumpto para o exordio. O corpo do discurso contem a explicação dos planos de Catilina e a exposição das medidas tomadas para frustal-os: é um discurso de secundaria importancia.

A terceira catilinaria, dirigida tambem ao povo, resente-se de falta de dignidade. O exordio é uma explosão imperdoavel de vaidade e de amor-proprio. O orador compara-se a Romulo.

Pouco faltou para que elle não exigisse tambem para si, *post-mortem*, honras divinas. Elle, pelo menos, dá a entender que as merece tanto quanto o fundador da cidade. Fala depois da conspiração, e de passagem ridicularisa, com pessimo gosto, Lentulo e seus cumplices.

Descreve com mão de mestre a perversidade de Catilina, sem todavia negar as suas qualidades boas, e termina declarando que os deuses tudo dirigiram, e que a Republica acabava de escapar do maior dos perigos, que desde sua fundação tinha corrido, exigindo como recompensa de seus serviços apenas viver na memoria do povo romano, não se esquecendo de acrescentar que um cidadão de sua ordem não deve ficar indefeso, e que todos teem a obrigação de garantil-o contra as tentativas de seus inimigos.

A quarta catilinaria, em todos os sentidos, é superior á segunda e á terceira, e talvez até a primeira; foi proferida no senado, dous dias depois da terceira. Cicero resume e aprecia as opiniões emittidas na discussão, procurando

demonstrar que a proposta de Cezar creará novas dificuldades e que o parecer de Silano é preferível.

Consigna a uniformidade de sentimentos de todas as classes, e afirma que, sem hesitação, cumprirá as resoluções do senado. N'este discurso o estylo é grave e serio: o orador mostra resolução e firmeza: emfim é um discurso que vae bem na bocca do homem, revestido da primeira magistratura da Republica.

XXIV. Ao tempo, em que terminava a lucta com Catilina, concluia-se o anno consular de Cicero. Só lhe restava resignar o cargo perante o povo, pronunciando um discurso em que expuzesse toda sua conducta, no exercicio de suas funções, para depois prestar o juramento, que era de praxe,—isto é,—de haver sempre respeitado e cumprido a lei.

Esperavam todos uma oração digna das circumstancias e do orador; mas Cezar, que então era pretor, e Metello, um dos novos tribunos, oppuzeram-se violentamente e não permittiram que Cicero falasse. «O consul, que havia condemnado á morte cidadãos romanos contra expressa disposição das leis, não tinha o direito de dirigir a palavra ao povo» diziam elles. Assim, collocaram as suas cadeiras nos *Rostros* para impedil-o de subir á tribuna.

Depois com o intuito de armarem-lhe um laço, ou pelo menos, de obrigar-o a perjurar, ou fazer uma confissão constrangedora, permittiram-lhe subir á tribuna, com a

condição, porém, de limitar-se a pronunciar o juramento do estylo e descer immediatamente.

Cicero surgiu na tribuna, fez-se silencio, e em voz alta e sonora, estendendo a mão direita, disse: «Juro que salvei a Republica.» A assembléa applaudiu aquella nova forma de juramento, e o ex-consul foi acompanhado até a casa pela multidão, que estrepitosamente o acclamava.

Pouco tempo depois, Gellio, personagem consular, pediu para Cicero a corôa civica; e o povo confirmou o titulo de *pae da patria*, que, no senado, lhe havia dado Catulo, e Catão nos comicios.

Todas as cidades da Italia imitaram o exemplo de Roma: por todas grandes honrarias lhe foram feitas. Capua collocou-se sob sua protecção e mandou erigir-lhe uma estatua dourada. O senado limitou-se a agradecer-lhe o ter elle se desligado de seus antigos amigos.

Cicero, cujo talento, cuja vasta instrucção, cujos serviços, cuja influencia o designavam para ser a primeira e mais imponente figura politica da Republica, não soube assumir e manter esta posição.

A sua vaidade não conhecia limites.

Por toda a parte, em toda occasião, celebrava elle proprio os seus altos feitos.

«Cedant arma togæ, concedat laurea linguæ o' fortunatam natam, me consule, Romam!» exclamava a todo o momento.

No Forum, nos tribunaes, no senado não se fatigava jamais de falar nos serviços, que tinha prestado á patria.

« Todos os dias, (diz Plutarcho) elle repetia os nomes de Catilina, de Lentulo e relembra os acontecimentos de seu consulado » « louvado não sem causa, mas sem fim » na phrase de Seneca.

Esse elogiar constante de sua individualidade cercou-o de uma athmosphera de descontentamento, que de dia em dia tornava-se mais espessa

Por outro lado, Cicero não perdia o habito dos epigrammas, das phrases picantes, das insinuações veladas e offensivas, que lhe creavam inimigos rancorosos.

Ninguem escápava ás suas zombarias, nem os magistrados, nem os mais illustres cidadãos, nem seus melhores amigos.

O numero de seus ditos *espirituosos* era tal, que houve quem os registrasse em grosso volume: entre estes, citava-se Cesar.

Plutarcho (vida de Cicero, Caps. 33, 34, e 35) collecciona uma boa porção d'esses ditos, que não vem de molde reproduzir n'este trabalho. O leitor, que desejar conhecel-os, recorrerá aos capitulos acima citados.

Por causa de seus epigrammas Clodio, que era seu amigo, tornou-se seu inimigo figadal.

D'est'arte, quando uma facção poderosa moveu-lhe guerra, elle achou-se apenas com um pequeno numero

de amigos equivocados: á essa facção reuniram-se os invejosos de seu merito e os inimigos pessoais, creados pelos seus epigrammas.

Até Pompeu, por quem elle tanto havia feito, o abandonou por sua vez.

Clodio, dissemos, era amigo de Cicero, que n'elle encontrou um de seus melhores auxiliares durante o periodo da conjuração de Catilina.

Tendo profanado os mysterios da *Bôa Deusa*, introduzindo-se disfarçado em mulher, em casa de Aurelia, mãe de Cesar, onde se celebravam esses mysterios, com o fim de ver Pompeia esposa do mesmo Cesar, foi descoberto, e as festas suspensas.

O facto causou escandalo em Roma.

O povo clamou contra a devassidão dos nobres, que não respeitavam nem sequer as festas religiosas.

Clodio foi processado por crime de sacrilegio.

Entre muitos, que foram intimados a depor, achava-se Cicero.

O mancebo firmava a sua defeza na allegação de achar-se ausente de Roma no dia, em que taes mysterios se celebravam.

No seu depoimento, Cicero declarou que n'aquelle dia Clodio o procurara em sua casa, e estivera em sua companhia algum tempo.

Clodio, alem dos meios, que empregou para corrom-

per os juizes, fez cercar o tribunal pelo sequito, de que dispunha.

Aquelles, receiando violencias, requisitaram força armada para garantil-os.

Dizia-se que Clodio dispendera com alguns dinheiro ás mãos cheias: fallava-se ainda de outros meios mais infames ».

Jam vero (dii boni! rem perditam!) etiam noctes certarum mulierum atque adolescentulorum nobilium introductiones nonnullis judicibus pro mercedis cumulo fuerunt ». escrevia Cicero a Attico.

Clodio foi absolvido por maioria de cinco votos.

Terminada a sessão, quando os juizes se retiravam, Catulo disse-lhes: « Fizestes muito bem requisitando força: podiam roubar-vos o vosso dinheiro ».

Clodio, orgulhoso pela absolvição, exprobou a Cicero o modo, por que procedera, dizendo-lhe com insolencia:

« Felizmente, os juizes não prestaram attenção, nem deram credito ao teu depoimento ».

Cicero replicou-lhe logo com a sua habitual ironia:

« Ao contrario: houve vinte cinco, que me acreditaram, porque te condemnaram; e trinta que propositalmente não quizeram acreditar, porque só te absolveram depois de terem recebido o teu dinheiro ».

Esta resposta, mais do que o depoimento, transformou Clodio em inimigo figadal de Cicero, e o mancebo jurou

a si mesmo vingar-se cruelmente do que elle suppunha uma ingratição e uma affronta.

XXV.—Clodio, absolvido, tornou-se de dia em dia mais audaz: acompanhado sempre do seu sequito de gladiadores, fazia tremer esses pobres libertos, que enchiam o Forum, representando a magestade do povo romano.

No firme proposito de tirar do grande orador uma desforra estrondosa, o joven patricio passou, por adopção, da classe dos nobres para a dos plebeus com o fim de fazer-se eleger tribuno do povo, e não foi-lhe difficil lograr o intento.

O procedimento de Cesar no seu processo, negando-se a depor, fizera-o dedicado a esse personagem que com Pompeu, de volta de sua expedição, e Crasso formavam o primeiro triumvirato, que dispunha de todas as forças da Republica, com excepção apenas do senado, unico e ultimo apoio de Cicero, que nem siquer soube d'elle aproveitar-se.

Os triumviros desejavam o seu concurso, e afinal contentavam-se com a sua neutralidade, que o garantiria contra os excessos de Clodio: mas Cicero julgou que não lhe era licito prestar o apoio de sua palavra, e nem o assentimento de seu silencio a uma associação, cujos intuitos, em sua consciencia, reprovava, e mais de uma vez atacou o triumvirato, estimulando sempre a opposição de Catão, e não poupando Pompeu

de quem fôra tão decidido partidario, com as suas ironias e sarcasmos.

Os triumviros viam com maus olhos essa attitude de Cicero: podiam ainda chamal-o a si dando-lhe o augurato, que elle tanto desejava, julgaram porém melhor deixal-o entregue a si mesmo.

Sentindo-se politicamente nullificado, Cicero procurou readquirir o credito que lhe escapava, na tribuna judiciaria.

Entre outros clientes, defendeu Archias—o poeta—que fôra seu mestre.

Em virtude da lei—*Papia*—promulgada no anno 689, Gracio, ou Graccho, segundo alguns, accusou Archias de usurpador do titulo e dos direitos de cidadão romano.

O poeta, com effeito, não fôra incluído no recenseamento, como cidadão, e não lhe era possível justificar o seu titulo de cidadão de Heraclia, porque os registros desta cidade se haviam incendiado.

Cicero encarregou-se de sua defeza, e supriu os registros perdidos pelo depoimento dos cidadãos daquela cidade e pelo testemunho de Lucullo demonstrando pelos registros dos pretores que Archias tinha feito as declarações exigidas pela lei, e que, tendo-se procedido ao recenseamento quando o accusado achava-se ausente, a ausencia de seu nome neste recenseamento nada importava para por ella poder-se concluir contra elle.

Archias era de direito cidadão romano ; a defeza porém não se limitou a isto só : Archias era poeta e fôra seu mestre.

Cicero procurou provar que, ainda quando Archias não fosse pela lei cidadão romano, devia sel-o pelo seu grande talento.

Na segunda parte deste discurso encontra-se o magnifico elogio ás letras, até hoje e com razão admirado.

Quinto Cicero, poeta tambem, presidia o tribunal.

Ha quem diga que Cicero elogiou tanto o seu cliente na esperança de que elle compuzesse algum poema, em que celebrasse o seu consulado.

Archias foi absolvido.

N'este, como em todos os seus discursos judiciarios, nota-se a maravilhosa habilidade, com que elle conseguiu attrahir a bôa vontade dos juizes e dispertar a attenção de todos interessando-os na causa : o talento com que sabe ligar as diversas partes da oração, a sua argumentação ora viva e cerrada, ora ampla e calma, conforme as circumstancias.

N'este genero Cicero conservava-se sempre na altura de seu nome. As questões judiciarias, porém, não bastavam para dissipar-lhe os pesares, que lhe iam n'alma.

Cicero refugiou-se no estudo e pensou na gloria litteraria : escreveu em grego *Memorias* de seu consulado, e um poema latino em tres cantos.

Não satisfeito de exaltar o seu consulado, que tornou-se

o assumpto quasi exclusivo de seus discursos e escriptos convidava os seus amigos a fazerem o mesmo.

Archias retribuiu-lhe em versos em seu louvor a defeza, que o orador lhe fizera.

Possidonio e Attico tambem escreveram o seu elogio: este consulado, porém, que era todo o seu orgulho, em breve seria o pretexto para a sua desgraça.

XXVI. Clodio, que era insinuante, eloquente e habil, logo que se viu eleito tribuno, tratou de por em pratica os seus projectos de vingança, preparando, pouco a pouco o terreno.

Protegido por Cesar, foi apoiado igualmente por seus dous collegas: o triumvirato, em troca, encontrou, no joven tribuno, um instrumento docil aos seus designios.

Clodio tratou antes de tudo, de conquistar as sympathias populares, restringindo a auctoridade dos censores, que perderam o direito de degradar senadores e cavalleiros.

Depois conseguiu que a designação das provincias não se fizesse, como d'antes, por meio de sorteio, mas pelo voto dos comicios por tribus.

Assim os dous consules, então em exercicio, ao deixarem as funções tiveram o governo de immensas regiões.

Pisão obteve a Macedonia, a Achaia, a Thessalia e a Beocia.

Gabinio, a Syria, e a maior parte das provincias da Asia.

As hostilidades contra Cicero, iniciadas pelo tribuno Metello, foram completadas por Clodio, cada vez mais audaz pelo apoio de Cesar, cuja influencia crescia de dia em dia, e que acabava de obter o proconsulado das Gallias por cinco annos.

Cicero percebia a borrasca que contra a sua individualidade se preparava, e no intuito de salvaguardar-se, alliciou, comprou, dizem outros, o tribuno Nonio para se oppor ás medidas de seu collega; Clodio porém não hesitou em prometter-lhe que nada tentaria, contra, sua pessoa: Cesar e Pompeu ficaram por garantes d'esse compromisso, sob condição porém de que Cicero, a seu turno, lhes garantisse que Nonio não se opporia, d'aquella data em diante a nenhuma das propostas de Clodio.

O grande orador cahiu no laço armado, e retirou-se para uma de suas casas de campo, affectando, tranquillidade, que realmente não tinha.

N'esse retiro, ralado de tristeza, saudoso do passado, começou a escrever detrahindo de todos aquelles, que outr'ora tanto elogiava, e preparava sob o titulo de *Anecdotas* ou *Historia secreta de seu tempo*, um livro, tão cheio de invectivas contra os seus contemporaneos, que elle proprio julgou não dever então publicar.

Attico, foi talvez o unico de seus amigos, que teve conhecimento d'este trabalho.

Pouco depois, enojado do retiro, voltou á Roma, e conservou-se estranho a politica, pois que só podia representar papeis secundarios, consagrando-se á eloquencia judiciaria.

N'essa epocha conseguiu a absolvição de A. Therms e de L. Flacco.

Clodio, que lograra livrar-se da opposição de seu collega Nonio, propoz e obteve que nas leis apresentadas pelos tribunos fossem dispensados os augurios, com o pensamento reservado de inutilisar esta arma religiosa, de que tantas vezes se servia a politica.

Preparados assim os elementos, Clodio fez passar a lei, que decretava a accusação de qualquer auctoridade, que houvesse condemnado a morte e supliciado cidadãos romanos, sem que a sentença fosse confirmada pelo voto popular.

Podia-se bem dar á essa lei o titulo de lei contra Cicero.

Cesar, entretanto, que nunca procurara abrandar o rancor do tribuno contra o ex-consul, offereceu a Cicero, com o intuito de prendel-o aos seus interesses, meios de defeza contra o furor de Clodio: propoz-lhe, primeiro, fazel-o entrar na commissão, encarregada de distribuir algumas terras da Republica, : depois offereceu-lhe leval-o para as Gallias, como seu logar-tenente.

A ambas as propostas Cicero respondeu por formal recusa. Cesar abandonou-o ao seu destino.

Cicero, que não podia duvidar que a lei de Clodio era feita só e só contra si, vestiu-se de lucto, deixou crescer a barba, e foi a cada um de seus amigos supplicar que o defendessem, e o não deixassem ao desamparo.

O senado, em signal de afflicção, despiu a purpura, até que os consules expressamente lhe ordenassem o contrario.

Dous mil cavalleiros, vestidos de preto, entercediam pelo accusado, escoltados porém pelos sicarios de Clodio, que faziam garbo de insultar o orador humilhado.

Tão desanimado ao primeiro golpe da adversidade, como orgulhoso antes, Cicero não sabia que resolução tomar e solicitava o parecer de todos.

Lucullo aconselhou-lhe a mostrar-se altivo e firme, e a pôr-se á frente dos cavalleiros e cidadãos, que tivessem a peito o bem publico e a esmagar, pela força, os seus adversarios.

Catão e Hortensio recommendavam-lhe a não imitar Catilina, e a ser correcto.

Cicero confiava ainda em Pompeu: encarregou Pisão, seu genro, de ir entender-se com elle.

Pisão apenas obteve uma resposta fria e equívoca.

O orador resolveu ir pessoalmente procural-o em sua propriedade de Alba, onde se achava.

O vencedor dos piratas e de Mithridates, apenas foi informado de que o seu antigo amigo desejava falar-lhe,

ausentou-se, evitando assim a entrevista, que podia crear-lhe difficuldades.

Desanimado, desilludido, Cicero fez ainda uma tentativa, e procurou os consules. Gabinio então tornou-se inflexivel.

Pisão, com ironia, aconselhou-lhe que ainda uma vez, salvasse a Republica, abandonando Roma, evitando a guerra civil.

Diante de taes circumstancias, seu genro e seu amigo Attico foram de parecer que elle se ausentasse por algum tempo, assegurando-lhe Attico, que o povo, em breve cansado dos excessos de Clodio, não tardaria em chamal-o de novo.

Fraqueza ou virtude, Cicero resolveu-se a partir ; mas antes, mandou gravar na base de uma estatua de Minerva, que possuia e era muito venerada por sua familia, a seguinte inscripção—Minerva protectora de Roma—conduziu-a ao capitolio e ali collocou-a.

O orador com este acto pretendia significar, que depois de ter empregado toços os recursos da intelligencia humana para salvar a Republica, a deixava entregue á protecção dos deuses.

Depois d'esta cerimonia religiosa, partiu, acompanhado de alguns amigos, que o seguiram durante dous dias, e o deixaram proseguir a sua viagem para a Sicilia, onde elle contava ser benevolmente acolhido, lembrando-se ainda de sua questura.

XXVII. A ausencia de Cicero facilitou ainda mais o plano de Clodio, que, reunindo a multidão de mercenários, que tinha a seu serviço, fez passar uma lei, fixando o exilio do grande orador a quatrocentas milhas de Roma, e comminando a pena de morte a pessoa que lhe desse abrigo aquem d'esta distancia, ou propuzesse a revogação de seu banimento.

As casas, que possuía Cicero na cidade e no campo, foram saqueadas e demolidas: seus bens postos em leilão.

Honra porém seja feita aos romanos: todos os dias abria-se o leilão, mas não apparecia um só pretendente a esses bens.

Os consules porém tiveram a cynica coragem de dividir entre si os despojos do *pae da patria!*

As columnas de marmore de sua bonita casa do Palatino foram publicamente transportadas para a casa do sogro do consul Pisão, e os ricos ornamentos de sua *villa* de Tusculo para a casa de Gabinio, seu visinho, que fez tambem transplantar as arvores!

E para cumulo de escandalo, no logar de sua casa em Roma, Clodio, no intuito de tornar impossivel a reconstrucção d'ella no futuro, mandou erigir um templo á Liberdade! «*A' Licença*» disse-o depois Cicero.

No meio d'esta orgia social e politica, os consules ordenaram espectaculos e jogos publicos para celebrarem a victoria, com que acabavam de vingar a morte de seus antigos amigos.

Gabinio gabava-se em toda a parte de sua intimidade com Catilina, e Pisão alardeava o seu parentesco com Cethego.

Clodio, em seus furores, não poupava a familia de sua victima: empregou as maiores diligencias para descobrir o filho de Cicero, que apenas tinha seis annos de idade, e com certeza tel-o-hia morto, si os amigos do pae não o houvessem cuidadosamente occultado.

Terencia abrigou-se no templo de Vesta, contando que ninguem ousaria violar aquelle azilo; mas foi d'ali arrancada por ordem do tribuno, que a arrastou aos tribunaes, como culpada de haver subtrahido á cupidez, de seus sequases alguns bens do marido!

Os homens de merito real, ainda quando, no exercicio dos altos cargos politicos, não correspondam á expectativa geral, ou commettam erros e faltas, si souberam zelar as leis da probidade, indispensavel em todos os actos da vida humana, conservam sempre a estima e a consideração publicas.

Só os talentos improbos encontram, ao descer do poder, a indifferença, a reprovação nacional e o desprezo do povo.

Apezar da pena de morte, com que a lei de Clodio, ameaçava os que dessem abrigo ao exilado, áquem das quatrocentas milhas, por ella marcadas, todas as cidades, por onde elle passava, abriam-lhe as portas, e offereciam-lhe guardas, que o escoltavam de umas para outras.

Essas provas de apreço, para qualquer homem, mediocremente forte, serão um poderoso linitivo para a dor moral, que por ventura o torturasse; mas a Cicero, que aliás não era pessoalmente covarde faltava a coragem civica, qualidade indispensavel ao orador politico: mostrava-se por toda parte, abatido, triste, afflicto e desanimado.

«Voltava para Roma os olhos arrasados de lagrimas» dil-o Plutarcho.

Causava dó ouvil-o queixar-se a todo o momento de todos e a todos: seus amigos o haviam trahido: Roma era ingrata, repetia sem interrupção.

As suas cartas, cheias de lamentações deram logar a que se espalhasse, em Roma, que elle perdera a razão:

O exilado evitava o contacto dos homens e até a luz do dia.

Aquelle, que tinha penetrado os mais reconditos arcanos da sciencia, o philosopho illustre, que conhecia todas as seitas e escolas philosophicas, e que lhes havia criticado, com tanta proficiencia os principios expondo com tanta clareza o que ellas continham de bom, ou mau, o sabio, cujos conhecimentos eram universaes, o mais notavel e eminente dos eruditos de seu tempo, ao primeiro sopro da adversidade, esqueceu-se de que duas grandes e difficeis cousas constituem um dever sagrado para o homem politico e podem glorifical-o perante os contemporaneos e a posteridade: crer no bem e confiar n'elle com perseverança:

resignar-se á desgraça, e supportal-a com firmeza, altivo e corajoso.

XXVIII. Tudo aconselhava Cicero a escolher a Sicilia para logar de seu exilio: a sua questura, a sua attitude na accusação de Verres, e as provas de gratidão, que lhe deram os sicilianos em sua edilidade.

Accrescia que contava ali, onde era pretor, com a dedicação de C. Virgilio, que muito, ou quasi tudo lhe devia: a adversidade porém é a pedra de toque da ingratidão.

Ha caracteres, em cuja consciencia pesa a lembrança dos obsequios recebidos.

O seu protegido de outr'ora, o amigo, de que elle tanto esperava, prohibiu-lhe de desembarcar na ilha.

No intuito de dirigir-se para a Grecia, Cicero voltou a Brindes, e na casa de campo de Lenio Flacco encontrou cordial hospitalidade, onde todavia não julgou prudente demorar-se por muito tempo.

Tendo-se embarcado com destino a Dyrrachio, foi obrigado a arribar pelos ventos contrarios.

Reembarcando-se, já proximo o navio d'aquella cidade, foi acochado por violento temporal, seguido de um terremoto, o que, diz Plutarcho, foi pelos adivinhos interpretado como annuncio de ser de pouca duração o seu exilio.

O seu intento era ir ter a Athenas, mas informaram-n'o

de que os restos do partido de Catilina achavam-se dispersos por aquellas paragens.

Em Dyrrachio encontrou elle um acolhimento capaz de mitigar-lhe as penas d'alma e as amarguras do exilio; mas o grande orador tinha o espirito por demais perturbado para apreciar devidamente o que por elle faziam os principaes habitantes d'aquella cidade, que, para consolal-o, depois de haver recorrido a todos os argumentos philosophicos, de que o proprio Cicero fazia ostentação nas discussões scientificas, empregaram até os augures e sonhadores, que vinham garantir-lhe que em breve elle voltaria á grande capital.

O segundo fundador de Roma, sentia-se porém sem forças contra a dor que o lacerava.

Pode-se avaliar do estado de sua alma, pela seguinte carta, que escreveu a Terencia:

« Minha cara Terencia. Os pesares consomem-me. Sou mais desgraçado do que tu, que és tão infeliz; porque alem do nosso infortunio commum, tenho que deplorar minhas proprias faltas. Meu dever era evitar o perigo acceitando uma legação, ou resistir com promptidão e pelas armas, e morrer como homem de coração.

Nada de mais miseravel, de mais vergonhoso, de mais indigno podia haver do que isto... Dia e noite tenho diante dos olhos a tua afflicção... Muitos são inimigos: quasi todos invejosos... Escrevo-te raramente, porque, si em tudo sinto-me desanimado, quando te

escrevo, ou recebo cartas tuas, derramo copiosas lagrimas, e não sei resistir a cousa alguma.

Oh! porque não me prende menos avidamente a vida?... Estou perdido! Ah! Que desolação! Que será de Tulliola? Cuida d'ella, porque... eu perco a razão... Nada mais posso dizer-te. A angustia impede-me de continuar».

Talvez por isto Asinio Pollião (apud Senecam) se expremiu sobre Cicero nos seguintes termos. «Ominium adversorum nilsil, ut dignum viro est, tubil, præter mortem».

A noticia de que os partidarios de Catilina occupavam Athenas e as regiões visinhas, obrigou-o a procurar a Macedonia, onde C. Plancio então era questor.

Este, apenas soube de sua chegada, o procurou e offereceu-lhe hospedagem em sua residencia.

L. Apulêo, governador da provincia, que lhe era tambem afeiçoado, fechou os olhos ao procedimento do questor.

Tuberão, que voltava da Asia, onde sirvira as ordens de Quinto, como logar-tenente, repetiu-lhe que a gente de Catilina não o pouparia.

Elle quiz então deixar Thessalonica e refugiar-se na Asia, mas, de um lado, as instancias de Plancio, e, do outro, as cartas, que lhe escreviam de Roma alguns amigos, deixando entrever que seu exilio pouco duraria, o demoveram d'este intento.

Catão era ainda o unico homem de certa ordem, que ousava protestar contra os excessos de Clodio: o tribuno

desembaraçou-se d'esse importuno obtendo que elle fosse encarregado de executar o decreto, que confiscava para a Republica os bens e os estados do rei de Chypre.

Ha motivo para acreditar-se que Cesar não fôra solidario com o tribuno no exilio de Cicero: comquanto o historiador V. Paterculo seja sempre um apologista excessivo da dynastia cesarea, não nos repugna, attendendo ao genio politico do proconsul das Gallias, acreditar o que elle diz no livro 2.º, cap. 45 de sua *Historia*, que Cesar, ainda nos arrabaldes de Roma, onde se achava grande multidão para assistir a sua partida, respondera aos que lhe perguntavam a sua opinião sobre a lei de Clodio: que elle não podia approvar jamais os actos dos que fizeram suppliciar de modo tão contrario as leis Lentulo e seus cumplices; mas tambem que não lhe parecia justo decretar-se uma lei especial para cousas passadas ha tanto tempo».

A audacia do tribuno já não conhecia limites: os seus proprios protectores viam-se affrontados por elle.

Pompeu sentia-se despeitado, porque Clodio forçara Lucio Flacco a entregar-lhe o joven Tigrano fazendo com que elle voltasse para a Armenia, onde só serviria para excitar desordens, e, pois pensou em tirar uma desforra do temível demagogo; mas não querendo dar passo algum sem accôrdo de Cesar, escreveu-lhe sobre o assumpto.

A resposta demorou-se. Elle, entretanto, ao passo que

mandava ás Gallias o tribuno Sextio entender-se pessoalmente com o proconsul, fez com que o tribuno Ninnio propusesse no senado a revogação da lei de Clodio.

O Senado applaudiu a proposta, a que porém oppoz-se o tribuno Elio Ligo: por grande maioria resolveu-se então que seria suspensa a discussão sobre todo e qualquer assumpto, emquanto não se resolvesse a proposta Ninnio.

Dentro em pouco voltou Sextio com a resposta de Cesar concordando com a volta de Cicero, e estabelecendo as condições e o modo por que tudo se deveria fazer, o que ainda demorou algum tempo a solução do negocio.

XXIX. As noticias d'esses passos chegaram ao exilado; por ellas, e porque Pisão, seu inimigo pessoal, vinha tomar conta do governo de Macedonia, Cicero retirou-se logo de Tessalonica, e voltou a Dyrrachio, bem que assim infringisse as disposições da lei de Clodio.

Este, que já tinha contra si Pompeu, atacou por sua vez Gabinio, e ao proprio Cesar, pois que antes de terminar as suas funções, propoz que o senado cassasse todos os actos do proconsul, declarando que, por tal preço, não só concordaria na volta de Cicero, mas até iria receber-o e carregal-o-hia aos hombros.

A sua proposta foi repellida e o seu odio ao exilado recrudescceu.

Os dez tribunos, eleitos para o anno seguinte (696)

tinham-se comprometido solemnemente a defender a causa de Cicero.

Clodio conseguiu corromper dous, C. Allilio Serrano e Numicio Q. Graccho.

Todos os magistrados, menos o pretor Appio, entressavam-se pela volta de Cicero.

Dos consules designados, Pub. Corn. Lentulo era seu amigo particular, e Q. Metello, bem que outr'ora associado a Clodio, concordava sempre com o que Pompeu e Cesar queriam.

No primeiro de Janeiro do anno acima dito, depois do cerimonial da inauguração, o primeiro acto consular de Lentulo foi a proposta de um decreto, revogando o banimento de Cicero.

Pub. Cotta, convidado a emittir sua opinião, antes de todos, proferiu extenso discurso, em que salientou as nullidades da lei Clodia, exaltou os merecimentos do exilado e concluiu dizendo que não sómente Cicero devia ser chamado á Roma, como ainda que ao senado cumpria conferir-lhe novas distincções.

Fallou tambem Pompeu, que accrescentou que o projecto apenas, fosse approvedo no senado, devia ser confirmado no suffragio popular.

Quando se tratou de lavrar o decreto, o tribuno Serrano, requereu adiamento por vinte e quatro horas.

Nem o seu sogro Oppio, que prostrou-se-lhe aos pés, conseguiu demovel-o de seu proposito.

O mais que d'elle se poudo obter foi a promessa de que no dia seguinte não os embaraçaria; mas, contra a expectativa geral, na sessão immediata, manteve a mesma attitude, oppondo-se abertamente a que se lavrasse o decreto.

Para explicar a falta de palavra de tribuno dizia-se que na noite anterior Clodio dera-lhe quantia igual a que já havia recebido, quando o alliciou a seu grupo.

O senado, animado pelo apoio dos triumviros, saltou por cima d'este obstaculo, e resolveu que a lei seria submetida ao povo no dia 22 do mesmo mez.

N'esse dia, antes de amanhecer, Fabricio um dos tribunos, amigo de Cicero, escoltado por numerosos guardas, dirigiu-se ao *Forum* para assenhorar-se dos Rostros, antes de todos; Clodio porém o havia antecedido, e occupava as entradas da praça com os seus gladiadores armados, cujo numero augmentou.

Fabricio foi atacado e repellido, morrendo muitos de sua escolta.

Outro tribuno, Cispio, que veio em seu auxilio, teve ainda peor sorte: com este achava-se Quinto Cicero, que só conseguiu salvar-se, graças a escuridão, que ainda reinava, e porque deixara-se cahir entre os cadaveres, que alastravam a arena da lucta.

Um terceiro tribuno, Sextio foi deixado por morto no campo do combate.

Clodio, receiando que esta morte podia perdê-lo, tomou

a damnada resolução de matar tambem o tribuno Numicio que era dos seus, afim de que entre os dous grupos, ficasse um homicidio por outro, mas Numicio Graccho, informado a tempo d'esse plano infernal, fugiu de Roma, disfarçado em arrieiro.

Senhor da praça, Clodio mandou incendiar o templo das nymphas, onde se guardavam os registros publicos, que foram devorados pelas chammas: depois, de espada nua, á frente do seu sequito, invadiu a casa do tribuno Milão e do pretor Cecilio; mas em ambas estas tentativas, foi repellido.

Milão, que não era menos disposto, do que Clodio, e ao qual se negava o direito de chamar o seu inimigo aos tribunaes, desde aquelle dia resolveu oppôr a força á força e comprou a Catão, que tanto blaterava contra o emprego dos gladiadores, e por preço elevado, um crescido numero de escravos, aos quaes elle tinha mandado ensinar o officio!

Não nos surprehende isto. Os *Catões*, em todos os paizes, teem grandes falhas.

O de Roma dava dinheiro a premio de 4 a 5 por cento ao mez, e emprestava a mulher a um de seus amigos para recebel-a, decorridos alguns annos, depois de ter filhos d'esse amigo e achar-se rica pelas suas liberalidades.

Ha todavia criticos que affirmam ser falsa esta versão, que se lê em Plutarcho; mas o erudito Ruauld, na vigesima quinta de suas—*Observações sobre os criticos de*

Plutarcho, — demonstra que estes é que se enganam, negando o facto, que se deu com Hortensio.

A' frente dos gladiadores comprados a Catão, Milão muitas vezes mediu-se com Clodio, nas ruas de Roma.

XXX. O tribuno, abandonado pelos dous collegas, que havia corrompido, não teve mais meio de embaraçar o senado, que lavrou afinal o decreto; alem de agradecimentos á todas ás cidades e povoações, que acolheram Cicero, votou-se tambem que suas propriedades seriam reconstruidas a custa do Estado.

Os consules foram encarregados de convidar, para virem a Roma, todos os cidadãos, que desejassem concorrer para a volta do exilado.

Com esse convite, enorme multidão veio a cidade.

O senado resolveu que se dessem espectaculos publicos para honrar os que tinham accedido ao convite dos consules: Pompeu, que então se achava em Capua, declarou que desejava presidir a esses comicios exceptionaes.

Clodio tentou ainda lutar, e com os seus sequases simulou uma assembléa popular no Forum, presidida por elle, que resolveu a rejeição do decreto do senado.

Ninguem deu porém importancia á esta farça: entretanto, deccorreram ainda mezes, sem que o povo pudesse regularmente, reunir-se, tal era a desordem, que lavrava: finalmente, a 4 de Agosto, a assembléa popular constituia-se.

Clodio appareceu com o seu sequito armado; mas em

frente encontrou Milão commandando os gladiadores, comprados a Catão: não ousou pois empregar a força: tentou falar contra a lei, mas as vaías populares abafaram-lhe a voz: enfim o projecto do senado foi approved pelas centurias, no meio das acclamações das massas.

Cicero não esperou que o decreto senatorial fosse submettido á sanção popular para voltar a Italia.

No mesmo dia, em que se reunia, em Roma, a assembléa do povo (4 de Agosto) embarcou-se, e, na manhan seguinte chegou a Brindes, onde já encontrou a filha, que o esperava.

A' proporção que se espalhava a noticia de sua volta á Roma, o poyo affluia ás estradas por onde elle tinha de passar.

«De Brindes a Roma, dizia elle mesmo, o caminho parecia uma rua enorme: posso gabar-me de ter sido reconduzido nos braços de Italia inteira».

Na porta Capena esperou-o o senado, a ordem equestre, e uma enorme multidão de plebeus.

Depois de dezeseite mezes de ausencia o grande orador era recebido em triumpho pelos seus concidadãos, que o acclamavam entusiasticamente.

As ruas por onde elle passou, regorgitavam de povo.

Os templos, as collinas, as janellas e até os tectos das casas estavam atonetados de espectadores.

Acompanhado d'essa multidão dirigiu-se elle ao Capitolio, onde já se achavam outros cidadãos.

Novas e estrepitosas acclamações. Do Capitolio o povo acompanhou-o, em massa, até a casa de seu irmão, que lhe deu hospedagem. Cicero dizia depois: «Póde haver até quem diga que desejei a desgraça, que me feriu para ter tão gloriosa volta».

No dia seguinte compareceu ao senado, e agradeceu aos senadores o que por elle tinham feito.

No terceiro dia falou ao povo: estes dous discursos, bem que não desmereçam do orador, todavia não merecem menção especial. Clodio continuou em seus manejos.

A multidão, que se agglomerou em Roma para a recepção de Cicero, produziu, como era natural, a elevação do preço dos viveres.

Clodio reuniu, uma noute, o seu sequito, e percorreu as ruas da cidade pedindo pão em voz lamentavel, e attribuindo a Cicero a miseria, que soffriam.

O senado ia reunir-se no templo da Concordia. Clodio para ali se dirigia á frente de seus gladiadores, quando, em caminho, encontrou o consul Metello a quem atacou furiosamente: o consul, para escapar a tão inesperada aggressão, refugiou-se no Capitolio, para onde convocou immediatamente a sessão.

Clodio levou a audacia a assaltar tambem o Capitolio; mas o consul havia tomado já as precisas providencias, cercado-se de força respeitavel. O tribuno e o seu grupo foram repellidos.

Durante este tumulto, Cicero conservou-se em casa, e

só compareceu á sessão, quando soube que tudo estava apasiguado : então, subindo a tribuna e exagerando com certeza a carestia dos viveres, já com o fim de ser agradável a Pompeu, já com o de parecer interessado pela sorte do povo, que tão bem o acolhera, propoz que a cargo desse eminente cidadão ficasse o abastecimento da cidade, conferindo-se-lhe poderes illimitados sobre todos os celleiros do Estado, durante seis annos, e a faculdade de escolher quinze commissarios, ou legares-tenentes que o auxiliassem.

Approvada a proposta, o primeiro por Pompeu escolhido foi Cicero, que acceitou a nomeação ; mas, dentro em pouco, pediu dispensa d'essa commissão, porque os seus negocios particulares não lhe permittiam abandonar a capital. Quinto Cicero foi nomeado para substituil-o. Cicero, com effeito, ia encontrando difficuldades para entrar na posse de seus bens.

XXXI. Clodio, erguendo o templo da Liberdade no logar da melhor de suas casas, a tinha definitivamente alienado.

Ao collegio dos pontifices competia dizer sobre o assumpto Cicero pleiteiou em pessoa a sua causa.

Pompeu o auxiliou efficazmente : o parecer do collegio foi-lhe favoravel.

Um senatus-consultus, que debalde Clodio tentou impugnar, falando tres horas, deu força de lei á decisão dos pontifices.

Os consules deram ordem para que a reconstrucção começasse.

Pompeu, ainda no intuito de retribuir ao orador a distincção, que por proposta d'elle, merecera, conseguira que o senado decretasse a somma de sestercios para a reconstrucção da casa do Palatino, quinhentos mil para a de Tusculo, e duzentos e cincoenta mil para a de Formias.

Não é facil reduzir a moeda nossa taes quantias, porque infelizmente ninguem sabe o valor do nosso papel em circulação.

Em moeda franceza, esta somma elevar-se-hia a 550:000 francos.

D'este modo, os entendidos em cambio poderão reduzir-a á moeda nossa na occasião, em que lerem este trabalho.

Cicero affirmava que taes quantias estavam muito áquem do valor real do que havia perdido, e citava, em apoio de sua asserção, a opinião dos competentes.

Cicero, jurisconsulto e philosopho, esquecendo-se do que devia ao nome, que tinha, e da posição, que os acontecimentos lhe impunham, tomado de despeito, que não cabe ao sabio, dirigiu-se um dia, estando Clodio ausente de Roma, ao Capitolio, acompanhado de amigos e clientes, e d'ali arrancou as taboas, ou laminas de cobre, em que estavam gravados os actos do tribunato de seu inimigo, e mandou inutilisal-as.

Clodio reclamou perante o senado contra esse feito audacioso.

Cicero respondeu-lhe com violencia, dizendo que Clodio, patricio, só com infracção manifesta das leis, havia sido eleito tribuno, e que por tanto, os actos de seu tribunato não eram legaes.

Catão, que Clodio mandara a Chypre na commissão de que já falamos, interveio na discussão, desapprovando, sem reserva, o procedimento de Cicero, e declarando que, apesar de não lhe merecerem approvação muitos dos actos do tribuno, o senado não podia, sem injustiça e manifesto abuso de poder, annullal-os.

D'esta discussão sómente resultou o esfriamento das relações de amizade, que havia entre Catão e Cicero.

Prestes já a concluir-se a reconstrucção da casa do Palatino, Clodio, á frente de seus sequazes armados, atacou os pedreiros e trabalhadores, afugentou-os e demoliu-a de novo.

Dahi dirigiram-se á casa de Quinto, onde ainda residia Cicero. Os dous irmãos só escaparam ao furor dos assaltantes, fugindo.

Clodio, candidato á edilidade, irritava-se com o frequente adiamento das eleições, e percorria com o seu sequito armado as ruas da cidade, ameaçando levar tudo a ferro e fogo.

Em uma de suas correrias encontrou Cicero na rua *Sacra* e atacou-o á espada. Cicero com difficuldade conseguiu abrigar-se em uma casa, onde dentro em pouco

viu-se cercado de amigos e clientes, que fizeram retirar os scelerados.

O senado reuniu-se para deliberar sobre os meios de pôr cobro a taes excessos : os alvitres os mais rigorosos foram propostos, mas não adoptados, graças aos manejos de Clodio. Milão não poude chamal-o-aos tribunaes.

O senado reuniu-se ainda uma vez para resolver sobre o assumpto. Cicero denunciou novos excessos de Clodio : este compareceu á testa de seu bando, e dispersou os senadores.

Milão, que contava com o apoio de Pompeu e de Cicero, resolveu, desde então, não escolher os meios de desfazer-se de seu inimigo, «victima, na phrase do orador, destinada a desaparecer pela espada de seu rival.»

XXXII. A questão do Egypto estava na ordem do dia. Ptolomeu Aulete, expellido do throno por seus subditos, viera a Roma impetrar a intervenção da Republica para a sua reposiçãc.

Lentulo, cujo consulado estava a expirar, e a quem já tinha sido designado o governo da Cilicia, desejava ser encarregado d'essa commissão.

Cicero comprometteu-se a apoial-o no senado ; mas encontrou em um dos tribunos uma opposição decidida.

Lentulo, partindo para o seu governo, pediu a Cicero que não deixasse de renovar a questão.

No começo do anno seguinte (697) Cicero voltou á carga, mas encontrou ainda a opposição do mesmo tribuno.

Decidiu -se que não se empregaria exercito algum romano para repor Ptolomeu, mas que se mandaria um representante da Republica auxiliá-lo com a sua auctoridade moral, correndo por conta do rei destronado a tarefa de reconquistar a corôa. Cicero falou ainda, indicando Lentulo.

Pompeu tinha tambem partidarios no senado: adiou-se a nomeação do representante: mais tarde, tratou-se do mesmo assumpto.

Pompeu, aconselhado por Cicero, desistiu de sua pretensão e concordou que Lentulo fosse d'ella encarregado: este, a seu turno, a renunciou: Gabinio foi nomeado, e n'ella se arruinou, quando todos estavam convencidos de que era commissão para elle enriquecer.

A eleição dos edis afinal teve logar e Clodio foi eleito. Esta posição dava-lhe vantagens decisivas sobre Milão, e o libertava do temor de um processo.

Aproveitando-se d'ella, accusou Milão do mesmo crime, pelo qual este o havia perseguido.

Acompanhado por Pompeu, Crasso e Cicero, Milão apresentou-se perante os juizes: a primeira audiência correu placida: na segunda, porém, apenas Pompeu começou a falar, a gente de Clodio rompeu n'uma vozeria infernal.

Pompeu esperou que o silencio se restabelecesse, e proseguiu o seu discurso. Clodio ergueu-se para responder.

A gente de Pompeu fez ainda maior tumulto, de modo que aquelle não poudo falar: então recorreu á força.

A lucta entre os dous grupos foi sangrenta. Cicero, apenas a refrega se travou, retirou-se para a casa. Os Clodianos foram levados de rôjo pelos Pompeianos.

O senado, logo que soube do occorrido, reuniu-se. Pompeu soffreu ali grave censura. Cicero não compareceu á sessão.

Sempre tímido e sem orientação segura, receiava desagradar a Pompeu, não tomando o seu partido, e irritar o senado, si o defendesse.

Pompeu, vendo-se por sua vez ameaçado em sua segurança pessoal, e sentindo que a sua popularidade, de dia em dia, decrescia, foi ter com Cicero, e entre ambos formou-se uma especie de alliança offensiva e defensiva.

Cada um d'elles tratou de reunir na cidade os amigos e clientes, que tinham nos diversos pontos da Italia.

Clodio por seu lado, procedeu do mesmo modo; mas, na audiencia, que se seguiu depois d'aquella, reconhecendo que se achava inferior em força, nada fez. Duas audiencias mais tiveram logar. A decisão do processo foi adiada, e não mais tratou-se d'aquelle assumpto.

Cicero sentia-se cada vez mais embaraçado no senado, onde os ataques a Pompeu eram frequentes, e as vezes attingiam a Cesar.

Como estava em sua indole não soube assumir uma posição clara e definida.

Adoptou o peor dos alvitres, abstendo-se systematicamente de comparecer ás sessões e consagrando toda a

sua actividade á tribuna judiciária; mas n'esta mesma teve de supportar humilhações.

Os seus compromissos com Pompeu obrigaram-n'o a tomar defezas, que lhe repugnavam, e ás quaes, de motu proprio jamais prestaria o apoio de sua palavra eloquente, entre outras, a de L. Bestia, seu inimigo pessoal, e um dos cúmplices de Catilina.

O grande orador, em epochas differentes, viu-se na triste necessidade de defendel-o seis vezes.

Felizmente para o notavel orador, apresentou-se uma causa digna de seu talento e da sua reputação.

Clodio accusou Sextio, o tribuno ferido no Forum no tumulto, que ali se dera por occasião da revogação do exilio de Cicero, como incurso nas penas da lei—*Devi, de magestate*—que privava d'agua e de fogo os que tivessem practicado actos de violencia ou crime contra o Estado. Cicero encarregou-se da defeza de Sextio.

O seu discurso n'essa causa é um dos melhores, que conhecemos.

N'elle encontra-se a magnifica descripção dos passos, que o senado deu em seu favor, quando exilado, e da recepção triumphal, que elle teve em toda a Italia e em Roma, na sua volta. Vatinio era uma das testemunhas da accusação.

O orador, em vez de questional-o sobre os factos constantes dos autos, acabrunha-o de interrogações sobre circumstancias vergonhosas desua vida publica e privada.

Esta parte de seu discurso ainda hoje é conhecida pelo titulo de *interrogatio*, que o orador deu-lhe. A veia mordaz de Cicero talvez jamais se manifestasse com maior brilho. P. Sextio foi absolvido, e Vatinio cruelmente vaiado.

XXXIII. Ao passo que chegavam a Roma noticias das victorias de Cesar, na Gallia, o proconsul pedia dinheiro, a prorrogação de seus poderes por mais cinco annos, com a faculdade de crear mais dez logares-tenentes.

Á alguns pareceram excessivas taes pretensões; mas Cicero tomou a peito sustental-as, e todas foram attendidas.

Tendo assumido tal attitude, Cicero, porém, lembrou-se de propor a revisão do acto de Cesar, que determinava a compra e a distribuição de terras, na Campania, allegando a impossibilidade, em que se achava o thesouro de realisar essa compra por falta de numerario, e a carestia dos viveres, que inquietava a cidade, carestia, que aconselhava ou antes, exigia que, na compra de trigo, se empregassem as quantias, de que o Estado pudesse dispor ainda.

Esta proposta, que no fundo era um ataque aos triumviros, mereceu o melhor acolhimento da parte dos que desejavam vêr roto o accôrdo, em que elle vivia com Pompeu: mas as suas relações continuaram no mesmo pé, e nem por isto deixaram de jantar juntos todos os dias, como tinham por costume; Cesar, porém, veio a Luccas,

onde Pompeu foi visital-o, encontrando-o muito contrariado com o procedimento de Cicero.

Pompeu mandou-lhe immediatamente um positivo communicando-lhe tudo e aconselhando-lhe que mudasse de rumo. Seu irmão Quinto tambem lhe escreveu apontando-lhe os perigos a que se expunha.

Cicero cedeu, e tratou de ausentar-se, sob o pretexto de visitar as suas propriedades ruraes, e fiscalisar as obras que nella se estavam fazendo, e que, felizmente, já Clodio não ousava embaraçar. Só a sua biblioteca da *villa* de Ancio, restaurada, havia pouco, era tão consideravel, que, apesar dos extravios de livros, que soffrera, Attico mandou-lhe dous bibliothecarios para auxiliar os seus e por em ordem os volumes.

A sua vida domestica tambem não corria feliz.

Em sua companhia estava a familia de Quinto, cujo filho aprendia com o seu, sob a direcção de Tyrannião, rethor grego de nomeada, que fôra mestre de Strabão. Terencia e sua cunhada não se podiam entender. Era raro que não disputassem entre si, ou com o pobre Cicero, que via-se, de mais a mais, obrigado a representar o papel de pacificador nas rixas dessas mulheres.

N'esse tempo, dizem alguns, compoz elle um poema, que intitolou—*Minhas desgraças*—; com o intuito, talvez, de dissipar a má vontade de Cesar á sua pessoa, compoz tambem outro poema, cujo heróe era o proconsul, que elle elevou ás nuvens em seus versos.

Falando d'este poema, elle confessa que sentiu uma tal ou qual vergonha por ter, tão depressa, mudado de linguagem. « Mas, accrescenta, todos esses grandes sentimentos de firmeza politica, essas maximas austeras, essa probidade inquebrantavel, não são mais para os tempos que correm.

Já é muito soffrer os invejosos, e como elles não nos dão quartel, cumpre que procuremos alem amizades mais solidas, e protecções mais poderosas. » Foi nesse tempo, que Cicero dirigiu á Luceio, já vantajosamente conhecido pela *Historia* da guerra italica e das *Campanhas de Mario*, essa famosa carta, tantas vezes citada como prova de sua excessiva vaidade, pedindo áquelle escriptor, que escrevesse tambem a historia de sua vida.

Luceio satisfez o seu pedido; mas nada resta de seu trabalho, nem tão pouco das *Memorias*, que elle lhe confiou.

XXXIV.—Em sua volta á Roma, Cicero tomou a si duas causas importantes: a de Corn. Balbo, hespanhol, natural de Cadix, a quem contestavam-se os direitos de cidadão romano, que lhe havia outhorgado Pompeu, e a de M. Cælio, accusado de seis crimes diversos, entre os quaes o de tentativa de envenenamento sobre Clodia, irman de Clodio, a qual fôra sua amante.

Balbo viu os seus direitos reconhecidos: Cælio foi absolvido de todos os crimes, que lhe eram imputados. Ambos conservaram sempre estreitas relações de amizade

com o seu defensor: o primeiro, reconhecido ao obsequio recebido, e amigo particular de Cesar, muito concorreu para que Cicero, mais tarde, readquirisse as boas graças do proconsul já senhor dos destinos da Republica: O segundo entreteve sempre com elle frequente correspondencia epistolar.

Na collecção das cartas de Cicero, encontram-se muitas dirigidas a Cœlio.

No senado formou-se um grupo numeroso, cujos esforços tendiam a privar Cezar do proconsulado das Gallias. Cicero combateu-o de frente, e conseguiu não só que a assembléa não mais cogitasse d'este assumpto, como ainda que, dos respectivos governos, fossem demittidos Gabinio e Pisão, inimigos seus.

Este ultimo, chegando a Roma, queixou-se amargamente, no senado, da injustiça, de que fôra victima, por suggestão de Cicero, que o fulminou com a diatribe violenta, conhecida por discurso *contra Pisão*, diatribe de tal ordem, que ao lê-la, o leitor pergunta a si mesmo como no senado romano se diziam e se ouviam injurias tão repugnantes, incompatíveis com o decoro d'aquella assembléa, do qual aliás tão frequentemente falam os escriptores latinos.

De accôrdo com Cezar, violando as formulas legaes, Crasso e Pompeu fizeram-se consules para o anno seguinte, (698) e, de posse do poder, escolheram, a seu gosto, as provincias.

214

Pompeu ficou com a Hespanha, e fel-a administrar por seus prepostos, permanecendo em Roma. Crasso, contando adquirir ainda mais avultada riqueza, depois de reconciliar-se com Cicero, até então seu inimigo, partiu para a Syria.

Cicero não approvava estes abusos e usurpações; mas, sentindo que não tinha mais o direito de profligal-as, retirou-se para uma de suas casas de campo, proxima de Baias. Sua correspondencia, nessa epocha, revela o estado de seu espirito.

Assim escrevia elle a Attico :

« Tu não tens compromisso algum: o jugo, que supportas, te é commum com todos os cidadãos; mas eu, cujo zelo pelo bem do Estado, é tratado de loucura, cujas menores condescendencias são consideradas vergonhosa servidão, cujo silencio reputa-se cobardia, ou traição, qual não deve ser a afflicção e a dor de minh'alma! ?

Si ao menos me fosse licito retirar-me á vida privada e gosar de paz! mas não, eu já não sou senhor de mim mesmo! Forçoso me é resignar-me ao papel de subalterno! Eu, que fui outr'ora chefe do Estado!. . . »

Pompeu o procurou em seu retiro, e teve com elle longas conferencias; Cicero, porém, dá a perceber que não confiava muito em sua sinceridade.

Cesar, que bem conhecia o character do grande orador, tocou-lhe na corda sensivel, entretendo com elle activa correspondencia epistolar.

Escrevia-lhe com frequencia, do campo de batalha, antes, ou depois de suas victorias, communicando-lhe tudo quanto se passava nas Gallias.

A Quinto, que o acompanhava como logar-tenente, manifestava particular affeição e o tratava com muita distincção. Cicero attribuia isto a si. Cesar dizia em suas cartas que o não poupasse, e sempre que Cicero recommen-dava-lhe algum de seus protegidos, este tinha certeza de que o proconsul o serviria de boa vontade.

Um dia, Cicero escreveu-lhe apresentando-lhe um de seus amigos. Cesar acolheu-o muito bem, e respondeu: «Descança, que farei de teu recommendado, quando nada, rei da Gallia».

Assim lisongeadado em sua vaidade, nada mais natural do que n'essa epocha não occultar elle a preferencia, que dava a Cesar sobre Pompeu.

Por esse tempo escreveu Cicero os tres dialogos do Orador, e uma obra de Direito civil, que se perdeu: entretanto, nunca os seus trabalhos de advogado lhe absorveram tanto os dias.

Alem dos clientes ordinarios, elle mantinha, sob seu patrocínio, provincias, colonias, cidades e villas, que constantemente reclamavam a sua intervenção, e cujos interesses teve de propugnar da tribuna: assim defendeu, no senado, a liberdade dos Tenedianos, e, perante dez commissarios, designados juizes, a causa dos habitantes de Reate.

N'esse anno encarregou-se tambem da defeza de Cn. Plancio, que, durante seu exilio, tão cordialmente o havia acolhido, na Macedonia.

O discurso é extenso, trabalhado cuidadosamente no gabinete, e, como todas as suas orações judicarias, notavel, quer na questão de direito, quer dos factos. A peroração é tocante e digna da reputação do orador.

XXXV. Gabinio, que, no seu consulado, recebera tão mal a Cicero, quando procuraranos primeiros magistrados da Republica apoio contra as perseguições de Clodio, voltando a Roma, viu-se sob o peso de tres accusações, ao mesmo tempo.

Cicero, julgando-se livre de compromissos n'estas causas, encarregou-se de accusal-o: elle já havia proferido um discurso no senado contra Gabinio; quando Pompeu interveio e rogou-lhe tomasse a si a defeza do accusado.

Cicero hesitou; não tardou, porém, muito que recebesse carta de Cesar, pedindo-lhe o mesmo favor: sem forças para resistir, eil-o defensor de Gabinio, cuja absolvição todavia não pode obter.

Catão, que presidiu o julgamento, foi inflexivel. Nem era esta a unica humilhação reservada ao orador, que viu-se tambem obrigado a defender Rabirio Posthumo, cumplice de Aulete Gabinio.

Quando um homem politico, como Cicero, fraqueia ao ponto de não poder oppor-se e resistir aos *amigos*, que, acima de tudo, collocam o interesse proprio, fatalmente

descerá no conceito dos concidadãos e soffrerá grandes e profundos desgostos : assim succedeu.

Apoz Gabinio e Posthumo, levaram-n'o a defender homens da ordem de Cispio, de Can. Gallo, de Messio : emfim de Druso, accusado de ter trahido uma causa, de que se encarregara : de M. Emilio Scauro, que devastara e pilhara a Sardenha e até de Vatínio, duas vezes.

Os seus inimigos, em face de taes desasos e fraquezas, não o poupavam, e os seus proprios amigos lastimavam que elle puzesse a serviço de entidades, tão desconceituadas, a sua palavra eloquente e auctorisada; mas pelas suas cartas reconhece-se que ninguem deplorava mais, do que elle mesmo, o papel que representava : « Já não tenho liberdade nem em minhas affeições, nem em meus odios : não respeitam a minha independencia ! Feliz Catão ! de quem não ousam exigir uma baixeza ! »

No fim d'esse mesmo anno (699) Cicero se compromettera com Pompeu a servir de logar-tenente seu na Hespanha mas Cesar pediu-lhe que ficasse, afim de dirigir com Oppio a construcção do magnifico monumento, que, com o dinheiro das Gallias, mandara erigir em Roma. Como resistir a um pedido do proconsul ? Cicero ficou, e, entregue a esta tarefa, escrevia a Attico : « Estamos empregados em uma obra bem gloriosa ! » É licito suppor que havia n'estas palavras uma ironia pungente.

A anarchia, em Roma, estava em seu auge. Os bandos

de Clodio e de Milão batiam-se nas ruas. A segurança individual havia desaparecido.

A eleição dos consules, em consequencia d'este estado anormal, foi repetidas vezes adiada. Houve um interregno de seis mezes.

Dizia-se que era indispensavel a nomeação de um dictador, e falava-se no nome de Pompeu.

Cicero concordava com a medida, a que Catão energicamente se oppunha.

Julia, filha de Cesar e mulher de Pompeu, elo principal que os unia, já não existia.

Crasso perecera combatendo os Parthos. Pompeu não contava mais com o apoio do proconsul: forçoso, pois, lhe foi renunciar a esperanza de ser dictador.

Com Crasso morrera tambem seu filho, que deixava uma vaga no collegio dos pontífices: esse cargo era muito ambicionado, porque d'elle decorriam regalias e privilegios perpetuos. Cicero apresentou-se candidato e foi unanimemente eleito.

Milão a frente de seus gladiadores, dirigia-se para uma de suas propriedades, quando, em caminho, encontrou Clodio, tambem á frente de seu bando armado.

Como era de esperar, a lucta travou-se entre es dous grupos. Clodio foi morto na refrega.

Ao chegar a cidade o cadaver do assassinado, a população revoltou-se, e saqueiou a curia para alimentar a fogueira,

em que foi queimado o cadaver, e depois atacou a casa de Milão, que, com a sua malta, a repelliu.

Prevendo o que succederia, Milão libertou immediatamente os escravos, que o acompanhavam na occasião.

Citado perante os tribunaes, intimaram-lhe a entrega desses escravos, para serem submettidos á tortura; praxe então usada com o fim de obter-se a confissão dos crimes.

Milão respondeu que os havia libertado e que homens livres não podiam ser torturados.

Cicero poz-se em campo em defeza do accusado, do qual Pompeu pouco se preocupou, satisfeitissimo aliás de ter-se visto livre de Clodio.

Esta causa, que occupou os tres primeiros mezes do anno, assumiu proporções extraordinarias, despertou a animosidade das facções, e foi, para a gente de Clodio, animada e protegida pelos tribunos, motivo para novas violencias.

A eleição dos consules tornou-se impossivel. Dous mezes se passaram sem que o Estado tivesse magistrados.

Surgiu ainda a proposta de nomzar Pompeu dictador.

O senado, para não chegar a esta extremidade, nomeou-o consul unico, confiando-lhe e a Lepido o encargo de velar pela segurança da cidade, durante o curso do processo de Milão.

Que se podia esperar de uma Republica, em que a sua primeira corporação legislativa e administrativa, o senado,

era o primeiro a dar o exemplo de desrespeito ás leis e ás practicas estabelecidas?

Era a primeira vez, desde a fundação da Republica, que se via um consul unico, e de nomeação do senado!

O partido dos nobres, melhor do que o proprio Cezar, preparava o terreno para entregar a Republica a um senhor.

XXXVI. O processo de Milão correu sempre com o maior apparato, e acompanhado de enorme multidão. Tres eram os accusadores: Cicero, o unico patrono do accusado. Transcrevemos o cap. 46 de Plutarcho:

« O senado, temendo que o perigo em que se achava um homem da reputação e da coragem de Milão, causasse alguma perturbação, encarregou Pompeu de presidir a este julgamento, assim como a todo o processo, e de manter a segurança na cidade e nos tribunaes. Pompeu, antes de amanhecer, guarneceu toda a praça de força armada: Milão, receiando que Cicero se perturbasse com este espectáculo, a que não estava acostumado, e não pudesse desenvolver todos os recursos de sua eloquencia, persuadio-o a vir de liteira, até a praça, conservando-se n'ella enquanto os juizes não tomassem assento e constituissem o tribunal; naturalmente timido, quer na guerra quer na tribuna, Cicero jamais se apresentava para pleitear, sem apresentar temor; e posto que a longa pratica tivesse fortificado e aperfeiçoado sua eloquencia, todavia tremia e tinha calafrios.

Por occasião de defender Lic Murena, accusado por

Catão, no empenho de exceder a Hortensio, que conseguira o maior triumpho, quando falou, antes de todos, pelo accusado, Cicero passou a noite inteira a trabalhar o seu discurso, e esse trabalho forçado e essa longa vigilia o fatigaram de tal modo, que elle não correspondeu a si mesmo.

No dia, em que defendeu Milão, quando, ao sahir da liteira, viu Pompeu assentado no alto da praça, cercado de soldados, cujas armas reluziam, perturbou-se de forma, que todo o corpo começou a tremer-lhe, e só com difficuldade e com voz entrecortada, começou o seu discurso; ao passo que Milão assistia a tudo mostrando-se tranquillo e firme: o accusado nem sequer deixou crescer os cabellos, e tomou vestes de dó: o que muito contribuiu para a sua condemnação; mas em Cicero, esse terror era devido menos á sua temidez, do que á sua affeição por seus clientes ».

Completemos a narração de Plutarcho com algumas circumstancias, que elle omittiu. Não foi sómente o aspecto do Forum, transformado em praça d'armas, que desconcertou o orador.

Os accusadores foram ouvidos em silencio; mas quando lhe tocou a vez de falar, a gente de Clodio fez um tumulto tal, que elle perdeu inteiramente a memoria do trabalho, que havia preparado.

Não obstante, elle ainda occupou a tribuna por espaço de tres horas; mas o discurso, que então proferiu, estava

muito longe do que conhecemos pela oração—*pro Milone*—que é incontestavelmente obra prima e pôde servir de modelo de eloquencia judiciaria.

O discurso proferido por Cicero ainda existia no tempo de Quintiliano; mas não chegou até nós. O que conhecemos, foi depois escripto no gabinete e remettido a Milão que se exilava para Marselha, deixando em Roma dividas que Plinio reputa um prodigio podel-as um homem haver contrahido: entretanto ellas eram muito inferiores, metade talvez, das que deixara Cezar ao sahir de sua pretura.

Milão, accusando o recebimento do discurso, respondeu a Cicero:

« Felizmente não podeste proferir o magnifico discurso, que me enviaste, porque eu seria infallivelmente absolvido e não estaria comendo o bom peixe e as excellentes ostras de Marselha ».

XXXVII. No terceiro consulado de Pompeu, e por iniciativa sua, fôra votada uma lei, a qual determinava que os consules e pretores só podiam pretender o governo de uma provincia, cinco annos depois de haverem deixado os cargos.

No primeiro quinquennio, os senadores, que não tivessem tido ainda governo, seriam aproveitados, desde que fossem personagens consulares ou pretorias. A distribuição das provincias se faria por sorteio.

Em consequencia das disposições d'esta lei, Cicero,

quando menos n'isto pensava, foi designado para o governo da provincia da Cilicia, que abrangia, alem da região d'este nome, a Pisidia, a Pamphylia e a ilha de Chypre, com um exercito, pouco mais ou menos, de quinze mil homens. O grande escriptor havia terminado o seu tratado — *das Leis* — que completava o — De Republica, e começara uma — *Historia romana*.

Os proconsulados eram cargós mui ambicionados, e os esforços, que faziam os homens principaes para chegarem ao consulado, tinham por alvo o governo das provincias, onde exerciam poderes discricionarios e accumulavam grandes riquezas.

Basta lembrar que Cezar, em menos de um anno, conseguira na Hespanha pagar as monstruosas dividas, com que sahira do cargo de pretor. Alem d'isto, um proconsul romano era mais que rei, e ostentava maior apparato do que os mais poderosos monarchas.

Os principes visinhos vinham fazer-lhe cõrte e receber ordens. Se tinha indole bellicosa, jamais lhe faltava pretexto para fazer guerra, e, em geral, obtinha o titulo de *imperator*, que comquanto não desse regalias, nem vencimentos, era todavia muito apreciado, porque dava direito a solicitar as honras do triumpho.

Os proconsules, alem das sommas consideraveis que recebiam do thesouro publico para si, para o seu sequito, para baixellas e equipagens, tinham porcentagem das

219

enormes rendas, que Roma tirava dos paizes conquistados e do soldo das tropas.

Viviam cercados de *amigos*, clientes avidos, logares-tenentes, tribunos, prefeitos, legiões de escravos, multi-dão toda ella sedenta de enriquecer á custa das provincias e dos favores d'elles.

Ninguem mais reparava nos abusos e excessos, que fóra de Roma se practicavam.

O character de Cicero, porém, differia muito, n'este ponto, do character de alguns dos modernos Ciceros da republica.

O oiro não exercia imperio n'aquella alma: era fraco: faltava-lhe segura orientação politica; mas nem se vendia nem vendia a patria.

«Funcções de tal natureza, elle proprio o dizia, não convinham nem ao seu genio, nem aos seus talentos».

Exemplo aos ambiciosos vulgares d'esta terra.

Ao contrario do que faziam os outros proconsules, foi o seu primeiro cuidado tomar todas as medidas para que o seu governo não se prolongasse um dia sequer, além do prazo legal, que era de um anno.

Elle temia que, julgando honral-o, os seus amigos tentassem prorogar-lhe o mando de uma das mais ambicionadas e ricas provincias da Republica.

Antes de partir, preveniu a todos para não cogitarem d'isto, fazendo-lhes sentir que o seu mais ardente desejo era voltar a Roma, quanto antes.

Nas cartas, que então escrevia, jámais deixava de falar n'isto.

No principio de Maio do seguinte anno (702) partiu Cicero de Roma, acompanhado de seu irmão, o qual deixou a commissão, que exercia, nas Gallias, para seguir como seu logar-tenente, pois que o proconsul precisava de um homem da aptidão militar de Quinto, aperfeiçoada ainda pelas licções de Cesar.

Sahindo de Roma, demorou-se alguns dias em sua casa de Cumas, onde recebeu tantas visitas que dizia. «Parecia-me ter, em torno de mim, uma Roma pequena».

Hortensio foi um dos que o visitaram.

Quaes as tuas ordens, durante tua ausencia? perguntou-lhe o notavel e eloquente orador».

Uma unica, respondeu-lhe Cicero, não consintas que ella se prolongue».

Pompeu achava-se enfermo em uma de suas propriedades, em Tarento: Cicero visitou-o, e durante tres dias conversaram sobre os negocios publicos.

Pompeu deu-lhe algumas noções da arte militar. A 15 de Junho, depois de ter se demorado doze dias em Brindes, embarcou-se para Ancio com todo o seu sequito, chegando á Athenas a 26. Ahí demorou-se mais do que pretendia, quer pelas homenagens e honras publicas, que lhe foram prestadas. quer pelo prazer que lhe causava a conversação com todos os sabios da Cidade.

Em Athenas foi hospede de Aristo que passava pelo primeiro professor da seita academica.

Depois de quinze dias de penosa navegação, aportou a Epheso, no dia 22 de Julho.

N'essa cidade recebeu as deputações de toda a Asia, e as felicitações de uma multidão de personagens que tinham vindo de longe enconral-o.

Finalmente, tomando a estrada directa para a sua provincia, chegou á Laodicéa, uma das principaes cidades do seu governo, a 31 de Julho, dia que elle teve o cuidado de consignar como o primeiro de seu proconsulado «receioso de que o não fizessem começar de mais tarde».

XXXVIII. Plutarcho, no cap. 47 da vida de Cicero, exprime-se sobre sua administração nos termos seguintes:

«Entrava tambem na sua commissão repor a Cappadocia na obediência do rei Ariobarzane, e reconciliá-lo com os seus povos.

D'esta commissão sahiu-se elle perfeitamente, sem recorrer ás armas e nem despertar queixa alguma.

O desastre que os romanos haviam soffrido, no paiz dos Parthos e os movimentos da Syria tendo despertado nos Cilicianos algum desejo de revolta, Cicero os acalmou e conteve pela doçura do seu governo: o proconsul recusou os presentes, que os reis lhe offereciam, e dispensou a provincia das despezas a que era obrigada para os festins dos governadores.

Em sua meza recebia os Cilicianos mais honestos,

e tratava-os sem magnificencia, mas com generosidade: sua casa não tinha porteiro, e ninguem o encontrou jamais em seu leito: acordava muito cedo, passeiava diante da porta, e falava aos que vinham vel-o.

Sob sua administração ninguem foi vergastado, nem teve as vestes despedaçadas: ainda em momentos de colera, nunca disse uma palavra offensiva, e nem ás multas, que impunha, ajuntava qualificações ultrajantes.

As rendas publicas tinham sido delapidadas; elle fel-as restituir ás cidades, que d'est'arte viram-se enriquecidas; e sem notar de ignominia os prevaricadores, contentou-se de obrigar-os a restituir o que haviam pilhado.

Elle teve tambem occasião de fazer guerra e afugentou os salteadores, que habitavam o monte Amano.

Esta victoria lhe valeu o titulo de *imperator*.

A narração de Plutarcho, si é a expressão da verdade, quanto á parte administrativa do governo de Cicero nos parece, entretanto deficiente quanto á parte militar. Cicero não affugentou sómente os salteadores do monte Amano, na phrase de Plutarcho.

Nem eram salteadores taes homens: antes constituiam um povo forte e independente, sempre prompto a sacudir o jugo romano. N'esta expedição, que não foi a unica nem a primeira, emprehendida por Cicero, pelas forças romanas foram tomados seis fortes, sendo incendiados outros tantos, e o proconsul acampou nos desfiladeiros de Isso, onde Alexandre ganhou a sua segunda victoria sobre Dario.

D'ali escrevia elle ao seu amigo Attico: «Acho-me acampado no mesmo logar que Alexandre, capitão sem duvida alguma maior, do que nós dous».

Antes d'esta expedição, sabendo elle que os Parthos se preparavam para invadir a Cilicia, conduziu o exercito para as proximidades do monte Tauro, onde acampou no intuito de observar o movimento dos inimigos.

As forças sob o seu commando elevavam-se a quatorze mil e seiscentos homens, sem contar as tropas auxiliares dos Estados visinhos, e as de Dijotauro, rei da Gulacia, seu particular amigo. Os Parthos haviam dividido o seu exercito em dous corpos: um penetrara na Syria e adiantara-se até Antiochia, onde sitiara Cassio: o outro entrou pela Cilicia.

Por uma marcha habil e rapida, o proconsul conseguiu surprehendel-os, e obrigou-os a retirar, conseguindo tambem forçal-os a levantar o assedio de Antiochia e livrar Cassio, que depois cahiu sobre elles, e desbaratou-os, matando o general que os commandava.

Foi por esta expedição, que os soldados conferiram-lhe o titulo de *imperator*. A terceira expedição de Cicero foi contra um povo valente, que os reis do paiz nunca conseguiram domar, e que tinha por capital a cidade de Pindenisso, situada sobre o cimo de uma montanha, em posição vantajosissima, e provida de todos os meios e recursos para longa resistencia.

Cicero situou-a, e, no fim de seis semanas, obrigou-a

a render-se. Os habitantes foram reduzidos á escravidão e vendidos publicamente. O resto dos despojos foi entregue á soldadesca. Não foram, portanto, tão insignificantes, como referiu Plutarcho, os feitos militares do grande orador, que, depois d'essas vantagens, retirou-se prudentemente das lides guerreiras « Receioso de surpresas e para não tentar muito a fortuna » como elle proprio dizia.

O que é certo é que seu nome tornou-se tão temivel para aquelles povos que os tibunanienses vieram de motu proprio submeter-se á sua auctoridade.

O titulo de imperator lisongeu-o muito ; em suas cartas a Pompeu e a Cesar elle escrevia orgulhoso « Cicero imperator, Pompeio, Cesari imperatori — s. d. Os dous generaes respondiam-lhe no mesmo estylo. Os chefes conservavam esse titulo, até que lhes fossem concedidas as honras do triumpho ; essas honras nunca as recebeu o proconsul.

XXXIX. Os amigos do grande orador, ao saberem de suas expedições militares contra os Parthos, que haviam derrotado Crasso, e que, em Roma, eram reputados tão temiveis que até se dizia que só Pompeu, ou Cesar poderia vencel-os, ficaram inquietos, porque não confiavam bastante nas suas aptidões guerreiras.

Entre elles, Papirio Peto, epicurista, que dirigiu-lhe extensa carta, contendo instrucções militares. Cicero que não perdia jamais o seu humor zombeteiro e caustico, respondeu-lhe laconicamente : « Tua carta fez-me general

consumado. Não te suppunha tão versado na arte da guerra. Vejo que tens lido muito. Seguirei teus conselhos, e mandarei construir navios, porque não póde com effeito haver meio melhor de defeza contra as settas dos Parthos ».

Essas inquietações dos amigos não tinham fundamento. Ao lado do proconsul achavam-se dous homens capazes, e nos quaes elle tinha plena confiança — Quinto, discipulo de Cesar, e Pontimio, já conhecido e reputado pelo seu triumpho sobre os allogrobos. Os louros de Cicero fizeram Bibulo, que então commandava na Syria, perder o somno.

Ao saber que os soldados haviam acclamado — imperator — o orador, quiz tambem merecer o mesmo titulo, e partiu para atacar os inimigos; foi, porém, menos feliz: batido, perdeu a primeira cohorte de seu exercito e muitos officiaes.

Essas aclamações, no campo de batalha, depois da victoria, simples honraria, sem character official, não tinham os inconvenientes das promoções de officiaes superiores a generaes, por aclamação, na praça publica, como entre nós succedeu, pois que não feriam direitos adquiridos, sobrecarregando o thesouro, nem eram feitas por alguns individuos que só collimavam galgar posições e enriquecer.

O proconsul da Cilicia, segundo a praxe, apressou-se em communicar ao senado as suas victorias, em despachos cercados de folhas de louro, contando que elle decretasse acções de graça, que eram preliminares do triumpho.

Escreveu ainda a Catão pedindo-lhe o seu patrocínio; Catão, porém, que systematicamente combatia os decretos d'essa natureza, oppoz-se, e respondeu a Cicero, que apesar de sua opposição, as *supplicações* tinham sido votadas, e que elle mesmo havia sido um dos que subscreveram o decreto.

Cesar, sempre habil politico e conhecedor da corda sensível de M. Tulio, escreveu-lhe logo da Gallia Cœsar, imperator, Ciceroni, imperatori—s. d. . . É licito crer que esta carta não fosse simplesmente uma carta de felicitações e parabens; mas que tivesse por fim desharmonisar os dous amigos: essa carta com effeito desagradou a Cicero, que soube todavia dissimular o seu descontentamento.

Até o fim de sua administração, seu procedimento foi sempre correcto e desinteressado.

Apezar de sua natural vaidade, não permittiu que lhe erigissem estatuas, nem se construissem monumentos commemorativos de seu governo, o que se fazia frequentemente até aos peiores proconsules, e o que, antes d'elle, nenhum ainda praticara, tendo economisado um milhão de sestercios da somma, posta á sua disposição para a sua despeza annual, restituiu-os ao thesouro, o que muito desagradou aos de seu sequito, que contavam que esse milhão seria distribuido por elles.

Appio Claudio, seu antecessor no governo da Cilicia, deixara a provincia em deploravel estado.

As medidas e providencias adoptadas por Cicero pareceram-lhe significar formal reprovação de seus actos: pelo que escreveu-lhe diversas cartas, queixando-se de que elle, por todos os meios, procurava desautoral-o.

O proconsul, considerando que Appio era amigo e alliado de Pompeu, e alem d'isto, sogro de Bruto, respondeu-lhe com a maior cordura e moderação.

P. Corn. Dolabella, intelligente e distincto até pelo nascimento, mas, ambicioso e violento, accusou Appio pelos actos de seu consulado.

Tullia, filha de Cicero, que se separara de seu segundo marido, Crassipes, em ausencia de seu pae, o desposara, casamento, que muito desagradou ao proconsul.

Essa accusação, promovida por seu genro, depois das cartas, que Appio lhe dirigira, poderia parecer inspirada por elle.

Cicero apressou-se em escrever a Appio, declarando que não tinha a menor parte no acto de Dolabella.

Em Roma cogitou-se dos meios possiveis de obter-se de Cicero um testemunho favoravel ao accusado.

Pompeu estava até disposto a despachar para a Cilicia um de seus filhos para entender-se com o proconsul sobre este assumpto; mas Cicero, espontaneamente, antes de serem dados estes passos, declarou-se favoravel a Appio, que foi absolvido.

Appio, depois elevado á alta dignidade de censor,

mostrou-se tão severo no exercício de suas funções, como pouco escrupuloso tinha sido antes.

Foi elle quem expeliu do senado o historiador Salustio; M. Celio, escrevendo a Cicero dizia: « Appio considera a censura, como uma barrela, em que julga poder asseiar-se ».

Em outra carta, Celio, que era edil, pediu ao proconsul, que lhe mandasse tigres e pantheras para os seus espectaculos. Cicero respondia-lhe: « Aqui, na minha provincia, já não ha tigres nem pantheras: tenho-lhes feito tão desabrida guerra que todas as feras fugiram para a Curia ».

Cicero que considerava o seu ex-cliente homem de grande tacto politico, ao sahir de Roma, pediu-lhe que lhe desse constantemente noticias de tudo quanto occorresse em Roma, de importancia politica, e Celio prometeu satisfazer a tal desejo.

Na primeira vez, atarefado de negocios, remetteu-lhe um volumoso pacote, contendo decretos do senado, edictos dos consules, peças theatraes, contos dos novellistas de Roma, etc., etc., e dizia elle proprio na carta: « Remetto-lhe uma abundante collecção de bagatellas ». Cicero respondeu-lhe: « Não comprehendeste por ventura o alcance de meu pedido? O que me mandaste, não foi o que te pedi. Eu não quero de ti noticias de novidades politicas, por mais importantes, que te pareçam. Tenho outros amigos, que se encarregam d'esta tarefa. O que de

ti exijo é que me digas o que pensas sobre o futuro, como homem atilado e previdente, que és ».

XL. Na distancia em que se achava Cicero, tinha realmente necessidade de um amigo de confiança, que o prevenisse do que podia succeder em futuro mais ou menos proximo.

Já, á sua sahida de Roma, tudo parecia annunciar a imminencia de uma guerra civil. Cesar, pelo dinheiro e por sua nomeada, adquiria cada dia, mais partidistas. Pompeu nem siquer procurava apoiar-se na justiça.

Os partidos formavam-se segundo as inclinações e interesses de cada um. Com impaciencia sempre crescente, Cicero aguardava a expiração do prazo legal de seu proconsulado. Desde que soube da eleição dos novos consules, escreveu-lhes pedindo-lhes não permittissem a prorogação de suas funcções, nem por um dia.

Emfim, sem que terminasse o prazo do seu governo, passou as funcções de proconsul a seu questor e partiu para a Italia; não obstante tamanha pressa, teve o cuidado de arranjar tudo de modo que, em caminho, recebesse cartas de Roma « afim de meditar sobre o melhor partido a tomar » segundo suas proprias expressões.

Sua maior confiança, elle a depositava em Pompeu, senhor do senado, que mandava até fazer preces publicas pelo restabelecimento de sua saude nas frequentes enfermidades que então o affectavam, honra que ninguem, antes d'elle, conseguira obter.

Cicero infelizmente não era dotado do tino, da perspicacia, do dom, que habilita alguns a preverem o papel que certos homens publicos são capazes de desempenhar nas epochas de commoção social e politica.

N'aquelle tempo, sua illusão sobre Pompeu era completa. O vencedor de Mithridates não era, porém, o homem, que podia salvar a Republica, nas condições melindrosas em que ella se achava: faltava-lhe tudo e mais a fé nos milagres da liberdade e essa tempera vigorosa e rija; que só a lucta com a adversidade nos faz adquirir.

Sem merito real, acostumado ás ovações e elogios desde os seus primeiros passos. na vida publica, acclamado *imperator*, quando ainda era quasi creança, filho dilecto da fortuna, cheio de si mesmo, reputava-se o homem necessario á liberdade, ao povo e ao senado, que não hesitava em lançar-se em seus braços nos momentos de desfallecimento, julgando, todavia, que ser-lhe-hia facil desprender-se d'elles, sempre que lhe parecesse.

Cicero, em outros tempos, o julgava melhor, e dava-lhe importancia, que elle realmente merecia. Pompeu era um ambicioso vulgar, que nem siquer sabia distinguir entre a apparencia e a realidade do poder.

Desde que conseguia as posições officiaes ficava contente. A republica, para elle, como para grande parte dos republicanos brazileiros, consistia n'isto. Antilhes de Cesar, não sabia, como o sobrinho de Mario, conquistar a popularidade.

Orgulhoso e altivo, evitava o contacto com as multidões e quando se apresentava ao povo, ostentava um apparatus, que o desagradava. Não era amigo de ninguem, pois julgava-se o protector de todos.

Estava convencido de que Roma não podia existir sem a sua individualidade. Suppunha-se o amparo unico da liberdade, esquecido de que a liberdade tem tambem os seus caprichos, e que não regateando os seus favores, aos que a defendem, exige, todavia, que estes não vivam a propalar *urbe et orbe* que taes favores lhes foram offerecidos e prodigalisados sem condições.

E porque não elevava tão alto, como Cesar, as suas ambições, ninguem supponha que elle era mais patriota e melhor republicano, do que o proconsul das Gallias: tanto quanto este, turvava as aguas; mas faltava-lhe a habilidade, que aquelle possuia, de n'ellas pescar com proveito proprio.

Não tinha escrupulo em violar a constituição e as leis ordinarias; mas tambem não sabia elevar-se acima d'ellas nos momentos difficeis.

Tão inapto era para obedecer, como para commandar.

Os homens d'essa especie foram e serão sempre os peiores inimigos das instituições republicanas, peiores do que aquelles que as combatem á mão armada, porque acabam destruindo, aniquilando, matando a liberdade, sem jamais conseguirem dar ás nações a ordem, a paz,

a tranquillidade, que uma monarchia temperada poderia garantir-lhes.

Esses homens não comprehendem, não comprehenderão jamais o que deve ser uma republica.

Avidos de poderes illimitados, cercados de aduladores interesseiros, acariciando todos os partidos, segundo as inspirações do momento, reputam-se genios e heroes e acreditam que os destinos nacionaes vivem na dependencia de sua vontade soberana.

Esses, em Roma, como no Brazil, no passado, como no presente e no futuro, foram, são e serão os fautores da anarchia, os precusores do despotismo.

Insensatos! que só conseguem despertar saudades de um passado, que devia ser de interesse d'elles fazer esquecer! Cegos! que nem siquer percebem que as armas, que afiam e aguçam, com tanto cuidado, cedo ou tarde, voltar-se-hão contra elles e contra as instituições, que dizem defender!

LXI. Cicero, que tinha amigos em ambas as facções, nutria, ou por excessiva confiança no patriotismo d'elles, ou pela sua natural vaidade, a esperança de ser o mediador entre Pompeu e Cesar e de conseguir congraçal-os ainda: lembrava-se que um e outro escreviam-lhe em termos os mais amistosos; mas esquecia-se de que as considerações do bem publico não tem acção sobre as facções armadas, que só se sujeitam á lei da força.

A 26 de Novembro, (703) segundo a praxe dos pro-

cônsules, que aspiravam as honras do triumpho, chegou Cicero á Brindes, acompanhado de seus lictores, cujas fascas eram ornadas de folhas de louro: d'ali seguiu para Roma em pequenas marchas, demorando-se aqui e ali, para conversar com os amigos, que vinham encontral-o.

Não mostrou preferencia por nenhum dos grupos, postoque comsigo mesmo já estivesse resolvido a acompanhar Pompeu.

Queria representar, porém, o papel de neutro, e evitar de tomar a responsabilidade dos decretos, que se preparavam contra Cesar.

Esta conducta lhe parecia a mais propria para lhe facilitar o papel, que contava representar — de negociador da paz — entre os dous.

A 10 de Dezembro conferenciou com Pompeu, que depois de rasgados elogios dos seus feitos militares, na Cilicia, declarou-lhe que elle tinha direito perfeito ao triumpho, e que a sua justa pretensão encontraria n'elle franco e decidido apoio.

Em Savernio, Pompeu o procurou pela segunda vez: quasi o dia inteiro conversaram ambos sobre politica.

Pompeu affirmava que accôrdo, de qualquer natureza, que fosse, era impossivel com Cesar, e affectava o mais soberano desprezo pelo proconsul das Gallias, e as suas legiões, e dizia que si elle tivesse a audacia de mover-se, o faria immediatamente recuar.

Tal era com effeito a sua presumpção e cegueira que

a alguns dos seus, que lhe perguntaram de que legiões dispunha para oppol-as ás de Cesar, elle respondeu altivo :

«Basta que eu bata com o pé na terra, para que de toda a parte surjam legiões ».

Cicero comprehendeu que, nas condições, em que se achava o espirito de seu amigo, n'aquelle dia, convinha ser prudente e reservado, e, pois, absteve-se de communicar-lhe o seu projecto e de expôr-lhe os meios de que suppunha dispor para realisal-o.

Á proporção que se approximava de Roma, e pelo que ouvia de um e de outro lado, cada vez mais se convencia, de que outro não podia ser o seu papel na grave emergencia, em que achava-se a Republica. Entre os republicanos não havia cohesão.

Como entre nós, nenhum d'elles se preocupava de prestigiar e salvar as instituições democraticas: a questão para elles era uma só—exterminar os que suppunham adversarios pela força das armas, e submettel-os pelo terror.

Como alguns, que são tidos aqui por sonhadores, ou insensatos, Cicero fazia-lhes vêr que no caminho, em que iam, qualquer que fosse o resultado da lucta, a patria seria fatalmente escrava.

Com a victoria de Cesar, ponderava-lhes o orador, teremos não sómente a perda da liberdade, mas ainda terriveis proscricções, que farão lembrar as de Mario: com a de Pompeu perderemos igualmente a liberdade.

Ainda que elle sentisse repugnancia pela causa de Cesar, parecia-lhe comtudo melhor sujeitarem-se ás suas exigencias, do que confiar ás armas a decisão da questão: e accrescentava ainda que, depois de terem dado a Cesar todos os meios e recursos para tornar-se poderoso, lhe parecia grave erro pretender reduzil-o pelas armas quando os elementos de resistencia, si não eram nullos, com certeza eram insufficientes.

Acabrunhado pela gravidade das circumstancias, a 4 de Janeiro entrou em Roma, onde não lhe faltaram manifestações da estima publica ».

« Elle ia atirar-se nas chammas da guerra civil » segundo suas proprias expressões.

Marco Antonio e Q. Cassio, tribunos do povo, haviam ido ter ao acompanhamento de Cesar, que, sob o pretexto de defender a legalidade, passara o Rubicon.

LXII. Apenas a noticia chegou a Roma, a consternação foi geral.

O senado, hesitante e aterrado, nada resolvia para manter a sua e a auctoridade das leis: os cidadãos fugiam para a campanha: as forças de que por ventura podia dispor Pompeu, estavam disseminadas pelas provincias.

Cesar avançava á frente de cinco mil homens apenas, e já não havia meio de resistir-lhe.

Nessa situação tão angustiosa, M. Faronio dirige-se a Pompeu. « Vamos, Pompeu, bate com o pé, faze sugerir as tuas legiões » e o *Magno*, corrido de vergonha, só sabia

pedir conselhos aos que o cercavam: eis o homem, que *nada reputava* feito, si alguma *cousa ainda ficava por fazer*, « nullum spatium perterritis dabat » como disse Suetonio. Pompeu tomou a desesperada resolução de abandonar Roma; mas, sempre imprevidente, nem siquer lembrou-se de levar comsigo o thesouro publico; mas ainda cheio de presumpção e vaidade não se esqueceu de publicar um manifesto, em que declarava rebelde e inimigo publico, o senador, o magistrado de qualquer natureza, em uma palavra, quantos não pegassem em armas a seu favor.

Cesar, pelo contrario, lançava tambem o seu manifesto, expondo os motivos, que o obrigaram a romper, e terminava declarando que consideraria amigos, não só os que o auxiliassem, como ainda os que se mantivessem neutros.

O « monstrum horribilis diligentiae, celeritatis et vigilantiae » marcha com rapidez.

Cada correio traz a noticia de que mais uma cidade fôra tomada. Arrecio, Pisauro, Tomo e logo apos Auxino.

Cesar chega a Piceno, dirige-se a Corfino, defendida pelo proprio Domicio, que o senado designara para substituil-o, no governo da Gallia Transalpina: trinta cohortes da guarnição abrem-lhe as portas da cidade, onde elle entra, como vencedor, perdoando aos senadores e ao proprio Domicio, que já estavam presos.

Pompeu, que se retirara para Capua, depois de ter

228

encarregado alguns senadores de reunirem as tropas e quanto fosse preciso para a defeza commum, ao ter noticia da tomada de Corfino, e do perdão de Domicio e dos senadores, desalentado retira-se para Brindes, encarregando Cicero da defeza de Capua e da inspecção das costas até Formias.

O orador, que já havia regeitado commissão mais importante, declinou d'esta, declarando que Capua não tinha meios de resistir, e recolheu-se á sua propriedade de Formias, aguardando os acontecimentos.

Labiennio, logar-tenente de Cesar na Gallia, official de merito real, veio reanimar a coragem de Pompeu, para cujo partido ingratamente passara informando-o de que o proconsul era um general sem soldados, e sem recursos para manter-se muito tempo.

Cesar, entretanto, que não descurava os meios de levar de rojo os seus inimigos, só falava de accôrdo e de paz.

Com o intuito de fazel-os perder o tempo em vans discussões, mandou a Roma as suas propostas de conciliação, e escreveu a Cicero affirmando-lhe que era sincero.

Todos desconfiavam d'essas propostas, inclusive Cicero, que, não obstante, opinava que se tratasse com elle; mas quando viu Pompeu preparar-se para deixar a Italia, perdeu o tino, pode-se dizer, e cahiu em estado de irresolução incrível.

A causa de Pompeu parecia-lhe a da Republica; mas

Pompeu a perdera por seus erros e faltas, e depois fugia sem prestar a menor atenção aos seus conselhos.

Voltar a Roma ou ainda ficar na Itália, onde já não estavam o senado, os consules e o exercito, que elle reputava legal, era, no seu conceito, reconhecer a legitimidade da conducta do proconsul das Gallias.

« Eu sei bem de quem devo fugir, mas não sei a quem devo seguir » dizia elle.

Triste e afflicto, as vezes era visto em seus jardins de Formias, passeiando de um lado para outro a gesticular, e como que a falar consigo mesmo; mas frequentemente vivia encerrado em seu gabinete de estudo, onde escrevia em grego a Attico, pedindo-lhe a sua opinião sobre os questionarios, que lhe fazia.

« É lícito a um homem nas minhas condições permanecer no paiz, vendo-o victima da oppressão ?

Para livrar a patria da tyrannia, é-nos permittido usar de todo e qualquer meio ?

Que providencias ou medidas devem ser tomadas no intuito de impedir que aquelle, que se póde oppôr ao tyranno, não se eleve de mais ?

Póde um bom cidadão, durante estes tempos de perturbação social e politica, conservar-se retirado ?

Para servir a patria, que será preferivel — aguardar os acontecimentos e as negociações, ou recorrer ás armas ?

Deve o homem expor-se a todos os perigos por amor da liberdade ?

Para libertar a patria de um tyranno é licito rasgar-lhe o seio pela guerra civil?

Nas dissenções publicas, ainda quando os nossos amigos e bemfeitores hajam commettido faltas e erros graves, devemos acompanhá-los a todo tranze?

Deve o homem, que, tendo prestado á patria relevantes serviços, foi por isto mesmo victima da inveja e do odio dos seus inimigos, affrontal-os segunda vez?

Ser-nos-ha licito, no meio das calamidades publicas, cuidarmos exclusivamente de nossos interesses privados e da familia, deixando o governo do paiz a quem dispõe da força.?

Eis, meu caro Attico, as questões que estudo, e sobre as quaes examino os argumentos pró e contra, e vivo a reproduzil-os em grego e em latim ».

A um homem de estado, perguntamos aos que consideram tal o grande orador, é permittido perder tempo a estudar questões, como essas, em seu gabinete, e a exigir dos amigos que digam como pensam a respeito, quando o sangue dos cidadãos corre em lucta fratricida?

Essa tarefa cabe ao philosopho, mas não ao homem de governo, que, nas convulsões politicas, deve saber apreciar o valor do tempo.

XLIII. O espirito fraco e impressionavel de Cicero sentia-se ainda agitado por um escrupulo, que tornava mais afflictiva a sua situação: elle devia a Cesar quantias,

que no momento não podia pagar, sem dispor dos fundos, que destinava as festas de seu triumpho!

Parecia-lhe falta de delicadeza e até uma indignidade declarar-se abertamente contra o seu credor!

Para acabar com este constrangimento moral, recorreu a Attico, que lhe emprestou o dinheiro, de que precisava.

Si, de um lado estes escrupulos revelam a probidade pessoal do orador, do outro, demonstram quão açanhada era a sua estatura politica.

Será por ventura licito ao homem publico, no meio das desgraças da patria, cogitar de triumphos e das ephemeras glorias de uma festa?

Deveria, portanto, elle hesitar em lançar mão dos recursos pecuniarios, que destinava á essa festa, para solver os seus compromissos pecuniarios?

E ainda que não dispuzesse d'esses meios, e não contasse com um amigo dedicado, como Attico, era-lhe permittido faltar ao seu dever de patriota, quando a causa liberal exigia o seu concurso poderoso?

A patria nada tem que ver com os interesses privados do cidadão: ella está antes e acima de todas as considerações humanas: nos momentos, em que ella agonisa, não ha sacrificio, ante o qual deva recuar o homem de coração.

Entre os prisioneiros de Corfino, aos quaes perdoou Cesar, não por sua bondade natural, mas porque a clemencia para elle, em certas occasiões, era apenas arma e

meio politico, achava-se Lentulo Spinther, amigo intimo de Cicero, que julgou de seu dever agradecer ao vencedor a generosidade, com que procedeu para com um homem, que lhe era tão caro.

Cesar respondeu-lhe com muita delicadeza e habilidade, dizendo-lhe que a sua conducta não merecia elogios nem agradecimentos, porquanto só tinha em mente restaurar o regimen legal na Republica, e estabelecer a concordia e a harmonia, no seio da familia romana, e concluia: « Espero ver-te muito breve em Roma, onde preciso de teu apoio e de teus conselhos ». Pompeu, de seu lado, dirigia-lhe cartas sobre cartas, chamando-o para junto de si: Cicero respondeu-lhe que lhe era impossivel ir ter com elle, visto estarem as estradas interceptadas pelas forças de Cesar: pretexto apenas para ganhar tempo e deliberar mais detidamente qual o melhor alvitre a seguir, como elle proprio, em suas cartas, confessava a Attico.

Accrescia que elle ainda julgava que algum accôrdo era possivel, e não queria desagradar a Cesar, na hypothese de reconciliar-se com Pompeu.

Ambas as facções o requestavam, testemunhando-lhe a mais alta consideração e estima; entretanto no estado, a que tinha chegado a lucta, quando só as armas podiam resolver-a, era Cicero um homem inutil a qualquer d'ellas, mas Pompeu e Cesar comprehendiam bem quanto valeria para a causa de qualquer d'elles o apoio decidido e franco de um cidadão como Cicero, que alem do talento, que

possuía, merecia de todos o conceito de honesto e desinteressado.

Só os governantes de cá, desde o nascimento das instituições republicanas, não comprehenderam e desprezaram a força que ao poder publico daria o apoio dos homens limpos e probos, que por amor de si mesmos, não poem jamais em leilão o seu concurso, nem se entremettem na turba dos solicitadores e thuriferarios de todo o governo que sobe.

Cesar, estadista, como não foi Pompeu, contentava-se que Cicero se mantivesse neutro, já que não queria abraçar abertamente a sua causa.

Na rapidez de suas marchas, e no meio dos trabalhos, de que se via sobrecarregado, não deixava de escrever-lhe, e fazia com que Baldo e Oppio, amigos do orador, lhe escrevessem tambem no mesmo sentido; nem se contentou só com isto: mandou-lhe um emissario de confiança, encarregado de convencel-o e conseguir que voltasse a Roma, onde a sua palavra e conselhos seriam por elle attendidos.

Este emissario fez-lhe considerações sobre as vantagens, que elle teria mantendo-se neutro, e Cesar, accrescentava elle, não exige de ti mais nada: ainda mais, o proconsul garante-te uma guarda, como a que teve Pompeu, durante o processo de Milão.

É possível que, sob a apparencia de uma homenagem, o vencedor das Gallias tivesse em mente conserval-o

231

prisioneiro, e não permittir-lhe sair da Italia; mas isso não passa de conjectura nossa, sem apoio em facto algum.

Apenas emittimos esta opinião, porque não havia acto algum de Cesar, sem alcance politico.

A tudo isto, Cicero respondeu por uma carta, em que, sem tomar compromisso de especie alguma, reconhecia, entretanto, a injustiça feita a Cesar pelo senado pretendendo retirar-lhe o commando, de que elle se achava investido, e terminou elogiando muito a sua moderação.

Cesar, sempre politico, tornou logo publica esta carta, o que não deixou de contrariar Cicero, que procurava justificar-se dos elogios que lhe fizera, affirmando que só o desejo de ver restabelecida a paz, o levava a escrever-lhe n'aquelles termos.

XLIV. Cicero, soube com inquietação que Cesar, voltando de Brindes, tocaria em Formias para entender-se com elle: bem desejava o eminente orador evitar tal entrevista; mas não ousava; todavia, resolveu recebel-o com a maior firmeza.

Cesar, com effeito, o procurou logo que chegou a Formias.

Cicero declarou-lhe formalmente que não voltaria para Roma.

Esta resposta impressionou desagradavelmente Cesar, que, debalde, procurou convencel-o da inanidade dos motivos, que allegava, e que afinal retirou-se descontente, deixando cahir de seus labios, sempre discretos, algumas

palavras de ameaça. « Entretanto fiquei satisfeito commigo mesmo, o que, havia muito, não succedia » dizia elle proprio.

Comquanto elle reconhecesse a superioridade militar e politica de Cesar sobre Pompeu, e não nutrisse a menor illusão sobre o resultado da guerra, decidiu-se a ir reunir-se ao ultimo, lamentando que só tão tarde tivesse tomado tal deliberação. Antes de partir escreveu a Attico: « Amo Pompeu, sua causa é incontestavelmente a melhor, e prefiro ser vencido com elle a triumphar com Cesar ».

Espalhou-se logo o boato de que elle pretendia deixar a Italia e só esperava a occasião asada para embarcar-se.

Cesar ainda uma vez escreveu-lhe, procurando desviar-o de dar semelhante passo, e assegurando-lhe que não conservava o menor resentimento pela sua recusa de voltar a Roma: e ponderava-lhe que seria impolitico tomar elle o partido de Pompeu, que já se achava em estado desesperado: « Um homem de tua ordem submete-se á fortuna. Affinal de contas para um cidadão de teu quilate, que melhor alvitre do que conservar a neutralidade? Muitos desejariam achar-se em tuas condições. N'esta attitude, a tua segurança pessoal não corre o menor perigo, e a tua honra politica fica perfeitamente salva ».

O mesmo procedimento tinha Marco Antonio, encarregado, por Cesar de guardar a Italia.

Por que razão has de preferir o partido de Pompeu, que já te hostilisou tanto, ao de Cesar, em que contas

tantos amigos, e com o qual está o teu genro Dolabella, disse-lhe o logar-tenente de Cesar na carta que dirigiu-lhe. Esta carta foi-lhe entregue por um amigo commum, que muitas vezes o procurou para confirmar as garantias, que lhe offereciam. Celio, seu antigo cliente, e em cuja providencia politica elle tanto confiava, escreveu-lhe tambem, e foi até pretender intimidar-o».

Si pensas que Cesar conservará sempre a mesma indulgencia para com os seus inimigos, enganas-te.

Afinal elle se fatigará de fazer offertas inuteis, e te previno que o seu genio está muito mudado.

Porque has de acompanhar um fugitivo e abraçar uma causa perdida?

Aguarda ao menos o resultado da campanha de Hespanha, que não será demorado, nem duvidoso.

Tu te queres perder voluntariamente, e contigo tudo quanto te pertence.

Curião, partidario de Cesar, mandado para a Sicilia, veio, por sua vez, ter a Formias, onde passou dous dias com Cicero, tentar ainda demovel-o de seu proposito.

Reproduzindo todos os argumentos, que já haviam sido apresentados, accrescentava: «Cesar não tomou o partido da moderação por inclinação natural, mas por politica, e como não tem d'isso tirado o resultado, que previa, d'ora em diante mudará de rumo.

Bastava que Cicero refletisse sobre a sua conducta, logo que elle chegou á Roma, despedaçando as portas do

templo de Saturno, onde os consules tinham deixado o thesouro sagrado, cujas chaves levaram, acreditando que a santidade do logar por si só seria sufficiente para garantil-o: Cesar sem cogitar disto apossou-se das riquezas que ali haviam accumulado os seculos, e chegou ao ponto de ameaçar de morte o tribuno Metello, que ousava oppôr-se a essa violencia ».

« Tudo foi inutil.

Cicero estava resolvido a partir e o mais depresssa possível: « Até porque seus lictores, com as fascas coroadas de louro e todo aquelle aparato de um futuro triumphador, expunham-nos constantemente ás zombarias do publico » são suas proprias expressões.

O bom senso popular tinha razão de estranhar que um orador do talento e da posição de Cicero, um philosopho, um sabio, como elle, em situação tão dolorosa para a Republica, se fizesse acompanhar de tal sequito por toda a parte, e pensasse ainda de celebrar um triumpho pelas suas proezas militares, na Cilicia.

Eram, sem duvida, puerilidades ridiculas n'um varão de sua idade, e que havia já exercido os mais altos cargos do Estado.

Verdade é que o senado lhe decretou as honras do triumpho; mas como o consul Lentulo exigira que a cerimonia se adiasse por alguns dias, na expectativa de serem melhorados os negocios publicos, que, entretanto, cada

vez mais se complicavam, Cicero continuava a conservar todo o cortejo, que rodeiava os triumphadores.

Cesar, em outras condições, só para não perder o direito de pleiteiar o consulado, abriera mão de todas essas honrarias vans.

XLV. O procedimento de M. Antonio e dos seus estimulava, de dia em dia, o animo de Cicero, aguçando-lhe desejo d'ir reunir-se a Pompeu.

« Si não encontrar um navio, embarcar-me-hei até n'um bote, tal é o horror, que essa gente me inspira » escrevia elle a um de seus amigos; Antonio porém que se achava proximo, espreitava todos os seus passos, e tinha ordem de Cesar para não deixal-o seguir.

Cicero escreveu-lhe affirmando-lhe que não nutria intenções hostis a Cesar, cuja amizade zelava e não se esquecia de que com elle estava Dolabella, seu genro.

Si vivia assim retirado, era que sentia-se embaraçado com os seus lictores, com os quaes não queria apparecer em publico.

Antonio respondeu-lhe seccamente.

Cicero tirou cópia da carta recebida e remetteu-a a Attico para demonstrar, dizia elle, « o ar de tyrannia, que já se tomava ».

Cicero fazia os seus preparativos de viagem; mas Tulia, sua filha, supplicou-lhe com lagrimas que esperasse ao menos o resultado da guerra da Hespanha.

Sem prometter-lhe cousa alguma, adiou a partida, mas

passou-se para a sua casa de Pompeia, que, pelo facto de ser situada em posição muito menos commoda para o embarque, em sua opinião, affastaria as suspeitas.

Logo após sua chegada, foi informado de que o chefe das tres cohortes, que ali estavam de guarnição, viria no dia seguinte entregar-lhe a praça e as forças sob o seu commando.

Cicero, já desconfiando que algum laço se lhe estava armando, ja considerando que as tropas eram insufficientes para a defeza da cidade, antes de amanhecer, esgueirou-se para não receber o referido chefe.

Emfim, cinco longos mezes passou n'esta posição embaraçosa e afflictiva, até que, a 11 de Junho do anno 701, partiu.

« Precipitando-se, de olhos abertos e voluntariamente, no abysmo ».

Com antecedencia havia escripto a Quinto dizendo-lhe que reconhecia que as finezas e obrigações, que elle devia a Cesar, impunham-lhe o dever de não deixar a Italia, e de não abandonar o seu partido.

Quinto respondeu-lhe que o seu partido seria aquelle, a que seu irmão se ligasse, e veio ter com elle.

Partiram juntos levando comsigo os filhos, e chegaram felizmente ao acampamento de Pompeu.

O filho de Cicero contava então deseseis annos de idade.

« Para reparar a falta de tanta demora, e para constituir direito á maior consideração » segundo elle proprio

234

o disse, começou por entregar a Pompeu uma somma considerável, talvez a destinada para as festas de seu triumpho, da qual não quiz lançar mão para o pagamento da divida a Cesar.

« Todos o acolheram bem, excepto Catão, que, apenas o viu, chamou-o de parte, e vivamente o censurou por ter abraçado o partido de Pompeu. (Plutarcho, vida de Cicero, cap. 49).

Eis as palavras que este escriptor attribue a Catão: « Quanto a mim, eu não podia, sem prejudicar-me, abandonar uma causa, á qual me liguei desde os primeiros passos dos publicos negocios; mas tu serias mais util á patria e aos amigos permanecendo em Roma, e aguardando ali os acontecimentos para por elles regular a tua conducta.

Porque, sem razão e sem necessidade, vieste para aqui arremessar-te em tamanho perigo, declarando-te inimigo de Cesar?

As observações de Catão o impressionaram profundamente: elle sentia-se quasi arrependido de ter abandonado a Italia, tanto mais quando Pompeu, não lhe conferiu commissão alguma, nem procurou os seus conselhos.

O desgosto, que lhe ia n'alma augmentava-se pelo espectáculo, que contemplava.

O chefe do partido, que escolhera, nada tinha disposto e preparado para triumphar de um inimigo como Cesar.

Tudo quanto estava feito e planejado, lhe parecia ruim e mal dirigido: só a causa, defendida por Pompeu, continuava a parecer-lhe boa.

Os intimos deste o perdiam e perdiam-se pelos seus conselhos imprudentes.

O chefe propunha-se a imitar Scylla em tudo; meditava e fallava em represalias e vinganças atrozes e affectava uma superioridade intoleravel.

Cicero tentou moderar esse excesso de presumpção, pedindo-lhe que reflectisse nos azares da guerra, não desprezasse as forças de um adversario habil, como Cesar, e tomasse as medidas indispensaveis para evitar um desastre, caso a batalha se ferisse.

Pompeu não deu a menor importancia ás observações que lhe fazia o amigo, e attribuiu-as á fraqueza e pusillanidade pessoaes.

O genio sarcastico e zombeteiro do orador irritou-se, e por vivos e repentinos epigrammas castigava os erros e faltas, que não podia impedir; entretanto, vivia triste e abatido, e passeiava dias inteiros pelo acampamento, revelando pela physionomia as preocupações de seu espirito; mas os seus ditos picantes e repentinos provocavam o riso, até n'aquelles, que menos vontade tinham de rir.

«Vieste muito tarde, disse-lhe um dia Pompeu».

Dize antes, cedo de mais, porque infelizmente nada encontrei ainda feito, replicou-lhe Cicero com o seu ar costumado.

235

Em outra occasião, Pompeu perguntou-lhe ironicamente: «Com quem está teu genro? Cicero respondeu-lhe incontinenti: «Com teu sogro».

Um romano, que passara do acampamento de Cesar para o de Pompeu, contava perante um circulo numeroso que tinha sahido com tanta precipitação, que se esquecera até de trazer o cavallo.

Cicero, virando-se para os circumstantes, disse-lhes: «Eis aqui um homem, que cuidou mais da segurança de seu cavallo, do que da sua propria».

Pompeu concedera os direitos de cidadão romano a um transfuga gaulez. «Que homem extraordinario! dá uma patria ao gaulez, e não nos pode garantir a nossa» exclamou Cicero.

Chegara de Roma alguém que dizia estar na capital, correndo como certa a noticia de achar-se o exercito de Pompeu sitiado por Cesar: Cicero acudiu logo: «E vieste verificar por teus proprios olhos a exactidão da noticia».

XLVI. Os dictos de Cicero irritavam o presumpçoso Pompeu, que, em certa occasião, esquecendo todas as conveniencias, disse-lhes: «Melhor será que te passes para o acampamento de Cesar; e lá talvez te convenças de que sou um adversario terrivel».

Póde-se calcular quanto teriam doido a Cicero, que saltara por cima de tudo para acompanhar Pompeu, semelhantes palavras.

Somos dos que não desconhecem que o modo de pro-

ceder do orador era inconveniente n'um acampamento militar, na sua idade e posição politica; mas a falta de prudencia em um amigo daquella ordem em circumstancia alguma justifica ou attenúa siquer a grosseria de Pompeu.

Cesar, entretanto, depois de submeter a Hespanha e a Italia, nomeado consul e dictador, marchava a caça de Pompeu.

Cicero, que não confiava no exito de uma batalha, procurava de todos os modos convencer os pompeistas que era mister cogitar de uma accommodação.

Pompeu, cada vez mais intolerante, acabou prohibindo que no concelho, que elle as vezes reunia, se fallasse em tal assumpto.

Resolvido a vencer, ou a morrer, já elle reconhecia as faltas commettidas e procurava reparal-as.

Logo que chegou, Cesar o sitiou em Dyrrachio.

Uma noute, porém, Pompeu conseguiu fugir.

Dolabella então escreveu ao sogro, que se aproveitasse d'esta circumstancia e se retirasse para Athenas, ou para outro qualquer ponto, distante do theatro da guerra, garantindo-lhe a approvação prévia de Cesar ao seu parecer; mas o dictador tambem soffreu um desastre, com que não contava e teve de recuar diante do ataque dos Pompeistas, retirando-se para a Macedonia.

Cicero voltou a insistir de novo sobre o seu plano de evitar batalha campal e a necessidade de fazer a guerra de recursos.

Pompeu mostrava-se já mais accessivel aos seus conselhos: o revez, porém que Cesar soffrera, em Dyrrachio, fez perder a cabeça a esse exercito de senadores e mancebos nobres.

Pompeu, do meio d'esses magistrados fugitivos, muitos, seus iguaes em dignidade, que, como elle, tinham commandado e obtido as honras do triumpho, e não se sentiam presos por outros compromissos a não ser o da propria vontade, capazes de abandonal-o pelo mais leve desgosto, fatigados da vida dos acampamentos, desejosos de voltarem á vida de prazeres em Roma, e que já o accusavam de querer perpetuar-se no commando, não soube resistir as suas imprudentes exigencias, e resolveu decidir de uma vez, pelas armas, a pendencia com Cesar.

Tão convictos da victoria estavam os seus, e tão certos de que Cesar pereceria no combate que até o futuro summo pontífice, que devia substituil-o, estava designado.

No dia destinado para a batalha todas as providencias foram dadas pelos chefes Pompeistas para que ficasse preparado um grande festim, em que celebrassem a victoria, que elles criam infallivel.

Pompeu impellido pelo destino, para não dizer pelos amigos imprudentes, arriscou a batalha de Pharsala, em que foi completamente derrotado.

As mesas luxuosas dos Pompeistas vieram sentar-se os soldados famintos de Cesar.

Cicero que não assistiu a esta triste jornada, por ter

ficado enfermo em Dyrrachio, tinha escripto a Pompeu, promettendo-lhe que o seguiria logo que se restabelecesse.

O portador d'essa carta foi o seu proprio filho, que ia em pessoa substituil-o, e que se distinguiu na batalha á frente de alguns cavalheiros.

Como Cicero fosse personagem consular, Catão que tinha em Dyrrachio, ás suas ordens, quinze cohortes e uma esquadra, offereceu-lhe o commando d'essas forças.

Cicero recusou: então o filho de Pompeu, que ahi estava n'essa occasião, refere-o Plutarcho, n'um impeto de colera, que turvou-lhe a razão, desembanhou a espada, e arremetteu contra elle, para matal-o, não consummando e intento por lhe haver Catão desviado o golpe.

Os partidarios da guerra, depois da jornada de Pharsala, insistiam com Cicero para que os seguisse, allegando que ainda lhes restavam sete aguias

Cicero não poude ainda n'essa occasião reprimir o seu genio zombeteiro e sarcastico: Estas aguias serviriam muito, si tivesseis gralhas a combater» retorquio-lhes logo, e declarou-lhes cathegoricamente que, para elle, a guerra estava acabada, retirando-se sob a protecção de Catão, que o livrou de insultos e violencias.

Voltando para a Italia, no fim de Outubro do anno 705, chegou a Brindes, mas sempre precedido dos taes lictores com as fascas ornadas de loturos.

Fraquezas humanas!

XLVII. Pouco depois de haver desembarcado. M. An-
z.

tonio escreveu-lhe prevenindo-o de que tinha ordem do dictador para não consentir que pessoa alguma entrasse na Italia, sem ordem ou authorisação escripta do seu punho.

Cicero immediatamente encarregou M. Lamio de ir pessoalmente declarar-lhe que Dolabella, autorizado por elle, lhe havia escripto que podia, sem receio, voltar para Italia; e, que, pois, elle vinha confiado neste prometimento.

Antonio, então publicou um edicto, excluindo da Italia todos os partidistas de Pompeu, exceptuando M. Tullio Cicero.

Designando-o nominalmente, Antonio só tinha em mira tornal-o suspeito aos seus antigos amigos.

Não eram, porém, as contrariedades politicas as unicas que affligiam o orador: seu irmão e seu sobrinho, que haviam partido para a Africa, no intuito de obterem o perdão de Cesar, não cessavam de accusal-o, quer em discursos, quer nas cartas, que escreviam.

Quinto attribuia ao irmão a falta que commettera: o sobrinho foi além, compondo o discurso, que devia pronunciar deante do vencedor — discurso no qual seu tio era cruelmente tratado.

Tamanha ingravidão de parentes, que lhe eram tão caros, feriu-o fundamente; mas, nem por isto, os imitou.

Pelo contrario: escreveu a Cesar declarando que elle, e soelle, fôra quem impelira. Quinto e seu filho abraçarem o partido de Pompeu, e pedindo-lhe que os per-

doasse, que só elle merecia castigo.

Por outro lado, Dolabella, seu genro, graças á protecção de Cesar, tinha sido nomeado tribuno, e excitava graves perturbações, em Roma, revivendo a lei, que extinguiu as dividas, das quaes estava tão obrado que Tullia, sua mulher, viu-se na necessidade de procurar a casa de seu pae, por falta de recursos.

Cicero não lhe pagara integralmente o dote, porque o desfalque da quantia, que elle offerecera a Pompeu, impossibilitara-o de cumprir esta obrigação: accrescia que a má administração de sua casa, resultante da prodigalidade de Terencia, o levara a critica situação pecuniaria, de não poder fazer face até as despesas ordinarias: foi-lhe preciso ainda uma vez recorrer á bolsa de Attico.

Em Brindes recebeu elle a noticia da morte de Pompeu, facto, que muito o penalizou, mas não o surpreendeu.

Chegando a Roma essa noticia, Cesar foi de novo nomeado dictador, tendo, por general da cavallaria, Marco Antonio.

O grande orador continuou a residir em Brindes, mas, segundo suas proprias expressões « em uma situação tal que lhe parecia o peor de todos os supplicios ».

Sem permissão de Antonio, que não perdia ensejo de humilhal-o, elle não podia voltar para Roma.

Sua esperança, pois, estava só em Cesar, e ficara em Brindes para recebê-lo na volta.

O segundo fundador de Roma, o pae da patria, sentia-se tão envergonhado do papel, que representava, que, até em suas cartas, evitava tocar na sua posição, e pedia aos amigos a graça de não lhe fazerem pergunta alguma a tal respeito.

Para a Africa haviam convergido todos os partidarios de Pompeu, e ali tinham reunido forças tão consideraveis e tão superiores ás de Cesar, que já pensavam em passar a Italia, antes que o dictador voltasse do Egypto.

Era conhecido em todos os pontos da Italia o manifesto, que elles haviam publicado, no qual declaravam que considerariam inimigos todos aquelles que não se apresentassem no acampamento.

Cicero contava, pois, que seria considerado por elles, desertor.

Á vista disto, impunha-lhe o proprio interesse que desejasse o fizesse votos pelo victoria de Cesar e de seu partido, que elle sempre repellira.

XLVIII. Em Roma muito se commentava a nova attitude de Cicero: muitos o censuravam pela presteza com que se submettia ao dictador: votado ao desprezo, pela sua pusillanimidade, ninguém ousava defendel-o.

Sciende da severidade, com que era julgado, Cicero dirigiu-se a Attico expondo-lhe os motivos, que, em sua opinião, o justificavam e pediu-lhe que os fizesse publicos.

Em politica, defezas ha que só servem para mais comprometter os accusados.

As preocupações e tristezas d'aquelle espirito aggravavam-se ainda porque de Cesar nem uma linha sequer havia recebido : reparo injusto, filho de sua imaginação atordoada, pois que o guerreiro a braços com a expedição do Egypto, desde muito não escrevera uma só carta para a Italia.

Os seus amigos de Roma souberam da inquietação em que elle vivia, e, para attenual-a, lembraram-se de dirigir-lhe uma carta affectuosa, datada de Alexandria, com a assignatura de Cesar, perfeitamente imitada.

Os termos da redacção, porem, eram vagos, de modo que Cicero desconfiou que essa missiva não era verdadeira.

Posteriormente verificou que Oppio e Balbo, seus amigos, tinham lançado mão d'esse recurso para reanimar-lhe a coragem, e tiral-o do abatimento moral em que vivia.

Afinal, Cesar lembrou-se do eloquente orador, e escreveu-lhe, remetendo-lhe as cartas injuriosas de Quinto, e dizendo-lhe que não queria ter comsigo as provas do procedimento repugnante de seu irmão : era sem duvida um testemunho da estima e consideração, que Cicero lhe inspirava; mas este tantas vezes humilhado, trahido, abandonado por aquelles, em que mais confiava, tornado suspeito pela adversidade, descobriu n'essa carta novos motivos de temores.

Parecia-lhe que o vencedor irritado, procurava assim tranquilisal-o para melhor e mais cruelmente vingar-se

239

mais tarde, e que a remessa d'esses papeis, por intermedio de terceiro, era até um signal de desprezo.

Tão sombrias idéas foram felizmente dissipadas por segunda carta de Cesar, que nos termos os mais affectuosos, garantia-lhe todas as honras e dignidades, que tinha e promettia-lhe ainda retomar os seus *queridos* lictores e os seus louros, que havia abandonado.

Ao mesmo tempo, o vencedor de Pompeu, em attenção a Cicero, permittia a Quinto voltar á Italia, e o irmão mudando inteiramente de linguagem, escrevia-lhe felicitando-o pelo restabelecimento de sua posição e fortuna.

Cicero pensou, desde logo, em mandar o filho ao encontro do feliz dominador, o que, porem, não fez por não ter certeza da estrada, pela qual elle viria; apenas, porém, soube que Cesar chegara a Tarento, sahiu de Brindes para recebê-lo em caminho.

Em suas cartas elle confessa o constrangimento moral, que o opprimia, pensando no momento, em que devia enfrentar com aquelle, contra o qual se declarara, e com quanto conhecesse bem a delicadesa de Cesar e contasse ser acolhido amistosamente, acrescentava: « Não sei se valerá a pena solicitar a vida, que cessa de ser nossa, desde que é a outhorga de um senhor ». O encontro emfim deu-se.

Cesar, além de cavalheiro perfeito, que em circumstancia alguma deixava de guardar as conveniencias, era poli-

tico muito atilado para humilhar um homem do talento de Cicero.

Apenas o avistou apeiou-se e veio cordialmente abraçá-lo, conservando-se de pé, e conversando familiarmente com elle.

A gentileza de Cesar penhorou-o de véras.

Desde então Marco Tullio só cuidou de voltar a Roma, e depois de alguns dias passados em sua *villa* de Tusculo, em companhia de alguns amigos, partiu para a capital, resolvido a consagrar-se ao estudo, e, n'esta tranquilla occupação, esperar dias melhores para a Republica. Então escrevia elle a Varrão : « Felizmente fiz paz com os meus livros, que viviam descontentes por que eu despresei por tanto tempo os seus preceitos ».

XLIX. Os negocios da Africa obrigaram Cesar a deixar ainda uma vez Roma.

A phisionomia de seu governo desenhou-se logo pelos seus actos, que causaram geral tristeza aos que ainda sonhavam com a restauração das instituições republicanas.

Para os tres mezes, que ainda faltavam para terminar o anno, nomeou consules—Vatinio e Fufio Coleno, e para o anno seguinte (707) a si mesmo e Lepido. Ainda não se havia visto tamanho abuso do poder.

Cicero estava convencido que nada havia que esperar, nem de Cesar, nem dos seus adversarios, e pois, continuou a viver no retiro com os livros de sua vasta bibliotheca, estreitando suas relações de amizade com

240

Varrão, tido por um dos mais eruditos de seu tempo, amizade, que atravessou os seculos pela dedicatória reciproca de obras, que escreveram.

Nesse tempo, alem das traducções de Homero, de Timêu, de Platão, e de alguns tragicos gregos, compôz elle o trabalho, conhecido pelo titulo de *Dialogo sobre as divisões oratorias*, e destinado a seu filho, então com desoito annos de idade, e mais o dialogo sobre os *Oradores illustres*—sob o titulo—*Brutus*—obra, que completava o tratado do—*Orador*—já publicado.

As relações de Cesar com Cicero tornaram-se tão familiares, que este, que no começo da guerra civil era devedor d'aquelle, agora tornara-se seu credor.

Cicero luctava com difficuldades, mas não sabia como ser embolsado.

Essas difficuldades eram tamanhas, que elle separou-se de Terencia, com quem vivera, por espaço de trinta annos, para contrahir novas nupcias : Terencia, havia lhe trazido bens que forçoso lhe era restituil-os.

O pretexto para tal divorcio foi o genio intoleravel do consorte, e a suspeita de que ella acolhia com favor os inimigos de seu marido. Elle proprio dizia : « Em tempos tão miseraveis, eu jamais teria pensado em mudar de situação, si, na minha volta, não encontrasse os meus negocios particulares em tão mau estado, quanto os da Republica.

As intrigas e perfidias, urdidadas contra mim, em minha

própria casa, obrigam-me a este passo, e vejo-me forçado a procurar alianças novas para me defender contra a traição das antigas.

Os seus amigos propuzeram-lhe alguns casamentos; mas elle resolveu desposar Publilia, pupilla sua, formosa rica e de boa familia. A desproporção da idade era enorme.

Cicero tinha sessenta e dous annos, ao passo que Publilia era quasi creança ainda.

Um casamento, em taes condições, provocou alguns epigrammas ao orador, que se contentava de responder: « Com effeito ella é uma creança; mas, amanha, será mulher ».

Terencia, que, segundo S. Jeronymo, viveu cento e tres annos, por seu lado, fez o mesmo, e casou com Sallustio—o historiador, inimigo figadal de Cicero; e, mais tarde, com Messala.

Dion afirma que ella teve ainda quarto marido, Vibio Rufo, que foi consul sob Tiberio, o qual se gabava de possuir duas preciosidades, que pertenceram aos dous maiores homens do seculo anterior, a cadeira sobre a qual fôra atacado Cesar e a mulher de Cicero.

Apesar de tantos annos decorridos, seja-nos licito render homenagem á memoria de tal homem pela sua incontestavel coragem.

Cesar voltou da Africa victorioso e senhor do mundo. Até ahí o senado havia guardado um certo comedimento;

mas então o servilismo não conheceu mais limites. Não houve honraria, que não lhe fosse prodigalisada.

Tamanha baixeza enojava Cicero, que comprehendendo que o seu papel politico estava terminado, e que a palavra, outr'ora meio poderoso de governo, era inteiramente inutil n'um regimen, em que um homem só tinha enfechado nas mãos todos os poderes, e d'elles usava e abusava á vontade, deliberou comprar uma casa em Napoles para conservar-se longe de Roma, onde, segundo dizia: « longe de me porem ao leme, nem siquer julgam-me digno de trabalhar na bomba » seus amigos porém o demoveram d'esse proposito ponderando-lhe que Cesar podia considerar semelhante passo, como signal de má vontade, e até mesmo de aversão para comsigo.

« Já que assim o entendeis, respondeu-lhes Cicero, alludindo ironicamente á censura de Cesar, ficarei em Roma, emquanto n'ella permanecer o prefeito de nossos costumes; mas logo que elle se retire, correrei immediatamente para Napoles ».

L. O senado romano era composto dos mais illustres personagens da Republica.

N'essa corporação havia homens, que tinham occupado os mais elevados cargos do Estado e si illustrado por estrondosas victorias, nobres d'alta linhagem, que no vestibulo de seus palacios ostentavam as imagens de seus antepassados igualmente illustres; entretanto os senadores,

como bando de escravos, rojavam aos pés do dictador e procuravam adivinhar-lhe o menor dos desejos!

N'essas fraquezas lastimaveis, n'essas cobardias e misérias em um povo, que affirmava a sua energia e valor civico por actos, que a historia não tem cessado de honrar, nada havia que reparar e admirar.

O homem obedece ás correntes de seu tempo e amolda-se ao meio, em que vive.

Com a liberdade, que se eclypsara, desappareceram a hombridade, a independencia, a altivez, a nobresa do povo romano; gasto pela corrupção, escravizado á paixões ruins, que lhe haviam envenenado a alma o *povo-rei* fazia então o que tem feito todos os povos em condições analogas—beijava a terra lodosa, em que se revolia, e saudava, de bruços, o senhor, que passava triumphante. Como em Roma, na França tambem, nos dias do poderio napoleónico, aqui, e em toda parte, tem-se contemplado esses espectaculos repugnantes e deploraveis: elles não são novos, e como que servem para confirmar que a liberdade é uma necessidade imperiosa á vida.

A attitude servil do senado romano lembra-nos a do nosso congresso, quando o poder executivo transmittiu-lhe a noticia da revolta da esquadra, declarando que tinha os meios de debellal-a.

O poder, ao qual incumbia o dever de precaver todos os grandes interesses nacionaes, não só abdicou nas mãos de *Cesar*, que nada lhe pedira, a excelsa faculdade de

decretar, mais ainda humilde, esquecido de que era, ou devia ser a encarnação da soberania popular, mandou-lhe, por uma commissão de seu seio perguntar o que desejava, o que queria que o senado fizesse!

Si o parallelo é possível entre as duas altas corporações— romana e brasileira, entre os *Cesares* ha todavia um abysmo.

O romano era um genio, que possuia o condão de fascinar e hypnotisar as multidões, ao passo que aos nossos *Cesares* não concedeu a Providencia o talento militar, a capacidade politica e administrativa, a eloquencia, illuminada pela instrucção, que produz milagres, a aureola de gloria, que circundava a fronte do habilissimo despota, que soubera suffocar em suas mãos a liberdade da patria, simulando defendel-a.

Em homenagem á verdade, convêm, entretanto, não esquecer que os nossos legisladores differem muito dos senadores romanos: estes conquistavam as cadeiras, em que se assentavam pelos serviços, que prestavam nas magistraturas, a que os levava o voto popular.

Era incontestavelmente enorme a corrupção eleitoral nos ultimos tempos; todavia não havia subido ainda á altura, á que entre nós subiu n'estes quatro annos de Republica. Desgraçadamente, da corrupção, e da mentira eleitoral, do vil e criminoso manejo dos forgicadores de actas falsas não póde decorrer, sinão a indecisão nas deliberações, a

fraqueza nos actos, o sacrificio do dever civico nas luctas arriscadas, o aviltamento dos caracteres politicos.

Só a soberania nacional, elevando, glorificando os homens publicos, tem o poder de preparal-os para o apostolado do bem e para o martyrio, quando fôr preciso.

Emquanto a eleição fôr o que é no Brazil, não sahiremos da abjecção em que nos atiraram os dominadores, que vão passando sem deixar saudades. Anima-nos ainda a esperança de que estas crueis provações passarão. Esperemos a hora da redempção, que ha de vir, como vem sempre a justiça de Deus.

Cesar, senhor absoluto da Republica, já não attendia aos conselhos de Cicero ; entretanto, servia-se de seu nome, e com elle subscrevia os decretos do senado, os quaes, em sua casa, eram forjados por sua ordem.

Cicero, em uma de suas cartas a Attico, diz : « Algumas vezes sei que um senatus-consulto, proposto por mim, e approvado pelos meus esforços, foi transmittido á Syria, ou á Armenia, antes mesmo que eu suspeitasse que elle fôra preparado ; e recebo cartas de alguns principes agradecendo-me o titulo de reis, quando não só eu ignorava que elles tivessem obtido tal titulo, como ainda, nem siquer sabia que elles existiam.

Como aqui, trabalhara o bico da penna, mas, com certesa, de modo menos prejudicial á sociedade.

Cicero era tratado com muita consideração pelo partido vencedor : os favoritos de Cesar viviam com elle na

maior intimidade, e faziam-lhe, segundo suas proprias expressões « uma especie de corte ». Balbo, Oppio, Mario, Hircio, Pança e Dolabella quasi todos os dias assentavam-se a sua meza. Hircio o Dolabella até aprendiam a declamar com o grande orador.

Escrevendo a Varrão, dizia elle: « Porque hei de abster-me de conviver com os que nos governam? Que queres tu? É preciso ceder aos tempos »; e cedendo procurava nos livros de philosophia e historia, maximas, razões e exemplos, que na consciencia já não encontrava para a propria justificação.

Debalde repetia elle: — o sabio não se pertence, e não deve melindrar inutilmente os que estão de posse da auctoridade: — quando o melhor partido é viver, é mister amar aquelles, que nos concedem a vida, ainda quando a morte pareça preferivel: — a historia menciona muitos sabios, que viveram em Athenas e Syracuca, sob o regimem de despotas, sem jamais perderem a liberdade do espirito: — tomadas as medidas as mais adequadas, o sabio, ainda que se engane, não deve lutar, sem esperanza, contra a força das cousas; — e, como estas muitas outras maximas e conceitos, de que enchia as suas cartas e o seu espirito; mas, si a força de invocal-as, Cicero não tornou-se verdadeiramente sabio no sentido restricto da palavra, teve no entanto, o bom senso de não envolver-se na politica de Roma, e nem procurar informar-se do pé em que ella ia.

O prestigio de que gosava junto aos dominadores, elle o empregava em servir aos amigos exilados por amor de uma causa, que tambem fôra sua.

Quando se tratava d'elles, Cicero não esmorecia; dominava a fadiga, entregava-se ao trabalho, e não sahia da casa de Cesar.

As vezes queixava-se da difficuldade que encontrava em falar-lhe e de ser obrigado a esperar no vestibulo do palacio com os clientes, que o acompanhavam; mas, attribuia tudo aos multiplos affaseres do dictador, e á multidão, de que elle vivia constantemente cercado.

LI. — Nem porque elle vivesse em contacto tão estreito com Cesar e os seus, os republicanos o consideravam menos.

Sua casa tornou-se o ponto principal de reunião de ambos os partidos: nunca ella fora mais frequentada: os visitantes erão em tão grande numero, que foi mister ao orador regular as recepções.

Pela manhan recebia os republicanos, reunião sempre tristonha e melancholica. Depois, « Os vencedores alegres », como os denominava Cicero, que se recolhia ao seu gabinete para ler ou escrever, logo que seus amigos se retiravam: no meio de todos elles, Cicero não perdia occasião de atirar as suas phrases sarcasticas contra o poder de Cesar e a baixesa de suas creaturas.

Em certa occasião, Andron de Laodicia, com que elle, quando proconsul, entretivera relações na Cilicia, visitou-o.

244

Cicero perguntou-lhe o que viera fazer a Roma « Venho encarregado pelos meus concidadãos de obter de Cesar a liberdade de nossa patria ».

Cicero replicou-lhe logo: « Si conseguires isso, solicita tambem por nós ».

D'outra vez, em que se tratava do proprio Cesar, e falava-se no seu plano de acclamar-se rei, Cicero disse aos circumstantes, alludindo ás relações pouco honrosas do dictador com o rei da Bithynia: « Não vos deveis espantar que, depois de ter tanto amado um rei, ame elle tambem a realeza ».

Seus melhores amigos penderavam-lhe que essa desenvoltura de linguagem podia despertar o resentimento de Cesar, e pediam-lhe que guardasse mais reserva; mas elle lhes respondia: « Exigir de mim que engula um bom dicto é o mesmo que impor-me a renuncia de minha reputação de homem de espirito » e acrescentava: Cesar tem um discernimento admiravel: é preciso fazer-lhe esta justiça, e já está tão familiarisado com os meus bons dictos, que quando lhe referem algum, que me não pertence, o repelle logo.

Accresce que os seus melhores amigos vivem familiarmente commigo e não deixem de referir qualquer phrase engenhosa ou picante, que me escapa.

Eu sei que esses amigos teem esta commissão, o que ainda mais facilita o seu natural discernimento ».

Cesar votava amisade e respeito a Cicero, e posto que não

ignorasse a repugnancia, que o orador manifestava peia sua usurpação, caprichava em tornar-lhe a vida agradável, sem que comtudo obtivesse d'elle outra cousa alem de louvores á sua clemencia e ás suas intenções de restabelecer a republica; Cicero não deixava, entretanto, de qualificar-o de tyranno, e de oppressôr o seu governo, com mais ou menos frequencia, segundo as vicissitudes de seus receios e esperanças. N'essa epocha escreveu elle o *Elogio de Catão*.

O seus amigos ponderaram-lhe a delicadeza do assumpto, e opinaram que elle se limitasse a louvores geraes, evitando descer a particularidades, que pudessem parecer offensivas ao dictador.

Elle proprio reconhecia a difficuldade em que se achava e dizia que tinha a resolver «um problema de Archimedes»; mas, deixando de parte a sua natural timidez, e o parecer dos amigos «Elevou ao ceu, na phrase de Tacito, as virtudes e o character de Catão. O livro obteve o maior acolhimento.

Cesar, sempre grande, em vez de mostrar-se resentido, o applaudiu, declarando, porém, que estava no proposito de responder a Cicero mais tarde.

Por sua ordem, Hircio escreveu logo e publicou um artigo, em fórma de carta, analysando por alto, e objectando o trabalho de Cicero, mas consagrando-lhe valor de respeito e consideração.

No anno seguinte, quando o dictador voltou de

Hespanha, publicou o seu *Ante-Citão*, em que, ponto por ponto, respondeu ao panegyrico de Cicero.

Em todo o trabalho, Cesar tratou-o com a maior benevolencia, aproveitando-se do ensejo para manifestar publicamente a admiração, que lhe inspirava o grande talento de seu contendor; comparando-o a Péricles e a Thera-
menes, collocou-o ainda acima de todos os triumphadores « porque era mais glorioso para os romanos ter alargado os limites do genio, de que as fronteiras do Estado ».

Este torneio litterario dividiu Roma em dous campos. Segundo as inclinações ou intereses, cada um tomou o partido de Cesar ou de Cicero. Por muito tempo a discussão das duas obras occupou a attenção geral.

LII. O seu livro do *Orador*, em que elle procurou dar perfeita idéa do que deve ser a eloquencia, foi escripto logo depois, a pedido de Bruto.

Este trabalho, que elle proprio reputava o melhor dos seus escriptos, teve ainda maior acceitação. Foi por esse tempo que Cicero proferiu, no senado, o discurso dirigido a Cesar, que havia revogado o banimento de Marcello, amigo intimo do orador, e que vivia retirado em Mitylena, desde a jornada de Pharsala.

Cesar accedera aos senadores, que juntos lhe pediam o perdão de Marcello, com excepção apenas de Volcacio, que protestou contra esse perdão, que, em sua opinião, seria uma humilhação para o exilado.

Cicero, para provar o seu reconhecimento á generosi-

dade do dictador, abandonou a resolução em que estava, de nunca mais falar no senado, e dirigiu-lhe esse discurso, incontestavelmente admiravel, quer no fundo, quer na forma. É possível que o orador não fosse sincero, tão esplendido é o elogio feito ao *tyranno*; mas pode-se desculpar ao orador o excesso de sua benevolencia, attendendo-se a que, em sua boa fé, talvez acreditasse ainda que Cesar seria capaz de restaurar as instituições republicanas.

De feito, ainda neste discurso o orador o aconselha a dar esse grande passo, com a energia de um romano antigo. Não é para estranhar que, sob um governo despotico, um conselho de tal ordem fosse amenisado pelo excesso de elogios.

Este discurso foi muito applaudido pelo senado e pelo publico, o que muito animou o orador, que por sua vez solicitou do dictador o perdão de Ligario, tambem exilado, por se ter batido na Africa contra elle.

Cesar deu-lhe uma resposta favoravel; mas Tuberão, inimigo pessoal do proscripto, o accusou publicamente de rebellião, o que levou o dictador a dar o dicto por não dicto, permittindo todavia que a causa de Ligario fosse publicamente pleteiada no Forum, e em sua presença. Aos amigos, aos quaes tal resolução causava reparo, respondeu Cesar, segundo se lê em Plutarcho: « Quem nos impede de ouvir a Cicero, cuja eloquencia, ha tanto, está muda, quando Ligario já está condemnado? » Cicero

tomou a peito a defeza do amigo : o coração e a cabeça reuniram-se para tornal-o mais eloquente ainda, do que naturalmente era.

A oração *pro Ligario* é uma peça de eloquencia judiciaria notavel em todos os sentidos. A apostrophe a Tuberão é admiravel. Nos proprios despotas, quando elles são intelligentes e instruidos, como Cesar, a palavra humana produz milagres.

O dictador, que se suppunha juiz inflexivel, diante da eloquencia ciceronica, profundamente commovido, revelando na physionomia transtornada todos os sentimentos que lhe iam n'alma, deixou cahir os papeis, que conservava na mão, exclamando « Fui vencido ! e Ligario foi perdoado.

Este discurso, Roma leu-o com avidez. Cesar exigiu que o orador o obsequiasse com um exemplar, e Tuberão que na discussão não fôra poupado, por intermedio da mulher, que era parenta de Cicero, mandou pedir-lhe que adoçasse um pouco os topicos, em que a este se referia ; o orador, porém, não fez a menor alteração.

Na vida privada Cicero não era feliz. O seu segundo casamento não lhe trouxe a tranquillidade domestica, que elle esperava. Entre o seu filho e Publiola as queixas eram frequentes. O joven Cicero exigia renda á parte, e queria servir na Hespanha sob as ordens de Cesar, que acabara de aniquilar os Pompeistas, e ao qual acompanhara o filho de Quinto.

Cicero, com difficuldade, obteve que elle renunciasse a tal projecto ; mas não conseguiu que se conservasse sob o tecto paterno : o mancebo montou casa propria.

No desejo de attenuar os effeitos d'esta separação, que dava logar a interpretações equivocas, Cicero propoz-lhe que fosse estudar em Athenas, garantindo-lhe consideravel mesada, que segundo alguns, subia a vinte contos annuaes. O filho accitou e partiu com dous libertos, que deviam servir-lhe de mentores e foi recommendado aos mais notaveis philosophos gregos, e, com especialidade, a Cratippo, chefe dos Peripateticos.

Livre d'esta preocupação, golpe cruel veio feril-o. Tullia, sua filha, que passava pela senhora mais instruida de Roma, com a idade apenas de trinta e dous annos, falleceu. Esta morte affligiu-o demasiadamente.

Plutarcho affirma que todos os philosophos se reuniram para consolal-o ; mas debalde. Cicero para evitar os que vinham dár-lhe pesames e palavras banaes de consolação, retirou-se para a casa de Attico, e ali, noute e dia, mettido na bibliotheca, folheava todos os livros, que lhe pareciam capazes de attenuar a amargura, que lhe ia no coração.

Suppunha talvez o infeliz pae que lhe seria possivel affogal-a no excesso do trabalho. « Os que lançam-me em rosto o meu abatimento não poderiam talvez ler tanto, quanto tenho escripto, bem ou mal, não importa. É verdade que, ha muito, não conheço o somno ».

242

LIII. Até em casa de Attico os *consoladores* o importunavam. Para evital-os de todo, Cicero retirou-se para a sua propriedade de Asthur, sitio montanhoso, de aspecto selvagem, cheio de grótas e quebradas, coberto de altas e espessas mattas.

Não havia logar mais proprio para augmentar-lhe as tristezas. « Aqui dizia elle, não tenho contacto com os homens. Ao romper d'alva embrenho-me pelos bosques, e só d'elles saio ao escurecer. O meu entretenimento, apenas interrompido por minhas lagrimas, é só com os meus livros ». Attico e Luceio pediam-lhe, com instancia, para abandonar esse retiro solitario, ponderando que o excessivo abatimento, a que se entregava, prejudicava a sua consideração politica e social, e seria interpretado como prova de fraqueza de espirito.

Todos os seus amigos escreveram-lhe consolando-o.

A carta de Bruto sensibilisou-o muito. A de L. Sulpicio, pelo estylo e pelos conceitos, foi considerada modelo em seu genero.

Cesar, sempre correcto com o grande orador, escreveu-lhe dos campos de batalha de Hespanha. Debalde lia e relia essas cartas: a sua afflicção não esfriava, si é que não augmentava.

Acreditando ainda que o excesso do trabalho poderia attenuar o seu abatimento moral, escreveu o seu *Tratado da Consolação*, vasado no molde de uma obra analoga por Crantor, o academico.

Cicero affirma que realmente conseguiu mitigar a sua dôr com esse livro, muito lido e apreciado pelos primeiros Padres da Egreja, e especialmente por Lactancio, a quem se devem os fragmentos, que conhecemos. É-nos licito suppor que, na vaidade, hauria alentos a dôr de Cicero, que desejava immortalisar a memoria e as virtudes de Tullia.

E fundamos a nossa presumpção no projecto, que elle concebeu de dedicar-lhe um templo, em que fosse adorada, como divindade.

Nos seus transportes de ternura e de justa saudade, muitas vezes exclamava elle:

« Sim, eu quero consagrar-te, a ti, a melhor e a mais esclarecida das mulheres, um templo, em que fiques exposta á adoração dos mortaes; quero collocar-te na assembléa dos deuses ».

Causa-nos mais do que admiração, causa-nos estranheza, que a um philosopho da ordem de Cicero, que formava idéa tão perfeita do Deus unico, cuja sabedoria rege o universo, occorressem pensamentos taes.

É que só sabemos ser philos ophos perante os males alheios: quando a desgraça nos fere, frequentemente nos esquecemos dos preceitos e maximas, que pregamos aos outros.

No intuito de realisar o seu projecto, Cicero chegou a mandar vir de Chio columnas de marmore e um esculptor de nomeada.

29

Pensou depois que talvez fosse melhor construir um mausoleu, em que fossem recolhidos os despojos mortaes de sua filha; mas como as leis sumptuarias limitavam as despezas com os sepulchros, persistiu na idéa de edificar o templo.

A difficuldade maior era, entretanto, encontrar um local apropriado para o edificio.

Cicero pretendeu comprar, alem do Tibre, mas perto de Roma, um magnifico jardim, onde lhe parecia que a nova divindade obteria grande numero de adoradores, sem fazer até questão do preço.

O proprietario, porém, não quiz cedel-o por fórma alguma. Attico foi de parecer que elle construísse o monumento em alguma de suas propriedades; mas Cicero ponderou-lhe que as propriedades mudam de donos, e que era possível, no futuro, que os novos proprietarios deixassem o edificio cahir em ruinas, ou dessem-lhe outro destino.

Ou porque as perturbações, que agitaram a republica o houvessem embaraçado na execução do projecto, ou porque a sua dôr estivesse mitigada com o tempo, unico e efficaz remedio para as afflicções moraes, ou porque finalmente, elle comprehendesse que a propria pedra, apenas por alguns seculos resiste á acção destruidora do tempo, o que é certo é que o templo não foi edificado, parecendo todavia que o orador não desistia de todo de sua idéa, porque punha de parte todas as economias, que podia fazer em suas despezas ordinarias.

N'essa epocha Cicero separou-se de Publiola por suspeitar que ella se regosijara com a morte de Tullia.

LIV. Em Roma acabava de chegar a noticia da morte inexplicavel de Marcello assassinado em caminho por um amigo, que o acompanhava desde Mitylena, onde vivera exilado. Em acto successivo, este amigo se suicidara.

Não faltou quem attribuisse a Cesar esse lamentavel acontecimento.

Muitos começaram a tremer pela segurança propria. Cicero foi d'esse numero, e seus temores augmentaram, porque seus amigos lhe diziam que, de todos os oradores consulares, era elle o mais exposto ao odio e á inveja.

Attico, sempre discreto, exhortou-o a prevenir-se, e a ter todo o cuidado com aquelles, que o serviam em casa.

Esta circumstancia, reunida á tristeza, que o opprimia, levou-o a continuar a vida de solitario que adoptara e a entregar-se de novo aos estudos philosophicos, pelos quaes, desde moço, tivera decidido gosto.

Assim, resolveu tornar conhecidas dos romanos estudiosos as doutrinas das escolas gregas, tão desconhecidas ainda entre os latinos, que, na lingua, ainda não havia vocabulos que exprimissem as abstracções da metaphysica hellenica.

Pode-se dizer que foi elle o creador da linguagem philosophica dos romanos. Plutarcho assegura que Cicero foi o primeiro, que, em latim, inventou termos para designar o objecto, a essencia, a catalepsia, os atomos, o simples,

o vacuo, e outras idéas d'êsta natureza, ou pelo menos, quem os tornou intelligiveis e familiares aos romanos ». O proprio Cicero diz: « Na necessidade em que me acho, de renunciar á politica, só tenho esse meio de ser util. Nutro a esperança de que ninguem levará a mal, que tendo visto o governo cahir nas mãos de um só homem, eu me esquite de apparecer em publico, nem me entregue, sem reserva, aos dominadores do dia. Meus escriptos substituem meus discursos no senado e no Forum, e as minhas meditações philosophicas as deliberações politicas e os cuidados pelo Estado ».

Hortensio, o notavel orador, de quem elle fôra émulo, mas sempre amigo, havia morrido ha cinco annos. Cicero, no intuito de honrar-lhe a memoria, deu ao primeiro dialogo philosophico, que publicou, o titulo de *Hortensio*.

N'este dialogo fazia a apologia da philosophia e a sua propria para responder áquelles, que estranhavam que elle se entregasse a tal genero de estudos, que reputavam abaixo de sua dignidade pessoal. Esta obra perdeu-se.

Algum tempo depois, publicou um tratado em quatro livros, explicando os principios da seita academica, a que pertencia.

Já elle havia escripto alguma cousa no mesmo sentido nos livros, que denominara *Catullo* e *Lucullo*, nomes que substituiu pelos de *Catão* e *Bruto*.

Varrão mostrou desejos de ver tambem seu nome figurar

em algumas das obras do orador. Cicero mudou o plano de seu ultimo trabalho, e dedicou-o a Varrão.

Tambem é do anno 708 o tratado *De finibus* — ou dos *Verdadeiros bens e dos verdadeiros males*. Em retribuição ao tratado — *Da virtude*, que Bruto lhe dedicara, elle, a seu turno, dedicou a Bruto esta obra.

Apoz esta, vieram as *Tusculanas*. Cicero retomara o habito de reunir, em sua companhia, alguns amigos illustrados, que se entretinham, discutindo assumptos graves e questões de importancia. Estes amigos passaram com elle cinco dias, em sua *villa* de Tusculo.

Cicero deu forma philosophica e methodica a quanto n'essa occasião disseram elle e seus amigos, e a esse trabalho intitulo — *Tusculanas*. Quasi ao mesmo tempo escreveu o *Elogio funebre de Porcia*, irman de Catão.

Sobre o mesmo assumpto Varrão e Lollio tambem escreveram; mas estas tres obras se perderam, assim como outros trabalhos do orador, inclusive poemas. Cicero consagrava-se de novo ás musas, e dizia-se que sem muito esforço, escrevia até quinhentos versos em uma noite.

LV. O filho de Quinto, que acompanhou Cesar para a Hespanha, onde este combatia os filhos de Pompeu, julgando que o melhor meio de agradar e facilitar a sua carreira era detrahir do tio e do proprio pae, entregou-se de novo a esse vil mister, aproveitando-se de todas as

ocasiões para apontal-os, como inimigos decididos do dictador.

Cicero ao saber do procedimento reprovado do sobrinho, dizia aos amigos :

« Seria a cousa, que actualmente mais podia affligr-me, si não tivesse plena convicção de que o *nosso rei* não presta a menor attenção a intrigas d'esta natureza ».

E tinha razão. Cesar continuou a dar-lhe frequentes provas de estima e consideração, e de tal ordem que os seus melhores amigos, entre os quaes Attico, e até o proprio M. Bruto, instaram com elle que escrevesse alguma obra e offerecesse a Cesar.

Cicero esquivava-se sempre, mas por fim, vencido pelas reiteradas instancias de todos elles, escreveu ao dictador uma carta politica, em que o exhortava a preferir o parecer de Hircio e de Balbo ao dos outros seus amigos.

Esta carta no fundo outra cousa não era, sinão um conselho, para que Cesar, uma vez restabelecida a paz, cogitasse de restaurar as instituições republicanas, melhorando-as.

Attico achou a carta conveniente; mas Balbo e Hircio não approvaram os termos, em que era ella concebida. Cicero, que comsigo mesmo entendia que não devia falar com menos liberdade, acabou inutilizando-a, envergonhando-se de havel-a escripto n'aquelles termos e guardando tantas conveniencias.

Até os seus elogios tornaram-se suspeitos. Chegara a

Roma o livro de Cesar em resposta á apologia de Catão por Cicero. Este escreveu ao auctor do *Ante-Catão* uma carta agradecendo-lhe a consideração, com que se dignara tratá-lo em todo o correr da obra e elogiando-o pelo estylo elegante e apurado do livro inteiro.

Esta carta só poude seguir o seu destino depois de passar pelas mãos e pela inspecção de Oppio e de Balbo.

Cesar, voltando a Roma, celebrou o seu triumpho com pompa extraordinaria, a que, porém, não correspondeu o enthusiasmo popular.

Cicero, que então se achava fóra de Roma, soube com prazer da frieza, com que fóra acolhido o vencedor; mas instado por Lepido, que lhe escreveu, dizendo que Cesar muito desejava tel-o proximo a si, voltou para a capital.

Poucos dias depois de sua chegada, defendeu, no palacio do dictador, o rei Déjotauro, amigo seu, accusado por seu neto de ter tentado contra a vida de Cesar, accusação inverosimil e inteiramente destituída de provas.

Cesar adiou o julgamento da causa, da qual nunca se tratou.

O senhor absoluto de Roma continuava a dar provas de sua affeição ao grande orador; mas, querendo tornal-as bem publicas, convidou-se a si mesmo para ir passar um dia em companhia do velho amigo, em uma de suas casas de campo.

Eis como o proprio Cicero narra a Attico essa visita, que tanta sensação causou em Roma: « Que hospede! e

eu, que o cria temível! Entretanto, não tenho o menor motivo de queixa, porque elle pareceu-me satisfeitissimo.

Cesar, na vespera, chegara á casa de Philippe, meu visinho, a qual encheu-se logo de soldados, ficando apenas desoccupada a sala, em que elle devia jantar. Eram dous mil homens!

Fiquei logo receioso pelo dia seguinte mas. Barba Cassio libertou-me da minha preocupação, mandando apenas uma guarda para minha casa e determinando que os soldados acampassem fóra. Minha casa estava em bom pé de defeza.

Cesar permaneceu em companhia de Philippe até uma hora depois de meio dia, sem receber pessoa alguma, e a regular, creio eu, as suas contas com Balbo.

Ás duas horas, chegou á minha casa, e antes de tudo, banhou-se.

Depois, mandou que lhe lessem os versos sobre Mamurra, nome com que Catullo o invectivava.

Durante a leitura, não deu o menor signal de contrariedade.

Perfumou-se e pôz-se á mesa. Tendo tomado, segundo era costume seu, um vomitivo, comeu bem e bebeu ainda melhor, mostrando sempre a melhor disposição de espirito.

O jantar foi abundante e bem servido, e durante todo elle reinou a mais franca alegria e cordialidade.

Havia mais tres mesas para o seu sequito, servidas do mesmo modo.

Aos libertos e escravos de meu hospede nada faltou. Emfim, sahi-me bem em minha recepção: digo-te, porém, que Cesar não é hospede a quem se possa dizer: quando voltares, passa de novo por minha casa: basta uma vez. Não trocamos uma só palavra sobre politica.

A litteratura foi o assumpto unico, de que nos entre-tivemos.

Cesar disse-me que tencionava demorar-se um dia em Pouzzolles e outro em Baias. Eis descripta a minha recepção. Soffri, na verdade, algum embaraço, mas sem desordem.

Passando nas proximidades da casa de Dolabella, e só n'este logar, a escolta do dictador formou-se em duas columnas, marchando uma á direita e a outra á esquerda de seu cavallo. Nicias foi quem me disse isto ».

LVI. Cesar via-se cercado de solicitadores, avidos dos cargos publicos, sobretudo dos que davam direito a uma cadeira no senado, e para satisfazer a taes ambições, os concedia as vezes por mezes, por dias e até por horas.

Assim foi que morrendo repentinamente, no ultimo dia de Dezembro, Q. Fabio, que era consul, a 1 hora da tarde, desse dia elle nomeou consul C. Rebilo, cujas funcções durariam apenas algumas horas.

Esse consulado ephemero provocou muitos epigrammas; e Cicero, que não sabia conter-se diante dos caprichos dictatoriaes, foi dos que mais o ridicularisaram.

Aos amigos perguntava: «Sabeis acaso dizer-me sob

que consules C. Rebilio foi consul»? «Caio Rebilio foi um magistrado tão vigilante que nunca dormiu durante todo seu consulado». dizia a outros. A noticia d'estes dictos chistosos espalhava-se em Roma e elles eram realmente applaudidos.

Cesar elevava a novecentos o numero de senadores, incluindo muitos gaulezes, acto que tambem causara geral reparo. Cicero disse logo: «Prestará um bom serviço aquelle que se recusar a mostrar a essa gente o caminho do senado».

Por esse tempo um dos seus clientes veio empenhar-se com elle para que o filho fosse admittido no senado de Pompeia, sua cidade natal.

«Si queres, tratarei de mettel-o no senado de Roma. No de Pompeia, é muito difficil».

As zombarias do orador sobre essas nomeações, que de facto concorriam para rebaixar a ordem, a que elle pertencia, não cessavam; mas uma vez encontrou elle quem lhe desse o troco: Laberio, cavalleiro romano, escriptor dramatico, por ordem, ou, a pedido de Cesar, havia representado o papel de um dos personagens de uma peça por elle escripta, personagem, que proferia trechos pungentes contra os tyrannos de sua patria.

Cesar, como Pericles, não restringia a liberdade de falar, de escrever e de representar-se nos theatros peças em que houvesse allusões ao seu governo e á sua pessoa.

Era um despota muito differente dos democratas do

Brazil, no fim do seculo 19. Laberio, tendo terminado seu papel, procurou um logar entre os cavalleiros, que arranjaram-se de modo a não proporcionar-lhe o assento que elle desejava.

Cicero achava-se nos bancos dos senadores, e não podendo reprimir-se, até n'esta occasião, bradou-lhe em voz alta : « De bôa vontade eu te arranjaria logar aqui a meu lado; mas tambem estou muito apertado ». Laberio replicou-lhe logo : « Isso não me admira, porque o teu costume é assentar-te sempre em duas cadeiras ».

Esta allusão mordaz á versatilidade de Cicero, ha pouco amigo de Pompeu, logo depois de Cesar, provocou geral hilaridade.

O grande orador sentiu-se ferido pelas proprias armas, que tão finamente manejava.

No 1.º de Janeiro do anno seguinte (709) Cesar nomeou-se consul pela quinta vez, tomando por collega M. Antonio.

Dictador perpetuo, tendo recebido do senado honras, que a mais desregrada imaginação, nos nossos dias, não poderia conceber, nada faltava para a sua omnipotencia.

Tinha a sua estatua collocada entre as dos reis, templos, altares, sacerdotes e sacrificios; mas como a vaidade humana não conhece limites, até nos espiritos superiores, Cesar ambicionava a regio diadema.

Cicero debalde se esforçou para reduzir essas honrarias extravagantes a limites rasoaveis.

Cesar tinha a fraqueza, unica talvez n'aquella organisação extraordinaria, de desejar o titulo vão de rei.

Na festa dos Lupercos, sacerdotes novamente instituidos, entre os quaes o joven Quinto, com o consentimento paterno, mas contra a opinião do tio, se fizera incluir, M. Antonio offereceu ao *martyr da ambição pessoal* o diadema tão appetecido.

O desagrado popular foi manifesto. Dous tribunos protestaram com toda a energia contra esta tentativa.

Cesar soube simular repugnancia por esse diadema, que elle sentia que não poderia impunemente cingir.

O dictador havendo concluido os preparativos para a expedição, que meditava contra os Parthos, regulou, por dous annos, a successão dos magistrados.

Para o resto do anno corrente, em seu logar de consul, ficava Dolabella com Antonio: para o seguinte, Hircio e Pausa, e, depois, exerceriam o consulado, D. Bruto e L. Planco.

Entretanto, continuavam a tomar vulto os boatos de que o dictador não partiria, sem que lhe fosse conferido o titulo de rei, até porque, os livros sybillinos, como se affirmava, resavam que os Parthos só por um rei poderião ser vencidos.

A tudo isto juntou-se a noticia de que um dos intimos de Cesar, por ordem sua, já tinha redigido n'este sentido um projecto de lei, que seria em breve submettido á approvação do senado: esta circumstancia fez que explo-

disse contra a vida de Cesar a conspiração já tramada, entre perto de sessenta senadores, á cuja frente se achavam os dous Brutos, Marco e Decimo, e Caio Cassio.

Sob os governos absolutos tornam-se ferozes os homens ainda de melhor indole.

Obrigados a viver e trabalhar nas trévas elles em falta dos meios, que a liberdade proporciona aos que a defendem, recorrem ao punhal, julgando-o capaz de desatar situações insoffríveis, e restituir-lhes os direitos e as regalias perdidas e desejadas.

Os republicanos romanos resolveram libertar-se de Cesar por todos os meios; e como em emergencias tão graves desaparecem as noções do justo e do honesto, em pleno senado, o assassinaram a punhaladas.

Cicero, apezar de não ser do numero dos conjurados desconfiava de que alguma cousa se tramava: velho já os conspiradores reputaram-n'o inutil para a acção; mas contavam com a sua approvação a tudo, quanto fizessem.

O eloquente orador e philosopho erudito viu cahir o dictador, e em vez de repulsa e horror, mostrou satisfacção e contentamento pelo monstruoso attentado!

Os conjurados, com os punhaes gottejando sangue, bradavam:— Cicero, Cicero! como para annunciar-lhe a restauração da liberdade; e do theatro do crime partiram para o Forum nos mesmos brados, presumindo que o nome do grande orador lhes garantiria os applausos populares.

Por honra ao character de Cicero, não obstante o que

elle próprio diz na segunda Philippica, apesar de tudo quanto affirmam os diversos escriptores, que temos consultado, não cremos que fosse real a alegria, que elle manifestou diante d'esse crime, revestido das circumstancias aggravantes as mais atrozes, inclusive o abuso de confiança. Não ! quaesquer que fossem as suas idéas politicas, Cicero, philosopho, erudito, orador que pugnava sempre por todos os direitos, quer do individuo, quer da humanidade em seu todo, não podia applaudir o assassinato de um homem superior, que, em todas as occasiões, o cercara de inequivocas provas de afeição, estima e respeito.

Cicero devia ter sentido indescriptivel afflicção moral vendo correr, pelo punhal de Bruto, o sangue de Cesar, do hospede, que acolhera em sua casa, que se sentara á sua mesa, que compartilhara o seu pão, e a cuja mesa tambem se sentara, em cuja residencia frequentemente se achava, e cuja mão tantas vezes apertara.

A alegria de Cicero foi fingida, e não passou porventura de uma d'essas debilidades, que aquelle grande espirito tantas vezes experimentou.

O próprio M. Antonio fazia-lhe justiça, accusando-o de ter tomado parte n'aquelle crime, quando aliás, não estendia a mesma exprobação aos outros.

Que Cicero, sem saber ao certo do que se machinava, suspeitava todavia, que alguma cousa de extraordinario havia no ar, prova-o o seguinte trecho de uma carta que dirigiu a Attico: « O reinado de Cesar não pôde durar

seis mezes : vel-o-hemos acabar violentamente, e desejo viver para ser testemunha d'essa catastrophe »

Em outra occasião, escrevendo Attico uma carta em que, entre outras cousas, lhe communicava que a estatua de Cesar fôra collocada no templo de Quirino, ao lado da deusa *Salus*, Cicero respondeu-lhe, alludindo provavelmente á sorte de Romulo : « Prefiro que elle vá para o lado do deus a que fique ao lado da deusa ».

Era fora de duvida que, mais de uma vez, disse aos seus amigos que elles deviam inspirar a Bruto alguma resolução vigorosa, falando sempre na gloria d'essa familia, que havia garantido a liberdade romana. Costumava tambem dizer : « Bruto por ventura acredita que possa mandar-me novas de Cesar, que agradem a um bom cidadão ? Só uma, a de haver elle se enforcado ».

Nota-se tambem que, nas obras que escrevia, e especialmente nas dedicadas a Bruto, elle achava meio de falar sempre e com extrema habilidade, das desgraças publicas, lamentando que a forma do governo o privasse de exhibir os seus talentos, dignos de um povo livre, segundo dizia.

No dialogo, com que termina o seu trabalho sobre os oradores illustres, ainda elle se exprime nos seguintes termos : « Quando lanço os olhos sobre ti, Bruto, qual não é minha dôr, vendo tua mocidade estacar no meio da carreira pela desgraçada sorte da patria ! Attico e eu desejamos que cothas os fructos de tua virtude e vivas

n'uma republica, em que possas encontrar frequentes occasiões de renovar e augmentar a gloria de teus antepassados. Ja eras senhor do Forum, e tua gloria ali estava firmada : precisas da republica, como a republica precisa de ti.».

Tudo isso revela, sem duvida, o desejo de ver mudado o regimen que vigorava, mas d'ahi para o assassinio de César vae enorme distancia.

Cicero era demasiadamente intelligente e illustrado para acreditar que um homem só, ainda mesmo da superioridade de Cesar, podesse ser o senhor unico dos destinos de uma nação, a causa unica dos males, que affligiam os romanos, males sem duvida menores, do que os causados por Scylla ou Mario, e até pelo triumvirato, de que fôra membro Pompeu, o amigo, que nem sequer o amparara contra os insultos e violencias de Clodio.

E nem nos demove d'esta convicção este trecho de seu discurso no senado, respondendo a M. Antonio.

« Exceptuados Antonio e os seus adutores, não havia em Roma um só cidadão, que não desejasse a morte de Cesar por suas proprias mãos. Pelo desejo todos concorreram para ella : si a uns faltaram os meios, a outros a coragem, a ninguem faltou vontade »

N'este trecho o que ha é uma explosão de vaidade. Cicero queria parecer bravo, e recommendar-se aos conjurados, já então de posse das posições e de accôrdo com M. Antonio, unico, de quem elle podia receber.

Estamos convencidos de que, si com antecedencia fosse elle informado do plano dos conspiradores, e dos meios que pretendiam empregar para realisal-o, elle repelleria com indignação qualquer solidariedade com esse nefando assassinio politico, que só encontra um simile no assassinio de Parmenião, por ordem de Alexandre.

LVIII. Dissemos—*nefando assassinio*, quer pelas circumstancias que o precederam, quer pela conducta, que tiveram depois os conjurados. Os dous Brutos viviam na intimidade de Cesar

Marco era tido por seu filho, e não havia favor, que não conseguisse delle!

Sabe-se da afflicção do vencedor de Pompeu na jornada de Pharsala, emquanto não descobriu Marco, e da satisfação, que teve, quando o encontraram são e salvo.

Decimo Bruto era igualmente um dos mais intimos amigos do dictador, a cuja meza se assentava, quasi diariamente.

A qualquer hora, quando melhor lhe parecia, elle entrava na casa de Cesar, que alem de nomeal-o seu testamenteiro, deixava-lhe consideravel legado.

Na manhan do assassinato, Decimo prestou-se ao papel de conductor da victima para o logar do sacrificio.

Foi elle quem convenceu Cesar que não devia prestar attenção ao sonho de Calpurnia, a qual lhe pedia que n'esse dia não fosse ao senado, pedido a que elle promettera acceder.

Para melhor avassallar o espirito do amigo, não hesitou em redicularisar-lhe os escrupulos, admirando-se que elle se sujeitasse a fraquezas feminis.

Foi ainda Decimo quem persuadiu ao dictador que não faltasse á sessão n'aquelle dia, afim de que se convencessem os que não lhe eram adhesos do respeito que elle votava ao senado; foi finalmente Decimo quem garantiu-lhe a dedicação de todos os senadores, e sahiu com elle de braço até a casa, em que elles se reuniam.

O dictador, confiado no amigo, sahiu desarmado, e sem tomar a menor providencia, apezar do aviso que recebera de um adivinho, que o aconselhara de precaver-se contra os idos de Março. Todos os conjurados o receberam, como de costume.

Nenhum, porém, teve a coragem de tomar a si, individualmente, a odiosa empreza. Quando a victima menos esperava, cahiram sobre ella de chofre, como lobos famintos, e prostaram-n'a ao lado da estatua de Pompeu, crivado de vinte e uma punhaladas.

Si matar assim um homem desarmado e indefeso não é acto cobarde e nefando, sobretudo praticado por amigos, não sabemos a que acção humana se possa dar tal denominação.

Morto o dictador, M. Bruto, a frente de seus cúmplices, dirigiu-se para o Forum firmemente resolvido a arengar ás massas e fazer perante ellas a apologia do crime commettido; mas ali chegando foi glacialmente acolhido

pelo povo, que encontrou ; além d'isto, a cidade achava-se cheia de soldados, destinados á expedição contra os Parthos.

Aquella *profundissima convicção republicana*, aquelle *fanatico* da liberdade teve medo, e recolheu-se ao Capitolio com os seus consocios. Patriotas d'essa catadura ha-os por toda a parte.

Marco Antonio, agente de Cesar, seu collega no consulado, provavelmente com o pensamento reservado de precaver-se contra os conjurados, que elle suppunha fortes, e para ganhar tempo, julgara que, antes de tudo, devia tratar com elles.

A pressa com que foram acolhidas as propostas do consul demonstra, a toda a evidencia, que não era das instituições livres, que elles cogitavam. Desde que lhes foram garantidas as posições, o facto ficou sellado.

As provincias e governos foram repartidas. Cicero, no meio de todos, teve o merito de repellir sempre qualquer conchavo com M. Antonio ; a opinião, porém, de Bruto prevaleceu.

Emquanto os emissarios dos conjurados entendiam-se com Antonio, Cicero permaneceu no capitolio. Elle, n'esta occasião, previa o que veio a succeder depois ; mas era, talvez, dentre todos o unico, que pensava na sorte da republica.

O tratado de alliança foi lavrado. Cesar, que lhes parecia o obstaculo unico, tinha desaparecido. Estavam

de posse das posições, tão appetecidas e iam fruil-as sem terem de dar contas a ninguém. Que mais queriam? Que lhes importava a sorte das instituições democraticas?

Succedia então o que succedeu entre nós, depois do 15 de Novembro.

O novo regimen, iniciado pela morte de Cesar, foi o reinado dos homens de presa. O cãdaver da patria começou a ser devorado com voracidade insaciavel. O *virtuoso* Bruto não sentiu o menor escrupulo em jantar com Lepido no mesmo dia, em que se fez o conchavo, e o *patriota* Cassio com M. Antonio, o esbirro de Cesar, como o chamavam.

E o povo, o pobre povo, sempre creança, sempre victima dos mercadores politicos, que só têm estomago e ventre, applaudiu *bestificado* essa reconciliação vergonhosa.

Os ultimos romanos, chamam alguns historiadores, Bruto e Cassio! Sim, sem duvida os ultimos no desbrío, na vileza dos meios empregados para obterem as posições, na indecencia dos conchavos feitos com os inimigos reconhecidos das formas republicanas.

LIX. Antonio, mais sagaz do que os seus novos allia-dos, na noite immediata ao assassinato de Cesar, fizera com que Lepido introduzisse na cidade as tropas, a cuja frente devia marchar para o governo da Hespanha, para que fôra nomeado pelo dictador.

Lepido, julgando-se o mais forte, pelas forças de que dispunha, pensou em aniquilar os conjurados e apossar-se do poder; mas Antonio dissuadiu-o de tal projecto, e teve a habilidade de servir-se d'elle para a execução de seu plano.

Antes de tudo, casou sua filha com um filho de Lepido, a quem por esforços seus, foi conferida a dignidade de summo pontifice: e conseguiu que, diante d'essas forças accumuladas, alguns dos conjurados se retirassem da cidade.

Depois convenceu Lepido de que era mister partir para o seu governo, como medida indispensavel para manter a paz e a submissão da provincia.

Antonio, ficando só, e dispondo á vontade, do poder, obteve a approvação do senado para alguns projectos, que lhe pareciam indispensaveis aos seus planos.

Um d'esses decretos confirmava todos os actos do dictador: outro garantia recompensas aos veteranos: o terceiro determinava que se fizessem ao morto magnificos funeraes.

Antonio julgava que por occasião da cerimonia funebre ser-lhe-ia facil crear embaraços aos conjurados e levantar os adversarios do partido republicano. E, com effeito, pronunciando o elogio de Cesar, elle despertou com tal arte o odio da população contra os assassinos, que Bruto e Cassio só com difficuldade poderam escapar da sanha de seus agentes, em sua maioria, estrangeiros,

escravos ou judeus, que não esqueciam nunca que Pompeu lhes profanara o templo de Jerusalem.

Os conjurados começaram a comprehender que não deviam mais confiar no tratado feito com Antonio, e pediram que o senado lhes facultasse ter uma guarda, que os garantisse.

Antonio, geitosamente, por intermedio de terceiros, convenceu-os de que, no estado de excitação, em que se achavam os populares e os soldados, essa guarda, em vez de garantil-o, expol-os-hia aos maiores perigos.

Diante d'isto, resolveram-se os que ainda tinham ficado, deixar Roma.

Frebonio partiu para o seu governo da Asia, e Decimo Bruto para o da Gallia-Cisalpina, ambos contando ali aguardarem os acontecimentos.

Marco Bruto, acompanhado por Crasso, retirou-se para uma de suas propriedades, proxima a Lanurio. Isso e o que Antonio queria, eram a mesma cousa.

O consul aproveitou-se d'essa ausencia para assegurar-se do senado.

Por algum tempo conservou a mascara de moderação, chegando a propor uma lei, que abolia para sempre a dictadura: a sua proposta foi approvada no meio de estrepitosas aclamações dos senadores, que votaram-lhe immediatamente agradecimentos por ter sido o auctor da proposta.

Aproveitando-se do entusiasmo do momento, o consul

conseguiu tambem que o auctorisassem a cercar-se de um corpo de seis mil homens, mas isto ainda não lhe bastava : elle comprehendia que lhe era preciso levar com geito os conjurados para que elles não se apoderassem de algumas provincias, onde podiam levantar homens e dinheiro.

Assim, no senado, não falava de Bruto e de Cassio, sinão e com todas as demonstrações de estima e de respeito, e esses *grandes republicanos* tanto se deixaram illudir pelas apparencias, que tiveram com Antonio nova conferencia, na qual novos conchavos se fizeram, sahindo ambos muito contentes com o consul e consigo mesmo. Cicero via as cousas pelo seu verdadeiro prisma.

A falta de criterio e a indolencia dos conjurados faziam que se perdesse a occasião asada para a restauração da republica. N'estas condições elle tambem abandonou Roma.

Escrevendo a Attico, depois de dizer-lhe que em todo o seu trajecto notara a maior satisfação das populações pela morte de Cesar, accrescenta: « Qual é, porém, actualmente a nossa politica? quantas contradicções! Como podemos temer aquelles, que abatemos, e approvar actos, cujos auctores nós castigamos? Como soffrer que a tyrannia subsista, depois da morte do tyranno, e tolerar que a republica desapareça aniquilada, depois de havermos restabelecido a liberdade »?

É Cicero julgando com justiça o republicanismo de

seus amigos, e confirmando o juizo, que emittimos sobre o amor, que nutriam os conjurados, pelas instituições livres.

LX. Antonio que se casara com a viuva de Clodio, e a cujo cargo estava a familia do tribuno fogoso, que perecera ás mãos de Milão, escreveu-lhe, por esse tempo, uma carta pedindo-lhe permittisse a volta de Sexto Clodio do exilio, e terminava a carta nos seguintes termos: « Comquanto eu tenha auctorisação de Cesar para este acto, não quero usar d'ella sem o teu consentimento, que espero de tua reconhecida generosidade.

Si, porém, te oppuzeres, abandonarei Clodio ao seu destino, para provar-te a consideração que tenho por tua pessôa.

Cicero respondeu delicadamente ao consul, declarando-lhe que de modo algum se opporia ao acto, que elle desejava praticar.

Antonio, que já havia posto em ordem os seus negocios, adiou para o primeiro de Junho a reunião do senado, e aproveitou-se d'esse espaço de tempo para percorrer a Italia no intuito de alistar para o seu serviço os veteranos, que por toda a parte viviam espalhados.

Dolabella, genro de Cicero, e escolhido por Cesar para substituil-o pelo resto do anno, ficou em Roma exercendo as funcções consulares.

Cicero pouco confiava nos principios de seu genro ;

mas, apesar do cesarismo d'este, sempre mantivera com elle relações amistosas.

Vendo-o consul, e por tanto, em posição de servir á causa republicana, procurou insinuar-se ainda mais em sua confiança. A ausencia de Antonio facilitava o seu plano. Dolabella, pela sua conducta, encheu-o de lisongei-ras esperanças.

Por ordem sua, foi arrasado um altar erigido a Cesar e punidos alguns dos mais furiosos partidarios do dictador.

A opinião geral attribuiu aos conselhos de Cicero este acto de energia e independencia do consul.

O orador, de Baias, onde se achava, escreveu-lhe uma carta felicitando-o e affirmando que o seu procedimento era digno de admiração.

Cicero estava disposto a partir para a Grecia, d'onde lhe chegavam noticias do procedimento do filho, que muito o affligiram.

O rapaz tinha-se desmandado, fazia despezas excessivas e vivia entregue aos vicios em companhia de seu mestre de rethorica Gorgias, amigo do vinho, e que levava o discípulo a beber mais do que elle proprio.

Diziam a Cicero que seu filho bebia seis litros de vinho de uma assentada.

Para pôr termo a taes desregramentos pensava o grande orador que a sua presença seria indispensavel.

Todavia, á vista do procedimento de Dolabella, que suppuha ser um auxiliar poderoso e util á causa da

liberdade, adiou a sua viagem para depois da reunião do senado, escrevendo, porém, a Gorgias uma carta em grego, em que nos termos os mais severos lançava-lhe em rosto a fealdade de seu proceder e prohibia-lhe continuar as relações com seu filho.

Attico escreveu ao joven Cicero uma carta de tal ordem, que o mancebo tratou logo de corrigir-se das faltas commettidas, e entregou-se de novo ao estudo com ardor.

O velho Cicero, quando soube da regeneração do filho, cheio de satisfação, pagou-lhe todas as dividas, e augmentou-lhe a mesada, elevando-a a perto de vinte contos annuaes na nossa moeda actual.

Apesar de seu republicanismo, Cicero mantinha, como d'antes, as suas relações com Hircio, Pansa, Balbo, e outros amigos intimos do dictador. Os tres primeiros passaram em sua companhia uma parte do verão.

É possível que calculos e interesses politicos alimentassem essa convivencia. Com effeito, no caso de triumphar o partido republicano, ninguem, melhor do que Cicero, poderia protegê-lo, e na hypothese de pretender Antonio ser o senhor absoluto de Roma, Cicero seria tambem para elles um alliado de primeira ordem e de valor inestimavel.

Como já fizemos notar, Hircio e Pansa, por designação de Cesar, deviam, no anno seguinte, exercer o consulado. Bruto e Cassio calculavam que muito aproveitar-lhes-ia alistar os futuros consules nas fileiras republicanas,

especialmente Hircio, de que elles mais desconfiavam, e para'isso não cessavam de pedir o concurso de Cicero.

Ambos asseguraram-lhe que no consulado procederiam sempre de accôrdo com os seus conselhos. Pansa pareceu-lhe mais sincero, do que Hircio. Bruto e Cassio continuaram inactivos e irresolutos no seu retiro de Lanúrio, fazendo e desfazendo planos e projectos, a mercê dos acontecimentos e aguardando a reunião do senado a primeiro de Junho.

Entretanto eram pretores, viam-se privados do exercicio de suas funções e sem a menor auctoridade ou ingerencia nos negocios publicos, limitando-se a edictos irrisorios e inuteis, em que falavam invariavelmente de seu patriotismo e propunham até demittir-se dos cargos, si a alguns isso parecesse necessario para o restabelecimento da harmonia e paz geral.

Bruto consumia o tempo em escrever um discurso, que pretendia proferir no senado, e mandava a Cicero uma cópia de seu trabalho!

LXI. É verdade que tudo isto se passava, ha quasi dous mil annos; mas a sociedade romana, n'aquelle tempo, não era menos culta, do que a nossa. As classes superiores tinham a mais esmerada educação.

Admira-nos, surprehende-nos, pois, que esses *formidaveis* republicanos, tão instruidos todos, depois de haverem levado o *amor* ás instituições democraticas até o assassinato de Cesar, cumprindo o mais imperioso

e patriótico de seus deveres, não tivessem restabelecido a electividade das magistraturas, prestigiando-as pelo suffragio popular.

Como restaurar a republica conservando a autoridade nas mãos dos designados de Cesar? Como conquistar a confiança nacional permittindo, consentindo, sancionando a postergação de todos os direitos politicos do cidadão?

Tendo n'este momento, diante dos olhos a imagem querida da patria, pediremos permissão para um parallelo. Os revolucionarios que derrocaram a monarchia, em 15 de Novembro, commetteram a mesma falta, que os Brutos e os Cassios, expellindo das posições officiaes e electivas os cidadãos que as occupavam, e pondo inteiramente á margem o grande principio da soberania nacional, corrompendo o regimen eleitoral, e designando uma constituinte por meio do celebre decreto, que passará a historia com o nome de regulamento Alvim; e d'est'arte difficiltaram, si não impossibilitaram, a fundação definitiva da republica no Brazil, tarefa facil, para a qual bastava vulgar probidade e senso commum.

O spectaculo contristador, que, ha quatro annos, contemplamos, quaesquer que sejam as causas apparentes ou occasionaes, que o provocaram e provocam, tem por causa efficiente a corrupção eleitoral, que alastra o paiz inteiro.

Na verdade do voto assentam e haurem as democra

cias a sua força e grandeza. A falta de fé na obra realisa-
sada e de confiança na nação, que, nem sequer os emba-
raçou, levou o governo provisório a esse erro, para não
dizer a esse crime. Que resultou d'ahi?

A mais formal negação da republica, um governo sem
virtude politica e sem o amparo da soberania nacional,
poderes illegitimos, e que pela sua origem viciosa, não
inspiram respeito a ninguem.

Estamos na mesma situação de Roma, e nem é mister
que surja um Augusto, sagaz e astuto para firmar de
direito o regimen despotico, sob que, de facto, vivemos,
ha quasi quatro annos; basta que appareça algum ambi-
cioso vulgar, que tenha a audacia de Marco Antonio.

A nação, que foi livre, mas que hoje consente que a
expoliem assim de todos os seus direitos politicos, que
não tem um brado de indignação sequer contra os que
a tosquam até o sangue, continuará resignada a sup-
portar todos os governos, que lhe impuserem.

A sorte do escravo não muda pela mudança do senhor.
Ao despotismo glorioso de Cesar succedeu, em Roma, o
despotismo artificioso de Augusto.

Quem nos pode dizer o que veremos depois do que já
temos visto?

LXII. No meio do cahos, em que se revolvia o Estado
de Roma, ninguem sonhava ainda que já existisse o
futuro senhor do povo-rei: elle porem espreitara na
sombra, sem despertar suspeitas, ainda dos mais atilados.

Na phrase de Michelet : « Era um rapaz de dezoito annos, franzino e debil, frequentemente enfermo, falando com difficuldade, e tão tímido que escrevia com antecedencia o que devia dizer á sua propria esposa, de orgão vocal tão surdo e fraco, que precisava de um arauto para falar ao povo.

Não lhe faltava, porém, audacia politica, e, com effeito, era preciso tel-a para vir a Roma reclamar a herança de Cesar : alterava-se com as trovoadas e era implacavel para quem lhe mettia medo. »

Octavio era o seu nome. Sobrinho de Cesar, apenas soube que o tio fora assassinado e que o deixara por herdeiro, partiu de Apollonia, onde estudava, e dirigiu-se para a Italia.

Balbo, Hircio e Pansa foram encontral-o, e o apresentaram a Cicero, sob cujo consu'ado elle nascera. Não houve prova de respeito e consideração, que o mancebo não tributasse ao grande orador, cujo amparo solicitou, promettendo-lhe que não daria um só passo na vida sem ouvir os seus sabios conselhos.

As pretensões de Octavio desassocegaram o espirito de Antonio, que cogitava de ser o successor de Cesar ; o mesmo succedia aos republicanos.

Octavio, apresentado ao povo por um tribuno no mesmo dia, em que chegou á Roma, tratou logo de celebrar, com espectaculos e jogos publicos, ás victorias do tio, e n'esses espectaculos expoz ás vistas do povo a cadeira de ouro,

em que, por decreto do senado, Cezar tinha tido o privilegio de sentar-se.

Os tribunos mandaram-n'a retirar e foram applaudidos pela ordem equestre. A noticia d'esse acto de energia dos magistrados populares, causou viva alegria a Cicero, que comprometteu-se comsigo mesmo a espreitar os passos do mancebo.

Antonio não perdia tempo, e preparava tudo para a realisação de seus planos ambiciosos. Habil e facil em prometter, no seu percurso pela Italia, alliciara os veteranos e dera as providencias necessarias para que um corpo consideravel d'elles viesse para Roma, onde contava empregar-os contra os seus inimigos, conforme o exigissem as circumstancias e a occasião.

Atilado, como incontestavelmente era, o consul conseguiu que o senado approvasse todos os actos de Cesar ; mancommunado com o seu secretario Taberio, forgicava, quando lhe convinha, novos actos do dictador, de modo que assim dispunha de poderes absolutos, dispensando inteiramente o senado, impotente em sua indignação por tal despreso.

D'este modo o consul batia moeda á sua vontade, vendendo ás cidades, aos Estados, aos reis e principes, privilegios e immunidades, e affirmando ousadamente que semelhantes favores tinham sido concedidos por Cesar, como se via de seus papeis, que elle havia cuidadosamente examinado.

Ante taes escandalos, escrevia Cicero indignado : « Era isto que deviamos esperar e vêr ? A obra de Bruto reduzir-se-ha a viver elle em seu retiro de Lanurio, dando aos actos, as promessas, aos discursos de Cesar morto, força que elles jamais tiveram durante a sua vida ? » Quem nos pôde assegurar que dos labios de algum republicano sincero do Brazil não se tenha exhalado queixa semelhante ?

Antonio dispunha de tudo, vendia tudo ! E essa vendagem, esse leilão sem nome, fazia-se quasi sempre no gabinete de Fulvia, sua mulher, que discutia e estipulava o preço de cada concessão.

O mercado era tão rico, tão abundante, que o consul, que a quinze de Março devia cerca de oito mil contos, no primeiro de Abril já tinha pago todas as suas dividas !

Esse trafico indecente, a pilhagem do thesouro publico, as sommas depositadas por Cesar no templo de Ops, e tudo quanto o dictador tinha deixado em moeda em sua propria casa deram-lhe cerca de cento e trinta mil contos, com que elle pode alistar tropas e comprar partidarios.

Dolabella estava tambem arruinado e oberado de dividas. Antonio prometeu-lhe pagal-as todas com a condição unica de acompanhal-o, e romper suas relações com o sogro e os republicanos. Dolabella prometeu tudo e tornou-se um dos mais temiveis inimigos do regimen democratico.

Em Roma, ao menos, tudo era grande. Antonio desrespeitou e violou todas as leis da probidade e foi o maior dos politicos improbos do seu paiz: entre nós tudo foi mais mesquinho, mas, nem por isto, menos contristador!

LXIII. Os feitos de Antonio despertaram emfim Bruto e Cassio da inercia em que viviam. « Para que, perguntaram-lhe acordemente elles, esses veteranos, de que todos os dias se enchia a cidade, e qual o destino dos que ainda eram esperados? Para o 1.º de Junho? Encontraremos garantias na reunião do senado? O consul não lhes deu resposta: estava de posse da força: já não precisava mascarar-se.

Emquanto estes factos se passavam em Roma, Cicero, não obstante receber frequentes visitas no seu retiro, achava tempo para escrever algumas obras philosophicas, que foram conservadas.

O mais notavel de seus trabalhos n'essa epocha, foi o tratado que tem por titulo — *Da natureza dos deuses* — A esta obra seguiu-se, com pequeno intervallo, o livro — *Da adivinhação* — em duas partes em que o auctor expõe os argumentos *pro e contra* essa sciencia ou arte: logo depois o tratado — *Do destino* que é o complemento dos dous primeiros.

Sob o nome de Catão (o censor) publicou tambem o seu tratado — *Da Velhice* — e pouco depois o *Da Amizade* — ambos dedicados ao seu amigo Attico.

Alguns escriptores affirmam que foi ainda nesse tempo

que elle terminou a traducção do Phinêu, de Platão. Tambem o fertil escriptor occupava-se de escrever o que elle chamava — *As suas anedoctas* — que outra cousa não eram sinão a historia secreta d'aquelles tempos.

Este trabalho, porém, não devia ser publicado durante a sua vida.

A muito poucos de seus amigos communicou elle a existencia de tal livro, e entre esses poucos a Attico, que sempre instava que elle o terminasse e publicasse.

Dion affirma que Cicero entregou lacrada essa historia a seu filho, recommendando-lhe que não a lesse, nem a fizesse publicar, senão depois de sua morte; affirmativa contestavel, porque Cicero não teve mais occasião de ver o filho, desde essa epocha, taes foram os acontecimentos, que se seguiram: parece que elle não completou esse trabalho; mas do que existia, appareceram todavia algumas cópias. Ausconio, seu commentador, dá noticia de alguns trechos d'ella.

Nos fins de Maio, Cicero deixou o seu retiro, e tomou o caminho de Roma para assistir a sessão do senado de 1.º de Junho: no meio da viagem elle recebeu noticias que lhe causaram temores.

Diziam-lhe que a cidade estava cheia de soldados, que Antonio reunia de toda a parte; que o consul já não occultava o seu projecto de guerra e que estava resolvido a privar Bruto do governo da Gallia Cisalpina, governo, que elle proprio iria exercer.

Hircio aconselhou-o a não proseguir, declarando que estava tambem no proposito de ausentar-se da cidade. Varrão escreveu-lhe communicando-lhe que mostravam-se ameaçadores para com todos que, na opinião d'elles, lhes eram contrarios.

Da parte de Cassio, Greccio prevenio-o que se acautelasse, e desse providencias para repellir as violencias armadas que alguns furiosos tencionavam fazer á sua propriedade de Tusculo.

Não era preciso tanto, para que o orador mudasse de rumo, e não comparecesse á *sessão.

A maioria dos senadores, como elle, atterrada, seguiu o seu exemplo, e os consules, senhores dô terreno, com os poucos senadores, que ficaram, puderam obter todos os decretos, de que precisavam.

Cicero, que não desejava voltar a Roma senão no anno seguinte, quando os novos consules tomassem posse de seus cargos, teve de novo a idéa de viajar e ir a Grecia: mas aos senadores não era permittido sahir da Italia, sem licença: era ainda mister que fossem encarregados de uma missão, que os latinos denominavam *legatio libera*, missão, que sob esse pomposo titulo occultava a inanidade d'ella, e dava aos que assim viajavam as mesmas honras, que aos embaixadores.

Cicero escreveu a Antonio e a Dolabella solicitando uma d'essas missões: nenhum d'elles sentiu acanhamento em recusar-a formalmente.

Bruto e Cassio tambem estavam em vespervas de deixar a Italia, commissionados ambos, para proverem a cidade de trigo, o primeiro na Asia, o segundo na Sicilia.

Os seus amigos haviam solicitado para elles essa commissão secundaria com o intuito de lhes facilitarem a ausencia e proporcionar-lhes meios de se garantirem, armando as provincias, para onde iam, e assim defenderem a republica.

Antonio não se fez rogar : deu-se pressa em nomeal-os para essa commissão abaixo da cathegoria de ambos, não só porque assim os affastava, como ainda os humilhava. Hircio receiava que os dous commissarios começassem a guerra civil, e pois, escreveu a Cicero pedindo-lhe que obtivesse d'elles a renuncia de tal commissão.

O orador foi a Ancio, onde elles deviam conferenciar com os amigos.

Com a sua lealdade costumada opinou que elles deviam acceitar a commissão.

Bruto era de opinião que partissem : Cassio pensava que convinha ficar. Cicero viu com desprazer o desaccordo, em que se achavam, e escrevendo a Attico dizia : « Ali só encontrei divisão : não ha ordem, não ha prudencia, nem razão em quanto elles emprehendem. Assim mais do que nunca, estou resolvido a partir o mais cedo possivel, e occultar-me em qualquer canto da terra, em que nem siquer ouça falar em tantas faltas, que aqui se commettem ».

Estranhavel procedimento ! Esses republicanos intransi-

gentes, que recebiam de Cesar preturas, consulados, os governos das mais importantes provincias do Estado e não obstante o assassinavam cobardemente, não se envergonhavam agora de acceitar do *esbirro* Marco Antonio o encargo de abastecerem de trigo a capital!

Digam quanto lhes parecer os adversarios de nossa opinião; modelos de virtudes politicas, de patriotismo e abnegação nunca serão, para nós, os Brutos e os Cassios, nem os que os imitarem na vida pública.

LXIV. Antonio como que presentiu no joven sobrinho de Cesar o seu futuro competidor.

Apezar de bem educado, recebeu-o mal, quando elle o procurou.

Por seus manejos naufragou a candidatura do Octavio ao tribunato, a qual aliás, merecia as *sympathias* populares, graças a memoria do dictador.

Não occultava o consul o desprezo e a aversão, que lhe inspirava o mancebo.

Isto bastou para tornal-o *sympathico* ao partido republicano.

Cicero começou a modificar a sua opinião sobre elle: já o julgava mais favoravelmente do que d'antes, e tanto que escrevia aos seus amigos: « Não falta a Octavio nem espirito, nem coragem; mas a sua pouca idade, seu nome, seus conselheiros e suas pretenções, tudo isso exige que se examine detidamente si é possível fiar-se n'elle.

Lucio Philippe, seu padrasto desco nfiava de sua sinceridade;

todavia parece-me que devemos leval-o com geito, ainda quando outra cousa não conseguissemos, senão impedir que elle se ligue a Antonio».

Cicero, quer pelas suas relações pessoaes, quer por sua posição politica, via-se em sua casa de Baias tão procurado e visitado, que não lhe sobrava tempo para mais cousa alguma, e por isto resolveu ir para a sua propriedade, nas visinhanças de Napoles.

Ali, apesar das preocupações da politica, e dos preparativos da viagem, que se decidira a fazer, começou o seu tratado—*Dos Deveres*, destinado á educação do filho, assim como o—*Das virtudes*, o que o impedia de continuar a sua historia secreta.

Escreveu tambem o tratado *Da Gloria*, que remetteu a Attico; tratado, que, dizem alguns escriptores, conservou-se até o seculo 14°. Petrarca, affirmam, possuía o unico manuscrito, que se conheceu, mas tendo-o emprestado a um velho, que fôra seu mestre, este, que era pauperimo, em um momento de necessidade, empenhou-o, e nunca mais se teve noticia dessa obra.

Por esse tempo, o filho de Quinto, que era tão partidario de Antonio, que o chamavam o braço direito do consul, abandonou-o, e procurou ligar-se a Bruto, protestando que os planos secretos do seu ex-chefe inspiravam-lhe horror.

O mancebo referiu a seu pae que Antonio tinha-lhe ordenado que se apossasse dos pontos mais fortificados

da cidade e que, a frente dos soldados, o acclamasse dictador; mas que elle se recusara a cumprir taes ordens. Quinto, satisfeitissimo com essa transformação, apresentou logo seu filho a Cicero, declarando-se garante de sua sinceridade e pedindo ao irmão, que reconciliasse o sobrinho com Attico.

Cicero não acreditou tam promptamente n'essa mudança de opinião e de partido; e tinha, de si para si, que tudo isso era uma comedia, que o moço, então muito endividado, representava, para obter da familia o dinheiro que precisava; mas o sobrinho teve realmente, desde aquella data um procedimento tão correcto, que elle acabou por se convencer tambem de sua regeneração, e recommendou-o a Attico nos termos os mais instantes.

O joven Quinto foi alem do que se esperava. No fim do anno, teve a coragem de accusar Antonio, perante o povo, de ter pilhado o templo de Ops.

Este passo do joven Quinto muito concorreu para augmentar o odio de Antonio a Cicero e aos seus parentes.

No verão d'esse anno (79o) o orador, que preparara tres pequenos barcos para si e seu sequito, emprehendeu a viagem a Grecia, havia tanto, projectada; mas informado de que de todos os pontos chegavam legiões, e de que o mar continuava infestado por piratas, julgou preferivel embarcar-se com Bruto e Cassio, que, nas costas da Campania, tinham reunido consideravel frota.

Bruto acolheu com frieza a proposta, ou antes o pe-

dido que lhe fazia Cicero, de modo que este resolveu seguir só com os tres pequenos navios, de que dispunha, persuadido, pelo que lhe escrevia Attico, de que a sua viagem merecia geral approvação, comtanto que estivesse de volta no principio do anno seguinte.

O orador embarcou-se e seguiu lentamente costeando sempre, e desembarcando para passar as noutes em terra, em casa de algum conhecido ou amigo; e tendo se demorado um dia em Velia, ali começou o seu livro *Dos Topicos*, que elle concluiu, antes de chegar a Rhegio.

Durante a viagem, revendo o seu tratado *Da Philosophia academica*, notou que o prefacio do 3. livro era o mesmo prefacio do tractado da *Gloria*, o que não nos admira porque elle tinha o costume de preparar muitos prefacios appropriados aos assumptos dos seus estudos ordinarios e tel-os a mão para applical-os a qualquer das obras philosophicas, que escrevia.

Immediatamente escreveu outro prefacio, e remetteu-o a Attico, pedindo-lhe que fosse o primeiro a substituil-o no exemplar que possuia, do tratado da *Gloria*.

Desembarcando em Rhegio, as principaes pessoas da cidade vieram visita-lo, e deram-lhe as noticias recébidas de Roma n'aquelle mesmo dia, noticias, que deveras surprehenderam o grande orador.

Em resumo, o que se passava em Roma era o seguinte. Antonio inesperadamente se transformara: já não pre-

tendia o governo da Cisalpina, submettia-se a auctoridade do senado, queria reconciliar-se com Bruto e Cassio, fallava-se da pacificação geral e para que todos os negocios tomassem conveniente direcção, exigia-se a presença d'elle Cicero na cidade, lamentando todos a viagem, que elle intentara.

O grande orador, reputado necessario, resolveu immediatamente não proseguir.

Uma carta de Attico, instando para que voltasse logo e logo, ainda mais o confirmou nessa resolução.

Logo que, de volta chegou, a Velia, Bruto foi visital-o, e informou-o do que occorrera no senado, na secção de 1.º de Junho.

Pisão havia proferido energico discurso fundamentando as suas propostas em prol da liberdade, mas não encontrara o apoio, que esperava.

Cicero sentia-se satisfeito por não ter continuado a viagem, mas consigo mesmo pensava que a sua presença em Roma não era tão indispensavel quanto diziam, desde que Pisão se vira só, e nem sequer tivera coragem para comparecer no dia seguinte.

LXV. Cesar designara para Bruto e Cassio o governo das duas mais ricas e importantes provincias logo que elles tivessem terminado as funcções de pretores; Marco Antonio e Dolabella, porém, não se conformaram com essa disposição: o primeiro reservou para si a Macedo-

nia, o segundo a Syria, designando Creta para Bruto e a Cyrena para Cassio.

Ambos os consules, receiavam que esses chefes republicanos fossem exercer os seus cargos, obtendo, portanto, nas provincias, dinheiro e tropas.

Antonio mandou seu irmão Caio tomar posse em seu nome. Dolabella foi em pessoa.

Bruto e Cassio porém, não obstante os conchavos feitos pelos consules entre si, tinham resolvido partir para os governos, que lhes designara a victima da *abnegação e desinteresse* de ambos.

Foi pois esta a ultima vez que Cicero viu Bruto. O orador, depois, tomou o caminho de Roma, e na porta da cidade, pela qual entrou, tal era a multidão, que o esperava, e que o acompanhou, acclamando-o sempre, que levou quasi o dia inteiro para ir d'aquelle ponto a sua casa.

Esta recepção triumphal tinha logar a 31 de Agosto. O senado devia reunir-se na manhan seguinte. Antonio mandou convidal-o para comparecer a sessão; mas Cicero, receiando cahir em algum laço armado por elle, conservou-se na cama, durante todo aquelle dia, pretextando achar-se doente pelas fadigas da viagem e pela marcha da vespera.

Antonio enfureceu-se, quiz mandar buscal-o a força, e chegou a ameaçal-o de incendiar-lhe a casa.

As pessoas, que assistiam a essa scena, dissuadiram-n'o

do emprego de meios tão violentos. O consul limitou-se afinal, a multal-o.

Mas porque assim se irritava o consul pela ausência de um senador, facto tão commum?

Explica-se. O plano de Antonio era propor e fazer votar, n'aquelle dia, honras extraordinarias a memoria de Cesar. Cicero presente, tomaria infallivelmente parte no debate; ou apoiaria a sua proposta, e tornar-se-hia desprezível aos olhos de seus proprios correligionarios; ou a impugnaria, como o consul esperava, e então elle o exporia, por esta circumstancia, ao odio dos veteranos.

Na ausencia de Cicero, o projecto passou sem a menor opposição.

O senado reuniu no dia seguinte (2 de Setembro). Cicero compareceu; Antonio faltou. Não obstante, o orador proferiu o primeiro d'esses discursos, que elle proprio, em honra a memoria de Demosthenes, denominou *Philippicas*, que foram as ultimas produções de sua eloquencia politica.

N'esse primeiro discurso manteve-se na altura de seu talento, de sua reputação, idade e posição. Expondo os motivos, que o forçaram a deixar a cidade e a voltar depois, em linguagem nobre e alevantada, mas sempre sem faltar a consideração devida ao consul e aos demais depositarios da autoridade publica, e até tratando Antonio com grande delicadeza, queixou-se das occurrencias da vespera, e, em tom firme e digno de um republicano,

declarou cathegoricamente, que, si presente estivesse na sessão da vespera, teria combatido, na tribuna, a proposta consular, e acabaria votando contra.

É um discurso digno de ser lido.

Antonio, mais irritado ainda, convocou para o dia 19 nova sessão, para a qual mandou nominalmente convidar Cicero.

N'esses desesete dias de intervallo, o consul preparou-se para responder a esse discurso; dias inteiros passou-os elle em sua casa de Tiben, escrevendo, decorando, o que contava dizer da tribuna.

No dia designado foi dos primeiros a comparecer, acompanhado de numerosa guarda, que mandou postar ás portas do templo, onde o senado se reunia.

De balde esperou por Cicero, que la não appareceu.

A ausencia do adversario porém não o impediu de proferir, « o improviso, que trazia engatilhado » na phrase dos jornalistas fluminenses.

Cicero foi accusado insolitamente pelo consul de ter sido a alma da conspiração contra Cesar.

Na phrase de Cicero, Antonio não falou; mas vomitou. Cicero se recolheu á sua propriedade de Napoles.

Ali no silencio e na calma do gabinete compoz mas nunca a pronunciou a segunda *Philippica*, que Juvenal chamava *divina*, que os seus contemporaneos tanto admiravam, e a qual todos os escriptores tecem os maiores encomios, chegando alguns a dizerem que era um phe-

nomeno extraordinario poder elle, naquella idade, produzir um discurso, que, em todos os seus periodos, revela o calor, a energia e o ardor da mocidade.

D'este discurso, publicado no fim do anno (709), e que foi uma das principaes causas de sua morte, mandou elle cópias a Bruto e Cassio, que o acharam tambem sublime.

A segunda Philippica é uma oração vasada nos moldes da que elle proferira no senado contra Pisão e no estylo da antiga invectiva.

Contrariamente ao que tem succedido a tantos, a leitura d'este discurso produz sempre em nosso espirito profunda tristeza.

Por mais que nos esforcemos para admirar o talento do orador, sentimo-nos constrangidos, e lamentamos que um espirito tam elevado houvesse não improvisado mas escripto friamente esse discurso, em linguagem que, causaria espanto aos parlamentos modernos.

A segunda Philippica pôde servir de modelo (si é que elles de modelo precisam) aos jornalistas do tempo, quando quizerem escrever um artigo repassado de injurias e insultos aos seus adversarios ou inimigos pessoases.

LXVI. O sobrinho e herdeiro de Cesar, que tomou o nome de Caio Julio Cesar Octaviano, não poupava meios de conquistar adhesões, e especialmente entre os partidarios de Antonio.

270

Aos soldados de seu tio fazia promessas, distribuia dinheiro e garantia-lhes que no futuro receberiam maiores sommas.

D'est'arte ia affastando muitos do partido de Antonio e os alistando sob suas ordens. Procurava igualmente captar a confiança dos republicanos.

Com o fim de obter, o commando das tropas, de que precisava contra Antonio, declarava que abraçaria, sem reserva, a causa do senado.

Todos os dias escrevia a Cicero. Uma vez pediu ao grande orador que lhe concedesse a honra de conferenciar com elle secretamente em Capua.

Cicero recusou-se. Encarregou amigos de obter que Cicero voltasse a Roma e se puzesse a frente dos negocios publicos para combater o inimigo commum e salvar a Republica: mas o orador mostrava-se sempre desconfiado.

O mancebo no emtanto, continuava a escrever-lhe cartas sobre cartas, em que o chamava seu pae, e jurava-lhe que seguiria cegamente os seus conselhos.

Cicero dizia sem reserva que aquelle *rapaz* não lhe inspirava confiança, e que o achava incapaz de medir-se com Antonio, mas capaz das mesmas violencias, que praticava o consul.

Octavio nunca mais se *esqueceu* d'esse modo de exprimir-se o orador a seu respeito. Decidido a não apparecer na cidade, sinão depois que d'ella se tivesse ausentado

Antonio, Cicero continuou no seu retiro estudando e escrevendo.

Alem da segunda *philippica*, concluiu o tratado — *Dos Deveres*, e começou o dos — *Paradoxos* — em que procurou desenvolver os principaes pontos da doutrina da escola estoica.

Antonio partira para Brindes ao encontro de quatro legiões, que voltavam da Macedonia, no intuito de allucial-las ao seu serviço e a frente d'ellas penetrar em Roma e realisar o seu projecto ; tres d'essas legiões porém, recusaram cathegoricamente as suas propostas.

Por ordem do consul todos os centuriões d'essas legiões foram mortos. Fulvia, que o acompanhara, assistiu a essa horrivel execução, e dizem alguns escriptores que o sangue das victimas borrifou-lhe o rosto, e enxovalhou-lhe os vestidos, tão proximo se achava dos que cahiam ao ferro homicida.

Voltando a Roma, Antonio empregou o tempo, que ainda lhe restava para as funcções consulares, em demittir dos governos, em que se achavam, os seus adversarios, nomeando, para substituil-os, amigos seus : alguns d'estes não ousaram aceitar os cargos.

Todos os seus actos respiravam furor e odio. Dizia publicamente que Cicero era o inspirador de Octavio, que elle appellidava Spartaco, e que Quinto era um infame, que viera de motu-proprio offerecer-se-lhe para assassinar o pae e o tio.

Por fim, convocou uma reunião do senado para 24 de Outubro, ameaçando os que não comparecessem, mas elle proprio lá não foi, e convocou outra sessão para 28 do mesmo mez.

Das trez legiões, que haviam recusado as propostas do consul, duas, a quarta, e a de Marte, abraçaram abertamente o partido de Octavio, e tomaram conta de Alba, nas visinhanças de Roma.

Com tal noticia, o consul sahiu precipitadamente da cidade para apoderar-se da Gallia Cisalpina, cujo governo já Decimo Bruto occupava. Este publicara um manifesto declarando que conservaria a provincia as ordens do senado e do povo romano.

Cicero logo que soube da partida de Antonio, deixou o seu retiro e dirigiu-se para a capital. Chegando, conferenciou com os futuros consules e com Octavio.

Julgando indispensavel cercar Bruto de toda a força moral, a vista de seu manifesto, opinou pela reunião do senado; mas os consules e pretores estavam todos ausentes, como vimos.

Os tribunos do povo encarregaram-se de fazer a convocação para 20 de Dezembro. Espalhou-se logo a noticia de que o grande orador compareceria a essa sessão e occuparia a tribuna, o que animou os demais senadores, que se resolveram tambem a tomar parte nos trabalhos.

No dia designado, Cicero foi dos primeiros presentes.

Aberta a sessão, elle rompeu o debate, estranhando

que se aguardasse ainda o dia primeiro de Janeiro para agir contra Antonio, que, collocando-se fôra da lei já machinava a ruina da Republica : lamentou que simples particulares sustentassem uma lucta, que interessava o Estado inteiro, e propoz recompensas para estes, exaltando a conducta de D. Bruto e salientando os serviços prestados por Octavio, a cuja coragem se devia não ter Antonio realisado os seus planos funestos, e concluiu propondo que os futuros consules, Hircio e Pansa ficassem encarregados de velar pela segurança da cidade, e tomar as medidas e providencias necessarias para garantia do senado na sessão de 1.º de Janeiro ; e mais, que se dirigissem agradecimentos a D. Bruto pela sua attitude, ás cidades e colonias da Cisalpina ; que se louvasse, a Octavio e que a elle e as legiões, que o acompanharam, fossem conferidas novas honras.

Todas estas propostas passaram por unanimidade e o *senatus consultus* redigido de accôrdo com ellas

Terminada a sessão e acompanhado pela multidão, Cicero dirigiu-se ao *Forum* e dos *Rostris* falou ao povo, referindo quanto occorrera na sessão do senado.

Novos elogios a Octavio, a Bruto e as legiões: declarou Antonio inimigo do Estado, posto que no *senatus-consultus* não lhe fosse dada tal qualificação, e declarou que já não o considerava consul.

O povo applaudiu-o. Falou ainda nos elevados sentimentos, que animaram os romanos de outr'ora.

Demonstrou ao auditorio que a victoria era facil, e enthusiasinou-o pela liberdade que «o senado, a sua voz e com o seu exemplo, queria reconquistar para todos.

Eis o assumpto da 3. e da 4. *philippicas*. Cicero depois, dizia, que se ao descer da tribuna, nesse dia, tivesse morrido, nada faltaria a sua gloria, porque ouvia o povo romano exclamar: Mais uma vez elle acaba de salvar a patria.

Dizem alguns, que foi depois desse triumpho oratorio, e animado por elle, que Cicero ousou publicar a segunda *philippica*, a que já nos referimos, a qual foi a causa principal de sua proscricção.

LXVII. Os ultimos dias do anno foram empregados no alistamento de tropas para a defeza do Estado e dos futuros consules.

Com toda a presteza, correram os preparativos, porque soube-se estar sitiada por Antonio a cidade de Modena, em cujo recinto se recolhera D. Bruto, per não poder fazer face a Antonio, em campo raso.

Sem ordem do senado mas aconselhado por Cicero, Octavio, a frente das forças que o acompanhavam, marchou contra Antonio; não obstante não poder tambem combatel-o de frente; pensava elle que espreitando-o, teria ensejo de fazer-lhe mal; accresse que a noticia de sua partida levaria coragem e energia a D. Bruto para defender-se e esperar o soccorro dos novos consules, á testa de tropas numerosas.

O dia 1.º de Janeiro era anciosamente esperado por todos, pois que só então se poderia bem conhecer o pensamento e intenções dos consules. Cicero, que conferenciava com elles frequentemente, affirmava que ambos se tinham solemnemente compromettido a combater, com toda a energia, os inimigos da Republica.

Entretanto, ou pela recordação do que deviam a Cesar, ou pelos laços, que ainda os prendiam aos partidarios do dictador, elles hésitavam e, aconselhavam que, antes de qualquer pronunciamento hostile, se entrasse em negociações com Antonio; não obstante, na sessão de 1.º de Janeiro, mostrarem-se firmes e decididos, declarando que esperavam do senado as medidas e providencias indispensaveis para a salvação da grande causa, de que tambem eram representantes.

Conheciam os consules a opinião de Cicero, que dizia antes de tudo, ser preciso declarar o ex-consul inimigo publico.

Para evitarem porém esta medida, que lhes parecia, na occasião por demais rigorosa, elles convidaram Fíbio Caleno a pronunciar-se antes de todos.

Sabia-se com antecedencia em que sentido Caleno fallaria: de feito, elle opinou que se suspendessem as hostilidades, e se enviasse uma deputação a Antonio, afim de obter que elle desistisse do governo da Cisalpina e reconhecesse a auctoridade do senado.

Esta proposta encontrou grande numero de apoiadores.

Cicero proferio a quinta Philippica combatendo-a energeticamente, e fazendo sentir ao senado que era-lhe desairoso tratar com Antonio, em armas, já, em diversas desposições implicitamente declarado inimigo publico; que era indispensavel baixar um decreto declarando-o formalmente tal.

Uma deputação alem de inutil, seria prejudicial.

O ex-consul não se submetterá a nenhuma exigencia honrosa e justa.

Essa deputação só teria um alcance: retardar as operações militares e arrefecer o ardor das tropas. Nada de perder tempo accrescentava o orador.

É preciso apressar a leva das tropas em Roma e em toda a Italia, suspender os negocios civis, encerrar os tribunaes, declarar a patria em perigo, e convidar todos os cidadãos, inclusive os senadores a tomarem parte na lucta.

O senado devia usar da formula — Caveant consules sendo estes temporariamente de poderes dictatoriaes.

O orador fala depois das honras decretadas na ultima sessão aos cidadãos, julgados dignos de tal distincção apresenta já redigidos tres projectos de decreto para cada um delles: o primeiro para D. Bruto, o segundo para Octavio, o terceiro para Lepido.

Comquanto o merito de Lepido fosse bem contestavel entendia o orador que, por este meio, o senado conseguia attrahil-o a si, necessidade tanto mais palpavel,

quanto Lepido era um dos que maior mal podiam então fazer a causa republicana.

Tratanto de Octavio, o orador accumulou-o de elogios, e propoz que lhe conferissem as prerogativas e regalias dos pro-pretores, alem do commando das tropas, e, afinal offereceu-se como garante do mancebo, de quem muito, na sua opinião, devia esperar a patria: assegurando ao senado que conhecia os mais secretos pensamentos de Octavio, que jamais faltaria ao seu dever, rompendo com o seu passado, exigiu tambem que fossem recompensadas as legiões, que abraçaram a sua causa contra a de Antonio, e propoz que os consules ficassem encarregados de distribuir-lhes terras, e terminada a guerra, de entregar-lhes logo as sommas promettidas.

LXVIII. Cicero, que propuzera tantas honrarias a Octavio, ficando até por seu fiador, vio que outros senadores lançaram a barra adiante: um propoz que lhe erigissem uma estatua, outro pediu dispensa da idade legal para que elle exercesse qualquer magistratura.

Sobre estes pontos a proposta de Cicero não encontrou impugnação: mas a discussão sobre a deputação á Antonio, foi longa e violenta.

Os consules, reconhecendo, ou desconfiando que si fossem logo encerrados os debates, era possivel que Cicero ficasse em maioria, trataram de prolongal-os até o anoitecer.

Adiada a decisão para o dia seguinte, a discussão

274

continuou então com o mesmo calor da vespera, de modo que a sessão durou até a noite, sendo a materia ainda adiada para o terceiro dia, afim de redigir-se o senatus-consultus, de accôrdo com a opinião de Cicero; mas o tribuno Salvio a isso se oppoz, de modo que os partidistas da deputação sahiram vencedores.

Em acto successivo, foram nomeados para a missão politica tres personagens consulares, S. Sulpicio. L. Pisão, e L. Philippe, padrasto de Octavio.

O proprio Cicero estabeleceu os termos, em que a deputação devia proceder, restringindo-lhes os poderes: elles não podiam tratar com Antonio: o seu papel limitar-se-hia a intimal-o, em nome do senado, a levantar o assedio de Modena, e a cessar as hostilidades na Gallia.

Esta sessão, cuja decisão consumiu tres dias, interessava muito a opinião publica.

O nome de Cicero era aclamado com entusiasmo nas ruas e praças. Todos elogiavam a attitude que elle havia tomado n'essa questão difficil e perigosa.

Cicero, no intuito de dar contas ao povo do seu procedimento, no senado; logo que terminou a discussão alli, e tudo ficou assentado, dirigiu-se para o Forum, onde o tribuno Apulêu convidou-o a falar.

Cicero pronunciou então a sexta philippica.

N'essa oração historiou quanto se havia feito. na reunião de 20 de Dezembro, por iniciativa sua, e expoz,

em seguida, as occurrencias da sessão de 1.º de Janeiro e subsequentes, confessando que o alvitre, que propuzera e que, a princípio, merecera o apoio da maioria, fôra por fim rejeitado.

Entretanto, para reanimar o espirito popular, procurou demonstrar que as medidas tomadas pelo senado, no fundo outra cousa não eram sinão uma declaração de guerra a Marco Antonio, que, com certeza, não obedeceria á intimação, que os deputados iam fazer-lhe.

N'estas condições, dizia elle, é indispensavel que nos armemos todos, e nos preparemos para a guerra.

Ver-me-hão á frente dos defensores da liberdade; o meu zelo, a minha vigilancia, todos os recursos, de que disponho serão consagrados a esta nobre causa que não pôde nem deve perecer.

A sexta philippica é um discurso pouco extenso; mas em que elle revela as suas grandes qualidades de orador popular.

Os deputados partiram ao encontro de Antonio, que proseguia tenazmente o cerco de Modena.

Os seus amigos de Roma, a cuja frente estava F. Caleno, bem sabiam que o ex-consul não obedeceria á intimação votada, e já apresentavam novos e especiosos argumentos, para obterem do senado, que se tentasse ainda um accôrdo com elle.

Caleno, que entretinha com Antonio frequente correspondencia epistolar, mostrava das cartas que recebia, as

que lhe pareciam mais proprias para desanimarem os seus adversarios.

Cicero percebeu esses manejos, e procurou levantar o espirito do senado, proferindo a setima philippica, em que sustentou que, por preço algum, se devia entrar em accôrdo com Antonio.

Em sua opinião, a paz com tal homem era vergonhosa, funesta, impossivel: poz em relêvo os planos e projectos dos que a desejavam e dirigiu a Caleno algumas phrases ironicas.

Este discurso é tambem pouco extenso, mas incontestavelmente, de muito valor, tanto na forma como no fundo.

Cicero proferiu-o, interrompendo a ordem do dia por um requerimento de urgencia, que o senado approvou. Os consules, animados pela attitude do orador, haviam apressado os preparativos para a guerra.

Hircio já tinha se dirigido para a Cisalpina, á frente do exercito, enquanto Pansa, em Roma, continuava as levas de mais soldados.

Contava o primeiro que as suas e as forças de Octavio, bastariam para conter Antonio, até que seu collega chegasse com as legiões, que ficara organisando; e que, reunido depois todo o exercito poderia elle offerecer ao inimigo batalha campal, de cujo exito não duvidava.

LXIX. Como Cicero previra e annunciara ao povo, Antonio não submetteu-se ás ordens do senado, e nem permittiu aos deputados entenderem-se com D. Bruto.

A vista disto, serviram-se de mergulhadores, pelos quaes fizeram chegar ao sitiado alguns despachos, gravados em laminas de chumbo.

Antonio informado d'este estratagema interceptou as communições, mandando lançar no rio redes e laços. Pombos correios foram depois empregados para levarem communições a Bruto.

Os deputados voltaram a Roma trazendo as propostas de Antonio, que, como senhor, estabelecia as condições, mediante as quaes entraria em accôrdo, a saber:—recompensas e terras para seus soldados, — conservação de todas as leis judicciarias, de iniciativa sua, e de todos os decretos que elle fez baixar, em nome de Cesar, — quanto a sua pessoa — o governo da Gallia transalpina por cinco annos; com seis legiões, formadas em parte das forças ao commando de Bruto. Dos tres emissarios só dous voltaram com estas propostas. Servio Sulpicio havia fallecido, ao chegar em Modena.

A noticia da resposta de Antonio provocou indignação geral em Roma. O senado estava decidido a declarar-lhe formalmente guerra; mas os seus amigos tentaram ainda que, em vez do termo — *bellum* — se empregasse, no decreto, o vocabulo — *tumultus*.

Contra o pensamento reservado, que occultava-se n'essa troca de palavras, e contra as insinuações dos que falavam ainda em nova deputação, e, por ultimo, contra as audaciosas propostas de Antonio, proferiu Cicero a oitava

philippica que é egualmente pouco extensa, mas digna de ser lida.

No segundo periodo d'esse discurso encontra-se uma curiosa apreciação do valor dos vocabulos — *bellum* e *tumultus*. O orador maneja a ironia com a costumada habilidade.

A peroração é tambem magnifica. Não obstante, Calino e os seus conseguiram que fosse empregado o termo *tumultus*, e que Antonio, em vez de ser formalmente declarado inimigo publico, fosse apenas denominado — rebelde.

O consul Pansa votou com Caleno. Por sua vez, Cicero obteve outras vantagens. A proposta de segunda deputação foi rejeitada. Tendo censurado com vehemencia a consideração, que se guardava ainda para com Antonio, consideração, que elle reputava uma vergonha, salientou a arrogancia e o absurdo das exigencias do ex-consul, e qualificou de baixo o procedimento dos deputados, trazendo para o senado propostas tão desarrasoadas.

Depois fulminou as manobras dos partidarios de Antonio, exprobrou aos consulares a sua pusillanidade e propoz que se determinasse o dia 15 de Março, como prazo improrogavel para que os que acompanhavam Antonio, depossem as armas, sob pena de serem todos considerados inimigos publicos, alem de outras medidas, que todas foram adoptadas.

O proprio consul a quem no principio de sua oração elle dirigira algumas phrases de censura, o apoiou n'estes assumptos. D'esta sessão deu elle noticia a Cassio :

« Temos excellentes consules, escreveu elle, mas consulares infames. A maioria do senado é corajosa; mas não é nos mais graduados que se encontram os homens de coração. Nada de mais firme, nada melhor disposto do que o povo e a Italia inteira: nada tão desprezível, como os nossos deputados. Todos appellam para mim. Graças ao céu, tornei-me popular em uma bôa causa ».

Os consulares, por sua posição, eram isemptos do serviço militar, a que, entretanto, estavam sujeitos todos os demais cidadãos.

Cicero, querendo tornar bem palpavel a imminencia do perigo e a gravidade da situação, abriu mão de seu privilegio, e vestiu o saio de guerra (*sagum*) apresentando-se prompto ao lado do povo.

LXX. D'entre os tres emissarios, enviados a Antonio, fallecera, como dissemos, antes de chegar ao acampamento, Servio Sulpicio, jurisconsulto de nomeada, em quem o senado depositava a maior confiança, e que, apezar de gravemente enfermo, partira sem hesitar, para o desempenho da commissão, que lhe fôra confiada.

Terminada, no senado, a discussão sobre a resposta, ás exigencias de Antonio, o consul Panza convocou, para o dia seguinte, outra sessão, em que se decretassem as honras, que deviam ser conferidas ao deputado, que

morrera ao serviço da patria: elle proprio propoz então que, alem dos funeraes que lhe fizessem, lhe erigissem uma estatua e um mausoleu.

Pub. Servilio, convidado a dizer a sua opinião em primeiro lugar, apoiando a proposta consular, pronunciou-se contra a erecção da estatua, allegando que tal honra só podia, em vista da lei, ser conferida aos deputados, que tivessem soffrido morte violenta.

Cicero, tanto pela amizade, que o ligara ao morto, como ainda pelo seu zelo pela causa publica, sustentou em todos os pontos, a proposta de Pansa. Tal é o assumpto da nona *phiippica*.

Comprehende-se que materia de tal natureza pôde dar lugar a uma oração digna de apreço, mas não a um discurso politico de alcance.

Cicero terminou lendo o seu projecto substitutivo, ou antes ampliativo ao do consul, mais ou menos nos termos seguintes: — O senado mandarà erigir, sobre os Rostros, uma estatua de bronze a S. Sulpicio, tendo na base a inscripção de que morrera servindo a Republica; — a seus filhos e á sua posteridade será concedido, em torno d'esta estatua, o espaço de cinco pés quadrados, para que d'ali assistam aos espectaculos de gladiadores, que se derem na praça.

Em homenagem á memoria do morto celebrar-se-hão magnificos funeraes, ficando o consul Pansa auctorizado a marcar, no campo Esquilino ou alem, o espaço de

trinta pés quadrados para servir de sepultura aos restos mortaes de Servilio e de todos os seus descendentes, e a fazer as despezas necessarias para a execução completa de todas estas disposições.

O senado adoptou a emenda ampliativa de Cicero, e Pomponio, jurisconsulto do terceiro seculo da nossa era, no cap. 43 do seu tratado — *De origine juris*, affirma que a estatua de S. Sulpicio ainda existia no seu tempo.

Bruto e Cassio, desde que sahiram da Italia, não se haviam ainda dirigido ao senado. Pansa recebeu então uma carta do primeiro communicando-lhe as vantagens obtidas por elle sobre Caio, irmão de Antonio, com as tropas de que dispunha para conter submissas a Macedonia, a Illyria e a Grecia

N'essa carta falava ainda Bruto de vantagens obtidas pelo filho de Cicero, a quem conferira o commando da cavallaria.

O consul convocou logo o senado e propoz acções de graças e honras a Bruto. Ainda d'esta vez Caleno foi convidado a opinar primeiro.

Já elle, que era sogro do consul, contava com isto, e, pois, limitou-se a ler o que trazia escripto: « A carta de Bruto estava correctamente escripta, mas tendo elle agido sem auctorisação, convinha fosse intimado a entregar o exercito a quem o senado investisse do commando ».

Cicero, com a sua veia ironica habitual, antes de

combater semelhante opinião, atacou-a no tocante ao estylo da carta. « Que a carta de Bruto fosse correctamente escripta, quando muito seria motivo para um pequeno elogio ao seu secretario. No mundo só Caleno se lembraria de propôr um decreto assim concebido — *tal carta é escripta correctamente*, — e por ahi alem, ridicularisou, sem compaixão, a opinião do preopinante.

Depois, mudando de tom, combateu com energia a segunda parte da moção — Caleno, — fazendo o elogio de Bruto, comparando a sua conducta, n'essa guerra, com a de Caio, que o orador equiparou a Antonio, e terminou, submettendo á approvação do senado um projecto, que entregava á Bruto a administração da Macedonia, da Illyria e da Grecia, e conferia-lhe o commando das forças, que tinha alistado.

Este projecto auctorisava ainda Bruto a lançar mão das rendas publicas para o pagamento do soldo das tropas, e caso essas rendas não bastassem, a decretar novas contribuições.

Bruto era tambem auctorisado a approximar-se da Italia com as suas tropas tanto, quanto lhe parecesse conveniente. Este foi o assumpto da decima philippica, da qual o orador mandou uma cópia a Bruto com outra do discurso proferido na sessão de 1.º de Janeiro. Bruto ficou tão satisfeito com estas duas orações, que Cicero julgou dever mandar-lhe tambem cópia de todas as outras.

LXXI. Durou pouco a satisfação produzida no espirito publico pelas noticias transmittidas por Bruto. Novas noticias acabavam os republicanos de receber.

Dolabella, havia batido e aprisionado Trebonio, um dos conjurados, tornando-se cruel, depois da victoria. Durante dous dias o vencido fôra submettido á tortura, e depois, decapitado, sendo sua cabeça, espetada em uma lança, conduzida em procissão, por todo o acampamento.

O senado foi immediatamente convocado. Dolabella foi declarado inimigo publico e seus bens confiscados. D'esta vez F. Caleno declarou que se alguém propuzesse medidas ainda mais rigorosas, não hesitaria em votar por ellas.

Caleno calculava que Cicero tendo sido sogro de Dolabella, ousaria propôr algum alvitre mais moderado. Ao contrario do que esperava, Cicero foi quem o collocou em difficuldades, propondo mais que se nomeasse logo um general, que tomasse o commando do exercito da Republica contra Dolabella.

Caleno então lembrou ou que P. Servilio fosse mandado pelo senado em commissão especial e extraordinaria para bater Dolabella, ou, caso o senado julgasse mais conveniente, se entregasse desde logo aos consules as provincias da Asia e da Syria.

Este ultimo alvitre foi calorosamente apoiado pelos amigos de Antonio, que perceberam logo as vantagens de

tal medida. Com effeito, mudava-se assim o theatro da guerra.

Emquanto os consules se preparassem para essa nova campanha, Dolabella teria tempo de forticar-se e Antonio ver-se-hia livre d'elles na Italia.

Demais, parecia-lhes que tal alvitre resfriaria as relações que Cicero nutria com os consules, e finalmente comprehendiam que Cassio, que andava por aquellas paragens, sentir-se-hia desautorado, humilhado, e talvez mesmo irritado, vendo que o senado privava-o no direito, que elle, mais de que outro qualquer tinha, de ser encarregado da direcção d'essa guerra.

O debate durou o dia inteiro, e foi adiado para a sessão seguinte. Servilia, sogra de Cassio, e muitos amigos d'este, n'esta mesma noite procuraram Cicero, e com elle instaram para que desistisse de pretender investir Cassio d'esse commando, receiosos de que o consul Pansa ficasse com isto resentido contra Cassio.

Cicero foi inflexivel a taes pedidos, e no dia seguinte, voltou a tribuna, desenvolvendo toda a sua eloquencia para fazer passar o decreto, que, em sua opinião, salvava a honra de Cassio. Essa oração (decima primeira philippica) é um dos seus melhores trabalhos politicos.

Pronunciando-se com energia e vehemencia contra as crueldades de Dolabella, vaticinou que ellas eram o prenuncio das de Antonio, se conseguisse tambem triumphar. Do primeiro fez o retrato com as mais carregadas cores

pedindo perdão aos deuses de tel-o tomado por genro, e regosijando-se por vel-o declarado inimigo publico.

Depois, refutando, uma por uma, as rasões produzidas por Caleno, demonstrou que só a Cassio devia o senado confiar o commando do exercito.

Segundo Velleio Paterculo, Liv. 2.^a, cap. 62, um *senatus-consultus* foi votado no sentido da opinião de Cicero; parece-nos porém, que carece de fundamento esta affirmativa, porquanto Cicero, depois em carta dirigida a Cassio, dizia-lhe que a sua proposta não fôra approvada pela intervenção, em contrario, de Pansa e de seus proprios parentes; e aconselhando-o que longa de embarçar-se com a decisão do senado, continuasse a campanha por sua conta, conselho que elle adoptou, acabando por bater Dolabella, que suicidou-se para não cahir nas mãos do vencedor.

Contra a affirmativa do historiador citado, o que parece certo é que o senado resolveu, pela segunda parte da proposta Caleno, confiando aos consules as duas provincias, acima referidas, resolução que deixou de ter execução, em consequencia da derrota e morte de Dolabella.

Fechado o parentheses, prosigamos em nossa narração. Encerrada a sessão no senado, dirigiu-se Cicero para o Forum, e d'ali falou recommendando Cassio ao favor popular e falou, affirma-o elle mesmo. « Em diapasão tal, que a sua voz retumbava por todo o Forum. Os applausos excederam todos quantos até então tinham

obtido os meus melhores discursos ». Este discurso ao povo, parece-nos, não foi publicado, e, se o foi, não figura entre as outras orações suas.

LXXII. Emquanto se passavam em Roma os acontecimentos; que acabamos de narrar, Decimo Bruto continuava sitiado em Modena.

Seus amigos andavam vivamente inquietos e preocupados com a situação apertada em que elle se via, por temerem, e não sem razão, que si Antonio o aprisionasse, dar-lhe-ia morte egual a de Trebonio.

Este receio tanto impressionou o espirito de Cicero, que, tendo o senado resolvido, sob proposta de Pansa, mandar segunda deputação a Antonio, não sómente elle não impugnou essa proposta, mas até consentiu que seu nome fosse incluído entre os cinco, que deviam compôr essa deputação.

Dentro em pouco, convencido de que o illudiam, e de que os partidarios de Antonio, para conseguir tal medida, alimentavam, sem fundamento, esperanças de paz e de que, sem salvar Bruto, expor-se-ia inultamente aos furores de Antonio, na sessão immediata do senado, voltou ao assumpto e proferiu notabilissimo discurso, que foi a decima segunda philippica.

Esta oração obrigou o senado a revogar a deliberação votada, ficando de nenhum effeito a deputação já designada.

Em virtude d'estas occurrencias, Pansa nós fins de

Abril, saiu de Roma, á frente do exercito, para fazer junção com as forças já reunidas de Hircio e Octavio, e juntos tentarem batalha decisiva contra Antonio, que não se limitava a intrigar em Roma, por meio de seus agentes, mas levava a audacia a pretender corromper Hircio e Octavio, os quaes, entretanto, mantinham-se firmes, declarando que só ás ordens do senado obedeceriam. O ex-consul fez ainda nova tentativa, e escreveu-lhes uma carta habilmente redigida, em que entre queixas e exprobações, lastimava que ambos se esquecessem dos seus verdadeiros interesses para se porem á disposição de Cicero, cujo objectivo unico era restaurar o partido de Pompeu, e crear um governo, de que os dous seriam as primeiras victimas.

Hircio e Octavio não lhe deram resposta, e mandaram essa carta a Cicero, auctorisando-o a fazer d'ella o uso, que lhe parecesse.

Lepido tambem escreveu ao senado, limitando-se a aconselhar a paz, sem dirigir-lhe uma palavra sequer de agradecimento pelas honras, que, por iniciativa de Cicero, lhe foram concedidas.

Esta falta proposital de descortesia estimulou muitos senadores, que já suspeitavam de suas relações com Antonio.

O senado votou que se lhe agradecesse o zelo e interesse que elle manifestava pela paz, recommendando-lhe todavia que não se envolvesse em tal assumpto, que

devia correr por conta só do senado, que não hesitaria em fazer a paz, logo que Antonio depuzesse as armas e se submettesse ás suas intimações.

A carta de Lepido proporcionou aos partidarios de Antonio ensejo para proporem ainda uma vez que se tratasse com o rebelde. Esta proposta foi energicamente combatida por Cicero, que proferiu a sua decima terceira philippica.

« Propõe-se-nos ainda um tratado de paz, dizeis vós: mas será um tratado de escravidão, affirmo-o eu ».

N'essa oração o orador poupou Lepido, mas tratou Antonio com o rigor costumado, asseverando que todo o accôrdo com tal homem seria illusorio, e funesto para a Republica, e leu a carta, que lhe haviam remetido Hircio e Octavio, analysando-a trecho por trecho, com a ironia mordaz, que, tão bem sabia manejar.

O senado resolveu conforme o seu discurso. Cicero logo depois escreveu a Lepido uma carta laconica e fria assegurando-lhe reinar, em Roma, a maior tranquillidade, que não seria abalada, qualquer que fosse a attitude, que elle Lepido assumisse.

Planco, que governava a Gallia Transalpina, escreveu ao senado no mesmo sentido. que Lepido, e teve igual resposta. Cicero tambem dirigiu-se a elle, e ainda mais friamente do que a Lepido.

LXXIII. Dentro de Roma Cicero via-se na necessidade de lutar contra as intrigas e contra o odio de

seus inimigos, que não escolhiam meios para embaraçar-o e diminuir-lhe a auctoridade moral.

Todos os dias surgiam boatos sobre o sitio de Modena, e os boateiros só falavam nas vantagens obtidas por Antonio.

Espalhavam que, dentro em pouco, os consules se reuniriam a elle. Esses boatos causavam tal terror, que muita gente procurava abandonar a cidade. Cicero, porém, mostrava-se tranquillo e affectava até alegria.

Os seus inimigos assoalharam tambem que elle pretendia fazer-se acclamar dictador e senhor de Roma, e chegaram até a designar o tempo, em que essa acclamação teria logar.

« Dentro de dous dias, diziam, vel-o-hemos em publico com as fasces dictatoriaes ».

O tribuno Apulio, um de seus melhores amigos, referiu ao povo a calumnia, que se irrogava a Cicero, e o povo fez-lhe a justiça devida.

Não houve um só popular, que não protestasse contra essa torpesa: todos, unanimes, declararam que os actos de Cicero foram sempre dictados pelo bem publico.

Algumas horas depois, chegava a Roma a noticia de que Antonio soffrera um revéz.

Esta noticia causou, na cidade, geral alegria. O povô reuniu-se em frente da casa de Cicero e conduziu-o triumphalmente ao senado.

Em sua volta o mesmo cortejo acompanhou-o até o

Forum, d'onde falou, encarecendo essa primeira victoria precursora de bens para a Republica.

No meio de aclamações entusiasticas o povo acompanhou-o até a casa.

N'esse dia falava elle tambem no senado, em resposta a Servilio, que, opinava, se dispensasse, em virtude da victoria alcançada, os cidadãos do traje de guerra.

O objectivo d'esta guerra sendo a libertação de D. Bruto, dizia o orador, e Bruto estando ainda sitiado, a ninguem era licito retomar a toga.

N'este discurso fez o elogio de Hircio, Pansa e Octavio, que haviam batido Antonio; e pediu que aos tres fosse conferido o titulo de—*imperator*.

Propoz cincoenta dias de acções de graça, exigiu um novo decreto garantindo aos soldados da Republica as recompensas, que lhes tinham sido promettidas, e ampliando-as ás familias, dos que houvessem perecido.

Propoz que se erigisse um monumento magnifico para perpetuar a memoria dos mortos no combate, e que n'este monumento, em letras de ouro, se desse testemunho da bravura com que haviam combatido, não se esquecendo de estranhar, no meio de tudo isto, que Antonio ainda não tivesse sido declarado inimigo publico.

É certo, porém, que decretando o senado acções de graça pela sua derrota, Antonio, de facto, era considerado tal, porque não havia exemplo de ter-se feito isto, sinão quando os inimigos do Estado caiam vencidos.

Cicero lembrou que elle proprio, bem como a cidade inteira, escapara, de ser victima dos furores de Antonio, e que o boato calumnioso de pretender elle fazer-se dictador, só tinha por fim tornal-o odioso ao povo ; para que a sua morte, certa, infallivel, seria o signal, da carnificina geral.

O senado approvou todas as medidas propostas por Cicero.

Tal foi pouco mais ou menos o assumpto da decima quarta philippica, o ultimo discurso que o famoso orador proferiu « o seu canto de cysne » como dizem alguns.

Os consules e Octavio inflingiram a Antonio segunda derrota, ainda mais decisiva, pois que libertou D. Bruto do assedio, que o apertava.

Hircio pereceu no combate, e Pansa, que fôra ferido na primeira refrega, veio a morrer, pouco depois, nas visinhanças de Bolonha.

LXXIV. Não se pôde negar que Cicero empregou todos os meios e recursos, de que dispunha, para salvar a causa republicana.

Si não impediu a ruina da Republica, pelos menos retardou-lhe a hora da queda.

Conseguiu levantar a Italia inteira contra Antonio ; mas, objectarão, serviu-se de Octavio, que não era menos perigoso, nem menos suspeito ao partido republicano, do que o proprio Antonio.

Ainda n'este ponto, o procedimento politico do orador se justifica.

Antonio e Octavio olhavam-se e mediam-se como rivaes; e pois, porque não admittir que n'essa rivalidade presentisse elle o germen da lucta que apenas aberta, nullificaría ambos?

Com tanta precaução valia-se do nome de Octavio, que todo o seu empenho foi sempre dar aos consules, que conseguira tornar partidarios da causa republicana, forças superiores ás do seu quasi pupillo.

As difficuldades, com que luctava, não existiam sómente na Italia: luctava ainda com a má vontade da maioria dos governadores das provincias, os quaes, devendo a sua elevação a Cesar, se haviam destacado da Republica para sustentarem a dictadura.

Todos esses governadores aspiravam tornar-se, a seu turno, senhores do Estado, ou, pelo menos, gosarem de todos os proventos do poder, sustentando qualquer ambicioso, que dispuzesse de melhores elementos.

A frente de numerosos exercitos, nenhum d'elles fazia mais caso do senado, e habituados ao regimen da espada, não queriam ouvir falar de governo civil: Honra seja feita á memoria de Cicero.

Não o poupou esforços para remover de sua patria o regimen militar, sempre funesto aos povos em todos os tempos, e em todas as occasiões.

Graças ao seu genial talento, aos seus patrioticos intuitos, á coherencia e rectidão de seu procedimento n'aquella quadra melindrosa, elle tornou-se o chefe do

senado, onde sua opinião acabava sempre por prevalecer, e o idolo do povo, que o cercava de respeito e veneração.

Sua influencia e prestigio pessoal não se limitava a Roma sómente, mas estendia-se pela Italia toda e até ás provincias.

Sem exercer cargo publico algum activo, escrevia com frequencia a todos os governadores procurando angariar-os pela perspectiva das honras e cargos que obteriam, si concorressem para firmar um governo livre e legitimo, em que tomariam parte decisiva.

Á Lepido, Planco, Polião e Cornificio, que, pelo numero de soldados, de que dispunham, e pela importancia das provincias, que administravam, mais podiam auxiliar, ou prejudicar a causa da Republica, dirigia-se elle com frequencia, demonstrando-lhes as vantagens, que para todos resultaria da união do senado, do povo, dos consules e da Italia: expunha-lhes com franqueza os recursos, os meios e as forças, de que dispunha a causa republicana.

De alguns conseguiu as adhesões. Outros dissimularam suas intenções. Em todo o caso, com este procedimento obteve a neutralidade de quasi todos, o que muito convinha para a solução dos negocios da Italia, dos quaes a sorte da Republica sem duvida dependia.

Entretanto, todos os seus esforços foram baldados,

A morte dos dous consules dava a Octavio um poder enorme e imprevisto.

O mancebo achava-se a frente de mais dous exercitos e dos veteranos, que não quizeram permanecer sob as bandeiras de Decimo Bruto.

Cicero viu logo o alcance futuro d'este facto, contra o qual a previdencia humana não poderia acautelar-se. Inquieto e preocupado, escreveu immediatamente a M. Bruto e a Cassio para que voltassem para a Italia com as legiões, de que dispunham, e, ao mesmo tempo, obtinha do senado um decreto, chamando-os em defeza da patria; mas aquelles republicanos *intransigentes e feroses* não prestaram a menor attenção aos conselhos do orador, que ficou sosinho a luctar contra os acontecimentos e contra a pusillaniedade de muitos.

Octavio era a força armada, isto é, aquillo que dispõe da sorte dos partidos e das instituições, entre os povos desarmados. Como arredar esse obstaculo, que a morte dos consules creara repentinamente? Cicero lembrou-se de propôr que se decretassem a Octavio as honras do triumpho. Era o meio legal de desarmal-o.

A lei e as praticas determinavam que deixasse o commando e licenciasse o exercito o general, a quem fossem concedidas as honras do triumpho, logo que chegasse a Roma; mas o senado julgou melhor outra politica, procurando ao principio angariar a adhesão dos soldados pela promessa de distincções e recompensas, contando

licencial-os depois por não precisar mais a Republica de tanta força armada, desde que se via livre de Antonio. Este meio não sortiu effeito.

Então, a uns concederam honras, distincções, privilegios e dinheiro: a outros recusaram tudo, contando os auctores d'essa politica estreita, que a inveja e a lucta de interesses semeiasse a sisania entre os soldados, e odios reciprocos germinassem com força.

Na ausencia de Octavio foram enviados commissarios que se entendessem com as praças e officiaes; mas ninguem quiz ouvir-os, e o plano do senado não produziu resultado.

LXXV. Era natural que Octavio dispondo do exercito quizesse ser investido, de direito, do commando, que exercia de facto.

Assim, pretendeu logo o consulado. Pensamos que Plutarcho se engana, quando affirma que Octavio escreveu a Cicero pedindo que obtivesse esse alto cargo para ambos, e assegurando-lhe que abdicaria n'elle só a auctoridade commum: e que Cicero sedusido pela lisonja e pelas promessas, que lhe fazia o filho adoptivo de Cesar, favoreceu a sua pretensão e deu-lhe os votos do senado.

Cartas do orador provam que elle jamais solicitou votos dos senadores para Octavio; e que o unico, que d'isso se encarregou foi um centurião, emissario de Octavio, o qual, descontente com a hesitação dos sen-

dores bradara, batendo nos copos da espada. « Esta dar-lhe-ha a posição, que elle deseja ».

Logo depois, Octavio, á frente das tropas, marchou para Roma. Todas as hesitações desapareceram, e os senadores o nomearam consul com Pedio, seu parente.

Octavio convocou logo os comicios populares, que confirmaram a nomeação do senado.

É sempre assim. Em todos os tempos a força tem sido o supremo direito. Pelo menos, o povo de Roma e o senado curvaram a cabeça diante de um exercito numeroso, bem armado e disciplinado.

Não se annullava diante de algumas praças revoltadas! Octavio, apenas se viu consul, apoderou-se de todo o dinheiro, existente no thesouro publico, e distribuiu-o pelos soldados, e depois conseguiu que fossem condemnados a morte todos os assassinos de seu tio.

Desafivelava a mascara, e surgia Augusto com todas as suas qualidades e defeitos!

Já antes, vencedor, recusara perseguir Antonio vencido, como lhe ordenara o senado. Fingindo occupar-se de cumprir as ordens do senado, acabou por fim declarando que era tarde para alcançar Antonio.

Instado por Cicero, D. Bruto, auxiliado por Planco, á frente de um exercito de recrutas, que elle se via obrigado a sustentar á sua custa, tentou perseguir o vencido; mas as forças de Antonio cresciam diariamente. Ventidio, com tres legiões. veio reunir-se a elle.

Lepido, a seu turno, poz-se ao seu lado com todas as forças, de que dispunha, limitando-se a mandar dizer ao senado, que não lhe tinha sido possível resistir a soldadesca amotinada.

Lepido foi declarado inimigo publico, o que importava tambem a confiscação de todos os seus bens. Casado com uma irman de Bruto, de quem tinha muitos filhos, o decreto do senado redusia as creanças á miseria.

Servilia, a amante predilecta de Cesar, sogra de Lepido, e a esposa de Cassio, tia dos meninos, pediram com instancia a Cicero que não consentisse na execução do decreto, ou, pelo menos, que abrisse uma excepção para os filhos de Lepido.

O orador desattendeu-as; mas tendo posteriormente recebido uma carta de Bruto e em termos os mais urgentes, sobre o mesmo assumpto, impediu no senado, a execução do decreto com relação á confiscação dos bens, e obteve o que lhe pedia Bruto.

Em Roma foram recebidas, com applauso geral, as duas legiões, que o senado chamara da Africa; mas a confiança, que a presença d'esta força na cidade inspirava a tantos, não tardou a desvanecer-se.

As legiões declararam-se logo por Augusto. Pollião, voltando da Hespanha tambem com duas legiões, uniu-se a Antonio.

Planco abandonou D. Bruto, que, não podendo conter os soldados indisciplinados, fugiu disfarçado na esperança

de achar abrigo ao lado de Marco Bruto; mas foi assassinado por soldados de Antonio, que levaram-lhe a cabeça ao seu general.

Este julgando-se forte, tratou de entender-se com Augusto, que já não occultava o seu desprezo pelas ordens do senado, e o seu despreço a Cícero.

Privado o senado de todos os meios de acção, Octavio regularizou os negócios, que o detinham em Roma.

Não tendo indole guerreira, e achando-se Antonio e Lepido á frente de numerosas tropas, resolveu entrar em negociações com aquelles dous chefes, e dividir com elles o poder: isto posto, não hesitou em procural-os; perto de Bolonha, em uma ilha do Rheno, realisou-se a primeira conferencia. Cada um d'elles deliberou e agiu conforme o seu character.

Por caminhos differentes dirigiram-se ao ponto convencionado, acompanhados das tropas, que mais confiança lhes inspiravam, as quaes tinham acampamentos separados nas margens do rio.

Lepido, por ser amigo dos outros dous, foi encarregado de verificar si na ilha, onde chegou em primeiro lugar, havia perigos que affrentar.

Dado o signal convencionado, Augusto e Antonio passaram em pontes de barças, cada um por seu lado.

Ao encontrarem-se, dizem alguns escriptores, ambos revistaram-se, reciprocamente, no intuito de se precaverem.

Na sua qualidade de consul Augusto tomou assento

entre os dous, e, durante tres dias ali, discutiram e firmaram as reg.as que deviam reger o segundo triumvirato, muito mais fatal á republica, quer pelos predicados dos homens, que o compuzeram, quer pelos actos, que elles praticaram.

LXXVI. Entre as clausulas d'esse contracto monstruoso e liberticida, que devia durar cinco annos—para o **restabelecimento da Republica**, figurava, em ultimo lugar, a proscricção de trescentos senadores e tres mil cavalheiros.

Na lista dos proscriptos estavam Lucio Cesar, tio de Antonio, e Cicero, o amigo e protector de Augusto.

Sobre estes dous nomes, Antonio e Augusto fizeram um conchavo, sem nome.

Aquelle, queria, a todo o tranze, a cabeça de Cicero: este, a de Lucio Cesar. Um concordou no sacrificio do parente, o outro no do amigo.

Lucio Cesar, graças á energia mascula de sua irman Julia, mãe de Antonio, pôde escapar.

Quando chegaram os soldados, incumbidos de matal-o, Julia, com a energia do desespero, atravessou-se na porta do gabinete, em que estava occulto o irmão, e bradou-lhes: « Só chegareis até meu irmão depois de me haverdes assassinado tambem, a mim, mãi do vosso general ».

O soldado tem tambem coração e cabeça. A luz da consciencia não se extingue na praça de pret, como pretendem alguns.

Esses infelizes, aliás habituados á obediencia militar,

agentes passivos dos ferozes triumviros, curvando-se dominados por aquelle acto da dedicação fraternal, retiraram-se em silencio e respeitosa, reflectindo talvez que elles, os executores de ordens tão barbaras, eram moralmente mais desgraçados, do que as victimas, que sacrificavam.

A digna senhora, sem perder um instante, correu ao tribunal, onde encontrou o filho, cercado de cabeças que escorriam sangue, a pagar, em ouro, aos seus executores. o preço estipulado por cada assassinio! « tu salvas Lucio, ou manda matar-me logo, porque o defenderei enquanto viva for!

O respeito a imposição materna contera os furores do triumviro.

Lucio Cesar foi poupado. Cicero porém não teve a mesma sorte.

A publicação dos nomes dos proscriptos, por accôrdo dos tres triumviros, ficara adiada na occasião da conferencia, com excepção de desesete, que, lhes parecia, deviam ser immolados immediatamente. Entre estes desesete estava o grande orador.

Emissarios foram logo despachados para surprehendel-os e assassinal-os, antes que elles pudessem sequer desconfiar do perigo, que os ameaçava.

Apezar da reserva, que guardaram os triumviros, e da presteza, com que expediram as suas ordens, Cicero,

que então residia em sua casa de Tusculo, teve noticia das proscricções, e da pena que ia soffrer.

Em sua companhia estava Quinto com o filho. Partiram todos, sem demora, para Astura, na esperança de encontrarem ali algum navio, em que pudessem se embarcar e deixar a Italia; mas estavam sem os recursos pecuniarios indispensaveis para viverem em regiões distantes.

Quinto e seu filho julgaram que era preciso voltar a Roma para obterem dinheiro: esta viagem porém não poude ser feita em tanto segredo, que não fosse sabido por Antonio, que immediatamente mandou soldados, que o matassem.

Quinto occultou-se na mesma casa, em que se achava o filho, quando os esbirros o surprehenderam.

O mancebo foi submettido a tortura para que revelasse onde estava o pae; debalde soffreu todos os tormentos, que aliás arrancaram-lhe gritos dilacerantes, mas recusando sempre com firmeza fazer qualquer revelação.

Quinto, desesperado pelas angustias do filho, apresentou-se pedindo aos esbirros que o matassem, mas que poupassem o mancebo, ao menos em attenção á sua piedade filial.

Ambos foram immediatamente mortos, o pae, como proscripto, o filho, como revel á lei!

Cicero com effeito encontrou em Astura o navio, que desejava, e embarcou-se; mas, ventos contrarios obrigaram-n'o a desembarcar em Circeios — Circe—(hoje

S. Felice), passando a noute nas proximidades da cidade, afflicto, angustiado, perplexo, hesitante.

Pensou em ir refugiar-se com Bruto, Cassio, ou ainda Sexto Pompêu.

Emfim, talvez convencido da inutilidade de qualquer esforço para salvar a vida, n'um paiz, que elle tantas vezes conseguira salvar, resolveu morrer.

Segundo Plutarcho, o grande orador formou até o projecto de voltar a Roma, e de apunhalar-se na propria casa de Augusto, afim de fazer recair sobre a cabeça d'esse amigo prefido a odiosidade de sua morte; mas as instancias dos que o acompanhavam levaram-no a proseguir viagem até Gaeta, onde tornou a desembarcar para passar a noute em sua propriedade de Formias, proxima á costa.

D'ahi, depois de um somno de algumas horas, sahiu em liteira, conduzido por escravos, por atalhos escuros, em busca do navio, pois que lhe constava que, por aquellas paragens, andavam soldados á sua procura.

O caminho seguido foi denunciado, segundo Plutarcho, ao centurião Herennio e ao tribuno militar Popilio Lenas, que elle defendera conseguindo fosse absolvido em crime capital, pelo liberto Philologo, ou antes, Philogono, pois que é este o nome que, em umas das suas cartas a Quinto, lhe dava o orador: Seneca porém, affirma, apoiando-se na auctoridade de outros escriptores, que

Popilio só commandava os soldados, que o surprehenderam na liteira, em que elle ia lendo a *Medéa* de Euripides.

Os escravos, que o acompanhavam, pretenderam oppor a força á força, e a salva-o com as armas na mão; mas Cicero prohibiu-lhes qualquer acto de resistencia.

« Resignemos-nos ao destino: nem se derrame mais sangue, alem do que exigem os deuses » exclamou elle, e immediatamente deu ordem para que arriassem a liteira, de cuja portinhola, com a mão esquerda na barba, contemplo com olhar fixo o bando que se approximava.

Os soldados, ao verem os cabellos brancos, cobertos de pó e o rosto macilento e desfigurado do ancião, cujo nome famoso tantas vezes tinham ouvido pronunciar, com respeito, cedendo quasi a compaixão, estacaram. Cicero bradou-lhes: « Approximae-vos, e cumpri as ordens que recebestes ».

Nenhum se movêu: desviaram todos a vista d'aquelle espectaculo contristador. O tribuno então adiantou-se com a espada núa.

Cicero debruçou-se um pouco mais para fóra, e offereceu a cabeça aos golpes do carrasco, que a decepou, cortando-lhe depois as mãos, conforme as ordens que tinha.

Popilio Lenas, o seu protegido de outr'ora, correu para Roma levando a Antonio este sangrento trophêu!

LXXVII. Antonio estava no Forum, quando se lhe apresentou Popilio offerecendo-lhe a cabeça e as mãos do auctor da segunda philippica.

O contentamento que inundou-lhe a alma, não soube elle velal-o.

Immediatamente o tribuno recebeu uma corôa de ouro e consideravel quantia em dinheiro.

O triumviro ordenou que levassem cabeça e mãos a sua mulher, e depois que pregassem nos Rostros a cabeça com cada mão ao lado.

Com igual satisfação contemplou Fulvia o rosto pallido e decomposto do inimigo de seus maridos: collocando a cabeça no collo, escarrou sobre ella: puxou a lingua e picou-a repetidas vezes com o alfinete de ouro que prendia-lhe os cabellos; nem admira isto n'essa mulher, que cingia a espada, assistia as execuções, arengava aos soldados e tomava parte nos conselhos dos officiaes.

Em Roma dizia-se: » Fulvia, de mulher só tem o corpo.

Depois d'esta scena de ferocidade feminil, conforme as ordens de Antonio, via-se pregada nos Rostros essa cabeça entre duas mãos: um pouco além outra mão humana.

Bizarros caprichos do destino!

Era a mão de Verres!

Esses restos mortaes do accusador e do accusado, achavam-se em exposição publica no mesmo logar!

Um escriptor moderno assim se exprime: « A morte dos outros proscriptos excitou pesares particulares; mas, a de Cicero causou consternação universal.

Era triumphar da Republica e firmar a escravidão em Roma, e tanto d'isto estava persuadido Antonio, que, diante d'aquelles restos sangrentos. bradou — *agora as proscricções estão terminadas* ».

Cicero foi morto a 7 de Dezembro do anno 710 da fundação de Roma, isto é, 44 annos antes da nossa era: tinha a idade de 63 annos, 11 mezes e 5 dias.

Foi Antonio quem exigiu e ordenou a morte de Cicero: superabundam os actos deshonorosos e crueis, que elle practicou e que, perante a posteridade, tornam a sua memoria execravel, entre estes, figura, em primeiro logar o assassinio inutil do velho orador, a palavra mais eloquente, que, até então, a humanidade havia conhecido, na phrase de um historiador antigo; mas, Antonio era um soldado rude, sujeito ás paixões, cego pelo odio, que votava a Cicero, o qual tivera a coragem de desenhá-lhe, com tintas vivas, o character e os vicios: era além d'isto, suggestionado pelo monstro feminino, que, tomara por esposa, tão formosa, como perversa: como porém, qualificar o procedimento de Augusto, cedendo friamente a cabeça do amigo, a quem tanto devia, em troca da de Lucio Cesar?

Qual dos dous, no foro intimo da consciencia será mais digno do desprezo humano?

O povo, em sua justiça e bom senso, nunca perdoou ao sobrinho de Cesar, ao senhor absoluto de Roma, a fealdade de seu proceder.

A historia jamais o isentará da responsabilidade moral de tamanha vileza. Astuto, geitoso, sagaz, tudo quanto quizerem, homem que deu o seu nome a um seculo, politico, que, guardando as formulas republicanas, soube fundar a monarchia mais absoluta que se possa imaginar, em um paiz acostumado á liberdade, e conseguiu, protegendo as artes, letras e sciencias, que todos os historiadores e poetas do seu tempo o elogiassem á porfia, Augusto, ainda mais que Antonio, nos inspira repugnancia.

Os crimes não se medem pelo numero ou quantidade, mas pela qualidade e circumstancias, que os revestem. Roma era pagan e conquistadora.

A vida humana não inspirava, n'aquelles tempos, o respeito, que inspira aos povos christãos. Demais, os romanos, desde longa data, estavam habituados á suppressão violenta dos homens politicos, que pareciam obstaculos aos planos e interesses de seus adversarios. Só Cesar, nos dias do seu immenso poder, rompera com esses precedentes, fazendo politica larga e generosa.

É possivel que na opinião de alguns esta circumstancia sirva de attenuante aos excessos dos triumviros; mas a historia, até hoje, ainda não os absolveu.

Como julgará ella o que actualmente entre nós se vae passando, depois de dous mil annos? Somos um povo de indole branda, chistão e já civilisado.

Sob o imperio, a pena de morte esteve de facto abo-

lida. A constituição republicana aboliu-a de direito em artigo expresso e terminante; mas, não obstante essa humanitaria disposição, garantidora da vida dos cidadãos brasileiros, vimos, por ordem superior, em despacho telegraphico, cair fusilado, sem julgamento, logo depois de preso, um obscuro agente, ou instrumento de adversarios do governo, e do qual nada havia mais que receiar.

Como considerará a posteridade esse acto da administração republicana? Mais inutil e tão desasada, como a de Cicero, foi essa execução militar, summariamente feita, em Pernambuco.

A pena não póde, não deve ser uma vingança social ou pessoal. A pena é creada para regenerar e exemplificar; e o derramamento inutil de sangue, não produz estes effeitos.

Para impedir que o perverso reincida no crime, basta segregar-o da communhão social.

A nossa patria não exige exterminio dos revoltosos, mas das causas, que provocam as revoluções. Quem sabe si o nome do humilde executado não passará a historia, engrandecido pelo martyrio, como uma victima da iniquidade e prepotencia luxuosa dos tempos, que atravessamos? Si, nos crimes communs, a pena de morte não se justifica, muito menos nos delictos politicos.

Manuel de Carvalho, chefe da revolução de 1824 foi condemnado á morte; mas outra revolução restituiu-o á patria, onde exerceu os mais elevados cargos.

O despotismo lusitano enforcou e esquartejou Tiradentes; mas o principio, que elle defendia, não ficou afogado no sangue do obscuro mineiro, e sagrou-o martyr, e transformou-o em heróe legendario!

Estes exemplos da patria historia não serão um ensinamento, uma luz para os dominadores do dia? A historia foi, é, e será sempre implacavel em seus julgamentos: ella não esquece jamais o que deve á verdade, á justiça e a Deus, sobretudo, quando trata dos chefes das nações.

LXXVIII. Roma tornou-se o theatro de scenas mais horrorosas do que nos tempos passados. Os triumviros foram mais cruéis e mais friamente ferozes, do que Mario e Scylla.

Maltas de sicarios percorriam as ruas da cidade pregando nas paredes as listas dos proscriptos.

O sangue dos desaffeitados corria em jorros. Não escapava da morte o cidadão reputado rico, ou apenas suspeito de não ser adhéo aos triumviros.

Era crime capital dar abrigo ou escapúla a um proscripto.

Recebiam recompensa immediata os que os denunciavam ou entregavam. Os mais respeitaveis e santos deveres eram violados.

A lealdade entre amigos, a piedade filial, calcadas sem o menor escrupulo.

Personagens consulares prostravam-se aos pés dos próprios escravos, supplicando-lhes compaixão.

Si alguns d'estes infelizes foram vis e crueis, outros sacrificaram-se devidamente por seus senhores, practitando actos de dedicação e coragem, de que não sentiram-se capazes os homens livres.

Um certo Restio marcara com ferro em braza a testa de um de seus escravos com o signal de fujão.

Este desgraçado, sabendo que seu senhor estava proscripto e andava foragido, não descansou emquanto não descobriu-lhe o escondrijo, onde se apresentou, pondo-se ás suas ordens.

Restio, aterrado e suppondo-se trahido, pediu-lhe de joelhos que se compadecesse de sua miseravel situação.

O escravo respondeu-lhe: « Como me julgas mal senhor! pensas acaso que esta marca esteja mais profundamente gravada em minha fronte, do que no meu coração, a lembrança dos beneficios, que me fizeste? » Elevou-o para logar mas seguro, e durante muito tempo sustentou-o com o producto de seu trabalho.

Certo dia, em que um bando de soldados rondava pelas visinhanças da caverna, em que se occultava Restio, o escravo receioso de que elle fosse surprehendido e morto, matou o primeiro viandante que encontrou, cortou-lhe a cabeça e levou-a aos soldados, e mostrando-lhes o signal da testa, exclamou: « Estou emfim vingado! »

Convencidos de que realmente aquella era a cabeça de

Restio, os agentes dos triumviros retiraram-se levando-a.

E Restio, salvo por este rasgo barbaro de reconhecimento, poude mais tarde embarcar-se, escapando ao furor de seus inimigos.

Batendo-se corajosamente com os soldados, os escravos de Apuleu, de Aruncio e de um certo Hircio puderam salvar-os.

Meneio e Appio escaparam, graças a dedicação dos seus escravos, que, vendo a casa cercada, metteram-se nos leitos, em que dormiam seus senhores, e deixaram-se degollar.

Pomponio, disfarçado em pretor, que ia tomar conta de sua provincia, e com os escravos vestidos de lictores, conseguiu atravessar a Italia e refugiar-se na Sicilia.

Um creado, que acompanhava um rapazinho para a escola, viu os soldados precipitarem-se sobre o infeliz, que fôra tambem proscripto.

Desejando salvar-o a todo o tranze, atirou-se só e desarmado sobre as praças, com as quaes luctou desesperadamente; foram ambos mortos.

Oppio carregou aos hombros o pae velho e doente, até o estreito de Messina e fel-o embarcar para a Sicilia.

Getha fez espalhar por toda a cidade a noticia do suicidio de seu pae, e gastou uma somma enorme para fazer-lhe os funeraes. Excepções infelizmente bem raras. A regra geral era a ingratição e á vileza por parte dos proprios parentes.

Conforme o uso, celebrava-se em uma casa de família uma festa, porque n'aquelle dia um mancebo havia tomado a *pretexta*.

As salas estavam cheias de convidados e amigos da família: no meio da festa, soube-se que o moço estava proscripto.

As salas esvaziaram-se: os amigos e convidados tinham desaparecido.

O infeliz, aterrado, procurou occultar-se no quarto de sua mãe, que fechou-lhe a porta, insensível ás suas supplicas. Obrigado a fugir, procurou o campo.

Alugou-se para trabalhar, sem escolher serviço; mas a existencia, que lhe deram, pareceu-lhe tão cruel e tão dura, que, pouco depois, veio, de motu-proprio, entregar-se aos carrascos.

Um pretor, desejando que seu filho o substituísse, quando terminasse o tempo de suas funções, vivia a pedir votos a todos para esse filho querido; mas vendo o seu nome no rol dos proscriptos, occultou-se em casa de um amigo, e communicou ao filho, o lugar, em que se achava.

Não decorreu muito tempo que a casa não fosse cercada de soldados, conduzidos e guiados pelo filho ingrato.

Outro, vendo-se agarrado pelos agentes do triumvirato, bradava: « Não me mateis: estaes enganados: meu filho é um dos melhores amigos de Marco Antonio ». « Mas
z. 73

foi elle mesmo quem te denunciou » responderam-lhe os soldados.

As mulheres mostraram-se melhores e mais corajosas, do que os homens.

Já falamos no procedimento admiravel de Julia, mãe de Antonio, para salvar Lucio Cesar, seu irmão.

Antistio, Tito Vinio, Ancio, Q. Lucrecio Vispalião e outros, deveram a vida á dedicação das esposas.

Trahido pelos escravos, Acilio foi surprehendido pelos soldados: sua mulher conseguiu livral-o, entregando aos sicarios todas as suas joias.

A consorte de Quintio Ligario, depois que o vio degollado, apresentou-se aos triumviros declarando-lhes que por muito tempo occultara o marido, e que por tanto, nos termos do decreto das proscripções, tambem merecia a morte.

Os triumviros não lhe prestaram attenção : ella deixou-se morrer a fome.

O nome do senador Componio, cuja mulher Marco Antonio, havia algum tempo, requestara, foi inscripto na lista fatal: Para salvá-o, o triumviro impôz á esposa afflicta, como condição unica, satisfazer-lhe os seus desejos lascivos. A desgraçada submetteu-se, e á custa da honra, livrou Componio.

Diz o illustre historiador moderno Cesar Cantu :

« Antonio, por uma cruel reparação, entregou a Sempronio, viuva de Cicero, o liberto, que o denunciara.

Sempronia, depois de atormental-o, sem piedade, obrigou-o a cortar pedaços da própria carne, assal-os e comel-os ».

Não pudemos descobrir onde o grande historiador colheu a noticia de tal facto. Dos diversos auctores, que escreveram sobre Cícero, e que consultamos, não consta que o orador tivesse contrahido terceiro casamento.

Todos são accordes em que Publilia foi a sua segunda e ultima esposa. Falando das proscricções d'essa epocha V. Paterculo affirma que: « Nas mulheres houve muita fidelidade: nos libertos, alguma: nos escravos, pouca: nos filhos, nenhuma ».

A relação, que tem estes horrores com o trabalho, que nos occupa, leva-nos a recordal-os: não será despropositoso aos cidadãos d'este paiz, sobretudo aos que conhecem pouco a historia romana, o ensinamento, que d'elles decorre.

Da liga de espiritos ambiciosos, que pareciam divididos e distanciados por interesses antagonicos, mais que obedeciam á attracções fataes, resultou o governo execrando, que immergiu a republica em ondas de sangue.

Essas ligações para fins tão reprovados teem continuado a dar-se por toda parte, e dar-se-hão sempre que o bem não as inspirar.

O decreto das proscricções, não sabemos si escripto, mas, com certesa subscripto pelos triumviros, merece especial menção, actualmente: é que elle pôde servir

de modelo aos governos desorientados e maus, que acreditam poder viver sem o apoio da opinião.

Vem de molde que o traslademos para aqui. Certos decretos do *Provisorio* e as leis odiosas, que as administrações, que vieram depois, arrancaram da bagagem pésada da monarchia, destoaram muito das disposições contidas n'essa peça, que gela o coração.

Ah! é triste dizel-o! si não ha iniquidade que não tenha sido praticada na terra, não é impossivel hoje a reproducção d'ellas aqui, alem, ou onde quer que, postergada a justiça e ferida a liberdade, imperem o odio, o interesse vil, a vingança e todas as paixões ruins, que degradam e aviltam a alma humana.

LXXIX. *Decreto de proscricção.*

« Marco Lepido, Marco Antonio, Octaviano Cesar, eleitos pelo povo para reformar a Republica.

« Si Julio Cesar, em virtude de sua innata generosidade, não tivesse sido indusido a perdoar homens indignos e desleaes e a conceder-lhes, alem de uma vida não merecida, honras e empregos, ainda menos merecidos, não teria cahido victima do furor e da traição, e nós não seriamos forçados a proceder, com o mais profundo pesar, contra aquelles, que nos declararam inimigos da Patria.

« A experiencia nos tem convencido que a clemencia não basta para desarmar os que contra nós conspiram, e cujas mãos gottejam ainda o sangue de Cesar.

« Assim pois, previnindo as tramas dos nossos inimi-

gos para não nos vermos expostos aos males, que nos ameaçam, não merecemos a accusação de injustiça, de crueldade, nem de rigor excessivo.

« É mister que relembremos as injurias, que Cesar e nós soffremos. Os prisioneiros, que elle salvara da morte e depois instituirá herdeiros seus, em pleno senado, a face dos deuses, deram-lhe vinte e uma punhaladas, não obstante achar-se revestido da primeira magistratura e do supremo pontificado.

« Ousaram precipitar morto a seus pés o grande homem, que havia submettido ao povo romano as nações as mais temiveis, transposto as columnas de Hercules, atravessado mares, nunca d'antes navegados, e descoberto regiões, até então desconhecidas dos romanos.

« Outros cidadãos, que devemos castigar com justiça e severidade, em vez de cumprirem o dever de entregar á justiça publica os assassinos, conferiram-lhes magistraturas, governos, de sorte que deram-lhes meios de apoderarem-se dos thesouros da Republica, e com elles pagar o soldo das tropas, que levantaram para nos fazer guerra, chamando ás armas os povos barbaros, inimigos perpetuos de Roma.

« Pelo terror, sublevaram contra a Republica as nações alliadas, e levaram a ferro e fogo as cidades, que desejavam permanecer fieis.

« A nossa justa vingança já puniu alguns d'esses miseráveis; e dentro em pouco, com o auxilio dos deuses,

faremos que os seus cúmplices sofram a mesma pena. Sobre este assumpto já resolvemos para a Hespanha, para as Gallias e para a Italia.

« Só nos resta combater alguns assassinos de Cesar, ainda em armas alem dos mares; mas no momento em que nos preparamos, ó cidadãos, para sustentar, por amor a vós, uma guerra externa, seria contrario aos interesses da Republica, á vossa e a nossa segurança, deixar atraz de nós inimigos communs com a liberdade de aproveitarem-se de nossa ausencia e das diversas peripecias da guerra para nos fazerem mal á vontade.

« Projectamos uma expedição urgente, e estamos convencidos de que em vez de pôr a Patria em perigo agindo com lentidão, é mister apressar o exterminio d'aquelles, que foram os primeiros a pretenderem deshonnar-nos, dando-nos a qualificação de inimigos da Patria, qualificação que estenderam aos exercitos sob o nosso commando.

« Quantos cidadãos, sem o menor receio da colera dos deuses e dos homens, foram condemnados á mais dura extremidade! Nossa vingança não imitará, o furor de nossos inimigos: não estendel-a-hemos á tamanha multidão, e só immolaremos os que se declararam contra nós, ou contra nós conspirarem.

Não inscreveremos nas taboas das proscripções nomes dos que, por sua fortuna, ou por sua dignidade, foram alvo da inveja e do odio: não seguiremos o exemplo

d'esse magistrado supremo, que antes de nós, e como nós, se viu obrigado a reorganisar a Republica, e que mereceu o titulo de—*Afortunado*—por ter levado ao fim todos os seus projectos.

«Só tiraremos vingança dos mais culpados. Sem este remedio necessario, vos vereis a braços com as mais funestas calamidades.

É necessario tambem dar alguma satisfação ao exercito, desgostoso por tantas injurias, e denunciado, por decretos publicos, como inimigo da Patria, quando por ella derramava o seu sangue.

« Estava em nosso poder punir os nossos inimigos, um após outros, sem publicar-lhes os nomes; pareceu-nos porém mais conveniente, em vez de agarrar imprevisitamente os culpados, inscrever os seus nomes n'estas taboas para evitar todo o erro e impedir que os nossos soldados, excedendo os limites prescriptos, sacrificuem aquelles, que pretendemos poupar.

« Queiram os deuses permittir que ninguem ouse dar asylo aos proscriptos, defendel-os, ou ceder ás suas suggestões.

« Quem quer que seja convencido de ter tentado, directa, ou indirectamente salvar-os, será tambem proscripto.

« O que matar um proscripto e nos trazer a sua cabeça, receberá,—si for livre, vinte e cinco mil drachmas atticas;—si fôr escravo, dez mil, alem da liberdade e dos direitos de cidade, de que gosava o senhor.

«Aquelle, que descobrir o retiro de um proscripto, terá igual recompensa.

«Os nomes dos delatores e dos executores de nossas ordens não serão inscriptos em registro algum afim de que fiquem sempre ignorados.—*Marco Lepido—Marco Antonio—Octaviano Cesar*».

LXXX. Voltando ao nosso assumpto, accrescentaremos que, segundo uns, o corpo do grande orador foi sepultado por Lamia, que alguns poetas celebraram por esse acto de coragem; outra versão porém assegura, que os seus escravos incineraram o cadaver decapitado e transportaram as cinzas a Zante, onde cavando-se o solo para assentar-se os alicerces de um mosteiro, em 1544, encontrou-se um tumulo, que tinha a inscripção do nome de Cicero. Em uma vida de Cicero, publicada segundo dous manuscriptos do seculo 15., lê-se: «Cadavere Cicerones tumulato per quemdam Lamiam nomine».

Tres epitaphios, que fazem parte da *Anthoïogia latina* fazem-nos crer que a primeira versão é a verdadeira.

Entretanto, em sua *Historia* da litteratura romana, L. 2.º, cap. 86, Schœll diz: «Pretendeu-se outr'ora que os escravos de Cicero tinham tido o cuidado de queimar o corpo do senhor e de transportar as cinzas para a ilha de Zante, (Jacyntho) onde, em 1544, cavando-se os alicerces de um mosteiro, se encontrou, dizem, um antigo monumento sepulchral com a seguinte inscripção: M. TUL-

LI CICERO HAVE ET TU, TERTIA ANTONIA : e OS quatros verso seguintes :

« Ille oratorum princeps et gloria linguæ
Romanæ, jacet cum conjuge Tullius² urna :
Tullius ille, inquam, de se qui scripserat olim :
O fortunatam natam, me consule, Romam ! »

Outros escriptores falam tambem d'esse tumulo e d'essas inscripções. O nome de Antonio, que n'esse momento se acha ligado ao de Cicero, ainda mais duvidosa torna a segunda versão.

Como já notamos, nada se sabe com effeito, do terceiro casamento do orador, que naturalmente, se verdadeiro fosse o teria mencionado em sua correspondencia familiar.

O logar em que Cicero foi morto tornou-se celebre, e por muito tempo foi visitado pelos viajantes, como em romaria religiosa.

Entretanto, a excepção de Tito Livio, que tributou á sua memoria a maior homenagem, declarando que « para elogiar Cicero, só o talento do proprio Cicero » todos os escriptores do tempo de Augusto guardam silencio a seu respeito : o que facilmente se comprehende pela responsabilidade que tocava ao imperador, n'aquelle attentado.

Nos paços imperiaes lia-se as occultas as obras do illustre morto. Plutarcho conta que, em certa, occasião

Augusto surprehendeu um de seus sobrinhos a ler Cicero.

O joven vexado procurou occultar o livro: Augusto tomou-o, e de pé, leu uma pagina, e, entregando-o depois ao sobrinho, disse-lhe: « Foi um sabio, meu filho, e o que mais é, amava sinceramente a sua patria ».

No trabalho, que emprendemos, muito nos aproveitou a excellente e conscienciosa obra—*Vida de Cicero*, -- por M. Theophilo Baudemont, da qual extra-himos o trecho, que se segue:

« Na geração seguinte, isto é, depois de mortos, aquelles, que o interesse, a inveja e as dissensões politicas forçaram a odial-o vivo e a desacreditar sua memoria, a reputação de Cicero brilhou com todo o esplendor de outr'ora; e, sob o reinado de Tiberio, quando um historiador morria por ter louvado Bruto, outro escriptor deixava o tom grave e pacifico da historia para apostrophar Antonio, e exprobrar-lhe o crime inutil d'essa morte. Depois d'esse tempo, os poetas e historiadores louvaram á porfia Cicero; e quasi tres seculos depois, os imperadores lhe prestavam uma especie de culto na classe das divindades secundarias ».

« Um busto authenticico do illustre orador figurava outr'ora na collecção—Mallei,—em Roma.

Segundo Winckelmann, essa obra é dos ultimos tempos da Republica.

Na base do busto está inscripto o nome do orador.

Outro busto, expressivo e perfeitamente conservado, se encontra no musêu dos officios em Florença.

O musêu do Vaticano ainda possui tres bustos antigos; um d'elles proveniente das excavações feitas em Tirol, representa Cicero mais velho, do que parece em outros retratos.

Quanto ás duas estatuas, que estão na galeria real de Napoles, uma das quaes faz um gesto oratorio, não é certo que realmente representem o grande homem.

A historia de Cicero inspirou muitos artistas modernos. Citaremos, entre outros quadros, — *Cicero, questor na Sicilia, descobrindo o tumulo de Archimedes* — por Valenciennes (Musêu do Louvre): — *Cicero, no tumulo de Attico* — por J. V. Bertin: (salão de 1824): — *Cicero, accusando Verres perante o povo romano*, composição executada na bibliotheca da camara dos deputados por E. Delacroix, que, pintou mais a figura do grande orador em uma das abobadas da bibliotheca do palacio de Luxemburgo: — *Cicero, voltando do exilio* — por Marco Antonio Francicebigis — (gravado por C. Gregori) — *Cicero, voltando do exilio na pequena cidade de Felletmo* — por J. V. Bertin (salão de 1806: — *Cicero, em sua villa* — pelo inglez Richard Wilson: — *a ultima noite de Cicero*, J. F. C. Clere: (Exposição Universal de 1855): — *Antonio e Fulvia, contemplando a cabeça de Cicero*, por C. Miola: (Exposição Universal de 1867) etc., etc.» (*Grande dictionario de Larousse artigo Cicero.*)

298

LXXXI. Os parallelos de Plutarcho são com razão apreciados por todos os homens de letras.

Em seguida transcrevo o que disse esse antigo e notavel historiador comparando os dous grandes oradores, latino e atheniense.

« De tudo quanto pude colher nos historiadores sobre Demosthenes e Cicero, eis o que me pareceu mais digno de memoria.

Abster-me-hei de comparal-os sob o ponto de vista da eloquencia; mas creio dever aqui dizer que Demosthenes consagrou ao aperfeiçoamento de seu talento todas as suas faculdades naturaes e adqueridas: pela energia e vehemencia de seus discursos, quer na tribuna judiciaria, quer na politica, excedeu, todos os seus rivaes; pela elevação e magnificencia de seu estylo levou a palma a todos, que se exerciam no genero demonstrativo, e em exactidão e sagacidade deixou a perder de vista os mais habeis rethoricos.

Cicero, cujos conhecimentos eram muito extensos e variados, que deixou muitas obras de philosophia, escriptas nos moldes da Academia, as quaes lhes são particulares, Cicero, digo, tanto nos seus discursos judicarios, como nos politicos, procura exhibir a sua erudição.

« Seu estylo é de algum modo a imagem de seus costumes: o de Demosthenes despido de toda affectação e de gracejos, sempre grave, sempre serio e cerrado não *cheira a oleo*, como por zombaria dizia Pytheas; mas

revela o bebedor d'água, o homem meditativo, conhecido pela amargura de sua vida e pela austeridade de seus costumes.

Cicero, inclinado a zombar de tudo, chegava ás vezes á chocarrice, e até nas orações judiciais, segundo os interesses da causa, redicularisava os assumptos os mais serios e esquecia as conveniências.

Assim, na defeza de Coelio, diz elle que não é para admirar que seu cliente, rico, como era, se entregasse algumas vezes ás voluptuosidades, e que é loucura não gosar-se do que se possui, quando philosophos celebres fazem consistir o supremo bem nos prazeres.

Quando Catão accusou Murena, Cicero, consul então, defendeu-o; e como o accusador era muito ligado a seita do Portico, ridicularisou muito os estoicos pelo absurdo dos paradoxos, que elles chamam dogmas de sua escola, provocando gargalhadas de todos os espectadores e até dos proprios juizes, o que levou Catão a dizer sorrindo aos que proximos a si estavam assentados: «Temos realmente um consul muito engraçado».

Cicero com effeito era naturalmente chistoso e zombeteiro, e tinha até um ar alegre e jovial. Demosthenes, ao contrario, tinha o ar serio e preocupado: raramente sua phisionomia deixava de ser sombria e severa: seus inimigos, como elle proprio o diz, qualificavam-n'o de homem difficil e intratavel.

«Pelas obras de ambos, vê-se que este, quando se elogia,

fal-o com uma reserva, que a ninguem pôde desagradar : e para que tome essa liberdade é mister que um grande interesse o exija: em todas as occasiões mostra-se reservado e modesto.

Cicero, em todos os seus discursos fala de si proprio com intemperança tal, que revela desejo immoderado de gloria, como n'este verso tão conhecido, em que elle brada :

Cedant arma togæ ; concedat laurea lingue.

Emfim não se satisfaz em exaltar tudo, que fez no governo, e elogia até os discursos, que escreveu ou proferiu, parecendo antes um joven que pretendesse rivalisar com os sophistas Isocrates e Anaximenes e não um homem de estado tal, qual — *um luctador rigoroso terrivel aos seus rivacs* — encarregado de governar e alevantar o povo romano.

O poder da eloquencia, sem duvida, é necessario ao homem de estado, que, entretanto, sem rebaixar a sua dignidade, não deve amar e aspirar com avidéz a gloria, que ella pôde dar sob este aspecto. Demosthenes tem tambem mais força e elevação de espirito, porquanto affirmava que seu talento oratorio era apenas o fructo da experiencia, reclamando sempre a generosidade do auditorio e considerando despreziveis os que faziam ostentação de eloquencia.

Ambos tiveram equal capacidade para tratar perante o

povo dos negocios do Estado, e até os que commandavam exercitos, precisavam do apoio d'elles.

Chares, Diopitho e Leosthenes encontraram no orador grego um valente auxiliar. Pompeu e Augusto em Cicero, como o reconhece o segundo em suas *Memorias* á Agrippa e a Mecenas.

« A Demosthenes faltou um dos meios mais capazes de fazer conhecer a fundo o natural do homem — a auctoridade e o commando — que põem em actividade todas as paixões e descobrem os vicios, que se aninham no coração.

O orador grego nunca foi submettido á esta prova, que poderia habilitar-nos a julgar melhor o seu character. Nunca exerceu cargo importante, nem jamais commandou as forças, que reuniu contra Philippe.

Cicero foi questor na Sicilia, proconsul na Cilicia e na Cappadocia, e n'uma epocha, em que a avaresa não conhecia limites, e o furto era apenas uma baixesa, e os pretores e generaes mandados para as provincias, roubavam tudo, quando *arranjar-se* não era vergonha, e até mereciam atterção os que o faziam com moderação, n'um tempo d'esses, Cicero mostrou o maior desprezo pelas riquezas e em todas as occasiões deixou transparecer sua doçura e humanidade.

Em Roma ainda, onde sob o nome de consul, foi investido contra Catilina de toda a auctoridade de um dictador e de um soberano, verificou elle aquelle oraculo

de Platão: « as cidades verão terminar seus males, quando por um favor singular da fortuna, o poder supremo e a prudencia se reunirem á justiça na mesma pessoa ».

Demosthenes pelo contrario, foi accusado de traficar com a sua eloquencia e de ter composto secretamente discursos para Phormion e Apollodoro, partes adversas no mesmo processo.

Lançam-lhe em rosto ter recebido dinheiros do rei da Persia, e foi condemnado por havel-os recebido de Harpalo.

Dir-nos-hão: « calumnias de inimigos ! » Elle os teve com effeito em grande numero ; mas será possivel recusar o testemunho dos que affirmam que Demosthenes jamais teve força para resistir aos presentes, que lhe faziam os reis, como prova de reconhecimento e estima? Nem outra cousa se devia esperar de um homem, que empregava os seus haveres em segurar navios a altos juros.

Cicero, como vimos em sua *Vida*, recusou sempre, quer os presentes, que lhe enviaram os sicilianos para a sua edilidade, quer os do rei da Cappadocia durante o seu proconsulado, e até os que, na occasião de seu exilio de Roma, quizeram os amigos forçal-o a receber.

« Para um, o banimento foi uma vergonha, consequencia de uma condemnação por crime de furto: o exilio do outro, cobriu-o de gloria.

Cicero só foi desterrado por querer libertar sua patria dos scelerados. Assim, a retirada de Demosthenes não

produziu a menor sensação em Athenas, e quando Cicero sahio de Roma, o senado vestiu a toga preta, antou de lucto por muito tempo, e absteve-se de tratar de qualquer outro assumpto, enquanto o povo não revogasse o decreto, que exilou-o.

É verdade que Cicero passou o tempo de seu desterro na Macedonia sem fazer cousa alguma; ao passo que Demosthenes, durante o seu, se occupou dos mais importantes negocios politicos, percorrendo as cidades e defendendo por toda a parte os interesses da Grecia, expellindo das cidades gregas os embaixadores macedonios, e mostrando-se em tal conjunctura muito melhor patriota, do que Themistocles e Alcebiades.

Ao voltar á patria sobre os mesmos principios, retomou a administração dos negocios e jamais deixou de resistir a Antipatro e aos macedonios.

Cicero, em pleno senado, ouviu Lelio exprobar-lhe permanecer elle indifferente e tranquillo, quando o joven Cesar, que sahia apenas da puberdade, contra as disposições leaes, pedia que lhe fosse permitido pleiteiar o consulado; e Bruto, em suas cartas, o accusa de ter nutrido e fomentado uma tyrannia mais forte e mais insupportavel, do que a que elles haviam destruido.

«Emfim, se considerarmes a morte de ambos, não se póde ver, sem sentir compaixão, um pobre velho, que, depois de se fazer conduzir pelos escravos de um para outro lado, por fraqueza, para evitar seus inimigos e

escapar a uma morte, que bem pouco precediria o termo natural da existencia, é miseravelmente degollado.

Demosthenes, na verdade, antes de tudo, refugia-se supplicante no templo de Neptuno; mas não se lhe pôde recusar elogios pela precaução por elle tomada de ter á sua disposição a droga venenosa, que soube cuidadosamente conservar, e pela firmeza com que d'ella se serviu.

O deus não lhe assegurou em seu templo um asilo inviolavel, e Demosthenes não hesitou em refugiar-se sob um altar mais poderoso: e morrendo, escape das armas e dos satellites, e zomba assim da crueldade de Antipatro».

Já procuramos explicar o procedimento de Cicero com relação a Augusto; mas quando não fossem aquellas as razões, que levassem o velho orador a estender mão protectora ao sobrinho de Cesar, que poderia fazer elle, quando segundo Suetonio, (*Vida de Augusto*) o centurião Cornelio, batendo nos copos da espada, dizia aos senadores: «Si lhe recusardes o consulado, esta lh'o dará.» Cicero deu-lhe uma de suas costumadas respostas, segundo affirma Dion».

«Si pedes por esta fórma o consulado, Octavio obtel-o-ha com certesa».

Quem tiver lido Plutarcho, tradusido por D. Ricardo, não supponha que ha contradicção em sua opinião sobre o suicido pelo que se lê no ultimo capitulo do paralelo entre Phocion, e Catão de Utica.

Esse paralelo, aliás excellente, é escripto pelo traductor em substituição ao de Plutarcho, que se perdeu.

Plutarcho, mais de uma vez mostra que, n'este ponto ao menos, affasta-se nas doutrinas de Socrates e de Platão que elle seguia, os quaes ensinavam que ao homem não é licito privar-se da vida, que é um posto de honra, que lhe confiou a divindade, considerando ambos o suicida como desertor d'esse posto.

LXXXII. Cicero impunha-se, pelo seu trato, aos que ouviam-lhe a palavra delicada e attrahente.

Não cessavam de elogiar a graça, a vivacidade, e o espirito de sua conversação os que procuravam a sua convivencia.

A sua eloquencia, que pesava nos tribunaes e levantava as multidões, foi-lhe de grande proveito na vida particular ; graças aos seus discursos, recebeu elle numerosos legados que o habilitaram a viver luxuosamente.

Em sua casa encontravam sempre os seus amigos tudo quanto a riqueza e o gosto podem proporcionar.

Na sua vida publica ha contradições, perplexidades, desfallecimentos e fraquezas, que embaciam-lhe o nome e a gloria.

Exercendo com probidade os cargos, que occupou, nunca se aproveitou d'elles para enriquecer.

Era vaidoso : falava muito de si e encarccia sempre os seus serviços : para melhor saliental-os, não só celebrou, em um poema grego em tres cantos, os feitos notaveis

308

de sua vida, como ainda pediu a Luceio que escrevesse a historia de seu consulado.

Como todos os espiritos superiores, que na politica procuram a melhor occupação para a sua actividade, Cicero ambicionava a gloria.

No intuito talvez, quem sabe? de amparar a fama de seu nome dos justos reparos da historia, elle não duvidou de recorrer á amisade, por ventura parcial de um escriptor já notavel para disfarçar, com juizo menos exacto, as falhas de seu character e a dureza de alguns de seus actos.

A cultura de seu espirito e as doutrinas philosophicas, que professava, impunham-lhe orientação mais segura, mais placidez e doçura, do que teve, no correr da vida.

Quem não verá com pezar esse grande orador e philosopho conduzindo friamente pelas ruas de Roma os cumplices de Catilina para entregal-os ao carrasco, e assistindo impassivel á execução de cidadãos, que nem siquer tiveram o direito de defeza, condemnados contra a expressa disposição das leis, e só pela sua vontade caprichosa?

Da mesma sorte, quem não estranhará que elle aconselhasse a morte de Marco Antonio, deixando cahir dos labios palavras, que destillam sangue?

« Si quizermos ser clementes, jamais deixaremos de ter guerras civis?! »

No meio das orações, dos triumphos e das alegrias, que encheram-lhe a existencia, elle teve tambem dias de

amargura e de dôr, que attenuam-lhe as faltas e tornam sympathica a sua memoria.

Cicero todavia não foi moldado para dirigir e governar. Como estadista, é inferior a Pericles : como politico, faltou-lhe a firmeza de character, a força de vontade, a indispensavel penetração e a habilidade precisa para associar ás antigas idéas de Roma os principios e doutrinas da Grecia. A sua estatua politica é tambem inferior a de Demosthenes, que incontestavelmente foi um luctador imperterrito em prol da liberdade grêga ; na tribuna judiciaria porém é-lhe superior.

Nenhum ponto de comparação estabelecemos, n'este assumpto com o chefe da democracia atheniense, porque não conhecemos discurso algum judiciario proferido por Pericles.

Pensamos até que as questões d'esta natureza elle as mandava tratar por seus amigos.

O orador romano, quer no senado, quer perante as massas populares, foi quasi sempre o echo vibrante da indignação publica.

A sua attitude, atacando com verdadeira coragem civica, os homens sem lei, sem moralidade, sem patriotismo e sem fé, que ameaçavam de morte as instituições republicanas, merece a sympathia e o respeito da posteridade.

É para admirar diveras que n'uma republica militar e aristocratica, em que a nobreza valia muito, e a espada

203

decidia tudo, o obscuro filho de Arpino, só pelo seu talento e genial eloquencia, apurada pelo estudo, tivesse conseguido ascender ás mais elevadas posições, impondo-se áquelles patricios soberbos de seus braços genealogicos.

O talento e a illustração sempre serão uma força, quando alliados á probidade.

« Emquanto Cicero viver, dizia M. Antonio, ninguém conseguirá ser o senhor absoluto de Roma ».

Que melhor e maior elogio, sobretudo na bôcca de um inimigo vil e implacavel?

Cesar, que reconhecia o grande valor moral do orador, nunca deixou de dar-lhe as mais inequivocas provas de estima, consideração e respeito.

Na ultima phase de sua vida, Cicero foi um homem — principio —; e por isto, ao cair victima do odio de M. Antonio e da perfidia de Augusto, levou consigo para o tumulo a liberdade da patria, que elle amou e defendeu com dedicação invejavel.

Quaesquer que tenham sido as falhas de sua vida politica, ainda que não haja injustiça em exprobrar-lhe a pouca affeição, que consagrou á causa popular; ainda que seja censuravel que elle — *homo novus* —, simples cavalheiro, tivesse pressa em filiar-se ao partido aristocrata, e muitas vezes parecesse inclinado a pactuar com os que, no momento, destacavam-se protegidos pela fortuna, cumpre reconhecer que elle foi o ultimo repre-

sentante do governo deliberativo em Roma e o mais glorioso dos oradores de seu tempo.

Depois de sua morte o povo-rei passou a ser um bando de escravos, sempre submissos ao latego do senhor omnipotente.

Se não foi grande poeta, foi, como prosador, a ultima expressão do genio latino, modificado pelo genio grego. Na correcção do estylo, só Cesar podia com elle competir.

Suas obras philosophicas, ao passô que são modelos de elocução, são tambem monumentos historicos, que revelam a sua vasta erudição, posto que se resintam de falta de originalidade e profundeza.

A nação, que contar um homem, como Marco Tullio Cicero, affrontando o perpassar dos seculos, viverá sempre na memoria dos cultores das lettras.

Olhando para cima, desprendido dos interesses terrenos, n'este momento, em que temos diante dos olhos a imagem afflicta da patria, como não veremos no desditoso fim do grande orador a confirmação da sentença, que as lettras santas revelam e apontam aos que para subirem, governarem, e gosarem dos proventos do poder, não hesitam diante do mal e até do sangue!?

Cicero, exagerando as attribuições do primeiro magistrado de um povo livre, castigou cidadãos, que podiam ter errado, sem attender á lei, e sem consentir que elles se defendessem perante os tribunaes; mas, impalpavel, invisivel, caminhando sempre e sempre indefectivel, a

304

Justiça Divina, que começa na terra para terminar além, o puniu da mesma forma.

O eminente orador, o grande patriota, cujos ultimos esforços convergiram todos para libertar a Republica do regimen militar, não foi julgado: foi sim, assassinado brutal e cruelmente.

É sua morte um ensinamento, que não devem desprezar os que teem a elevadissima e difficil missãõ de governar. O seu sangue ensopou a terra, que elle procurou livrar da perversa ambição dos triumviros.

Com elle desapareceu a vida publica de Roma: a tribuna politica tranco:rt-se: os direitos do cidadão foram aniquilados; mas os auctores da nefanda obra, os verdugos da liberdade e da patria não conquirem apagar a memoria de seu nome n'alma do povo, nem privar-o das homenagens da posteridade.

Cicero ha de ser sempre estrella de primeira grandeza a illuminar a humanidade no seu longo e incessante caminhar.

Dos tyrannos, que o immolaram, enlutando a tribuna, as letras e as sciencias, que resta hoje? Nada, a não ser a repugnancia, que a todos inspira a memoria d'elles.

É que o respeito e a estima publica, no correr dos tempos e das gerações são reservados sómente aos que consagram ao serviço da patria, á causa do bem, as forças vivas d'alma.

Os ambiciosos vulgares, os politicos, que vivem só para os seus interesses, não hesitando jamais em sacrificar o dever e os interesses da communhão, de que fazem parte, esses jamais conseguirão conquistar a immortalidade e a gloria.

FIM DOS TRES GRANDES ORADORES DA ANTIGUIDADE

Bahia, 26 de Abril de 1894.

C. Lima.

205



ERRATAS

Athenas

PAG.		LEIA-SE
1	de guerra	da guerra
1	ao rei	ao monarcha
2	se celebram	celebravam-se
2	Dionysias	Dionysiacas
3	meddas	meddas
6	Hyperidó	Hyperides
7	Tripodes	trip-odes
7	do Acropole	da Acropole
8	ou feitos	os feitos
8	Conselho	Concelho
9	Atico	Attico
10	coesagrado	consagrados
12	feitos	arrecadados
14	profundidade	largura
15	Dopin	Dupin

Pericles

21	meddas	meddas
22	Schimocephalo	Schimocephalo
23	super ticioso	supersticioso
24	pedese	pedese
26	prostral-o	prostral-o
29	os fornecem	as fornecem
32	a contar	a conter
33	Cephiro	Cephisso
35	as circumstancias	a circumstancia
35	mostrar-lhe	mostrar-lhes
39	seo	seu
41	despejon	despojon
43	contestação	contestação
45	aos applausos	dos applausos
47	naquelle	daquelle
47	de su a	de sua
55	meddas	meddas
63	tórno	tornon
63	ocasia	ocassião
65	medção	medida
66	ou nossos paes	e nossos paes
76	parecer	parece
80	certidão	exartidão
90	Gregos	Athenienses
93	a cortozan	Aspasia

Athenas no tempo de Demosthenes

115	a persuasio, aevidencia	a persuasio á evidencia
117	pedestra	pedestro
119	besquejo da	besquejada

Demosthenes

131	ãreitur	ducitur
131	de um	de uns
144	piritus	peritus
144	quiserdos	queirnas

300

PÁG.

LEIA-SE

144	delatar	delator
144	parmula	parmula
167	não prolongareis	não vos demorareis
168	Dionysiacas	Dionysiacas
179	Gracina	Gracina
179	Missina	Messena
180	esse	elle
192	geração	da geração
193	fozueou	fozueou
194	ainda que	ainda, sem que
209	elle	ella
210	e preparado	e se preparado
214	Hic	Hic
214	deximus	diximus
214	ella	illa
214	Cteriphonte	Cteriphonte
214	o primo	a primo
234	Cratiro	Cratéro
236	id	id
240	Messenos	Messena
244	para a gagueira	pela gagueira

Roma antiga

260	Jupiter	Jupiter
262	expensas	expressões
274	ponta	porta
280	privata	privata

M. T. Cicero

289	qatalla	batalla
293	arrematava	arrematava
301	iniciava-se	iniciava-se
304	Hortensis	Hortensio
317	Hortensos	Hortensio
317	ao poder	do poder
319	concussas	concussão
322	no são	não são
324	Silybéa	Lilybéa
331	enfestadas	infestadas
339	faces	fuscos
346	Cassio Longino	L. Cassio Longino
347	foi esplendidas	<i>explendida</i>
354	caseant	caveant
357	do Diatore	do—de oratore
361	improbos	improbos
361	muitos	muitos
364	inclinatis	inclinatio
367	colhér	colheu
370	Tulvio	Fulvio
371	furtado	faltado
372	Tirão	Tiro
376	desputada	disputada
387	formavam	formaram
389	sabe	sabia
392	Thermus	Thermus
393	entereciam	intercediam
430	nihil	nihil
400	tubil	tulit
403	Atillio	Atillio
402	entereciam-se	interessavam-se
410	somma de sestercios	de um milhão de sestercios
415	Devi	de vi
422	procuraranos	procura-nos
422	Aulete	Anlo
426	sem apresentar	sem experimentar
428	oxilava	exilava

302

LEIJA-SE			
a liberdade	443	a tranquillidade	446
no acampamento	446	magr	446
habito	452	habito	452
tentado	456	tentar	456
expunham-nos	457	expunham-nos	457
passos dos	460	passos dos	460
o intento	465	o intento	465
tao aberto	467	tao aberto	467
e fizesse	468	trabalhava	477
trabalhava	477	trabalhava	477
deixam	480	deixam	480
de referir-lhe	481	de referir	480
reconhecendo-lhe	481	reconhecendo-lhe	481
e tratando-o com etc.	481	respeito e consideração	481
<i>De furtiva</i>	491	<i>definitiva</i>	491
protege-os	512	protege-o	512
alterava-se	516	alterava-se	516
instava para que	516	instava que	516
sessão	527	sessão	527
proxima	532	proximo	532
acertoso	536	acertoso	536
disposições	538	disposições	538
sendo estes vestidos	538	sendo estes	538
conseguita	544	conseguita	544
caleno	550	no direito	550
longo	551	longa	551
falava	556	falava	556
o que	557	para que	557
ou saltas	566	in saltas	566
contava	566	contava	566
en-inamento	574	in-inamento	574
E levou-o	575	E levou-o	575
Tullius	585	Tullius	585
Antonia	585	Antonia	585
das doutrinas	595	das doutrinas	595
novus	598	novus	598
consequituram	600	consequituram	600

17

17
02/07 C-20